

ARUNDHATI ROY



O deus das
pequenas coisas

COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ARUNDHATI ROY

O DEUS DAS PEQUENAS COISAS

Tradução

José Rubens Siqueira



*Para Mary Roy, que me fez crescer.
Que me ensinou a dizer “com licença”
antes de interrompê-la em público.
Que me amou a ponto de me deixar ir embora.*

Para LKC, que, como eu, sobreviveu.

Nunca mais uma única história será contada como se fosse a única.
JOHN BERGER

SUMÁRIO

1. Paraíso, Picles & Polpas
2. A Mariposa de Pappachi
3. Homem Grande, Laltain; Homem Pequeno, Mombatti
4. Cine Abhilash
5. A Terra de Deus
6. Cangurus de Cochin
7. Cadernos de Exercícios de Sabedoria
8. Bem-vinda ao Lar, Sophie Mol
9. Mrs. Pillai, Mrs. Eapen, Mrs. Rajagopalan
10. O Rio dentro do Barco
11. O Deus das Pequenas Coisas
12. Kochu Thomban
13. O Pessimista e o Otimista
14. Trabalho é Luta
15. A Travessia
16. Poucas Horas Depois
17. A Estação de Trens de Cochin
18. A Casa da História
19. Salvar Ammu
20. O Correio Madras
21. O Custo de Vida

Glossário

Agradecimentos

Sobre a autora

1. PARAÍSO, PICLES & POLPAS

MAIO EM AYEMENEM é um mês quente, parado. Os dias são longos e úmidos. O rio encolhe, e corvos pretos se banqueteam com belas mangas em árvores imóveis, verde-empoeiradas. Bananas vermelhas amadurecem. Jacas explodem. Varejeiras dissolutas zunem vagabundas no ar perfumado. Depois se estatelam contra vidraças transparentes e morrem, totalmente enganadas, ao sol.

As noites são claras, impregnadas de preguiça e de calma expectativa.

Mas no começo de junho irrompe a monção sudoeste, e vêm três meses de vento e água com curtos intervalos de sol duro e brilhante em que crianças excitadas aproveitam para brincar. O campo fica de um verde vaidoso. Divisas se dissolvem quando as cercas de mandioca se enraízam e brotam. Paredes de tijolo ficam verde-musgo. Pimenteiras se enroscam nos postes elétricos. Trepadeiras silvestres brotam dos barrancos de laterita e espalham-se pelas estradas inundadas. Barcos se amontoam nos bazares. E aparecem peixinhos nas poças que se formam nos buracos do Departamento de Obras Públicas nas rodovias.

Estava chovendo quando Rahel voltou para Ayemenem. Cordas de prata perpendiculares picavam a terra solta, pipocando como tiros. A velha casa no morro usava o seu telhado íngreme, com mansardas, como um chapéu enfiado em cima das orelhas. As paredes, riscadas de musgo, estavam moles e um pouco inchadas com a umidade que se infiltrava do chão. O jardim silvestre, descuidado, cheio dos sussurros e passinhos de pequenas vidas. No mato uma cobra se esfregava numa pedra brilhante. Esperançosos sapos-boi amarelos buscavam companheiras no tanque espumoso. Um mangusto ensopado atravessou correndo o caminho coberto de folhas.

A casa em si parecia vazia. Portas e janelas trancadas. A varanda da frente nua. Sem móveis. Mas o Plymouth azul-celeste com rabo-de-peixe cromado ainda estava parado ali fora e, lá dentro, Baby Kochamma ainda vivia.

Ela era tia-avó de Rahel, irmã mais nova de seu avô. Seu nome verdadeiro era Navomi, Navomi Ipe, mas todo mundo a chamava de Baby. Tinha virado Baby Kochamma quando chegou à idade de ser tia. Rahel não tinha vindo para vê-la, porém. Nem sobrinha nem tia-avó tinham qualquer ilusão a respeito. Rahel tinha vindo ver seu irmão, Estha. Eram gêmeos bivitelinos. “Dizigóticos”, diziam os médicos. Nascidos de óvulos diferentes, mas fecundados ao mesmo tempo. Estha, Esthappen, era dezoito minutos mais velho.

Nunca se pareceram muito um com o outro, Estha e Rahel, e mesmo quando ainda eram crianças de braços finos, peito chato, cheios de vermes e com topete de Elvis Presley, não ocorriam nunca os costumeiros “Quem é quem?” e “Qual é

qual?” da parte dos parentes sorridentes ou dos bispos sírio-ortodoxos que visitavam com frequência a Casa Ayemenem em busca de donativos.

A confusão ficava num lugar mais profundo, mais secreto.

Naqueles primeiros anos amorfos, em que a memória tinha apenas começado, em que a vida era cheia de Começos e sem Fins, e Tudo era Para Sempre, Esthappen e Rahel pensavam em si mesmos juntos como Eu, e separadamente, individualmente, como Nós. Como se fossem uma rara espécie de gêmeos siameses, fisicamente separados, mas com identidades conjuntas.

Hoje, tantos anos depois, Rahel tem lembrança de acordar uma noite rindo do sonho engraçado de Estha.

Também tem outras lembranças que não tem o direito de ter.

Lembra-se, por exemplo (apesar de não ter estado lá), do que o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão fez com Estha no Cine Abhilash. Lembra-se do gosto dos sanduíches de tomate, os sanduíches de *Estha*, que *Estha* comeu, no Correio Madras a caminho de Madras.

E isso são só as pequenas coisas.

* * *

Seja como for, ela agora pensa em Estha e Rahel como *Eles*, porque, separadamente, ambos não são mais o que *Eles* eram ou jamais pensaram que *Eles* seriam.

Jamais.

Suas vidas agora têm uma forma e uma dimensão. Estha tem a dele, e Rahel a dela.

Bordas, Fronteiras, Divisas, Margens e Limites apareceram como um bando de gnomos em seus horizontes individuais. Criaturas baixas com sombras longas, patrulhando o Final Fora de Foco. Suaves meias-luas formaram-se debaixo dos olhos deles e têm a idade de Ammu quando morreu. Trinta e um.

Nem velhos.

Nem moços.

Mas uma idade morrível viável.

Os dois quase nasceram num ônibus, Estha e Rahel. O carro em que Baba, pai deles, estava levando Ammu, a mãe deles, para o parto no hospital em Shillong quebrou na estrada sinuosa das fazendas de chá em Assam. Eles abandonaram o carro e deram sinal para um ônibus lotado do Transporte Público. Com aquela estranha compaixão que têm os muito pobres com os que são, comparativamente, ricos, ou talvez simplesmente por terem visto como Ammu estava gigantescamente grávida, os passageiros sentados abriram espaço para o casal e durante o resto da viagem o pai de Estha e Rahel teve de segurar a barriga da mãe deles (com os

dois dentro) para que não balançasse. Isso foi antes de se divorciarem e Ammu voltar a viver em Kerala.

Segundo Estha, se eles tivessem nascido no ônibus, teriam direito a viajar de ônibus de graça pelo resto da vida. Não dava para saber de onde ele tinha tirado essa informação ou como descobria essas coisas, mas durante anos os gêmeos guardaram um vago ressentimento contra os pais por terem sido privados de uma vida inteira de viagens de ônibus gratuitas.

Eles acreditavam também que se fossem mortos em cima das listas brancas de um cruzamento o governo teria de pagar por seus funerais. Tinham a nítida impressão de que os cruzamentos listados serviam para isso. Funerais grátis. Claro que não havia cruzamento com listas em Ayemenem, e nem mesmo em Kottayam, que era a cidade mais próxima, mas tinham visto alguns pela janela do carro quando foram para Cochin, que ficava a duas horas de carro.

O governo nunca pagou pelo funeral de Sophie Mol, porque ela não foi morta nas listas de um cruzamento. O funeral dela foi na igreja velha de pintura nova em Ayemenem. Era prima de Estha e Rahel, filha do tio Chacko. Estava de visita, vinda da Inglaterra. Estha e Rahel tinham sete anos quando ela morreu. Sophie Mol tinha quase nove. Ganhou um caixão especial, tamanho infantil.

Forrado de cetim.

Com alças de latão brilhantes.

Ali, deitada, com a calça boca-de-sino amarela de Crimplene, com uma fita no cabelo e a bolsa *go-go* Made in England que adorava. O rosto pálido e mais enrugado que um dedão de *dhobi* por ter ficado muito tempo dentro da água. Os fiéis reuniram-se em volta do caixão, e a igreja amarela inchou como uma garganta com o som de cantos tristes. Os padres de barbas crespas balançaram frascos de incenso dependurados de correntes e não sorriram para os bebês como sempre sorriam aos domingos.

As velas grandes do altar estavam tortas. As pequenas não estavam.

Uma velha fingindo ser uma parente distante (que ninguém conhecia), mas que surgia sempre ao lado dos corpos em funerais (uma viciada em funerais? uma necrófila latente?), pôs água-de-colônia num chumaço de algodão e, com um suave ar de desafio, esfregou a testa de Sophie Mol. Sophie Mol cheirava a água-de-colônia e madeira de caixão.

Margaret Kochamma, a mãe inglesa de Sophie Mol, não deixou Chacko, o pai biológico de Sophie Mol, pôr o braço em volta dos seus ombros para consolá-la.

A família ficou agrupada. Margaret Kochamma, Chacko, Baby Kochamma e, ao lado dela, sua cunhada, Mammachi, avó de Estha e Rahel (e de Sophie Mol). Mammachi era quase cega e usava sempre óculos escuros quando saía de casa. As lágrimas corriam por trás dos óculos e tremulavam em seu queixo como gotas de chuva na beirada de um telhado. Ela parecia pequena e doente em seu sári

branco-cru engomado. Chacko era o único filho de Mammachi. A dor dela própria a entristecia. A dele a devastava.

Embora permitissem que Ammu, Estha e Rahel comparecessem ao funeral, fizeram com que ficassem separados, não junto com o resto da família. Ninguém olhava para eles.

Estava quente na igreja, e as bordas brancas dos copos-de-leite secavam e enrolavam. Uma abelha morreu numa flor do caixão. As mãos de Ammu tremiam e o livro de hinos tremia junto. Sua pele estava fria. Estha ficou a seu lado, quase dormindo, os olhos doloridos brilhando como vidro, o rosto fervendo contra a pele nua do trêmulo braço de Ammu segurando o hinário.

Rahel, por outro lado, estava bem acordada, ferozmente vigilante e alerta de exaustão, em sua batalha contra a Vida Real.

Ela notou que Sophie Mol estava acordada para o próprio funeral. Ela mostrou Duas Coisas para Rahel.

A Coisa Um era a alta abóbada recém-pintada da igreja amarela que Rahel nunca tinha visto por dentro. Estava pintada de azul como o céu, com nuvens flutuantes e minúsculos aviões a jato chiantes com rastros brancos que ziguezagueavam pelas nuvens. É verdade (e é preciso dizer) que era mais fácil notar essas coisas deitada num caixão de cara para cima do que de pé junto aos bancos, cercada de quadris tristes e hinários.

Rahel imaginou alguém se dando ao trabalho de subir lá em cima com latas de tinta, branca para as nuvens, azul para o céu, prata para os jatos, e pincéis e solvente. Imaginou-o lá em cima, alguém como Velutha, de corpo nu e brilhante, sentado numa prancha, balançando do andaime na alta abóbada, pintando jatos prateados num céu azul de igreja.

Imaginou o que aconteceria se a corda rebentasse. Imaginou-o caindo como uma estrela escura do céu que tinha feito. Ali, quebrado, no chão quente da igreja, sangue escuro escorrendo-lhe do crânio como um segredo.

Já então Esthappen e Rahel tinham aprendido que o mundo tem outras formas de quebrar homens. Já conheciam o cheiro. Docenjoativo. Como rosas velhas numa brisa.

A Coisa Dois que Sophie Mol mostrou a Rahel foi o bebê morcego.

Durante a cerimônia funerária, Rahel viu um morceguinho preto subir, dependurado em suaves garras recurvadas, pelo sári caríssimo que Baby Kochamma usava em funerais. Quando ele chegou ao ponto entre o sári e a blusa, aquele rolo de tristeza da cintura nua, Baby Kochamma deu um grito e golpeou o ar com o hinário. O canto foi interrompido para um “Quefoisso? Oqueaconteceu?” e agitação e sári sacudindo.

Os tristes padres espanaram as barbas crespas com dedos cheios de anéis, como se aranhas ocultas tivessem tecido súbitas teias dentro delas.

O bebê morcego voou para o céu e transformou-se num avião a jato sem a trilha em ziguezague.

Só Rahel percebeu o salto secreto que Sophie Mol deu em seu caixão.

O canto triste recomeçou e cantaram duas vezes o mesmo verso triste. E mais uma vez a igreja amarela inchou como uma garganta com vozes.

Quando baixaram o caixão para a terra, no pequeno cemitério atrás da igreja, Rahel sabia que Sophie Mol ainda não estava morta. Ela ouviu (em nome de Sophie Mol) os sons macios da lama vermelha e os sons duros da laterita laranja que estragavam o verniz brilhante. Ouviu os sons surdos através da madeira polida, através do forro de cetim. As vozes dos padres tristes abafadas por lama e madeira.

*A ti confiamos, Pai misericordioso,
A alma desta nossa filha que se foi,
E devolvemos seu corpo à terra.
Das cinzas às cinzas, do pó ao pó.*

Debaixo da terra, Sophie Mol gritava e rasgava o cetim com os dentes. Mas não se podem ouvir gritos através de terra e pedra.

Sophie Mol morreu porque não podia respirar.

O funeral a matou. *Do pó ao pó ao pó ao pó ao pó.* Em seu túmulo se lia *Um Raio de Sol Que Brilhou Entre Nós Mui Brevemente.*

Ammu explicou depois que Mui Brevemente queria dizer Por Muito Pouco Tempo.

Depois do funeral, Ammu levou os gêmeos de volta à delegacia de polícia de Kottayam. Eles conheciam aquele lugar. Tinham passado ali boa parte do dia anterior. Prevendo o fedor duro e exalante de urina velha que permeava as paredes e os móveis, apertaram bem as narinas com os dedos antes de o cheiro começar.

Ammu pediu para ver o Delegado e, quando entrou em sua sala, disse que tinha havido um erro terrível e que queria fazer uma declaração. Pediu para ver Velutha.

O bigode do inspetor Thomas Mathew tremia igual ao do simpático Marajá da Air India, mas seus olhos eram dissimulados e vorazes.

“É um pouco tarde para tudo isso, não acha?”, ele disse. Falava o áspero dialeto *malayalam* de Kottayam. Olhava fixamente os seios de Ammu enquanto falava. Disse que a polícia já sabia tudo o que tinha de saber e que a Polícia de Kottayam não aceitava depoimentos de *veshyas* nem de seus filhos ilegítimos. Ammu disse que ia cuidar desse assunto. O inspetor Thomas Mathew deu a volta na mesa e aproximou-se de Ammu com seu cassetete.

“Se eu fosse você”, disse, “voltava para casa quietinha.” E tocou os seios dela com o cassetete. Delicadamente. *Tap, tap*. Como se estivesse escolhendo mangas numa cesta. Apontando as que queria que fossem embrulhadas e entregues. O inspetor Thomas Mathew parecia saber quem podia destratar e quem não podia. Policiais têm esse instinto.

Atrás dele uma placa vermelha e azul dizia:

Polidez
Obediência
Lealdade
Inteligência
Cortesia
Eficiência

Quando saíram da delegacia, Ammu estava chorando, por isso Estha e Rahel não lhe perguntaram o que queria dizer *veshya*. Nem tampouco *ilegítimo*. Era a primeira vez que viam a mãe chorar. Ela não soluçava. Seu rosto estava duro como pedra, mas as lágrimas brotavam de seus olhos e escorriam pelas faces rígidas. O que deixou os gêmeos doentes de medo. As lágrimas de Ammu tornavam real tudo o que até agora parecera irreal. Voltaram de ônibus para Ayemenem. O cobrador, um homem esguio, vestido de cáqui, deslizou na direção deles pelos canos do ônibus. Equilibrou o quadril ossudo nas costas de um banco e clicou o picotador de bilhetes para Ammu. *Para onde?*, era o que o clique queria dizer. Rahel sentiu o cheiro da pilha de bilhetes e o cheiro acre dos canos de aço do ônibus nas mãos do cobrador.

“Ele está morto”, Ammu sussurrou para ele. “Eu matei.”

“Ayemenem”, Estha disse depressa, antes que o cobrador perdesse a paciência.

Ele tirou o dinheiro de dentro da bolsa de Ammu. O cobrador lhe deu os bilhetes. Estha dobrou-os cuidadosamente e guardou no bolso. Depois passou os bracinhos em torno da mãe rígida, que chorava.

Duas semanas depois, Estha foi Devolvido. Ammu foi forçada a mandá-lo de volta para o pai deles, que já então tinha pedido demissão de seu emprego solitário na fazenda de chá em Assam e se mudado para Calcutá, para trabalhar numa companhia que fabricava pigmentos preto-de-carbono. Tinha casado de novo, parado de beber (mais ou menos) e sofria só recaídas ocasionais.

Estha e Rahel não se viam desde então.

E agora, vinte e três anos depois, o pai deles tinha des-Devolvido Estha. Ele o tinha enviado de volta a Ayemenem com uma mala e uma carta. A mala estava

cheia de roupas novas e modernas. Baby Kochamma mostrou a carta a Rahel. A caligrafia era inclinada, feminina, de colégio de freiras, mas a assinatura embaixo era do pai deles. Ou pelo menos o nome era. Rahel não teria reconhecido a assinatura. A carta dizia que ele, pai deles, tinha se aposentado do emprego de pigmentos preto-de-carbono e estava emigrando para a Austrália, onde conseguira emprego como Chefe de Segurança de uma fábrica de cerâmica, e que não podia levar Estha com ele. Enviava seus melhores votos a todos de Ayemenem e afirmava que visitaria Estha se um dia retornasse à Índia, o que, dizia, era um tanto improvável.

Baby Kochamma disse a Rahel que podia ficar com a carta, se quisesse. Rahel a colocou de volta dentro do envelope. O papel tinha ficado mole e dobrava feito tecido.

Ela havia esquecido como podia ser úmido o ar de monção em Ayemenem. Armários inchados rangiam. Janelas trancadas se abriam. Livros ficavam moles e ondulados entre as capas. Estranhos insetos apareciam como idéias nas noites e se queimavam nas fracas lâmpadas de quarenta watts de Baby Kochamma. Durante o dia, seus corpos incinerados, retorcidos, enchiam o chão e os batentes das janelas, e enquanto Kochu Maria não os varria para dentro de sua pá de lixo plástica, o ar cheirava a Algo Queimando.

Não tinha mudado nada, a Chuva de Junho.

O céu se abria e a água despencava, despertando o velho poço relutante, esverdeando de musgo a pocilga sem porcos, bombardeando poças imóveis, cor de chá, do mesmo jeito que a memória bombardeia mentes imóveis, cor de chá. A grama parecia verdemolhada e satisfeita. Alegres minhocas saracoteavam roxas na lama. Urtigas verdes oscilavam. Árvores curvavam-se.

Não muito longe, no vento e na chuva, nas margens do rio, no súbito escurotrovejante do dia, Estha caminhava. Vestia uma camiseta cor de morangos amassados, agora encharcada e mais escura, e soube que Rahel tinha chegado.

Estha sempre fora uma criança calada, de modo que ninguém conseguia definir com algum grau de precisão quando exatamente (o ano, senão o mês e o dia) ele tinha parado de falar. Quer dizer, parado de falar de uma vez. O fato é que não havia um “exatamente quando”. Tinha sido como uma loja que gradualmente vai desativando os negócios até fechar as portas. Um aquietamento quase imperceptível. Como se ele tivesse simplesmente esgotado a conversação e não tivesse mais nada a dizer. O silêncio de Estha, porém, nunca era canhestro. Nunca invasivo. Nunca ruidoso. Não era um silêncio acusador, que protesta, era mais uma espécie de estio, de dormência, de equivalente psicológico àquilo que os peixes pulmonados fazem para atravessar a estação seca, só que no caso de Estha a estação seca parecia durar para sempre.

Ao longo do tempo, ele tinha adquirido a capacidade de dissolver-se na

paisagem onde quer que estivesse, em estantes de livros, jardins, cortinas, portais, ruas, de parecer inanimado, quase invisível ao olho destreinado. Estranhos geralmente levavam algum tempo para perceber sua presença mesmo quando estavam na mesma sala que ele. E levavam ainda mais tempo para notar que ele nunca falava. Alguns nunca notavam.

Estha ocupava muito pouco espaço no mundo.

* * *

Depois do funeral de Sophie Mol, quando Estha foi Devolvido, o pai deles o mandou para uma escola de meninos em Calcutá. Ele não era um aluno excepcional, mas também não era atrasado, nem particularmente mau em nada. *Estudante mediano* ou *Trabalho satisfatório* eram os comentários usuais que os professores escreviam em seu Boletim Anual de Desenvolvimento. *Não participa de atividades grupais* era outra queixa freqüente. Se bem que nunca esclareceram o que exatamente queriam dizer com “atividades grupais”.

Estha terminou a escola com resultados medíocres, e recusou-se a ir para a faculdade. Em vez disso, para grande embaraço de seu pai e madrasta, começou a fazer trabalho doméstico. Como se, à sua maneira, ele estivesse tentando pagar pela própria manutenção. Varria, esfregava e lavava toda a roupa. Aprendeu a cozinhar e a comprar verduras. Os vendedores do mercado, sentados detrás de pirâmides de hortaliças untadas e brilhantes, aprenderam a reconhecê-lo e dispensavam-lhe atenção especial em meio ao clamor dos outros fregueses. Entregavam-lhe latas de filme enferrujadas para ir colocando os legumes que escolhia. Ele nunca pechinchava. Eles nunca o enganavam. Uma vez pesadas e pagas as verduras, eles as transferiam para sua cesta de compras vermelha de plástico, cebolas no fundo, berinjelas e tomates em cima e sempre um ramo de coentro e um punhado de pimentas grátis. Estha levava as coisas para casa num bonde lotado. Uma bolha silenciosa flutuando num mar de ruído.

Na hora das refeições, quando queria alguma coisa, ele se levantava e servia-se.

Quando a quietude chegou, foi para ficar e expandir-se dentro de Estha. Brotou de sua cabeça e o envolveu com braços pantanosos. Embalando-o ao ritmo de uma pulsação antiga, fetal. Projetou seus tentáculos com ventosas furtivas deslizando pelo interior do crânio, aspirando os picos e depressões de sua memória, deslocando velhas frases, que surrupiava da ponta da língua dele. Despiu seus pensamentos das palavras que os descreviam deixando-os esfolados, nus. Indizíveis. Entorpecidos. E para um observador, portanto, talvez quase ausentes. Lentamente, ao longo dos anos, Estha foi se retirando do mundo. Acostumou-se ao inquieto polvo que vivia dentro dele e esguichava uma tinta tranqüilizante sobre seu passado. Gradualmente, a razão de seu silêncio foi se escondendo, sepultada no fundo das dobras serenas do fato em si.

Quando Khubchand, seu amado, cego, careca, incontinente vira-lata de dezessete

anos, resolveu encenar uma agonia miserável e prolongada, Estha cuidou dele ao longo do sofrimento final como se sua própria vida dependesse disso. Em seus últimos meses, Khubchand, que tinha a melhor das intenções, mas a menos confiável das bexigas, arrastava-se até a portinhola instalada nos baixos da porta que levava ao quintal, enfiava a cabeça por ela e urinava o jato irregular amarelobrilhante *dentro da casa*. Daí, com a bexiga vazia e a consciência tranqüila, olhava para Estha com os olhos verdes opacos afundados no crânio grisalho como poças sujas e voltava para sua almofada úmida, deixando pegadas molhadas pelo chão. Enquanto Khubchand morria em cima da almofada, Estha viu a janela do quarto refletida em seu saco liso, roxo. E o céu além. E um pássaro que passou voando. Para Estha, macerado no odor de rosas velhas, formado pelas lembranças de um homem despedaçado, o fato de algo tão frágil, tão intoleravelmente suave sobreviver, ser *capaz* de existir, era um milagre. Um pássaro em vôo refletido no saco de um cachorro velho. O fato o fez rir alto.

Quando Khubchand morreu, Estha começou a caminhar. Caminhava horas a fio. Primeiro, patrulhava apenas a vizinhança, mas pouco a pouco foi indo mais e mais longe.

As pessoas se acostumaram a vê-lo na estrada. Um homem bem vestido com um andar tranqüilo. Seu rosto ficou escuro e curtido. Áspero. Enrugado pelo sol. Ele começou a parecer mais sábio do que era de fato. Como um pescador na cidade. Com segredos do mar dentro de si.

Agora que tinha sido des-Devolvido, Estha caminhava por toda Ayemenem.

Alguns dias, andava pelas margens do rio que cheirava a merda e a pesticidas comprados com empréstimos do Banco Mundial. A maioria dos peixes tinha morrido. Os que sobreviveram sofriam com as nadadeiras corroídas, cobertos de bolhas.

Outros dias andava pela estrada. Passava pelas casas novas, saídas do forno, cobertas de glacê, construídas com dinheiro do Golfo por enfermeiras, pedreiros, armadores e bancários que davam duro e eram infelizes em lugares distantes. Passava pelas casas velhas, ressentidas, verdes de inveja, acovardadas em suas entradas privadas entre seringueiras privadas. Cada uma delas um feudo quase em ruínas com uma epopéia própria.

Ele passava pela escola da aldeia que seu bisavô tinha construído para crianças intocáveis.

Passava pela igreja amarela de Sophie Mol. Passava pelo Clube Juvenil de Kung Fu de Ayemenem. Passava pela Creche Botões em Flor (para intocáveis), pelo armazém que vendia arroz, açúcar e bananas dependuradas em pencas amarelas do teto. Revistas semipornográficas baratas mostrando fictícios demônios sexuais do Sul da Índia, presas com prendedores de roupa em cordões dependurados do teto. Elas oscilavam preguiçosas na brisa morna, tentando honestos compradores

de alimentos com lampejos de mulheres maduras, nuas, deitadas em poças de sangue artificial.

Às vezes, Estha passava pela Gráfica Fortuna, do velho camarada K. N. M. Pillai, antigo escritório do Partido Comunista de Ayemenem, onde ocorriam reuniões de estudos à meia-noite, e se imprimiam e distribuíaam panfletos com as letras contagiantes das canções do Partido Marxista. A bandeira que ondulava no teto tinha ficado murcha e velha. O vermelho tinha se esvaído todo.

O próprio camarada Pillai vinha para fora de manhã com um colete Aertex já grisalho, o saco silhuetaado pelo *mundu* branco e macio. Ele se untava com óleo de coco morno e apimentado, massageando a carne velha e frouxa que se soltava com facilidade dos ossos, como chiclete. Vivia sozinho agora. Sua mulher, Kalyani, tinha morrido de câncer de ovário. O filho, Lenin, mudara-se para Délhi, onde trabalhava como contratador de serviços para embaixadas estrangeiras.

Se o camarada Pillai estivesse se untando com óleo na frente da casa quando Estha passava, fazia questão de cumprimentá-lo.

“Estha Mon!”, gritava, com sua voz aguda, flauteada, agora gasta e fibrosa, como cana-de-açúcar sem casca. “Bom dia! Fazendo sua caminhada?”

Estha passava, nem rude, nem polido. Quietamente apenas.

O camarada Pillai se estapeava por todo o corpo para ativar a circulação. Não sabia dizer se Estha o reconhecia ou não depois de todos esses anos. Não que se importasse particularmente com isso. Embora sua parte na história não fosse nada pequena, o camarada Pillai não se sentia absolutamente responsável pelo que acontecera. Tinha descartado a questão toda como Conseqüência Inevitável de Política Necessária. Aquela velha história da omelete e dos ovos. Mas é que o camarada K. N. M. Pillai era essencialmente um homem político. Um omeleteiro profissional. Passava pelo mundo como um camaleão. Nunca se revelava, nunca dava a impressão de não se revelar. Emergia do caos incólume.

Foi ele a primeira pessoa em Ayemenem a saber do retorno de Rahel. A notícia não o perturbou, mas despertou sua curiosidade. Estha era quase completamente estranho para o camarada Pillai. Sua expulsão de Ayemenem tinha sido súbita e nada cerimoniosa, e ocorrera muito tempo antes. Mas Rahel o camarada Pillai conhecia bem. Tinha visto a menina crescer. Imaginava o que podia tê-la trazido de volta. Depois de todos esses anos.

Estava tudo sereno na cabeça de Estha até Rahel chegar. Mas ela trouxe consigo o ruído de trens passando, e a luz e a sombra que caem em cima da gente quando se senta perto da janela. O mundo, trancado lá fora durante anos, repentinamente o inundava, e agora Estha não conseguia mais se ouvir por causa do barulho. Trens. Tráfego. Música. A Bolsa de Valores. Um dique rompeu-se e águas furiosas arrastaram tudo num redemoinho. Cometas, violinos, desfiles, solidão, nuvens, barbas, fanáticos, listas, bandeiras, terremotos, desespero, tudo

arrebatado num redemoinho desordenado.

E Estha, andando pela margem do rio, não sentia a umidade da chuva, nem o súbitoarrepio do cãozinho friorento que o tinha adotado temporariamente e chapinhava a seu lado. Ele passou pelo velho pé de mangostão e subiu o barranco de laterita que se projetava sobre o rio. Agachou-se e ficou se embalando na chuva. A lama molhada sob seus sapatos fazia sons ásperos, de ventosas. O cachorrinho tremia, e olhava.

Baby Kochamma e Kochu Maria, a cozinheira anã de coração de vinagre e paciência escassa, eram as únicas pessoas que sobraram na casa de Ayemenem quando Estha foi des-Devolvido. Mammachi, a avó deles, tinha morrido. Chacko agora vivia no Canadá e tinha uma loja de antiguidades que não ia nada bem.

Quanto a Rahel.

Depois que Ammu morreu (depois da última vez que voltou a Ayemenem, inchada de cortisona, com um ronco no peito que parecia um homem gritando ao longe), Rahel perdeu o rumo. De escola em escola. Passava as férias em Ayemenem, quase inteiramente ignorada por Chacko e Mammachi (amolecidos de tristeza, arriados em sua desolação como uma dupla de bêbados num bar) e ignorando quase inteiramente Baby Kochamma. No que dizia respeito à criação de Rahel, Chacko e Mammachi tinham tentado, mas nada conseguiram. Forneciam os bens (comida, roupas, mensalidades), mas negavam a atenção.

A Perda de Sophie Mol passeava mansamente pela Casa Ayemenem como uma coisa silenciosa com meias nos pés. Escondia-se dentro de livros, da comida. Na caixa do violino de Mammachi. Nas cascas das feridas das canelas de Chacko que ele cutucava constantemente. Em suas pernas moles, femininas.

É curioso como às vezes a memória da morte vive por muito mais tempo que a memória da vida que ela roubou. Ao longo dos anos, à medida que ia desaparecendo a lembrança de Sophie Mol (investigadora de pequenas sabedorias: *Aonde vão os passarinhos velhos para morrer? Por que os que morrem não caem do céu feito pedras?* Precursora da dura realidade: *Vocês dois são inteiros wogs e eu sou meio wog. Mestre do macabro: Eu vi um homem num acidente com o olho dependurado de um nervo, que nem um ioiô*), a Perda de Sophie Mol ia ficando viva e robusta. Esteve sempre presente. Como uma fruta da estação. De todas as estações. Tão permanente como um emprego público. Escoltando Rahel ao longo da infância (de escola em escola) até a idade adulta.

Rahel foi para a lista negra pela primeira vez no Convento Nazaré, com onze anos de idade, quando foi pega na frente do portão do jardim da Zeladora, decorando com florzinhas um monte de estrume de vaca fresco. Na Reunião da manhã seguinte fizeram com que procurasse *depravação* no Dicionário Oxford e lesse em voz alta o que queria dizer. “*Qualidade ou condição do depravado ou corrupto*”, Rahel leu, com uma fileira de freiras severas atrás dela e um mar de

caras de meninas segurando o riso na frente. “*Qualidade pervertida: perversão moral. Corrupção interna da natureza humana devida ao pecado original. Tanto os eleitos como os não-eleitos vêm ao mundo em estado de total d. e alienação de Deus, e não podem, por si mesmos, senão pecar. J. H. Blunt.*”

Seis meses depois ela foi expulsa, devido a insistentes reclamações das meninas veteranas. Foi acusada (com toda a razão) de se esconder atrás de portas e deliberadamente trombar com as mais velhas. Quando foi interrogada pela Diretora sobre esse comportamento (depois de ter sido admoestada, de ter apanhado de vara e de ter sido colocada sob regime de fome), acabou admitindo que tinha feito isso para descobrir se os seios eram doloridos. Naquela instituição cristã, não se admitia a existência de seios. E se não existiam, como podiam doer?

Foi a primeira de três expulsões. A segunda foi por fumar. A terceira por ter colocado fogo no coque falso da Zeladora, que, sob tortura, Rahel confessou ter roubado.

Em cada uma das escolas que freqüentou, os professores notaram que ela:

- (a) era uma criança extremamente bem-educada,
- (b) não tinha amigos.

Parecia tratar-se de uma forma civilizada e solitária de corrupção. E exatamente por essa razão, todos concordavam (saboreando sua professoral reprovação, que tocavam com as línguas, que chupavam como se fosse um doce), tanto mais séria.

Era, murmuravam entre si, *como se ela não soubesse ser menina.*

Não estavam muito longe da verdade.

Estranhamente, a negligência tinha resultado numa acidental liberdade de espírito.

Rahel cresceu sem orientação. Sem ninguém para arranjar um casamento para ela. Sem ninguém para pagar o seu dote e, portanto, sem um marido obrigatório rondando no horizonte.

Contanto que não fizesse barulho a respeito, tinha liberdade para fazer suas próprias investigações: sobre seios e o quanto eram doloridos. Sobre coques falsos e se queimavam bem. Sobre a vida e como ela devia ser vivida.

Quando terminou a escola, conseguiu entrar numa Faculdade de Arquitetura medíocre em Délhi. Não era resultado de nenhum interesse sério em Arquitetura. Na verdade, nem mesmo de um interesse superficial. Aconteceu simplesmente de fazer o exame de admissão, e passar. Os examinadores ficaram mais impressionados com o tamanho (enorme) do que com a habilidade de suas naturezas-mortas esboçadas a carvão. Os traços descuidados, soltos, foram erroneamente confundidos com segurança artística, embora, na realidade, sua criadora não fosse artista.

Passou oito anos na faculdade, sem terminar o curso de graduação, nem tirar o diploma. As mensalidades eram baixas e não era difícil arranjar o suficiente para viver, morando num albergue, comendo nos restaurantes subsidiados para estudantes, indo raramente às aulas, em vez disso trabalhando como desenhista em obscuras firmas de arquitetura que exploravam a mão-de-obra estudantil barata para ilustrar seus projetos e levar a culpa quando as coisas davam errado. Os outros estudantes, principalmente os rapazes, ficavam intimidados com a transviada, quase feroz, falta de ambição de Rahel. Deixavam-na em paz. Não era nunca convidada para suas casas agradáveis e festas ruidosas. Até os professores tinham certa cautela com ela por causa de seus projetos bizarros, nada práticos, apresentados em papel pardo barato, e da indiferença com que recebia suas críticas acaloradas.

De vez em quando, Rahel escrevia para Chacko e Mammachi, mas nunca voltou a Ayemenem. Nem quando Mammachi morreu. Nem quando Chacko emigrou para o Canadá.

Foi quando freqüentava a Escola de Arquitetura que conheceu Larry McCaslin, que estava em Délhi coletando material para sua tese de doutoramento, *Eficiência energética na arquitetura nativa*. Ele prestou atenção em Rahel pela primeira vez na biblioteca da escola e outra vez, uns dias depois, no Mercado Khan. Ela estava de jeans, com camiseta branca. Um pedaço de uma velha colcha de retalhos abotoado em volta do pescoço e arrastando atrás dela como uma capa. Os cabelos rebeldes amarrados para trás para parecerem lisos, apesar de não serem. Um minúsculo diamante brilhando na aba de uma narina. Ela possuía clavículas absurdamente bonitas e uma bela marcha atlética.

Parece uma peça de jazz, Larry McCaslin pensou consigo mesmo, e entrou atrás dela numa livraria onde nenhum dos dois olhou os livros.

Rahel deslizou para o casamento como um passageiro desliza para uma cadeira desocupada num saguão de aeroporto. Com uma sensação de Assentar. Foi com ele para Boston.

Larry era tão alto que, quando abraçava a mulher, o rosto dela pousado sobre seu coração, podia ver o alto de sua cabeça, o emaranhado de cabelos escuros. Quando pousava o dedo no canto da boca de Rahel podia sentir uma pequena pulsação. Adorava essa localização. E o sobressalto ligeiro, difuso, debaixo da pele. Ele tocava o ponto, ouvindo com os olhos, como um futuro pai sente o bebê dentro da barriga da mãe.

Ele a segurava como se fosse um presente. Dado por amor. Algo sereno e pequeno. Insuportavelmente precioso.

Mas quando faziam amor ele se sentia ofendido pelos olhos dela. Que se comportavam como se pertencessem a outra pessoa. Alguém que observa. Olhando o mar por uma janela. Olhando um barco no rio. Ou um transeunte de chapéu na neblina.

Ele ficava exasperado porque não sabia o que aquele olhar *queria dizer*.

Colocava-o em algum ponto entre indiferença e desespero. Ele não sabia que em alguns lugares, como o país de onde vinha Rahel, vários tipos de desespero disputam a primazia. E que o desespero *pessoal* nunca tinha fim. Que algo acontecia quando o torvelinho pessoal se detinha no altar de beira de estrada daquele vasto, violento, envolvente, mobilizador, ridículo, maluco, impossível, torvelinho público que era a sua nação. Esse Grande Deus rugia como um vento quente, e exigia obediência. Então o Pequeno Deus (íntimo e contido, particular e limitado) se afastava, cauterizado, rindo entorpecido de sua própria temeridade. Habitado à confirmação de sua própria insignificância, ele se tornava flexível e realmente indiferente. Nada importava muito. Quase nada importava. E quanto menos importava, menos importava. Nada era suficientemente importante. Porque Coisas Piores tinham acontecido. No país de onde ela vinha, e que estava eternamente entre o terror da guerra e o horror da paz, Coisas Piores estavam sempre acontecendo.

Então o Pequeno Deus ria um riso oco e escapava alegremente. Como um menino rico de shorts. Assobiava e chutava pedras. A fonte de sua frágil arrogância era a relativa pequenez de seu infortúnio. Ele entrava nos olhos das pessoas e se transformava numa expressão exasperante.

O que Larry McCaslin via nos olhos de Rahel não era desespero coisa nenhuma, mas uma espécie de otimismo forçado. E um vazio onde antes havia as palavras de Estha. Não se podia esperar que ele entendesse aquilo. Que o vazio de um gêmeo fosse apenas a versão do silêncio do outro. Que as duas coisas se encaixassem. Como duas colheres. Como corpos de amantes acostumados um com o outro.

Depois que se divorciaram, Rahel trabalhou por dois meses como garçonne num restaurante indiano em Nova York. E depois, por vários anos, como caixa noturna numa cabine à prova de balas de um posto de gasolina na saída de Washington, onde bêbados às vezes vomitavam na bandeja de colocar o dinheiro, e cáftens lhe faziam ofertas de trabalho mais lucrativo. E, uma vez, um homem apunhalado foi atirado de um carro em movimento com a faca ainda nas costas.

Então, Baby Kochamma escreveu para dizer que Estha tinha sido des-Devolvido. Rahel pediu demissão do emprego no posto de gasolina e foi embora da América alegremente. Para voltar para Ayemenem. Para Estha na chuva.

Na velha casa no morro, Baby Kochamma estava sentada à mesa de jantar, esfregando um pepino envelhecido para retirar o amargor grosso e espumoso. Vestia uma camisola murcha, xadrez, de algodão, com mangas bufantes e manchas amarelas de açafreão. Debaixo da mesa, ela balançava os pés minúsculos, manicurados, como uma criança numa cadeira alta. Estavam inchados de edema, como almofadinhas infláveis em forma de pés. Antigamente, sempre que havia alguém de visita em Ayemenem, Baby Kochamma fazia questão de chamar a

atenção para os pés grandes da pessoa. Pedia para experimentar o sapato dela e dizia: “Olhe como fica grande para mim!”. E passeava pela casa, levantando um pouco o sári para que todo mundo se deslumbrasse com seus pés minúsculos.

Ela manipulava o pepino com um ar de mal disfarçado triunfo. Estava deliciada por Estha não ter falado com Rahel. Por ele ter olhado para ela e seguido em frente. Para a chuva. Como fazia com todo mundo.

Tinha oitenta e três anos. Seus olhos se espalhavam como manteiga por trás dos óculos grossos.

“Eu falei, não falei?”, disse a Rahel. “O que você queria? Tratamento especial? Ele perdeu o juízo, estou dizendo! Não *reconhece* mais as pessoas! O que você esperava?”

Rahel não disse nada.

Podia sentir o ritmo de Estha se embalando e o molhado da chuva em sua pele. Podia ouvir o mundo rouco e confuso dentro da cabeça dele.

Baby Kochamma olhou inquieta para Rahel. Já estava arrependida de ter escrito para ela comunicando a volta de Estha. Mas o que mais podia ter feito? Ficar com ele nas mãos o resto da vida? Por *que* deveria? Não era responsabilidade dela.

Ou era?

O silêncio pousava entre o sobrinho-neto e a tia-avó como uma terceira pessoa. Um estranho. Inchado. Nocivo. Baby Kochamma não se esquecia de trancar a porta de seu quarto à noite. Tentou pensar em alguma coisa para dizer.

“Gostou do meu cabelo?”

Com a mão do pepino ela tocou o novo penteado. Deixou nele uma bolha como um rebite amargo de espuma de pepino.

Rahel não conseguiu pensar em nada para dizer. Ficou olhando Baby Kochamma descascar o pepino. Pedacinhos de casca amarela salpicavam seu peito. Os cabelos, tingidos de preto azeviche, arrumados na cabeça como um punhado de cordões desenrolados. A tintura tinha manchado a pele da testa de um cinza pálido, traçando um segundo contorno junto aos cabelos. Rahel notou que ela havia começado a usar maquiagem. Batom. Kohl. Um dissimulado toque de ruge. E como a casa estava trancada e escura, e ela só acreditava em lâmpadas de quarenta watts, sua boca de batom ficava ligeiramente deslocada da boca de verdade.

Perdera peso no rosto e nos ombros, o que a tinha transformado de uma pessoa redonda numa pessoa cônica. Mas, sentada à mesa de jantar com seus enormes quadris escondidos, conseguia parecer quase frágil. A luz fraca da sala apagava as rugas de seu rosto fazendo com que parecesse, de maneira estranha, encovada, mais jovem. Estava usando uma porção de jóias. As jóias da falecida avó de Rahel. Todas. Anéis cintilantes. Brincos de diamante. Pulseiras de ouro e uma corrente de ouro chata, muito bem-feita, que ela tocava de quando em quando para se certificar de que estavam ali e que eram dela. Como uma jovem

noiva que não consegue acreditar em sua sorte.

Ela está vivendo a vida de trás para a frente, Rahel pensou.

Era uma observação curiosamente adequada. Baby Kochamma *tinha* vivido a vida de trás para a frente. Quando jovem renunciara ao mundo material, e agora, velha, parecia adotá-lo. Ela o abraçava e ele a abraçava em troca.

Quando tinha dezoito anos, Baby Kochamma apaixonou-se por um belo e jovem monge irlandês, padre Mulligan, que passou um ano em Kerala, enviado por seu seminário de Madras. Estudava escrituras hindus, para poder denunciá-las com inteligência.

Toda quinta-feira de manhã, o padre Mulligan vinha a Ayemenem para visitar o pai de Baby Kochamma, o reverendo E. John Ipe, que era sacerdote na igreja de Mar Thoma. O reverendo Ipe era conhecido na comunidade cristã como o homem que fora abençoado pessoalmente pelo Patriarca de Antioquia, soberano da Igreja Cristã Síria, episódio que se tornara parte do folclore de Ayemenem.

Em 1876, quando o pai de Baby Kochamma tinha sete anos de idade, o pai dele o levou para ver o Patriarca, que estava visitando os cristãos sírios de Kerala. Viram-se bem na frente de um grupo de pessoas a quem o Patriarca estava se dirigindo na varanda mais ocidental da Casa Kalleny, em Cochin. Agarrando a oportunidade, o pai sussurrou no ouvido do filho e empurrou o pequeno. O futuro reverendo, tropeçando nos próprios pés, duro de medo, aplicou os lábios aterrorizados ao anel do dedo médio do Patriarca, deixando a pedra molhada de saliva. O Patriarca enxugou o anel com a manga e abençoou o menino. Muito depois de ter crescido e se tornado religioso, o reverendo Ipe continuava a ser conhecido como *Punnyan Kunju*, o Pequeno Abençoado, e havia gente que descia o rio de barco desde Alleppey e Ernakulam, trazendo os filhos para ele abençoar.

Embora houvesse uma considerável diferença de idade entre o padre Mulligan e o reverendo Ipe, e os dois pertencessem a denominações diferentes da Igreja (cujo único sentimento comum era o desafeto recíproco), ambos apreciavam a companhia um do outro, e quase sempre o padre Mulligan era convidado a ficar para o almoço. Dos dois homens, apenas um se dava conta da excitação sexual que subia como uma maré na garota magra que rondava a mesa muito depois do almoço terminado.

De início, Baby Kochamma tentou seduzir o padre Mulligan com demonstrações semanais de caridade encenada. Toda quinta-feira de manhã, no momento em que o padre Mulligan estava para chegar, Baby Kochamma dava um banho de tanque à força em alguma criança pobre da aldeia, usando sabão vermelho duro que machucava as costelas saltadas.

“m dia, padre!”, Baby Kochamma exclamava assim que o via, com um sorriso nos lábios contrastando radicalmente com a força com que agarrava o braço liso de sabão da criança magra.

“m dia para você, Baby!”, padre Mulligan dizia, parando e fechando o guarda-

sol.

“Quero perguntar uma coisa, padre”, Baby Kochamma dizia. “Em Primeiro Coríntios, capítulo dez, versículo vinte e três, diz assim... ‘Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm’. Padre, como pode *tudo* ser lícito perante Ele? Quer dizer, entendo que *algumas* coisas sejam lícitas diante Dele, mas...”

Padre Mulligan ficava mais que desvanecido pela emoção que despertava na atraente mocinha ali diante dele com uma boca trêmula, beijável, e olhos ardentes, pretos como carvão. Pois ele também era jovem, e talvez não inteiramente inconsciente de que as solenes explicações com que dissipava as falsas dúvidas bíblicas dela contrastavam inteiramente com a excitante promessa que exibia nos fúlgidos olhos cor de esmeralda.

Toda quinta-feira, indiferentes ao impiedoso sol de meio-dia, eles ali ficavam junto ao poço. A jovem e o intrépido jesuíta, ambos frementes de paixão nada cristã. Usando a Bíblia como desculpa para estarem juntos.

Invariavelmente, no meio da conversa, a infeliz criança ensaboada, que estava sendo banhada à força, conseguia escapar, e padre Mulligan caía em si e dizia: “Epa! Melhor pegar o moleque antes que pegue uma gripe”.

Então, tornava a abrir o guarda-sol e se afastava, de hábito cor de chocolate e sandálias confortáveis, como um camelo digno com um compromisso a cumprir. Deixava para trás o cativo e dolorido coração da jovem Baby Kochamma, batendo por ele, abandonado às folhas e pedrinhas. Ferido e quase partido.

Um ano inteiro de quintas-feiras se passou. Acabou chegando a hora de padre Mulligan voltar a Madras. Como a caridade não tinha produzido resultados tangíveis, a aflita jovem Baby Kochamma investiu toda a esperança na fé.

Exibindo uma insistente teimosia (coisa que numa jovem daquela época era considerada tão má quanto uma deformidade física, um lábio leporino talvez, ou um pé torto), Baby Kochamma enfrentou a vontade do pai e virou Católica Romana. Com dispensa especial do Vaticano, fez os votos e entrou para um convento em Madras, como noviça em treinamento. Esperava de alguma forma que isso fosse lhe fornecer uma situação legítima de estar com o padre Mulligan. Ela imaginava os dois juntos, em quartos escuros, sepulcrais, com pesadas cortinas de veludo, discutindo teologia. Era tudo o que queria. Tudo o que ousava almejar. Só para estar perto dele. Perto o bastante para sentir o cheiro da barba dele. Para ver o tecido áspero de seu hábito. Para amá-lo, só olhando para ele.

Bem depressa ela se deu conta da inutilidade desse empenho. Descobriu que as Irmãs mais velhas monopolizavam os padres e bispos com dúvidas bíblicas muito mais sofisticadas do que as dela jamais seriam, e que poderiam passar-se anos antes que conseguisse sequer chegar perto do padre Mulligan. Começou a ficar inquieta e infeliz no convento. Desenvolveu uma insistente erupção cutânea alérgica no couro cabeludo porque mexia na touca e no véu constantemente. Sentia que falava inglês muito melhor do que todas as outras. O que a deixava mais solitária do que nunca.

Um ano depois de ela entrar para o convento, seu pai começou a receber cartas intrigantes. *Meu queridíssimo Papa, estou bem e feliz a serviço de Nossa Senhora. Mas Koh-i-noor parece estar infeliz e com saudades de casa. Meu queridíssimo Papa, Hoje Koh-i-noor vomitou depois do almoço e está ficando com febre. Meu queridíssimo Papa, a comida do convento parece não combinar com Koh-i-noor, apesar de eu gostar. Meu queridíssimo Papa, Koh-i-noor está chateada porque a família dela parece não entender nem se importar com o seu bem-estar...*

Afora o fato de ser (na época) o nome do maior diamante do mundo, o reverendo E. John Ipe não conhecia nenhum outro Koh-i-noor. O que o intrigava era como uma moça de nome muçulmano tinha ido parar num convento católico.

Foi a mãe de Baby Kochamma que acabou entendendo que Koh-i-noor era nada mais nada menos que a própria Baby Kochamma. Ela se lembrou que muito tempo antes havia mostrado a Baby Kochamma uma cópia do testamento de seu pai (avô de Baby Kochamma), no qual, ao descrever os netos, ele escrevera: *Tenho sete jóias e uma delas é o meu Koh-i-noor*. E prosseguia, deixando pequenas somas de dinheiro e jóias para cada um deles, jamais esclarecendo qual era o que considerava seu Koh-i-noor. A mãe de Baby Kochamma compreendeu que Baby Kochamma, sem nenhuma razão imaginável, presumira que ele estava falando *dela*. E todos esses anos depois, no convento, sabendo que suas cartas seriam lidas pela Madre Superiora antes de serem enviadas, tinha ressuscitado Koh-i-noor para comunicar seus problemas à família.

O reverendo Ipe foi até Madras e retirou a filha do convento. Ela ficou feliz de ir embora, mas insistiu em não se reconverter, e durante o resto de seus dias continuou Católica Romana. O reverendo Ipe compreendeu que sua filha tinha agora adquirido uma “reputação” e era pouco provável que encontrasse marido. Decidiu que já que não podia ter marido, não faria mal nenhum receber uma formação. Então tomou providências para que ela freqüentasse um curso na Universidade de Rochester, na América.

Dois anos depois, Baby Kochamma voltou de Rochester com um diploma de Paisagismo Ornamental, porém mais apaixonada do que nunca pelo padre Mulligan. Não restava mais nenhum traço da jovem esbelta e atraente que tinha sido. Nos anos que passou em Rochester, Baby Kochamma tinha ficado extremamente volumosa. A bem da verdade, obesa. Até mesmo o pequeno alfaiate Chellapen da Ponte Chungam insistia em cobrar como safáris as blusas de sári que fazia para ela.

Para que não ficasse sem fazer nada, o pai encarregou Baby Kochamma do jardim fronteiro da Casa Ayemenem, onde ela plantou um jardim feroz, amargo, que as pessoas vinham desde Kottayam para ver.

Era um pedaço de terreno circular, em declive, com um íngreme caminho de cascalho em volta. Baby Kochamma o transformou num luxuriante emaranhado de arbustos anões, pedras e gárgulas. A flor de que ela mais gostava era o

antúrio. *Anthurium andraeanum*. Tinha uma coleção deles, o “Rubrum”, o “Lua de Mel” e uma porção de variedades japonesas. As espatas únicas, suculentas, iam de tons de preto manchado a vermelho-sangue e laranja brilhante. As espádices pontilhadas, proeminentes, sempre amarelas. No centro do jardim de Baby Kochamma, cercado de canteiros de bambu e flox, um querubim de mármore urinava um eterno arco prateado num tanque raso onde florescia um único lótus azul. Em cada canto do tanque pairava um gnomo de gesso com bochechas coradas e capuz pontudo.

Baby Kochamma passava as tardes no jardim. Vestindo sári e botas de borracha. Manejava uma enorme tesoura de podar com suas luvas de jardinagem laranja brilhante. Como uma domadora de leões, domesticava trepadeiras retorcidas e alimentava cactos arrepiados. Limitava o crescimento das plantas bonsai e mimava orquídeas raras. Batalhava contra o clima. Tentava cultivar edelweiss e goiaba chinesa.

Toda noite ela untava os pés com creme de leite de verdade e afastava as cutículas dos dedos dos pés.

Recentemente, depois de tolerar mais de meio século de incessante e meticulosa atenção, o jardim ornamental havia sido abandonado. Deixado à própria sorte, tinha ficado emaranhado e selvagem, como um circo cujos animais esqueceram seus truques. A praga que as pessoas chamam de *patcha* comunista (porque em Kerala florescia como o comunismo) sufocou as plantas mais exóticas. Penetrou nas narinas dos gnomos de gesso cor-de-rosa e floresceu no oco de suas cabeças, dando-lhes uma expressão meio surpresa, meio à espera de um espirro.

A razão desse súbito e nada cerimonioso abandono era um novo amor. Baby Kochamma instalara uma antena parabólica no telhado da Casa Ayemenem. De sua saleta, ela dominava o Mundo pela TV via satélite. A impossível excitação que isso engendrou em Baby Kochamma não era difícil de entender. Não foi algo que aconteceu aos poucos. Aconteceu do dia para a noite. Loiras, guerras, fomes, futebol, sexo, música, golpes de Estado, tudo chegava no mesmo trem. E em Ayemenem, onde antes o som mais alto que se ouvia era a buzina musical de um ônibus, agora guerras inteiras, fomes, massacres pitorescos e Bill Clinton podiam ser convocados como se fossem criados. E assim, enquanto seu jardim ornamental murchava e morria, Baby Kochamma acompanhava os jogos da liga NBA norte-americana, partidas de críquete de dia inteiro e todos os torneios do Grand Slam. Nos dias de semana, ela assistia *The bold and the beautiful* e *Santa Barbara*, onde loiras quebradiças de batom e penteados duros de laquê seduziam andróides e defendiam seus impérios sexuais. Baby Kochamma adorava suas roupas brilhantes e os diálogos espertos e perversos. Durante o dia, trechos desconexos voltavam-lhe à mente e ela ria.

Kochu Maria, a cozinheira, ainda usava os grossos brincos de ouro que tinham desfigurado para sempre os lóbulos de suas orelhas. Ela gostava das apresentações da WWF *Wrestling Mania*, onde Hulk Hogan e mr. Perfect, cujos pescoços eram

mais largos que as cabeças, usavam colantes de Lycra listada e se espancavam brutalmente. O riso de Kochu Maria tinha aquele tom ligeiramente cruel que as crianças têm às vezes.

Todo dia elas se sentavam na saleta, Baby Kochamma na poltrona de braços ou na *chaise-longue* (dependendo do estado de seus pés), Kochu Maria ao lado dela no chão (surfando pelos canais quando podia), travadas num mesmo ruidoso silêncio televisivo. O cabelo de uma era branco como neve, o da outra tingido de negro carvão. Elas entravam em todos os concursos, aproveitavam todos os descontos que eram anunciados e, em duas ocasiões, ganharam uma camiseta e uma garrafa térmica, que Baby Kochamma guardava trancada no armário de louças.

Baby Kochamma adorava a Casa Ayemenem e zelava pela mobília que tinha herdado ao sobreviver a todo mundo. O violino e a estante de violino de Mammachi, o guarda-louça Ooty, as cadeiras de palhinha plástica, as camas de Délhi, a penteadeira de Viena com maçanetas de marfim rachadas. A mesa de jantar de pau-rosa que Velutha fez.

Ela ficava com medo das fomes da BBC e das guerras televisivas que encontrava quando ficava surfando pelos canais. Seus antigos medos da revolução e da ameaça marxista-leninista se reacenderam com as novas preocupações da televisão sobre o número crescente de gente desesperada e desamparada. Ela considerava as limpezas étnicas, a fome e o genocídio ameaças diretas à sua mobília.

Mantinha portas e janelas trancadas, a menos que estivessem em uso. Utilizava as janelas para propósitos específicos. Para Respirar Ar Fresco. Para Pagar o Leite. Para Enxotar Uma Vespa (que Kochu Maria tinha de perseguir com uma toalha pela casa).

Ela trancava até a triste e descascada geladeira onde guardava o suprimento semanal de pãezinhos de creme que Kochu Maria trazia para ela da Padaria A Melhor, de Kottayam. E as duas garrafas de água de arroz que bebia no lugar da água comum. Na prateleira logo abaixo da gaveta, guardava o que restava do serviço de jantar com padrão de salgueiro de Mammachi.

Colocou os doze e tantos frascos de insulina, que Rahel lhe trouxe, no compartimento de queijo e manteiga. Desconfiava que, hoje em dia, até os inocentes de olhos límpidos podiam ser bandidos, ou apreciadores de pãezinhos de creme, ou diabéticos ladrões vasculhando Ayemenem em busca de insulina importada.

Ela não confiava nem nos gêmeos. Achava que eram Capazes de Qualquer Coisa. Qualquer coisa mesmo. *Podem até roubar de volta o presente que deram*, pensava, e se dava conta, com uma figada, do quão depressa tinha voltado a pensar neles como uma unidade. Depois de todos esses anos. Decidida a não permitir que o passado a dominasse, mudou de idéia imediatamente. *Ela. Ela pode*

roubar de volta o presente.

Olhou para Rahel parada à mesa de jantar e notou a mesma dissimulação assustadora, a mesma qualidade de ficar muito imóvel e quieta que Estha parecia ter dominado. Baby Kochamma ficava um pouco intimidada com o silêncio de Rahel.

“Então!”, disse. A voz aguda, trêmula. “Quais são seus planos? Quanto tempo vai ficar? Já resolveu?”

Rahel tentou dizer alguma coisa. Mas saiu torto. Como um pedaço de lata. Foi até a janela e abriu. Para Respirar Ar Fresco.

“Feche depois que terminar”, Baby Kochamma disse, e trancou a cara como um armário.

Não dava mais para ver o rio da janela.

Dava, antes de Mammachi ter mandado fechar a varanda com a primeira porta de correr e dobrar de Ayemenem. Os retratos a óleo do reverendo E. John Ipe e de Aleyooty Ammachi (bisavós de Estha e Rahel) foram então tirados da varanda dos fundos e pendurados na da frente.

Ali estavam agora, o Pequeno Abençoado e sua mulher, um de cada lado da cabeça de bisão empalhada, dependurada.

O reverendo Ipe agora sorria o seu sorriso confiante de ancestral para o outro lado da rua em vez do rio.

Aleyooty Ammachi parecia mais hesitante. Como se tivesse vontade de virar para o outro lado e não pudesse. Talvez não fosse fácil para ela abandonar o rio. Com os olhos ela olhava na direção para onde olhava seu marido. Com o coração olhava noutra direção. Seus pesados brincos *kunukku* de ouro fosco (provas da Bondade do Pequeno Abençoado) tinham esticado os lóbulos e tocavam seus ombros. Através dos furos de suas orelhas dava para ver o rio quente e as árvores escuras curvadas sobre ele. E os pescadores em seus barcos. E os peixes.

Embora da casa não se pudesse mais ver o rio, assim como uma concha do mar retém uma sensação do mar, a Casa Ayemenem ainda retinha uma sensação do rio.

Uma sensação corredia, fluida, de peixe nadando.

Da janela da sala de jantar onde estava, com o vento nos cabelos, Rahel podia ver a chuva martelando o telhado de zinco enferrujado da antiga fábrica de pickles da avó deles.

Paraíso, Pickles & Polpas.

Ficava entre a casa e o rio.

Costumavam fazer pickles, polpas, geléias, curry e abacaxi enlatado. E geléia de

banana (ilegalmente) depois que a OPA (Organização de Produtos Alimentares) proibiu porque, segundo suas especificações, não se tratava nem de geléia, nem de gelatina. Rala demais para ser geléia, grossa demais para ser gelatina. Consistência ambígua, inclassificável, disseram.

Igual à contabilidade da fábrica.

Olhando agora o passado, Rahel achava que essa dificuldade que sua família tinha com classificações era muito mais profunda do que a questão geléia-gelatina.

Talvez Ammu, Estha e ela fossem os piores transgressores. Mas não eram só eles. Eram os outros também. Todos desrespeitavam as regras. Todos ultrapassavam territórios proibidos. Todos desafiavam as leis que determinavam quem podia ser amado e como. E quanto. As leis que fazem das avós avós, dos primos primos, da geléia geléia, e da gelatina gelatina.

Era uma época em que tios viravam pais, mães amantes, e primos morriam e tinham funerais.

Era uma época em que o impensável virava pensável e o impossível realmente acontecia.

Antes mesmo do funeral de Sophie Mol, a polícia encontrou Velutha.

Seus braços arrepiados no lugar onde as algemas tocavam a pele. Algemas frias com um cheiro acre de metal. Como os canos de metal dos ônibus e o cheiro das mãos do cobrador de tanto segurar neles.

Depois que tudo acabou, Baby Kochamma disse: “A gente colhe o que planta”. Como se *ela* não tivesse nada a ver com o Plantio e a Colheita. Com seus pezinhos miúdos voltou ao bordado de ponto de cruz. Seus dedinhos nunca tocavam o chão. Foi idéia dela que Estha fosse Devolvido.

A dor e a amargura de Margaret Kochamma pela morte da filha enrolou-se dentro dela como uma mola furiosa. Ela nada disse, mas batia em Estha sempre que podia naqueles dias em que ainda estava ali, antes de voltar à Inglaterra.

Rahel ficou olhando Ammu arrumar o baú de Estha.

“Talvez ela tenha razão”, dizia o sussurro de Ammu. “Talvez um menino precise mesmo de um Baba.”

Rahel viu que os olhos dela estavam vermelhos de morte.

Consultaram uma especialista em gêmeos de Hyderabad. Ela respondeu dizendo que não era aconselhável separar gêmeos monozigóticos, mas que gêmeos não idênticos bivitelinos não eram nada diferentes de irmãos comuns e que, embora fossem certamente sofrer o mesmo que outros filhos de lares desfeitos sofriam, a coisa não ia além disso. Nada fora do comum.

E assim Estha foi Devolvido, num trem, com seu baú de zinco e o sapato

bege de bico fino enrolado na sacola cáqui. De primeira classe, durante a noite, pelo Correio Madras até Madras e depois, com um amigo do pai deles, de Madras até Calcutá.

Levava uma lancheira com sanduíches de tomate. E uma garrafa térmica Águia com uma águia. Ele tinha imagens terríveis na cabeça.

Chuva. Jorrando, água tingida. E um cheiro. Docenjoativo. Como rosas velhas numa brisa.

Mas, pior do que tudo, ele levava dentro de si a lembrança de um jovem com uma boca de velho. A lembrança de um rosto inchado, de um sorriso amassado, de ponta-cabeça. De uma poça de líquido transparente que aumentava, refletindo uma lâmpada nua. De um olho injetado que tinha se aberto, perdido, e fixado nele o olhar. Estha. E o que Estha tinha feito? Tinha olhado aquele rosto amado e dito: Sim.

Sim, foi ele.

A palavra que o polvo de Estha não conseguia atingir: *Sim*. Não adiantava passar o aspirador de pó. Ela estava alojada ali, no fundo de alguma dobra ou sulco, como um fiapo de manga entre molares. Que não se consegue tirar.

Em termos puramente práticos, provavelmente seria correto afirmar que tudo começou quando Sophie Mol chegou a Ayemenem. Talvez seja verdade que as coisas podem mudar em um dia. Que apenas doze horas podem alterar a trajetória de uma vida inteira. E que, quando isso acontece, essas poucas horas, como os destroços saqueados de uma casa incendiada, o relógio calcinado, a fotografia rasgada de um momento feliz, a mobília enegrecida, podem ser ressuscitados das ruínas e examinados. Preservados. Explicados.

Pequenos acontecimentos, coisas triviais, esmigalhados, reconstituídos. Revestidos de novos significados — de repente eles se tornam os descarnados de uma história... Mesmo assim, dizer que tudo começou quando Sophie Mol chegou a Ayemenem é apenas uma das maneiras possíveis de ver as coisas...

Também seria viável afirmar que tudo começou há milhares de anos. Muito antes de virem os marxistas. Antes de os britânicos tomarem Malabar, antes da Ascendência Holandesa, antes da chegada de Vasco da Gama, antes da conquista de Calicut pelos zamorin. Antes de os três bispos sírios vestidos de púrpura serem assassinados pelos portugueses e encontrados boiando no mar, com serpentes marítimas enroladas em seus peitos e ostras enredadas em suas barbas emaranhadas. Pode-se argumentar que tudo começou antes que o cristianismo chegasse num navio e se difundisse em Kerala como o chá de um saquinho no bule.

Que tudo começou quando as Leis do Amor foram promulgadas. As leis que determinam quem deve ser amado, e como.

E quanto.

PORÉM, por razões práticas, num mundo desalentadoramente prático...

2. A MARIPOSA DE PAPPACHI

...ERA UM DIA DE CÉU muito azul, de dezembro de 69 (o mil e novecentos oculto). Era aquela época na vida de uma família em que acontece alguma coisa que desloca sua moralidade oculta do lugar e a faz borbulhar na superfície e flutuar por um momento. À mostra. Para todo mundo ver.

Um Plymouth azul-celeste, com o sol refletido no capô cruzou os campos de arroz recém plantado, deixou para trás as ve-lhas figueiras-da-índia a caminho de Cochin. Mais a leste, num pequeno país de paisagem semelhante (selvas, rios, campos de arroz, comunistas), despejavam-se bombas suficientes para cobri-lo inteiro com dez centímetros de aço. Aqui, porém, era tempo de paz, e a família no Plymouth viajava sem medo, nem presságios.

O Plymouth tinha sido de Pappachi, avô de Rahel e Estha. Agora que ele estava morto, pertencia a Mammachi, a avó deles, e Rahel e Estha estavam a caminho de Cochin para assistir *A noviça rebelde* pela terceira vez. Eles sabiam todas as músicas de cor.

Depois, iam todos ficar no Hotel Rainha do Mar com aquele cheiro de comida velha. Tinham feito reservas. Na manhã seguinte, bem cedo, iam até o aeroporto de Cochin, buscar a ex-mulher de Chacko, a tia inglesa deles, Margaret Kochamma, e a prima, Sophie Mol, que estavam vindo de Londres para passar o Natal em Ayemenem. No começo daquele ano, o segundo marido de Margaret Kochamma, Joe, tinha morrido num acidente de automóvel. Quando Chacko soube do acidente, convidou-as para virem a Ayemenem. Disse que não suportava a idéia de elas passarem um Natal solitário, desolado, na Inglaterra. Numa casa cheia de lembranças.

Ammu disse que Chacko nunca deixara de amar Margaret Kochamma. Mammachi não concordava. Preferia acreditar que ele nunca a tinha amado, isso sim.

Rahel e Estha não conheciam Sophie Mol. Porém, tinham ouvido todos falarem muito dela na semana anterior. Baby Kochamma, Kochu Maria e até Mammachi. Nenhuma delas a conhecia tampouco, mas todas se comportavam como se conhecessem. Tinha sido a semana do *O Que Será Que Sophie Mol Vai Achar?*

Durante toda a semana, Baby Kochamma espionara sem cessar as conversas particulares dos gêmeos, e toda vez que pegava os dois falando em *malayalam* baixava uma pequena multa que era deduzida na fonte. Da mesada deles. Ela obrigava os dois a escreverem frases, “imposições”, ela chamava: *Só vou falar inglês, Só vou falar inglês*. Cem vezes cada um. Quando terminavam, ela riscava as

frases com caneta vermelha para ter certeza de que as frases antigas não iam ser recicladas em castigos futuros.

Tinha feito os dois ensaiarem uma canção inglesa para cantar no carro, na volta. Tinham de enunciar as palavras corretamente e ser especialmente cuidadosos com a pronúncia. *Prâ nan si ei xan.*

*Rej-Oice in the Lo-Ord Or-Orlways
And again I say rej-Oice,
RejOice,
RejOice,
And again I say rej-Oice*

[Rej-Ubilai no Se-nhor, Sem-pre
E uma vez mais digo, rej-Ubilai,
Rej-Ubilai,
Rej-Ubilai,
E uma vez mais digo, rej-Ubilai]

O nome completo de Estha era Esthappen Yako. O de Rahel era Rahel. Por enquanto eles não tinham sobrenome, porque Ammu estava pensando em retomar seu nome de solteira, apesar de que, dizia, ficar entre o nome do marido e o nome do pai não era nenhuma grande chance de escolha para uma mulher.

Estha estava usando o sapato bege de bico fino e o topete de Elvis. O Topete Especial de Passear. Sua música favorita de Elvis era “Party”: “*Some people like to rock, some people like to roll*” [Uns gostam de balançar, outros gostam de rolar], ele cantava, quando ninguém estava olhando, tocando uma raquete de *badminton*, arrebitando o lábio como Elvis. “*But moonin’ an’ a-groomin’ gonna satisfy mah soul, less have a party...*” [Mas me vestir bem e ficar sem fazer nada vai encher a minha alma, vamos fazer uma festa].

Estha tinha olhos oblíquos e sonolentos, e seus dentes novos da frente ainda não estavam os dois do mesmo tamanho. Os dentes novos de Rahel estavam esperando dentro de suas gengivas, como palavras dentro de uma caneta. Todo mundo achava incrível que uma diferença de idade de dezoito minutos pudesse provocar tal discrepância no surgimento dos dentes da frente.

Rahel estava com o cabelo todo preso no alto da cabeça, feito um chafariz. Preso por um Amor-em-Tóquio: duas contas num elástico, nada a ver nem com Amor nem com Tóquio. Em Kerala, o Amor-em-Tóquio resistiu ao teste do tempo, e até hoje, se você pedir isso em qualquer loja feminina respeitável classe A, é o que vão lhe dar. Duas contas num elástico.

Rahel tinha um relógio de brinquedo com as horas pintadas. Dez para as duas. Uma de suas ambições era ter um relógio em que pudesse mudar a hora sempre que quisesse (no seu entender, era só para isso que o Tempo servia). Seus óculos

plásticos vermelhos, de armação amarela, deixavam o mundo vermelho. Ammu disse que eles faziam mal para os olhos e tinha aconselhado que ela os usasse o mínimo possível.

Sua Toalette do Aeroporto estava na mala de Ammu. Tinha calcinhas especiais combinando.

Chacko estava dirigindo. Ele era quatro anos mais velho que Ammu. Rahel e Estha não podiam chamá-lo de *Chachen* porque, quando o faziam, ele os chamava de *Chetan* e *Cheduthi*. Se o chamavam de *Ammaven*, ele os chamava de *Appoi* e *Ammai*. Se o chamavam de *Uncle* [“Tio”, em inglês], ele os chamava de *Aunty* [“Titia”], o que era embaraçoso em público. Então, chamavam-no de Chacko.

O quarto de Chacko era cheio de livros do chão até o teto. Ele tinha lido todos e citava longos trechos deles sem nenhuma razão. Ou, pelo menos, nenhuma razão que os outros pudessem entender. Por exemplo, aquela manhã, quando estavam atravessando de carro o portão, gritando despedidas para Mammachi na varanda, Chacko disse, de repente: “Gatsby acabou se revelando um bom sujeito; era o que preocupava Gatsby, aquela poeira suja que flutuava na esteira de seus sonhos, que fez com que eu temporariamente perdesse o interesse pelos sofrimentos fracassados e entusiasmos transitórios dos homens”.

Todo mundo estava tão acostumado com aquilo que ninguém se dava ao trabalho de trocar olhares ou sinais. Chacko tinha recebido uma Bolsa de Estudo Rhodes para Oxford e tinha direito a excessos e excentricidades a que ninguém mais tinha.

Ele dizia estar escrevendo uma Biografia Familiar que a família ia ter de pagar para que não publicasse. Ammu disse que só uma pessoa na família podia ser candidato a chantagem biográfica: o próprio Chacko.

Claro que isso foi naquela época. Antes do Terror.

No Plymouth, Ammu ia sentada na frente, ao lado de Chacko. Ela havia completado vinte e sete anos, e levava na boca do estômago a fria consciência de que, para ela, a vida já estava vivida. Tinha tido a sua chance. Tinha cometido um erro. Tinha casado com o homem errado.

Ammu terminou a escola no mesmo ano em que seu pai demitiu-se do emprego em Délhi e mudou-se para Ayemenem. Pappachi insistiu que a universidade seria uma despesa desnecessária para uma moça, de forma que Ammu não teve outra escolha senão deixar Délhi e mudar-se com eles. Havia muito pouca coisa para uma jovem fazer em Ayemenem além de esperar propostas de casamento enquanto ajudava a mãe no serviço doméstico. Como seu pai não tinha dinheiro suficiente para levantar um dote aceitável, Ammu não recebeu nenhuma proposta. Dois anos se passaram. Seu aniversário de dezoito anos veio e passou. Sem ser notado, ou, pelo menos, não registrado por seus pais. Ammu foi ficando desesperada. O dia inteiro ela sonhava escapar de Ayemenem e das garras de seu pai mal-humorado e da mãe amarga e sofrida. Elaborou vários planos infelizes. Um deles acabou funcionando. Pappachi

concordou que ela fosse passar o verão com uma tia distante que morava em Calcutá.

Lá, na festa de casamento de outra pessoa, Ammu conheceu o futuro marido.

Ele estava de férias do emprego em Assam, onde trabalhava como gerente assistente de uma fazenda de chá. Sua família era de antigos *zamindares* ricos que tinham migrado do Leste de Bengala para Calcutá, depois da Separação.

Era um homem pequeno, mas bem constituído. De aparência agradável. Usava óculos antiquados que lhe davam um ar sério e escondiam inteiramente seu encanto descontraído e senso de humor juvenil, totalmente desconcertante. Tinha vinte e cinco anos e já trabalhava na fazenda de chá havia seis. Não tinha freqüentado a universidade, razão pela qual ainda mantinha seu humor de escolar. Ele propôs casamento a Ammu cinco dias depois de se conhecerem. Ammu não fingiu estar apaixonada por ele. Simplesmente avaliou as possibilidades e aceitou. Achou que *qualquer coisa*, qualquer um, seria melhor que voltar a Ayemenem. Escreveu para os pais informando a sua decisão. Eles não responderam.

Ammu teve uma cerimônia de casamento completa, estilo Calcutá. Depois, lembrando aquele dia, Ammu deu-se conta de que o brilho ligeiramente febril nos olhos do noivo não tinha sido de amor, nem de excitação pela perspectiva de felicidade carnal, mas sim devido a cerca de oito grandes doses de uísque. Puro. Sem gelo.

O sogro de Ammu era presidente do Conselho Ferroviário e tinha sido campeão de boxe em Cambridge. Era secretário da BABA (Associação Bengalesa de Boxe Amador). Deu de presente ao jovem casal um Fiat pintado sob encomenda de rosa-bebê, que depois do casamento ele mesmo trouxe, dirigindo, cheio de todas as jóias e da maioria dos outros presentes que os noivos ganharam. Morreu antes de os gêmeos nascerem, na mesa de uma operação para remoção da vesícula. À sua cremação compareceram todos os lutadores de boxe de Bengala. Uma congregação de queixos protuberantes e narizes quebrados.

Quando Ammu e o marido se mudaram para Assam, Ammu, bonita, jovem e atrevida, transformou-se na sensação do Clube dos Plantadores. Usava sáris com blusas decotadas nas costas e levava uma bolsa de lamê prateado dependurada de uma corrente. Fumava cigarros longos numa cigareira de prata e aprendeu a soprar anéis de fumaça perfeitos. Seu marido revelou-se não apenas um beerrão, mas um alcoólatra consumado, com todo o dissimulado e trágico encanto dos alcoólicos. Muito depois de tê-lo abandonado, ela ainda imaginava por que ele mentia tão desbragadamente, mesmo quando não era preciso. *Principalmente* quando não era preciso. Numa conversa com amigos, ele dizia o quanto adorava salmão defumado, quando Ammu sabia que ele detestava. Ou voltava do clube para casa dizendo a Ammu que tinha assistido a *Agora seremos felizes* quando na verdade tinham passado *O domador de bronze*. Quando ela o confrontava com essas coisas, ele nunca explicava nem se desculpava. Simplesmente ria, irritando Ammu a um ponto que ela nunca se julgara capaz de atingir.

Ammu estava no oitavo mês de gravidez quando começou a guerra com a China. Era outubro de 1962. As esposas e os filhos dos plantadores foram evacuados de Assam. Ammu, grávida demais para viajar, ficou na fazenda. Em novembro, depois de uma viagem turbulenta, de arrepiar os cabelos, até Shillong, em meio aos rumores de ocupação chinesa e de iminente derrota da Índia, Estha e Rahel nasceram. À luz de velas. Num hospital com janelas vedadas por causa do blecaute. Emergiram sem grandes alardes, com dezoito minutos de diferença entre um e outro. Dois pequenos, em vez de um grande. Focas gêmeas, escorregadias de fluidos maternos. Enrugados pelo esforço do nascimento. Antes de fechar os olhos e dormir, Ammu examinou os dois para ver se não tinham deformações.

Contou quatro olhos, quatro orelhas, duas bocas, dois narizes, vinte dedos das mãos e vinte dedos dos pés perfeitos.

Não notou que tinham uma única alma siamesa. Ficou contente de ter tido os dois. O pai deles, deitado num banco duro do corredor do hospital, estava bêbado.

Quando os gêmeos tinham dois anos, o alcoolismo do pai, agravado pela solidão da vida na fazenda de chá, o tinha levado ao estupor alcoólico. Passavam-se longos dias em que ele simplesmente ficava na cama e não ia trabalhar. Finalmente, o gerente inglês, mr. Hollick, o chamou a seu bangalô para uma “conversa séria”.

Ammu ficou sentada na varanda de sua casa, esperando ansiosamente a volta do marido. Tinha certeza de que a única razão de Hollick querer vê-lo era mandá-lo embora. Ficou surpresa quando o viu voltar desanimado, mas não desesperado. Disse a Ammu que mr. Hollick tinha feito uma proposta e que precisavam discutir. Começou a falar um tanto hesitante, evitando o olhar dela, mas foi ganhando coragem à medida que avançava. Em termos práticos, a longo prazo, era uma proposta vantajosa para ambos, disse. Na verdade, vantajosa para *todos*, se se levasse em conta a educação das crianças.

Mr. Hollick tinha sido franco com seu jovem assistente. Informara-o das reclamações que tinha recebido da parte dos trabalhadores e também dos outros assistentes de gerência.

“Parece que não tenho outra escolha”, disse, “senão pedir que se demita.”

Ele deixou o silêncio tomar conta da situação. Deixou o pobre homem sentado do outro lado da mesa começar a tremer. A chorar. Então, Hollick tornou a falar.

“Bem, na verdade, *pode* haver outra solução... talvez a gente consiga inventar outra coisa. Pense positivo, é o que sempre digo. Veja o lado bom.” Hollick fez uma pausa para pedir um bule de café preto. “Você é um homem de sorte, sabe, família fantástica, belas crianças, uma esposa bonita...” Acendeu um cigarro e deixou o fósforo queimar até não dar mais para segurar. “Uma esposa *extremamente* bonita...”

O choro parou. Olhos castanhos perplexos fixaram olhos verdes, insinuantes, injetados. Durante o café, mr. Hollick propôs que Baba viajasse por algum tempo. Umás férias. Em uma clínica, talvez, para tratamento. Pelo tempo que fosse necessário para melhorar. E mr. Hollick sugeriu que, enquanto estivesse fora, Ammu fosse mandada para o seu bangalô para que ele “cuidasse dela”.

Na fazenda já havia um certo número de crianças esfarrapadas, de pele clara, que Hollick tinha gerado em apanhadoras de chá de quem gostara. Era a sua primeira incursão no círculo da gerência.

Ammu ficou olhando a boca do marido formar as palavras. Não disse nada. Ele ficou incomodado e depois furioso com o silêncio dela. De repente, pulou em cima dela, agarrou-a pelos cabelos, deu-lhe um soco e caiu desmaiado por causa do esforço. Ammu pegou o livro mais pesado que encontrou na estante, o *Atlas mundial da Reader's Digest*, e bateu nele com toda a força. Na cabeça. Nas pernas. Nas costas e nos ombros. Quando ele recobrou a consciência, ficou perplexo com os hematomas. Desculpou-se abjetamente pela violência, mas imediatamente começou a atormentá-la para que o ajudasse com a transferência. Isso acabou sendo um padrão. Violência alcoólica seguida de insistência pós-alcoólica. Ammu sentia repugnância pelo cheiro medicinal de álcool choco que exsudava da pele dele, e pelas placas de vômito seco incrustadas em sua boca como uma torta, toda manhã. Quando esses ataques de violência começaram a se estender às crianças e começou a guerra com o Paquistão, Ammu abandonou o marido e voltou, sendo mal recebida, para os pais em Ayemenem. Para tudo aquilo de que tinha fugido poucos anos antes. Só que agora tinha dois filhos pequenos. E nenhum sonho mais.

Pappachi não acreditou na história dela, não porque tivesse consideração por seu marido, mas simplesmente porque não acreditava que um inglês, *qualquer* inglês, pudesse cobiçar a mulher de outro homem.

Ammu amava os filhos (claro), mas a vulnerabilidade que via nos olhos arregalados deles e a propensão que tinham de amar pessoas que não os amavam de verdade a exasperavam e ela às vezes sentia vontade de machucá-los, só como educação, como proteção.

Era como se a janela pela qual o pai deles tinha desaparecido tivesse ficado aberta para qualquer um entrar e ser bem recebido.

Para Ammu, seus gêmeos pareciam uma dupla de pequenos sapos confusos absortos na companhia um do outro, passeando de braços dados numa rodovia cheia de tráfego rápido. Inteiramente ignorantes do que os caminhões podem fazer com sapos. Ammu cuidava deles ferozmente. Esse cuidado a deixava esgotada, retesada e tensa. Era rápida em repreender as crianças, mas ainda mais rápida em se ofender por causa delas.

Sabia que para ela não havia mais nenhuma chance. Agora só havia Ayemenem. Uma varanda da frente e uma varanda dos fundos. Um rio quente e uma fábrica de picles.

Ao fundo, o miado constante, alto, murmurante, da censura local.

Logo nos primeiros meses de seu retorno à casa dos pais, Ammu aprendeu a reconhecer e a desprezar a cara feia da compaixão. Velhas parentes com barbas incipientes e vários queixos tremulantes viajavam a noite inteira até Ayemenem para se comiserar com ela por causa do divórcio. Apertavam seu joelho com a mão e se regozijavam. Ela precisava lutar contra o impulso de esbofeteá-las. Ou beliscar os bicos de seus seios. Com uma chave inglesa. Como Chaplin em *Tempos modernos*.

Quando via a si mesma nas fotos de casamento, Ammu sentia que a mulher que a encarava de volta era outra pessoa. Uma noiva tola cheia de jóias. O sári colorido como o pôr-do-sol salpicado de ouro. Anéis em todos os dedos. Pintas brancas de pasta de sândalo nas sobrancelhas arqueadas. Vendo a si mesma assim, a boca suave de Ammu se retorcia num sorrisinho amargo diante da lembrança, não tanto do casamento em si, mas do fato de ter permitido ser tão diligentemente enfeitada antes de ser levada à força. Parecia absurdo. Tão inútil.

Como lixar lenha.

Ela foi até o ourives da aldeia, mandou derreter a pesada aliança de casamento e transformá-la num bracelete fino com cabeças de cobra que guardou para Rahel.

Ammu sabia que casamentos não eram algo que se podia evitar inteiramente. Pelo menos não em termos práticos. Mas pelo resto da vida defendeu casamentos *pequenos* em roupas *comuns*. Ficavam menos macabros, pensava.

As vezes, quando Ammu ouvia no rádio músicas de que gostava, algo se agitava dentro dela. Uma dor líquida se espalhava debaixo de sua pele, e ela saía do mundo, como uma bruxa, para um lugar melhor, mais feliz. Em dias assim, havia algo inquieto e indomado nela. Como se tivesse temporariamente deixado de lado a moralidade de mãe e de mulher divorciada. Até seu andar se transformava do andar comportado de mãe em um outro tipo mais rebelde de andar. Usava flores no cabelo e segredos mágicos nos olhos. Não falava com ninguém. Passava horas na margem do rio com seu pequeno rádio transistor plástico em forma de tangerina. Fumava cigarros e ia nadar à meia-noite.

De onde vinha o Lado Temerário de Ammu? Esse ar de imprevisibilidade? Das coisas que estavam em conflito dentro dela. Uma mistura incombinável. A infinita ternura da maternidade e a raiva rebelde de um terrorista suicida. Era isso que crescia dentro dela e acabou por levá-la a amar de noite o homem que seus filhos amavam de dia. A usar de noite o barco que seus filhos usavam de dia. O barco em que Estha se sentava e que Rahel tinha encontrado.

Nos dias em que o rádio tocava as músicas de Ammu, todo mundo ficava um pouco incomodado. Sentiam que de alguma forma ela vivia na zona de penumbra entre dois mundos, fora do alcance deles. Que uma mulher que já haviam condenado tinha agora pouco a perder e podia, portanto, ser perigosa. Assim, nos dias em que o rádio tocava as músicas de Ammu, as pessoas a evitavam, davam

voltas em torno dela, porque todo mundo concordava que era melhor deixá-la em paz.

Outros dias, ela revelava covinhas profundas quando ria.

Tinha um rosto delicado, cinzelado, sobrancelhas pretas em ângulo, como as asas de uma gaivota em vôo, nariz pequeno e reto e a pele luminosa, cor de noz. Naquele dia de céu azul de dezembro, seus cabelos rebeldes, encaracolados, haviam escapado em cachos no vento do carro. Seus ombros, na blusa sem mangas do sári, brilhavam como se tivessem sido polidos com cera. Às vezes, ela era a mulher mais bonita que Estha e Rahel já tinham visto. E às vezes não era.

No banco de trás do Plymouth, entre Estha e Rahel, sentava-se Baby Kochamma. Ex-freira e incômoda tia-avó. Assim como os desafortunados às vezes desgostam dos colegas desafortunados, Baby Kochamma não gostava dos gêmeos, que considerava órfãos amaldiçoados, sem pai. Pior ainda, eles eram híbridos meio hindus com quem nenhum cristão sírio jamais se casaria. Ela fazia questão de que eles percebessem que (como ela) viviam de favor na Casa Ayemenem, casa de sua avó materna, onde não tinham realmente nenhum direito de estar. Baby Kochamma tinha ressentimentos de Ammu porque a via lutando com um destino que ela, Baby Kochamma, sentia ter aceitado com graça. O destino desgraçado da mulher sem homem. A triste Baby Kochamma sem padre Mulligan. Ao longo dos anos, ela tinha conseguido convencer a si mesma que seu amor não consumado por padre Mulligan devia-se inteiramente ao *seu* controle e à *sua* determinação de fazer o que era certo.

Ela adotava plenamente a posição geralmente aceita de que uma filha casada não tinha mais lugar na casa dos pais. Quanto a uma filha *divorciada*, segundo Baby Kochamma, essa não tinha lugar em parte alguma. E quanto a uma filha *divorciada* de um casamento por amor, bem, não havia palavras para descrever como Baby Kochamma se sentia ultrajada. Quanto a uma filha *divorciada* de um casamento *inter-religioso* por *amor*... Baby Kochamma preferia manter um trêmulo silêncio sobre o assunto.

Os gêmeos eram jovens demais para entender tudo isso, então Baby Kochamma se ressentia dos seus momentos de grande alegria, como no dia em que uma libélula que haviam pegado levantou uma pedrinha com as pernas em cima da palma da mão de um deles, ou quando tinham permissão para dar banho nos porcos, ou quando encontravam um ovo ainda quente da galinha. Mas, acima de tudo, ela se ressentia do conforto que os gêmeos proporcionavam um ao outro. Ela esperava deles alguma prova de infelicidade. No mínimo.

No caminho de volta do aeroporto, Margaret Kochamma sentaria na frente com Chacko porque fora sua esposa. Sophie Mol sentaria entre os dois. Ammu

mudaria para o banco de trás.

Haveria duas garrafas térmicas de água. Água fervida para Margaret Kochamma e Sophie Mol, água da torneira para todos os outros.

A bagagem estaria no porta-malas. Rahel achava que *boot* [a palavra inglesa para porta-malas] era uma palavra linda. Pelo menos muito melhor do que *sturdy* [robusto]. *Sturdy* era uma palavra horrorosa. Como um nome de anão. *Sturdy Koshy Oommen*, um anão agradável, classe média, temente a Deus, com joelhos baixos e cabelo repartido de lado.

No bagageiro do teto do Plymouth havia um cartaz de quatro lados, debruado de metal, que dizia, em todos os quatro lados, em letras elaboradas, *Paraíso, Pickles & Polpas*. Abaixo do letreiro, ilustrações de frascos de geléia de frutas mistas e pickles de lima picante em óleo comestível, com rótulos que diziam, em letras elaboradas, *Paraíso, Pickles & Polpas*. Ao lado dos frascos, uma lista de todos os produtos Paraíso e a figura de um dançarino de *kathakali* de rosto verde e saia esvoaçante. Ao longo da dobra em forma de S da saia em movimento, estava escrito, numa curva em forma de S, *Imperadores do Reino do Sabor*, contribuição não solicitada do camarada K. N. M. Pillai. Tratava-se da tradução literal de *Ruchi lokathinde Rajavu*, que soava um pouco menos ridículo do que *Imperadores do Reino do Sabor*. Mas como o camarada Pillai já tinha impresso os dizeres ninguém teve coragem de pedir a ele que refizesse toda a impressão. E assim, infelizmente, *Imperadores do Reino do Sabor* tornou-se traço permanente dos rótulos da Paraíso Pickles.

Ammu disse que o dançarino de *kathakali* era uma mera isca e não tinha nada a ver com nada. Chacko disse que dava um ar regional aos produtos e que isso seria favorável quando entrassem no mercado internacional.

Ammu disse que a placa os fazia ridículos. Como um circo itinerante. Com rabo-de-peixe.

Mammachi começou a fazer pickles comercialmente logo depois que Pappachi se retirou do serviço público em Délhi e veio viver em Ayemenem. A Sociedade Bíblica de Kottayam ia realizar uma feira e pediu que Mammachi fizesse suas famosas geléias de banana e pickles de manga mole. As conservas foram vendidas rapidamente, e Mammachi se viu com mais pedidos do que podia atender. Animada com o sucesso, resolveu continuar com o pickles e a geléia, e logo se viu ocupada durante todo o ano. Pappachi, por sua vez, não estava conseguindo suportar a ignomínia da aposentadoria. Era dezessete anos mais velho que Mammachi, e teve um choque ao se dar conta de que era um velho enquanto a mulher estava ainda na plenitude.

Embora Mammachi tivesse córneas cônicas e já fosse praticamente cega, Pappachi não ajudava na fabricação das conservas, porque não considerava a fabricação de conservas uma atividade compatível com um ex-funcionário

governamental de alto escalão. Sempre fora um homem ciumento, de forma que se ressentia muito da atenção que sua mulher de repente estava recebendo. Ele passeava pelas instalações em seus imaculados ternos feitos sob medida, traçando círculos mal-humorados em volta dos montes de pimentões vermelhos e de açafrão amarelo acabado de moer, observando Mammachi que supervisionava as compras, a pesagem, a quantidade de sal e a secagem das limas e das mangas. Todas as noites ele batia nela com um vaso de latão. As surras não eram novidade. A novidade era apenas a frequência com que andavam ocorrendo. Uma noite, Pappachi quebrou o arco do violino de Mammachi e jogou no rio.

Então, Chacko voltou para casa de férias de Oxford. Tinha crescido, era um homem grande, e, naqueles dias, bem forte porque era do time de remo de Balliol. Uma semana depois que chegou, descobriu Pappachi batendo em Mammachi no escritório. Chacko entrou na sala, pegou a mão com que Pappachi segurava o vaso e torceu seu braço atrás das costas.

“Não quero que isso aconteça de novo”, disse ao pai. “Nunca.”

Pelo resto daquele dia, Pappachi ficou sentado na varanda, olhando fixamente o jardim ornamental, ignorando os pratos de comida que Kochu Maria lhe trazia. Tarde da noite, ele entrou no escritório e pegou a cadeira de balanço de mogno que era a sua favorita. Levou-a para o meio da rua e quebrou-a em pedacinhos com uma chave inglesa de encanador. Deixou ao luar um monte de palha e lascas de madeira envernizada. Nunca mais tocou em Mammachi. Mas também nunca mais falou com ela, até o fim da vida. Quando precisava de alguma coisa, usava Kochu Maria ou Baby Kochamma como intermediárias.

À noite, quando sabia que viriam visitas, sentava-se na varanda e ficava pregando botões que não tinham caído em suas camisas, para dar a impressão de que Mammachi o negligenciava. Até certo ponto, ele conseguiu piorar um pouquinho a opinião corrente em Ayemenem sobre esposas que trabalhavam.

Comprou o Plymouth azul-celeste de um velho inglês de Munnar. Passou a ser uma visão costumeira de Ayemenem, rodando, importante, pela estrada estreita em seu grande carro, parecendo elegante por fora, mas por dentro suando muito em seus ternos de lã. Não permitia que Mammachi nem ninguém da família usasse o carro, nem mesmo sentasse nele. O Plymouth era a vingança de Pappachi.

Pappachi tinha sido Entomologista Imperial no Instituto Pusa. Depois da Independência, quando os britânicos foram embora, sua designação foi mudada de Entomologista Imperial para Diretor-Adjunto, Entomologia. No ano em que ele se aposentou, tinha atingido um nível equivalente ao de diretor.

A coisa que mais lamentava na vida era que a mariposa descoberta por *ele* não levasse o seu nome.

O inseto caiu dentro de sua bebida uma noite, quando estava sentado na varanda de uma casa-dormitório, depois de um longo dia de trabalho no campo. Ele pegou a mariposa e observou tufo de pêlos dorsais excepcionalmente densos.

Olhou melhor. Com grande excitação, preparou o inseto, mediu e, na manhã seguinte, deixou-o ao sol por algumas horas para o álcool evaporar. Depois, pegou o primeiro trem de volta a Délhi. Para a admiração taxionômica e, esperava ele, para a fama. Depois de seis meses de intolerável ansiedade, para intensa decepção de Pappachi, chegou um comunicado de que sua mariposa fora finalmente identificada como uma raça ligeiramente incomum de uma espécie bem conhecida, pertencente à família tropical dos limantrídeos.

O golpe maior veio doze anos depois, quando, como resultado de um remanejamento radical da taxionomia, os lepidopterologistas decidiram que a mariposa de Pappachi *era* de fato uma espécie distinta e um gênero até então desconhecido para a ciência. Mas então, claro, Pappachi já tinha se aposentado e mudado para Ayemenem. Era tarde demais para ele requisitar a descoberta como sua. Sua mariposa recebeu o nome do diretor em atividade do Departamento de Entomologia, um funcionário inferior de quem Pappachi nunca tinha gostado.

Nos anos seguintes, apesar de ele já ser mal-humorado muito antes da descoberta da mariposa, a Mariposa de Pappachi passou a ser responsabilizada por seus humores negros e súbitas explosões de temperamento. Seu fantasma pernicioso, cinzento, peludo e com tufo de pêlos dorsais excepcionalmente densos, assombrou todas as casas em que viveu. E atormentou a ele e a seus filhos e aos filhos de seus filhos.

Até o dia de sua morte, mesmo no calor sufocante de Ayemenem, todos os dias Pappachi vestia um terno de três peças muito bem passado e usava o relógio de bolso de ouro. Em sua penteadeira, ao lado da colônia e da escova de cabelo de prata, tinha um retrato de si mesmo jovem, com os cabelos brilhantados, tirado no estúdio de um fotógrafo em Viena, onde havia feito o curso de diplomação de seis meses que o qualificara para o cargo de Entomologista Imperial. Foi durante aqueles poucos meses passados em Viena que Mammachi teve as suas primeiras lições de violino. As lições foram abruptamente interrompidas quando o professor de Mammachi, Launsky-Tieffenthal, cometeu o erro de dizer a Pappachi que sua esposa tinha um talento excepcional e que, em sua opinião, tinha potencialmente nível de concertista.

Mammachi colou no álbum de fotografias da família o recorte do *Indian Express* que notificava a morte de Pappachi. Dizia assim:

O conhecido entomologista Shri Benaan John Ipe, filho do falecido rev. E. John Ipe, de Ayemenem (conhecido popularmente como *Punnyan Kunju*), sofreu um severo ataque cardíaco e faleceu no Hospital Geral de Kottayam ontem à noite. Ele apresentou dores no peito por volta da 1h05 da manhã e foi levado às pressas para o hospital. A morte ocorreu às 2h45. Shri Ipe apresentava problemas de saúde fazia seis meses. Deixa a esposa Soshamma e dois filhos.

No funeral de Pappachi, Mammachi chorou, e suas lentes de contato

deslizaram nos olhos. Ammu disse aos gêmeos que Mammachi estava chorando porque estava acostumada com o marido e não porque o amasse. Ela estava acostumada com ele andando pela fábrica de picles, e estava acostumada a apanhar de vez em quando. Ammu disse que os seres humanos eram criaturas de hábitos e que era incrível o tipo de coisas com que podiam se acostumar. Basta olhar em volta, Ammu disse, para ver que surras com vasos de latão não são de admirar.

Depois do funeral, Mammachi pediu a Rahel para ajudar a encontrar e remover suas lentes de contato com a pequena pipeta cor de laranja que vinha dentro da caixinha. Rahel perguntou a Mammachi se, depois que ela morresse, podia herdar a pipeta. Ammu levou-a para fora do quarto e deu-lhe um tapa.

“Nunca mais quero ver você falando da morte das pessoas com elas mesmas”, disse.

Estha disse a Rahel que ela havia merecido o tapa por ser tão insensível.

A fotografia de Pappachi em Viena, com o cabelo lambido, foi reemoldurada e colocada na saleta.

Ele era um homem fotogênico, estiloso e bem cuidado, com a cabeça um tanto grande de homem baixo. Tinha um princípio de queixo duplo que ficava enfatizado quando olhava para baixo ou acenava a cabeça. Na foto, tivera o cuidado de levantar a cabeça o suficiente para disfarçar o queixo duplo, mas não tão alto a ponto de parecer orgulhoso. Seus olhos castanho-claros eram bem-educados, mas mesmo assim maléficos, como se estivesse fazendo um esforço para ser civilizado com o fotógrafo enquanto planejava assassinar a própria esposa. Tinha uma pequena projeção carnosa no centro do lábio superior que descia sobre o lábio inferior numa espécie de biquinho efeminado, do tipo que as crianças que chupam o dedo acabam desenvolvendo. Tinha uma covinha alongada no queixo que só servia para sublinhar a ameaça de uma furtiva violência maníaca. Uma espécie de crueldade contida. Usava um culote cáqui apesar de nunca ter montado a cavalo na vida. As botas de montaria refletiam as luzes do estúdio fotográfico. Bem ajeitado no colo, um relho com cabo de marfim.

Havia um silêncio vigilante na fotografia, que emprestava uma frieza subjacente à cálida sala onde foi dependurada.

Quando morreu, Pappachi deixou baús cheios de ternos caros e uma caixa de chocolate cheia de abotoaduras que Chacko distribuiu entre os motoristas de táxi de Kottayam. Elas foram separadas e transformadas em anéis e pingentes para dotes de filhas solteiras.

Quando os gêmeos perguntaram para que serviam abotoaduras [*cuff-links*], Ammu respondeu “Para abotoar os punhos”. Eles ficaram encantados com esse bocado de lógica numa língua que até então tinha parecido ilógica. *Cuff* [punho] + *Link* [argola, ligadura] = *cuff-link*. Isso, para eles, rivalizava, em precisão e

lógica, com a matemática. *Cuff-links* deu aos dois uma desordenada (exagerada) satisfação, e uma afeição real pela língua inglesa.

Ammu disse que Pappachi era um CCP britânico incurável, que era uma espécie de *chbi-chbi poach*, que em hindi significa lambe-cu. Chacko disse que a palavra correta para gente como Pappachi era *anglófilo*. Ele fez Rahel e Estha procurarem *anglófilo* no *Grande dicionário enciclopédico da Reader's Digest*. Dizia assim: *peessoa que demonstra boa disposição pelos ingleses*. Então Estha e Rahel tiveram de procurar *disposição*. Dizia assim:

- (1) *Maneira como as coisas são colocadas em uma ordem determinada.*
- (2) *Estado mental determinado em relação a alguma coisa.*

Chacko disse que no caso de Pappachi o significado era o (2) *Estado mental determinado em relação a alguma coisa*. O que, Chacko disse, significava que mentalmente Pappachi apresentava um *determinado estado* que fazia com que gostasse dos ingleses.

Chacko disse aos gêmeos que mesmo detestando ter de admitir, eles eram todos anglófilos. Eram uma *família* de anglófilos. Voltados para a direção errada, presos do lado de fora da própria História e incapazes de retornar sobre os próprios passos porque as pegadas tinham sido apagadas. Ele explicou aos dois que a História era como uma casa velha de noite. Com todas as lâmpadas acesas. E os ancestrais sussurrando lá dentro.

“Para entender a História”, Chacko disse, “temos de entrar na casa e ouvir o que eles estão dizendo. E olhar os livros e os quadros nas paredes. E sentir os cheiros.”

Estha e Rahel não tinham dúvidas de que a casa de que Chacko falava era a casa do outro lado do rio, no meio de uma fazenda de borracha aonde nunca haviam ido. A casa de Kari Saipu. O *sahib* negro. O inglês que tinha “virado nativo”. Que falava *malayalam* e vestia *mundus*. O Kurtz de Ayemenem. E Ayemenem o seu Coração das Trevas. Ele se suicidara com um tiro na cabeça dez anos antes, quando os pais de seu jovem amante levaram embora o menino e o mandaram para a escola. Depois do suicídio, a propriedade passou a ser objeto de prolongado litígio entre o cozinheiro e o secretário de Kari Saipu. A casa ficara vazia durante anos. Muito pouca gente a tinha visto. Mas os gêmeos podiam imaginá-la.

A Casa da História.

Com chão de pedra fresca e paredes escuras, e sombras ondulantes enfileiradas lado a lado. Lagartos gordos, translúcidos, viviam atrás dos velhos quadros, e ancestrais pálidos, esfarelantes, com unhas dos pés duras, e hálito cheirando a mapas amarelados, murmuravam em sussurros sibilantes, como papel.

“Mas nós não podemos entrar”, Chacko explicou, “porque fomos trancados do lado de fora. E quando olhamos para dentro das janelas, tudo o que vemos são

sombras. E quando tentamos ouvir, tudo que ouvimos é um murmúrio. E não podemos entender o murmúrio, porque nossas cabeças foram invadidas por uma guerra. Uma guerra que ganhamos e perdemos. O pior tipo de guerra. Uma guerra que captura os sonhos e ressonha todos. Uma guerra que nos fez adorar nossos conquistadores e desprezar a nós mesmos.”

“*Casar* com os conquistadores, isso sim”, disse Ammu, seca, referindo-se a Margaret Kochamma. Chacko a ignorou. Ele fez os gêmeos procurarem *Desprezar*. Dizia: *não fazer caso de; não levar em conta; desdenhar, aviltar*.

Chacko disse que no contexto da guerra de que estava falando, a Guerra de Sonhos, *desprezar* significava todas essas coisas.

“Somos prisioneiros de guerra”, disse Chacko. “Nossos sonhos foram manipulados. Não pertencemos a lugar nenhum. Navegamos sem âncora por mares turbulentos. Pode ser que nunca nos permitam desembarcar em terra. A tristeza de nossas tristezas nunca vai ser suficiente. Nem a alegria de nossa felicidade, nem o tamanho de nossos sonhos. Nossas vidas nunca terão importância suficiente para serem levadas em conta.”

Então, para dar a Estha e Rahel uma idéia da perspectiva histórica (embora perspectiva fosse algo que, nas semanas seguintes, faria muita falta ao próprio Chacko), ele falou aos dois da Mulher Terra. Fez os dois imaginarem que a Terra, com quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, era uma mulher de quarenta e seis anos, da idade, digamos, de Aleyamma, a Professora, que dava lições de *malayalam* para eles. A Mulher Terra tinha levado a vida inteira para ser o que era. Para separar os oceanos. Para elevar as montanhas. A Mulher Terra tinha onze anos de idade, disse Chacko, quando apareceram os primeiros organismos unicelulares. Os primeiros animais, criaturas iguais a vermes e águas-marinhas, só apareceram quando tinha quarenta. Tinha quarenta e cinco, havia apenas oito meses, quando os dinossauros ainda dominavam a Terra.

“Toda a civilização humana conforme nós conhecemos”, Chacko disse aos gêmeos, “começou faz só *duas horas* na vida da Mulher Terra. O tempo que leva para ir de carro de Ayemenem até Cochin.”

Era assustador e humilhante, disse Chacko (*Humbling*, “humilhante”, era uma palavra bonita, Rahel pensou. *Humbling along without a care in the world*), saber que a totalidade da História contemporânea, as Guerras Mundiais, a Guerra de Sonhos, o Homem na Lua, a ciência, a literatura, a filosofia, a busca de conhecimento, não eram mais do que uma piscada de olhos da Mulher Terra.

“E nós, meus queridos, tudo o que nós somos e jamais seremos é só uma piscada do olho dela”, Chacko disse em tom grandioso, deitado em sua cama, olhando o teto.

Quando estava nesse estado, Chacko usava seu tom de Ler em Voz Alta. Seu quarto ficava com um ar de igreja. Ele não se importava se havia alguém ouvindo ou não. E se havia, não se importava se estavam ou não entendendo o que dizia. Ammu chamava esses momentos de Clima de Oxford.

Depois, à luz de tudo o que aconteceu, *piscada* passou a parecer a palavra errada para descrever a expressão do olhar da Mulher Terra. Piscada era uma palavra com contornos franzidos, alegres.

* * *

Embora a Mulher Terra tenha impressionado muito os gêmeos, foi a Casa da História, muito mais à mão, que realmente os fascinou. Eles pensavam sempre nela. A casa do outro lado do rio.

Pairando no Coração das Trevas.

Uma casa em que não podiam entrar, cheia de sussurros que não podiam entender.

Eles ainda não sabiam que logo *entrariam*. Que iriam cruzar o rio e estar onde não deviam estar, com um homem que não deviam amar. Que iam observar com olhos do tamanho de um prato a História se revelando a eles na varanda dos fundos.

Enquanto outras crianças da idade deles aprendiam outras coisas, Estha e Rahel aprendiam como a História negocia os seus termos e cobra o que lhe é devido daqueles que desrespeitam suas leis. Eles ouviram seu baque horrendo. Sentiram o seu cheiro e nunca esqueceram.

O cheiro da História.

Como rosas velhas numa brisa.

Que ficaria para sempre nas coisas comuns. Nos cabides. Nos tomates. No asfalto das ruas. Em certas cores. Nos pratos de um restaurante. Na ausência de palavras. E no vazio de olhares.

Eles iriam crescer batalhando maneiras de conviver com o que aconteceu. Eles iriam tentar convencer a si mesmos de que, em termos de tempo geológico, era um acontecimento insignificante. Só uma piscada da Mulher Terra. Que Coisas Piores tinham acontecido. E Coisas Piores continuavam acontecendo. Mas não achariam nenhum consolo nessa idéia.

Chacko disse que ir assistir *A noviça rebelde* era um intenso exercício de anglofilia.

Ammu disse: “Ah, o que é isso? Todo mundo vai ver *A noviça rebelde*. É um sucesso mundial”.

“Mesmo assim, minha querida”, Chacko disse em seu Tom de Ler em Voz Alta. “Mesmo. Assim.”

Mammachi dizia sempre que Chacko era, de longe, um dos homens mais inteligentes da Índia. “Segundo quem?”, Ammu perguntava. “Com base em *quê?*” Mammachi adorava contar a história (contada por Chacko) de um dos professores de Oxford, que tinha dito que, na opinião dele, Chacko era brilhante e feito da

mesma matéria que os primeiros-ministros.

Ammu sempre respondia a isso com um “Ha! Ha! Ha!”, como os personagens de quadrinhos.

Ela dizia que:

(a) Frequentar Oxford não deixava necessariamente uma pessoa inteligente.

(b) Inteligência não faz necessariamente um bom primeiro-ministro.

(c) Se uma pessoa inteligente não conseguia administrar com lucro nem uma fábrica de picles, como essa pessoa iria administrar todo um país?

E o mais importante:

(d) Todas as mães indianas são obcecadas por seus filhos e são, portanto, maus juízes de suas capacidades.

Chacko dizia:

(a) Não se *frequenta* Oxford. *Estuda-se* em Oxford.

E

(b) E quando se termina de *estudar* em Oxford, *dá-se baixa*.

“Baixar à terra, você quer dizer?”, Ammu perguntava. “Isso, definitivamente, você faz muito bem. Como os seus famosos aviões.”

Ammu dizia que o destino triste mas inteiramente previsível dos aviões de Chacko dava uma medida imparcial de suas capacidades.

Uma vez por mês (menos durante as monções), chegava um pacote para Chacko por VPP. Que continha sempre um aeromodelo de madeira balsa para montar. Chacko levava geralmente entre oito e dez dias para montar a aeronave com seu minúsculo tanque de combustível e propulsor motorizado. Quando estava pronta, ele levava Estha e Rahel para os campos de arroz de Nattakom, para ajudá-lo. O modelo nunca voava mais do que um minuto. Mês após mês, os aviões cuidadosamente construídos por Chacko caíam na lama esverdeada dos campos de arroz onde Estha e Rahel chapinhavam, como perdigueiros treinados, para resgatar os destroços.

Uma cauda, um tanque, uma asa.

Uma máquina ferida.

O quarto de Chacko estava cheio de aviões de madeira quebrados. E todo mês chegava um novo modelo. Chacko nunca culpava o modelo pelos desastres.

Foi só depois da morte de Pappachi que Chacko se demitiu de seu emprego de professor no Colégio Cristão de Madras e veio para Ayemenem com seu Remo Balliol e seus sonhos de Barão dos Picles. Ele preferiu receber sua pensão e fundo de previdência de uma vez só, para comprar uma máquina Bharat de fechar frascos. Seu remo (com os nomes de todos os seus colegas de time inscritos em ouro) ficava dependurado de ganchos de ferro na parede da fábrica.

Até a chegada de Chacko, a fábrica era um empresa pequena, mas lucrativa. Mammachi a administrava como se fosse uma grande cozinha. Chacko registrou a fábrica como uma sociedade e informou Mammachi de que ela era o sócio passivo. Ele investiu em equipamento (máquinas enlatadoras, caldeirões, fogões) e expandiu a força de trabalho. Quase imediatamente, começou o declínio financeiro, artificialmente mantido à tona por extravagantes empréstimos bancários que Chacko conseguiu levantar hipotecando os campos de arroz da família em volta da Casa Ayemenem. Embora Ammu trabalhasse na fábrica tanto quanto Chacko, sempre que ele estava tratando com inspetores de alimentos ou engenheiros sanitários referia-se ao negócio como *minha* fábrica, *meus* abacaxis, *meus* picles. Legalmente, era esse mesmo o caso, porque Ammu, como filha, não tinha nenhum direito à propriedade.

Chacko disse a Rahel e Estha que Ammu não tinha *Locusts Stand I*.*

“Graças à sua maravilhosa sociedade machista chauvinista”, Ammu respondeu.

Chacko disse: “O que é seu é nosso e o que é meu é só meu”.

Ele tinha uma risada surpreendentemente aguda para um homem de seu tamanho e peso. E quando ria sacudia-se inteiro, aparentemente sem se mexer.

Até a chegada de Chacko em Ayemenem, a fábrica de Mammachi não tinha nome. Todo mundo chamava os picles e geléias dela de Manga Mole de Sosha, ou Geléia de Banana de Sosha. Sosha era o primeiro nome de Mammachi. Soshamma.

Foi Chacko quem batizou a fábrica de Paraíso, Picles & Polpas e mandou desenhar e imprimir rótulos na gráfica do camarada K. N. M. Pillai. Primeiro, ele queria que a fábrica se chamasse Zeus, Picles & Polpas, mas a idéia foi vetada porque todo mundo disse que Zeus era muito obscuro e não tinha nenhum sentido local, enquanto Paraíso tinha. (A sugestão do camarada Pillai, Parashuram Picles, foi vetada pela razão oposta: sentido local *demais*).

Foi idéia de Chacko mandar pintar uma placa e instalar no bagageiro do teto do Plymouth.

Agora, a caminho de Cochin, a placa sacudia e fazia barulhos, como se estivesse a ponto de cair.

Perto de Vaikom tiveram de parar e comprar um pedaço de corda para amarrá-la com mais firmeza. Isso os atrasou mais vinte minutos e Rahel começou a ficar preocupada, achando que iam chegar tarde em *A noviça rebelde*.

Então, quando chegaram nas cercanias de Cochin, a cancela branca e vermelha da passagem de nível da ferrovia baixou. Rahel tinha certeza de que isso aconteceu só porque ela estava torcendo para que não acontecesse.

Ela ainda não tinha aprendido a controlar suas Esperanças. Estha disse que isso era um Mau Sinal.

E agora iam perder o começo do filme. Quando Julie Andrews aparece

primeiro como um grão de poeira na montanha e vai ficando maior e maior até que explode na tela com aquela voz feito água fresca e o hálito de hortelã.

A placa vermelha na cancela branca e vermelha dizia STOP em letras brancas.

“POTS”, Rahel disse.

Um tapume amarelo dizia BE INDIAN, BUY INDIAN [Seja indiano, compre indiano] em letras vermelhas.

“NAIDNI YUB, NAIDNI EB”, Rahel disse.

Os gêmeos eram precoces com a leitura. Tinham acabado depressa o *Old Dog Tom* [Tom, o cão velho], *Janet and John* e *Ronald Ridout Workbooks* [Exercícios de Ronald Ridout]. De noite, Ammu lia para eles o *Livro da selva*, de Kipling.

*Agora Chil, o gavião, guarda a noite
que Mang, o morcego, liberta...*

Os pelinhos de seus braços ficavam arrepiados, dourados à luz da lâmpada de cabeceira. Quando lia, Ammu fazia voz grossa, como a de Shere Khan. Ou fininha, como a de Tabaqui.

Você escolhe coisa nenhuma! Que história é essa de escolher? Pelo touro que matei, será que tenho de implorar aquilo que é meu direito? Sou eu, Shere Khan, quem está falando!

“E sou eu, Raksha (o Demônio), quem responde”, os gêmeos gritavam alto. Não juntos, mas quase.

O filhote de homem é meu, Lungri, meu para mim! Não deve ser morto. Deve viver para correr com Pack e caçar com Pack; e no final, veja bem, caçador de filhotinhos nus, comedor de sapos, matador de peixes, ele vai caçar você!

Baby Kochamma, encarregada da educação dos dois, tinha lido para eles a versão de *A tempestade*, resumida por Charles e Mary Lamb.

“Suga a abelha e sugo eu”, Estha e Rahel ficavam dizendo. “Durmo em uma flor de mel.”

Por isso, quando a missionária australiana miss Mitten, amiga de Baby Kochamma, que veio visitar Ayemenem, deu para Estha e Rahel um livro de crianças, *As aventuras de Susie Esquilo*, eles ficaram profundamente ofendidos. Primeiro, eles leram de começo a fim. Miss Mitten, que pertencia a uma seita de renascimento cristão, disse que ficou um Pouco Decepcionada quando os dois leram o livro em voz alta para ela, de trás para a frente.

“sA sarutneva ed eisuS oliuqsE. arE amu aleb ābnam ed arevamirp odnauq eisuS oliuqsE uodroca.”

Eles mostraram a miss Mitten que dava para ler *malayalam* e *Madam I'm Adam* [Madame, eu sou Adão] tanto de frente para trás como de trás para a frente. Ela

não achou nada engraçado e acabou revelando que nem sabia o que era *malayalam*. Eles contaram que era a língua que todo mundo falava em Kerala. Ela disse que tinha a impressão de que se chamava keralês. Estha, que tinha antipatizado intensamente com miss Mitten, disse que achava aquilo uma Impressão Altamente Burra.

Miss Mitten reclamou com Baby Kochamma da grosseria de Estha e de sua leitura invertida. Disse a Baby Kochamma que tinha visto Satã nos olhos dele. *ãtaS son soblo eled.*

Eles tiveram de escrever *Não vamos mais ler de trás para a frente. Não vamos mais ler de trás para a frente.* Cem vezes. De frente para trás.

Uns meses depois, miss Mitten foi morta por um furgão de entrega de leite em Hobart, em frente a uma quadra de críquete. Para os gêmeos havia uma certa justiça oculta no fato de o furgão de entrega de leite estar dando *marcha a ré.*

* * *

Havia outros carros e ônibus parados de ambos os lados da passagem de nível. Uma ambulância que dizia *Hospital do Sagrado Coração* estava cheia, com um grupo de pessoas a caminho de um casamento. A noiva estava olhando pela janela de trás, o rosto parcialmente escondido pela tinta descascada da imensa cruz vermelha.

Os ônibus todos tinham nomes de mulheres. Luckykutty, Mollykutty, Beena Mol. Em *malayalam*, Mol quer dizer Menininha e Mon, Menininho. Beena Mol estava cheia de peregrinos que tinham raspado as cabeças em Tirupati. Rahel conseguia enxergar uma fileira de cabeças raspadas pela janela do ônibus, acima das marcas de vômito a espaços regulares. Ela não tinha nunca vomitado. Nem uma vez. Estha tinha, e quando vomitou, a pele dele ficou quente e brilhante, e os olhos desamparados e bonitos, e Ammu gostou dele mais do que sempre. Chacko disse, uma vez, que a saúde de Estha e Rahel era indecente. E a de Sophie Mol também. Ele disse que isso era porque eles não haviam sofrido com os Casamentos Consangüíneos como a maioria dos cristãos sírios. E parses.

Mammachi disse que os netos dela sofriam de uma coisa muito pior do que Casamentos Consangüíneos. O que ela queria dizer era que tinham pais divorciados. Como se essas fossem as duas únicas possibilidades de escolha para as pessoas: Casamento Consangüíneo ou Divórcio.

Rahel não tinha bem certeza do que é que sofria, mas de vez em quando ensaiava caras tristes e suspiros na frente do espelho.

“*O que agora faço é uma coisa muito, muito melhor do que tudo que já fiz*”, ela dizia a si mesma, triste. Era Rahel fazendo o papel de Sydney Carton fazendo o papel de Charles Darnay, parado nos degraus, esperando para ser guilhotinado, na versão em quadrinhos de *Uma história de duas cidades*, da Clássicos Ilustrados.

Ela imaginou o que poderia ter feito os peregrinos vomitarem com tanta uniformidade, e se tinham todos vomitado juntos, numa leva única, bem orquestrada (com música, talvez, ao ritmo de um *bhajan*), ou separadamente, um de cada vez.

Primeiro, quando a passagem de nível havia acabado de fechar, o ar estava cheio dos ruídos impacientes dos motores em ponto morto. Mas quando o funcionário que cuidava do cruzamento saiu de sua cabina, com as pernas curvadas para trás e com passo frouxo e ondulante foi para a barraca de chá e avisou que a espera ia ser longa, os motoristas desligaram os motores e saíram para dar um passeio, esticar as pernas.

Com um sinal desconjuntado de sua cabeça entediada e sonolenta, a Divindade da Passagem de Nível conclamou mendigos com curativos, homens com bandejas vendendo pedaços de coco frescos e *parippu vadas* em folhas de bananeira. E refrescos. Coca-Cola, Fanta, Rosemilk.

Um leproso com bandagens imundas veio mendigar na janela do carro.

“Isso aí está me parecendo mercurocromo”, Ammu disse, diante do sangue brilhante.

“Meus parabéns”, Chacko disse. “Falou como uma verdadeira pequenoburguesa.”

Ammu sorriu e eles se apertaram as mãos, como se ela realmente tivesse recebido um Certificado de Honra ao Mérito por ser uma Genuína Burguesa franca e honesta. Os gêmeos prezavam como um tesouro momentos como esse e os guardavam como contas preciosas num colar (que não tinha muitas).

Rahel e Estha espremeram os narizes contra as janelas laterais do Plymouth. Cobiçados marshmallows com crianças enevoadas por trás deles. Ammu disse “Não”, com firmeza e convicção.

Chacko acendeu um Charminar. Inalou profundamente e depois tirou um fiapo de tabaco da boca com a língua.

Dentro do Plymouth, não era fácil para Rahel enxergar Estha, porque Baby Kochamma estava no meio dos dois como uma montanha. Ammu tinha insistido que os dois sentassem separados para impedir que brigassem. Quando brigavam, Estha chamava Rahel de Inseto Refugiado. Rahel o chamava de Elvis a Pélvis e fazia uma dança retorcida, engraçada, que deixava Estha furioso. Quando tinham brigas físicas sérias, as forças dos dois se equilibravam a tal ponto que as brigas não acabavam nunca, e as coisas que encontravam pela frente, abajures, cinzeiros e jarras de água, eram quebradas ou danificadas para sempre.

Baby Kochamma estava apoiada no encosto do banco da frente com os dois braços. Quando o carro andava, a gordura de seu braço balançava como roupa muito molhada ao vento. Agora estava dependurada como uma cortina de carne, separando Estha de Rahel.

Do lado de Estha, à beira da estrada, ficava a barraca que vendia chá e biscoitos de glucose chochos em vitrinas foscas, cheias de moscas. Havia limonada

efervescente em garrafas grossas com rolhas de bolinha de gude azul para conservar o gás. E uma geladeira vermelha que dizia em letras tristes *Tudo vai melhor com Coca-Cola*.

Murlidharan, o lunático da passagem de nível, estava trepado de pernas cruzadas, perfeitamente equilibrado em cima da placa. Seu saco e pênis, dependurados, balançavam apontando o letreiro que dizia:

COCHIN

23

Murlidharan estava nu, a não ser por um saco plástico que alguém tinha enfiado na sua cabeça como um chapéu de cozinheiro transparente, através do qual ainda se via a paisagem, distorcida, em forma de cozinheiro, mas ininterrupta. Ele não podia tirar o chapéu nem que quisesse, porque não tinha braços. Os braços tinham sido arrancados numa explosão em Cingapura, em 42, logo na primeira semana depois que ele fugiu de casa para se juntar aos batalhões combatentes do Exército Nacional Indiano. Depois da Independência, ele se registrou como Lutador Pela Liberdade Classe 1 e recebeu um passe de trem de primeira classe grátis para toda a vida. Isso ele também tinha perdido (junto com a saúde mental), de forma que não podia mais viver nos trens ou nos salões-restaurantes das estações de trem. Murlidharan não tinha casa, não tinha portas a trancar, mas levava suas velhas chaves presas cuidadosamente em volta da cintura. Numa penca reluzente. Sua cabeça era cheia de armários, lotados de prazeres secretos.

Um despertador. Um carro vermelho com buzina musical. Uma caneca vermelha para o banheiro. Uma esposa com um diamante. Uma pasta com papéis importantes. Uma volta do escritório para casa. Um *Desculpe, coronel Sabhapathy, mas acho que já disse o que tinha de dizer*. E flocos de banana crocantes para as crianças.

Ele ficava olhando os trens irem e virem. Ele contava suas chaves.

Ele ficava olhando os governos subirem e caírem. Ele contava suas chaves.

Ele olhava as crianças enevoadas nas janelas dos carros com narizes de marshmallow.

Os desabrigados, os desamparados, os doentes, os miúdos e perdidos, todos desfilavam diante de sua janela. E ele a contar suas chaves.

Nunca tinha bem certeza de que armário ia ter de abrir, ou quando. Sentava-se na placa fervendo com o cabelo emaranhado e olhos como janelas, e ficava contente de desviar os olhos às vezes. De ter suas chaves para contar e conferir.

Os números lhe bastavam.

O torpor era bom.

Murlidharan mexia os lábios quando contava e enunciava palavras bem formadas.

Onner.

Runder.

Moonner.

Estha observou que os cabelos da cabeça dele eram grisalhos e encaracolados, que os pêlos das axilas arejadas, sem braços, formavam um tufo preto e que os pêlos do púbis eram pretos e crespos. Um homem com três tipos de pêlo. Estha imaginou como podia ser uma coisa dessas. Tentou descobrir a quem perguntar.

* * *

A Espera foi enchendo Rahel até que ela estava pronta para explodir. Olhou o relógio. Dez para as duas. Pensou em Julie Andrews e Christopher Plummer se beijando com os rostos inclinados para os narizes não se chocarem. Imaginou se as pessoas sempre se beijavam assim de lado. Tentou descobrir a quem perguntar.

Então, de longe, veio vindo um zumbido na direção do tráfego parado e encobriu tudo como um manto. Os motoristas que estavam esticando as pernas voltaram para os veículos e bateram as portas. Os mendigos e vendedores desapareceram. Em questão de minutos não havia mais ninguém na estrada. Só Murlidharan. Encarapitado, com a bunda em cima da placa fervendo. Impassível e só um pouquinho curioso.

Houve uma agitação. E apitos de polícia.

Do final da fila de tráfego parado do lado oposto, apareceu uma coluna de homens, com bandeiras vermelhas e faixas e um zumbido que crescia e crescia.

“Subam os vidros”, Chacko disse. “E fiquem calmos. Eles não vão fazer nada com a gente.”

“Por que não vai com eles, camarada?”, Ammu perguntou a Chacko. “Eu dirijo.”

Chacko não respondeu. Um músculo tensionou-se debaixo do rolo de gordura de seu queixo. Ele jogou fora o cigarro e subiu o vidro da janela.

Chacko dizia-se marxista. Ele convidava moças bonitas que trabalhavam na fábrica para ir à sala dele e, com o pretexto de ensinar seus direitos trabalhistas e leis sindicais, flertava com elas descaradamente. Chamava as moças de camaradas e insistia para que o chamassem de camarada também (o que lhes provocava risos). Para grande constrangimento delas e aflição de Mammachi, ele as fazia sentar-se com ele à mesa e tomar chá.

Uma vez, chegou a levar um grupo delas para as aulas de Sindicalismo que eram dadas em Alleppey. Foram de ônibus e voltaram de barco. Voltaram alegres, com pulseiras de contas de vidro e flores nos cabelos.

Ammu disse que isso tudo era bobagem. Um simples caso de um príncipe mimado brincando de *Camarada! Camarada!* Um avatar de Oxford com a velha

mentalidade de *zamindar*, um senhor feudal impondo sua presença a mulheres que dependiam dele para ganhar a vida.

Quando os manifestantes se aproximaram, Ammu subiu o vidro de sua janela. Estha da dele. Rahel da dela. (Com dificuldade, porque o botão preto da manivela tinha caído.)

De repente, o Plymouth azul-celeste parecia absurdamente opulento na estrada estreita, esburacada. Como uma mulher gorda se apertando num corredor estreito. Como Baby Kochamma na igreja, a caminho do pão e do vinho.

“Baixem os olhos!”, Baby Kochamma disse, quando os primeiros participantes da marcha chegaram perto do carro. “Evitem olhar nos olhos deles. Eles acham que é provocação.”

Na lateral de seu pescoço, uma veia pulsava.

Minutos depois, a estrada estava tomada por milhares de manifestantes. Ilhas automobilísticas num rio de gente. O ar vermelho de bandeiras, que subiam e desciam quando os manifestantes se abaixavam para passar pela cancela e atravessaram os trilhos como uma onda vermelha.

O som de mil vozes se espalhou por cima do tráfego congelado como um Guarda-Chuva Sonoro.

Inquilab Zindabad!

Thozhilali Ekta Zindabad!

“Viva a Revolução!”, gritavam. “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”

Nem mesmo Chacko conseguia explicar de verdade por que o Partido Comunista era tão mais forte em Kerala do que em qualquer outro lugar da Índia, com exceção talvez de Bengala.

Havia várias teorias conflitantes. Uma dizia que tinha a ver com a grande população de cristãos daquele estado. Vinte por cento da população de Kerala era de cristãos sírios, que acreditavam serem descendentes dos cem brâmanes convertidos ao cristianismo por São Tomás, o Apóstolo, quando ele viajou pelo Oriente depois da Ressurreição. O que esse argumento algo rudimentar defendia era que, estruturalmente, o marxismo não passava de um substituto para o cristianismo. Substituir Deus por Marx, Satã pela burguesia, o Céu por uma sociedade sem classes, a Igreja pelo Partido, e a forma e o propósito da jornada continuavam os mesmos. Uma corrida de obstáculos, com um prêmio no fim. Enquanto a mentalidade hindu tinha de fazer ajustes mais complexos.

O problema com essa teoria era que, em Kerala, os cristãos sírios eram, no geral, os ricos, os senhores feudais donos de terra (donos de fábricas de picles), para quem o comunismo representava um destino pior do que a morte. Eles votavam sempre no Partido do Congresso.

Uma segunda teoria dizia que tinha a ver com o nível de alfabetização consideravelmente alto daquele estado. Talvez. Só que o alto nível de

alfabetização *devia-se* em grande parte ao movimento comunista.

O verdadeiro segredo era que o comunismo se insinuara em Kerala insidiosamente. Como um movimento reformista que jamais questionava abertamente os valores tradicionais de uma comunidade vitimada pelo sistema de castas, extremamente tradicional. Os marxistas trabalhavam por *dentro* as divisões de casta e religião, sem nunca questioná-las, sem nunca dar a impressão de questioná-las. Ofereciam uma revolução coquetel. Uma mistura embriagante de marxismo oriental e hinduísmo ortodoxo, temperado com uma dose de democracia.

Embora Chacko não fosse membro de carteirinha do Partido, tinha se convertido cedo e mantinha um apoio comprometido a todas as suas lutas.

Era estudante da Universidade de Délhi durante a euforia de 1957, quando os comunistas venceram a eleição da Assembléia de Estado e Nehru os convidou para fazer parte do governo. O herói de Chacko, o camarada E. M. S. Namboodiripad, o chamejante alto sacerdote brâmane do marxismo em Kerala, tornou-se ministro do primeiro governo comunista democraticamente eleito do mundo. De repente, os comunistas se viram na extraordinária (os críticos diziam absurda) situação de ter de governar um povo e fomentar a revolução ao mesmo tempo. O camarada E. M. S. Namboodiripad desenvolveu sua própria teoria de como chegar a isso. Chacko estudou seu tratado *A transição pacífica para o comunismo* com empenho obsessivo, adolescente, e a concordância nada questionadora de fã ardoroso. O texto estabelecia em detalhes como o governo do camarada E. M. S. Namboodiripad pretendia forçar reformas na distribuição de terras, neutralizar a polícia, subverter o judiciário e “Restringir a Mão do Congresso Reacionário Antipopular do Governo Central”.

Infelizmente, menos de um ano depois, a parte Pacífica da Transição Pacífica chegou ao fim.

Toda manhã, durante o café, o Entomologista Imperial zombava de seu argumentativo filho marxista lendo no jornal as notícias dos choques de rua, greves e incidentes de brutalidade policial que convulsionavam Kerala.

“Então, Karl Marx!”, Pappachi ironizava quando Chacko vinha para a mesa. “O que vamos fazer com esses benditos estudantes agora? Os valentões idiotas estão agitando contra nosso Governo Popular. Devemos acabar com eles? Decerto os estudantes não fazem mais parte do Povo?”

Ao longo dos dois anos seguintes, a discórdia política, alimentada pelo Partido do Congresso e pela Igreja, foi despencando para a anarquia. Quando Chacko terminou seu bacharelado e partiu para Oxford para começar outro, Kerala estava a ponto de uma guerra civil. Nehru desfez o Governo Comunista e anunciou novas eleições. O Partido do Congresso retornou ao poder.

Só em 1967, quase dez anos depois de ter chegado ao poder pela primeira vez, é que o partido do camarada E. M. S. Namboodiripad foi reeleito. Dessa vez, como parte de uma coalizão do que agora eram dois partidos separados: o

Partido Comunista da Índia e o Partido Comunista da Índia (Marxista). O CPI e o CPI(M).

Pappachi já tinha morrido. Chacko já tinha se divorciado. A Paraíso Picles já tinha sete anos.

Kerala sofria os efeitos da fome e de uma temporada sem chuvas. As pessoas estavam morrendo. A fome tinha de ser uma das maiores prioridades de qualquer governo.

Durante o seu segundo mandato, o camarada E. M. S. tratou de implementar a Transição Pacífica com maior sobriedade. O que lhe valeu a ira do Partido Comunista Chinês. Eles o denunciaram por “Cretinismo Parlamentar” e o acusaram de “prover alívio para o povo comprometendo a Consciência Popular, afastando o povo da Revolução”.

Pequim transferiu seu patronato para a facção mais nova, mais militante do CPI(M), os naxalitas, que haviam provocado uma insurreição armada em Naxalbari, uma aldeia de Bengala. Eles organizaram os camponeses em esquadrões de combate, tomaram terras, expulsaram os proprietários e estabeleceram Tribunais Populares para julgar os Inimigos da Classe. O movimento naxalita expandiu-se pelo país e levou o terror a cada coração burguês.

Em Kerala, eles lançaram um sopro de excitação e medo no ar já assustado. No Norte, começaram os assassinatos. Naquele mês de maio, os jornais publicaram uma fotografia borrada de um dono de terras de Palghat que tinha sido amarrado num poste de luz e decapitado. A cabeça estava no chão, a alguma distância do corpo, numa poça escura que podia ser água, podia ser sangue. Era difícil dizer em preto-e-branco. Na luz cinzenta de antes do amanhecer.

Seus olhos surpresos estavam abertos.

O camarada E. M. S. Namboodiripad (*Cachorro Batido, Lacaio Soviético*) expulsou os naxalitas de seu partido e prosseguiu em sua campanha de colocar rédeas no ódio, com propósitos parlamentares.

A marcha que cercou o Plymouth azul-celeste naquele dia de céu azul de dezembro era parte desse processo. Tinha sido organizada pelo Sindicato Trabalhista Marxista de Travancore-Cochin. Seus camaradas em Trivandrum marchariam até o Secretariado para apresentar a Carta de Exigências Populares ao camarada E. M. S. em pessoa. A orquestra fazendo petição ao maestro. As exigências eram de que os lavradores dos campos de arroz, que trabalhavam na terra durante onze horas e meia por dia, das sete da manhã às seis e meia da tarde, tivessem uma hora de pausa para o almoço. Que o salário da mulheres fosse aumentado de uma rúpia e vinte e cinco paise por dia para três rúpias, e o dos homens de duas rúpias e cinqüenta paise para quatro rúpias e cinqüenta por dia. Queriam também que os intocáveis não fossem mais chamados por seu nome de casta. Que *não* fossem chamados de Achoo *Parayan*, ou Kelan *Paravan*, ou Kuttan *Pulayan*, mas simplesmente de Achoo, ou Kelan, ou Kuttan.

Os Reis do Cardamomo, os Condes do Café e os Barões da Borracha, velhos colegas de escola, saíram de suas longínquas propriedades isoladas e foram tomar cerveja gelada no Clube de Vela. Alçaram os copos. “O que importa um nome...”, disseram, e riram para esconder o pânico que aumentava.

Os manifestantes daquele dia eram trabalhadores do partido, estudantes e os trabalhadores comuns. Tocáveis e intocáveis. Em seus ombros carregavam um barril de raiva antiga, incendiado por uma faísca recente. Havia nessa raiva um tom que era naxalita, e novo.

Pela janela do Plymouth, Rahel viu que a palavra que falavam mais alto era *zindabad*. E as veias saltavam em seus pescoços quando a diziam. E os braços que seguravam bandeiras e faixas eram musculosos e duros.

Dentro do Plymouth estava tudo suspenso e quente.

O medo de Baby Kochamma rolava no chão do carro como um charuto úmido, pegajoso. Aquilo era só o começo. O medo que ao longo dos anos ia crescer até consumi-la. Que a levaria a trancar portas e janelas. Que lhe daria dois contornos da linha dos cabelos e duas bocas. O medo dela era também um medo antigo, arcaico. O medo de ficar desamparada.

Ela tentou contar as contas verdes de seu rosário, mas não conseguiu se concentrar. Uma mão aberta bateu no vidro do carro.

Um punho fechado esmurrou o capô azul-celeste fervendo. Ele se abriu. O Plymouth parecia um animal azul, anguloso, num zoológico, pedindo para ser alimentado.

Um pão.

Uma banana.

Outro punho fechado bateu, e o capô se fechou. Chacko abriu o vidro da janela e gritou para o homem que tinha feito aquilo.

“Obrigado, *keto!*”, disse. “*Valarey* obrigado!”

“Não precisa agradecer tanto, camarada”, disse Ammu. “Foi por acaso. Ele não estava tentando ajudar. Como é que ele *podia* saber que dentro deste carro bate um coração verdadeiramente marxista?”

“Ammu”, Chacko disse, a voz firme e deliberadamente casual, “seria possível você evitar aplicar o seu cinismo derrotado a absolutamente tudo?”

O silêncio encheu o carro como uma esponja encharcada. *Derrotado* cortou como uma faca numa coisa macia. O sol brilhava com um suspiro estremecido. Era esse o problema das famílias. Assim como médicos hostis, elas sabiam exatamente onde machucar.

Bem nesse momento, Rahel viu Velutha. O filho de Vellya Paapen, Velutha. Seu amigo mais querido, Velutha. Velutha estava na manifestação com uma

bandeira vermelha. De camisa branca e *mundu*, com veias raivosas no pescoço. Ele nunca usava camisa.

Rahel abriu depressa a janela.

“Velutha! Velutha!”, chamou.

Ele se imobilizou um momento, escutando com a bandeira. O que ouviu foi uma voz conhecida, numa situação muito desconhecida. Rahel, de pé no assento do carro, tinha se debruçado para fora da janela do Plymouth como um chifre solto e oscilante de um herbívoro em forma de carro. Com um chafariz preso por um Amor-em-Tóquio e óculos de sol vermelhos com armação amarela de plástico.

“Velutha! *Ividay!* Velutha!” E ela também tinha veias no pescoço.

Ele desviou de lado e desapareceu rapidamente na raiva que o cercava.

Dentro do carro, Ammu virou-se, e seus olhos estavam furiosos. Estapeou as batatas das pernas de Rahel, que eram a única coisa que sobrava dentro do carro para ser estapeada. As pernas e os pés morenos em sandálias Bata.

“Comporte-se!”, Ammu disse.

Baby Kochamma puxou Rahel para dentro, e ela aterrissou no assento com um baque surpreso. Pensou que tinha havido um mal-entendido.

“Era o Velutha!”, explicou, sorrindo. “E ele estava com uma bandeira!”

A bandeira tinha lhe parecido um equipamento muito importante. A coisa certa para um amigo ter nas mãos.

“Você é uma menina boba que não entende nada!”, Ammu disse.

Aquela raiva súbita, feroz, pregou Rahel no banco do carro. Rahel estava confusa. Por que Ammu estava tão brava? Com quê?

“Mas *era* ele!”, Rahel disse.

“Cale a boca!”, disse Ammu.

Rahel viu que havia uma película de transpiração na testa e no lábio superior de Ammu, e que seus olhos tinham ficado duros, como bolinhas de gude. Como Pappachi na fotografia do estúdio de Viena. (Como a Mariposa de Pappachi vivia, sussurrante, nas veias de seus filhos!)

Baby Kochamma fechou o vidro da janela de Rahel.

Anos depois, numa clara manhã de inverno, ao norte do estado de Nova York, num trem de domingo, saindo da Grand Central para Croton Harmon, isso tudo voltou repentinamente à cabeça de Rahel. Aquela expressão no rosto de Ammu. Como uma peça estranha num quebra-cabeça. Como um ponto de interrogação que vagava pelas páginas de um livro e nunca se assentava no fim de uma frase.

Aquele olhar duro nos olhos de Ammu. O brilho de transpiração no lábio superior. E o frio daquele silêncio súbito, ferido.

O que significava tudo aquilo?

O trem de domingo estava quase vazio. Do outro lado do corredor, uma

mulher de bochechas queimadas de frio e bigode tossia catarros e os enrolava em tiras de jornal que rasgava da pilha de exemplares de domingo que tinha no colo. Ela arrumava os pacotinhos em fileiras retas no assento vazio a sua frente como se estivesse preparando uma banca de catarro. Enquanto trabalhava, conversava consigo mesma numa voz agradável, tranqüilizante.

A memória era aquela mulher no trem. Louca na maneira como remexia coisas escuras num armário e trazia à tona as mais improváveis, um olhar passageiro, um sentimento. O cheiro de fumaça. O limpador de pára-brisa. Os olhos duros de uma mãe. Bem são na maneira como deixava largos espaços de escuro velados. Não lembrados.

A loucura de sua colega de viagem confortou Rahel. Puxou-a para mais perto do útero perturbado de Nova York. Para longe da outra coisa, mais terrível, que a assombrava. *Um cheiro acre de metal, como dos canos do ônibus, e o cheiro das mãos do cobrador de tanto pegar neles. Um jovem com boca de velho.*

Fora do trem, o rio Hudson rebrilhava, e as árvores tinham o colorido vermelhomarrom do outono. Estava só um pouco frio.

“*There is a nipple in the air*”, Larry McCaslin disse a Rahel, e pousou a mão suavemente sobre a sugestão de protesto de seu mamilo através do tecido da camiseta. Ele ficou imaginando por que ela não sorriu.

Ela ficava imaginando por que, ao pensar em sua terra, pensava sempre nas cores da madeira escura, untada, de barcos, e no vazio central das línguas de fogo que tremulavam nos lampiões de latão.

* * *

Era Velutha.

Disso Rahel tinha certeza. Ela o tinha visto. Ele a tinha visto. Ela o reconheceria em qualquer lugar, a qualquer momento. E, se ele não estivesse de camisa, ela o teria reconhecido de costas. Conhecia as costas dele. Tinha sido carregada nelas. Mais vezes do que se podia contar. Ele trazia nas costas uma marca de nascença marrom-clara, na forma de uma folha seca pontuda. E dizia que era uma folha da sorte, que fazia as monções chegarem na data certa. Uma folha marrom nas costas de um homem negro. Uma folha de outono na noite.

Uma folha da sorte que não teria muita sorte.

Velutha não deveria ser carpinteiro.

Ele se chamava Velutha, que quer dizer Branco, em *malayalam*, porque era tão preto. O pai dele, Vellya Paapen, era um *paravan*. Coletor de seiva de palmeira. Tinha um olho de vidro. Estava cinzelando um bloco de granito com um martelo quando uma lasca voou para o seu olho esquerdo e o cortou ao meio.

Quando criança, Velutha vinha junto com Vellya Paapen até a porta dos

fundos da Casa Ayemenem para entregar cocos que haviam apanhado dos coqueiros da propriedade. Pappachi não permitia que *paravans* entrassem em casa. Ninguém permitia. Não tinham permissão para tocar nada que os tocáveis tocavam. Casta Hindus e Casta Cristãos. Mammachi disse a Estha e Rahel que ela se lembrava de uma época, quando era moça, em que o que se esperava dos *paravans* era que engatinhassem para trás com uma vassoura, apagando as próprias pegadas, para que os brâmanes ou cristãos sírios não ficassem impuros ao pisar acidentalmente em cima da pegada de um *paravan*. No tempo de Mammachi, os *paravans*, assim como outros intocáveis, não tinham direito de andar em estradas públicas, não podiam cobrir a parte superior do corpo, não podiam usar guarda-chuva. Tinham de colocar a mão na frente da boca para falar, para desviar seu hálito poluído das pessoas a quem se dirigiam.

Quando os britânicos chegaram a Malabar, um grupo de *paravans*, *pelayas* e *pulayas* (entre eles o avô de Velutha, Kelan) converteu-se ao cristianismo e filiou-se à Igreja Anglicana, para escapar da pecha de intocável. Como maior incentivo receberam um pouco de comida e de dinheiro. Eram conhecidos como os Cristãos de Arroz. Não levou muito tempo para descobrirem que tinham pulado da frigideira para o fogo. Tiveram de fazer suas próprias igrejas, com suas próprias cerimônias, e seus próprios padres. Como favor especial, receberam até o seu próprio bispo pária. Depois da Independência, eles descobriram que não tinham direito a nenhum benefício do governo, como reserva de trabalho ou empréstimos bancários a juros baixos, porque, oficialmente, no papel, eram cristãos e, portanto, sem casta. Era um pouco como varrer as próprias pegadas com uma vassoura. Ou pior, não ter nem o *direito* de deixar pegadas.

Foi Mammachi, que tinha vindo em férias de Délhi e da Entomologia Imperial, quem notou pela primeira vez a excepcional habilidade manual do pequeno Velutha. Velutha tinha onze anos então, quase três anos mais novo que Ammu. Era como um pequeno mágico. Sabia fazer brinquedos complicados, pequenos moinhos, chocalhos, minúsculas caixas de jóias de palha de palmeira; sabia esculpir barcos perfeitos em raízes de mandioca e homenzinhos de castanhas de caju. Ele as trazia para Ammu, sobre a palma da mão (como haviam lhe ensinado), para que ela não tivesse de tocá-lo ao pegar. Mesmo sendo mais novo do que ela, chamava-a de *Ammukutty*, Ammuzinha. Mammachi convenceu Vellya Paapen a mandá-lo para a Escola de intocáveis que o sogro dela, Punnyan Kunju, tinha fundado.

Velutha tinha catorze anos quando Johann Klein, carpinteiro da guilda de carpinteiros da Bavária, veio para Kottayam e passou três anos na Sociedade Missionária Cristã, onde abriu uma oficina para carpinteiros locais. Toda tarde, depois da escola, Velutha pegava um ônibus para Kottayam, onde trabalhava com Klein até o anoitecer. Aos dezesseis anos, Velutha tinha concluído a escola secundária e era um hábil carpinteiro. Tinha suas próprias ferramentas e uma sensibilidade criativa nitidamente germânica. Fez para Mammachi uma mesa de

jantar Bauhaus com doze cadeiras de pau-rosa e uma *chaise-longue* tradicional bávara de jaqueira. Para o teatro de Natal anual de Baby Kochamma, ele fez uma porção de asas de anjos de armação de arame que se encaixavam nas costas das crianças como mochilas, nuvens de papelão para o Anjo Gabriel aparecer entre elas, e uma manjedoura desmontável para o Cristo nascer. Quando o arco prateado do querubim do jardim secou misteriosamente, foi o dr. Velutha quem curou a bexiga dele para Baby Kochamma.

Além de suas habilidades de carpinteiro, Velutha entendia de máquinas. Mammachi (com impenetrável lógica tocável) dizia sempre que, se ele não fosse um *paravan*, podia ter sido engenheiro. Ele consertava rádios, relógios, bombas de água. Cuidava dos encanamentos e de toda a aparelhagem elétrica da casa.

Quando Mammachi resolveu fechar a varanda dos fundos, foi Velutha quem desenhou e construiu as portas de dobrar e deslizar que depois se transformaram na febre de Ayemenem.

Velutha sabia mais sobre as máquinas da fábrica do que qualquer outra pessoa.

Quando Chacko se demitiu de seu trabalho em Madras e voltou para Ayemenem com uma máquina Bharat de fechar frascos, foi Velutha quem a remontou e colocou em funcionamento. Era Velutha quem fazia a manutenção da nova máquina de enlatar e do fatiador automático de abacaxis. Era Velutha quem lubrificava a bomba de água e o pequeno gerador a diesel. Foi Velutha quem construiu as bancadas de corte forradas de alumínio, fáceis de limpar, e as fornalhas ao rés-do-chão para ferver frutas.

O pai de Velutha, Vellya Paapen, porém, era um *paravan* do Velho Mundo. Tinha vivido os Dias de Rastejar para Trás e sua gratidão por Mammachi e sua família por tudo o que fizeram por ele era tão vasta e profunda quanto um rio na cheia. Quando ele sofreu o acidente com a lasca de pedra, Mammachi providenciou e pagou seu olho de vidro. Ele ainda não tinha trabalhado o suficiente para pagar a dívida e, embora sabendo que ninguém esperava isso dele, sabia que jamais pagaria, e sentia que o olho não pertencia a ele. Sua gratidão ampliava seu sorriso e curvava suas costas.

Vellya Paapen temia por seu filho mais novo. Não sabia dizer por que temia por ele. Não era nada que Velutha tivesse feito. Ou dito. Não era o *que* ele dizia, mas a *maneira* como dizia as coisas. Não era o *que* ele fazia, mas a *maneira* como fazia.

Talvez fosse apenas a ausência de hesitação que via nele. Uma segurança não justificada. Na maneira de andar. Na maneira como sustentava a cabeça. Na calma com que oferecia sugestões sem ter sido solicitado. Ou na calma com que descartava sugestões sem dar a impressão de se rebelar.

Embora essas qualidades fossem perfeitamente aceitáveis, talvez até desejáveis, em tocáveis, Vellya Paapen achava que num *paravan* elas podiam ser (e seriam e, de fato, *não poderiam deixar de ser*) tomadas por insolência.

Vellya Paapen tentou alertar Velutha. Mas como não conseguia definir o que o

incomodava, Velutha interpretou mal sua confusa preocupação. Pareceu-lhe que o pai estava ressentido com seu breve treinamento e com suas habilidades naturais. As boas intenções de Vellya Paapen logo degeneraram em repreensões e conflitos e uma sensação geral de desagrado entre pai e filho. Para desespero de sua mãe, Velutha começou a evitar voltar para casa. Trabalhava até tarde. Pescava no rio e assava o peixe numa fogueira. Dormia ao ar livre, nas margens do rio.

Então, um dia, desapareceu. Durante quatro anos, ninguém soube onde ele estava. Houve rumores de que estava trabalhando numa construção para o Departamento de Bem-Estar e Casa Própria em Trivandrum. E, mais recentemente, o inevitável rumor de que tinha se tornado naxalita. Que tinha ido preso. Alguém disse que o viu em Quilon.

Não houve jeito de localizá-lo quando sua mãe, Chella, morreu de tuberculose. Depois, Kuttappen, seu irmão mais velho, caiu de um coqueiro e feriu a coluna. Ficou paralisado e não podia trabalhar. Velutha soube do acidente um ano inteiro depois do acontecido.

Fazia cinco meses que voltara a Ayemenem. Jamais contou onde tinha estado e o que tinha feito.

Mammachi contratou Velutha como carpinteiro da fábrica e encarregado da manutenção geral. Isso provocou grande insatisfação entre os outros operários tocáveis porque, segundo eles, os *paravans* não *podiam* ser carpinteiros. E, sem dúvida, *paravans* pródigos não podiam ser contratados.

Para contentar os outros, e como sabia que ninguém mais ia contratá-lo como carpinteiro, Mammachi pagava a Velutha menos do que pagaria a um carpinteiro tocável, porém mais do que pagaria a um *paravan*. Mammachi não o convidava a entrar na casa (a não ser quando precisava que consertasse ou instalasse alguma coisa). Achava que ele devia ser grato por ter permissão de entrar na fábrica e tocar em coisas que os tocáveis tocavam. Ela dizia que isso era um grande passo para um *paravan*.

Quando voltou para Ayemenem depois dos anos que passou longe de casa, Velutha ainda tinha em si aquele alerta. E segurança. E Vellya Paapen temeu por ele mais do que antes. Mas dessa vez controlou-se. Não disse nada.

Pelo menos até o Terror tomar conta dele. Até ver, noite após noite, um barquinho sendo remado para o outro lado do rio. E não voltar até o amanhecer. Até ver que seu filho intocável tinha tocado. Mais que tocado.

Penetrado.

Amado.

Quando o Terror tomou conta dele, Vellya Paapen foi falar com Mammachi. Com o olho hipotecado, olhava fixo para a frente. Com o olho que era seu, chorou. Uma face brilhava de lágrimas. A outra ficou seca. Ficou sacudindo a cabeça de um lado para outro até Mammachi ordenar que parasse. Tremia como um homem com malária. Mammachi mandou que parasse, mas ele não conseguia, porque não se dá ordens ao medo. Nem mesmo ao medo de um *paravan*. Vellya

Paapen contou a Mammachi o que tinha visto. Pediu o perdão de Deus por ter gerado um monstro. Ofereceu-se para matar o filho com as próprias mãos. Para destruir o que tinha criado.

Na sala ao lado, Baby Kochamma ouviu o barulho e veio ver o que estava acontecendo. Viu Sofrimento e Problemas a caminho, e, secretamente, no fundo do coração, exultou.

Ela disse (entre outras coisas): *Como ela agüentou o cheiro? Você não notou que eles têm um cheiro característico, esses paravans?*

E estremeceu teatralmente, como uma criança que é forçada a comer espinafre. Ela preferia o cheiro irlandês-jesuíta ao cheiro característico de *paravan*.

De longe. De longe.

Velutha, Vellya Paapen e Kuttapen moravam numa cabaninha de laterita, rio abaixo em relação à Casa Ayemenem. Para Esthappen e Rahel, uma corrida de três minutos pelo coqueiral. Eles tinham acabado de chegar a Ayemenem com Ammu e eram novos demais para se lembrar de Velutha antes de ele ter ido embora. Mas nos meses que se passaram desde a volta dele, tinham se tornado seus melhores amigos. Estavam proibidos de visitar a casa dele, mas iam assim mesmo. Ficavam com ele durante horas, agachados, como uma pontuação agachada numa piscina de raspas de madeira, imaginando como ele parecia sempre saber as formas lisas que estavam à sua espera dentro da madeira. Adoravam o jeito como a madeira, nas mãos de Velutha, parecia amolecer e ficar tão flexível quanto massa de modelagem. Ele estava ensinando os dois a usar uma plaina. A casa dele (num dia bom) cheirava a raspas frescas de madeira e a sol. A curry vermelho de peixe com tamarindo preto. O melhor peixe ao curry do mundo, segundo Estha.

Foi Velutha quem fez a vara de pescar mais sortuda que Rahel já tinha tido e ele também quem ensinou Estha e ela a pescar.

E naquele dia de céu azul de dezembro, *foi* ele que ela viu através de seus óculos vermelhos, marchando com uma bandeira vermelha na passagem de nível perto de Cochin.

Assobios agudometálicos da polícia abriram buracos no Guarda-Chuva Sonoro. Pelos buracos irregulares do guarda-chuva, Rahel viu pedaços de céu vermelho. E no céu vermelho gaviões vermelhos e quentes girando, em busca de ratos. Nos olhos amarelos velados deles se refletia a estrada com bandeiras vermelhas marchando. E uma camisa branca num preto preto com uma marca de nascença.

Marchando.

No pescoço de Baby Kochamma, terror, suor e talco misturavam-se, formando uma pasta roxa entre os anéis de gordura. Nos cantos de sua boca, saliva coagulada em pequenos glóbulos brancos. Ela imaginou ver na procissão um homem que parecia com a fotografia dos naxalitas nos jornais, um homem

chamado Rajan, que se dizia ter-se mudado para Palghat. Imaginou que ele olhou diretamente para ela.

Um homem com uma bandeira vermelha e a cara amarrada num nó abriu a porta de Rahel, porque não estava travada. Um bando de homens parou para olhar pela porta aberta.

“Calor, baby?” o homem de cara amarrada perguntou gentilmente a Rahel, em *malayalam*. E depois, rudemente: “Peça pro seu papai comprar um ar-condicionado para você!”, e uivou deliciado com a própria piada e senso de oportunidade. Rahel retribuiu o sorriso, contente de terem tomado Chacko por seu pai. Como uma família normal.

“Não responda!”, Baby Kochamma cochichou, rouca. “Baixe os olhos! Só baixe os olhos!”

O homem com a bandeira voltou a atenção para ela. Ela estava olhando para o chão do carro. Como uma noiva assustada e tímida que tivesse se casado com um estranho.

“Alô, irmã”, o homem disse cuidadosamente em inglês. “Como é seu nome, por favor?”

Como Baby Kochamma não respondeu, ele virou-se para trás, para seus co-perturbadores.

“Ela não tem nome.”

“Que tal Modalali Mariakutty?”, alguém sugeriu com uma risada. Modalali em *malayalam* quer dizer senhor de terras.

“A, B, C, D, X, Y, Z”, um outro disse, sem nenhum propósito.

Mais estudantes se juntaram em volta deles. Todos usavam lenços ou toalhas de mão estampadas de Bombaim em cima da cabeça, para se proteger do sol. Pareciam figurantes escapados do cenário de uma versão *malayalam* de *Sinbad: a última viagem*.

O homem de cara amarrada deu sua bandeira vermelha de presente para Baby Kochamma. “Pegue”, disse. “Segure aí.”

Baby Kochamma pegou, sem olhar para ele.

“Sacuda”, ele ordenou.

Ela teve de sacudir a bandeira. Não tinha escolha. Cheirava a pano novo e a loja. Engomada e empoeirada. Ela tentou sacudir como se não estivesse sacudindo.

“Agora diga *Inquilab Zindabad!*”

“*Inquilab Zindabad*”, Baby Kochamma murmurou.

“Muito bem.”

O bando rolava de rir. Soou um apito agudo.

“Okay então”, o homem disse a Baby Kochamma em inglês, como se tivessem concluído bem um acordo de negócios. “Bye-bye!”

E bateu a porta azul-celeste. Baby Kochamma estremeceu. O grupo em torno do carro se desfez e continuou a marcha.

Baby Kochamma enrolou a bandeira vermelha e jogou no suporte atrás do banco posterior. Colocou o rosário de volta dentro da blusa, onde o guardava junto com seus peitões. Ocupou-se com uma coisa e outra, tentando salvar um pouco de dignidade.

Quando os últimos homens passaram, Chacko disse que estava tudo bem, que podiam abrir os vidros das janelas.

“Tem certeza que era ele?”, Chacko perguntou a Rahel.

“Quem?”, Rahel perguntou, subitamente cautelosa.

“Tem certeza que era Velutha?”

“Hmmm...?”, Rahel disse, ganhando tempo, tentando decifrar a frenética sinalização mental de Estha.

“Eu perguntei se você tem certeza que o homem que viu era Velutha”, Chacko disse, pela terceira vez.

“Ahnn... nsim... nn... nnquase”, Rahel disse.

“Quase certeza?”, Chacko perguntou.

“Não... era quase igual o Velutha”, Rahel disse. “Quase parecido com ele...”

“Então você não tem certeza?”

“Quase não”, Rahel deslizou um olhar para Estha, em busca de aprovação.

“Devia ser ele”, Baby Kochamma disse. “Foi Trivandrum que fez isso com ele. Todos vão para lá e voltam achando que são grandes políticos.”

Ninguém pareceu especialmente impressionado com sua opinião.

“A gente devia vigiar esse sujeito”, Baby Kochamma disse. “Se ele começar essa história de sindicato na fábrica... Eu já andei percebendo uns sinais, uma certa grosseria, uma certa ingratidão... Outro dia, pedi para ele me ajudar com as pedras do meu canteiro oriental e ele...”

“Eu vi o Velutha em casa antes de sair”, Estha disse, com brilho. “Como podia ser ele?”

“Para o bem dele”, Baby Kochamma disse, sombria, “espero que não seja. E da próxima vez, Esthappen, não interrompa.”

Estava chateada de ninguém ter perguntado o que era um canteiro oriental.

Nos dias seguintes, Baby Kochamma focalizou toda a sua fúria em humilhar Velutha em público. Ela se afiou como uma faca. Na cabeça dela, ele foi crescendo até passar a representar a manifestação. E se transformar no homem que a forçou a sacudir a bandeira do Partido Marxista. E no homem que a batizou de Modalali Mariakutty. E em todos os homens que riram dela.

Começou a odiá-lo.

Pela maneira como Ammu sustentava a cabeça, Rahel podia saber que ainda estava zangada. Rahel olhou seu relógio. Dez para as duas. Nada de trem ainda. Encostou o queixo no batente da janela. Sentiu contra a pele a felpa cinzenta do feltro que acolchoava a fenda do vidro da janela. Tirou os óculos para ver

melhor o sapo morto, esmagado na estrada. Estava tão morto e tão esmagado que parecia mais uma mancha em forma de sapo na estrada do que um sapo mesmo. Rahel ficou imaginando se miss Mitten teria sido esmagada por aquele furgão de entrega de leite que a matou até virar uma mancha em forma de miss Mitten.

Com a certeza dos verdadeiros crentes, Vellya Paapen tinha garantido aos gêmeos que não existia no mundo algo como um gato preto. Ele disse que só existiam buracos em forma de gato preto no Universo.

Havia tantas manchas na estrada.

Marchas em forma de miss Mitten esmagada no Universo.

Manchas em forma de sapo esmagado no Universo.

Corvos esmagados que tinham tentado comer as manchas em forma de sapo esmagado no Universo.

Cachorros esmagados que tinham comido as manchas em forma de corvo esmagado no Universo.

Penas. Mangas. Saliva.

Dali até Cochim.

Pela janela do Plymouth, o sol brilhava diretamente em cima de Rahel. Ela fechou os olhos e brilhou de volta para ele. Mesmo por trás de suas pálpebras a luz era intensa e quente. O céu era cor de laranja e os coqueiros eram anêmonas-do-mar ondulando os tentáculos, à espreita para agarrar e comer uma nuvem distraída. Uma cobra manchada transparente com uma língua bifurcada flutuou pelo céu. Depois um soldado romano transparente num cavalo manchado. A coisa mais esquisita dos soldados romanos nas revistas em quadrinhos, segundo Rahel, era o cuidado que eles tomavam com as armaduras e os capacetes, mas, no fim das contas, ficavam com as pernas nuas. Não fazia o menor sentido. Por causa do clima e de todo o resto.

Ammu tinha contado a eles a história de Júlio César, apunhalado por Brutus, seu melhor amigo, no Senado. E como ele caiu no chão com facas enfiadas nas costas e disse: “*Et tu, Brute?* Então, que caia César”.

“Isso mostra”, Ammu disse, “que não se pode confiar em ninguém. Mãe, pai, irmão, marido, melhor amigo. Ninguém.”

Com os filhos, ela disse (quando eles perguntaram), era melhor esperar para ver. Disse que era inteiramente possível, por exemplo, que Estha crescesse e virasse um Porco Chauvinista.

De noite, Estha ficava de pé em cima da cama, com o lençol enrolado no corpo, e dizia: “*Et tu, Brute?* Então, que caia César!”, e despencava na cama sem dobrar os joelhos, como um corpo apunhalado. Kochu Maria, que dormia num colchão no chão, disse que ia reclamar com Mammachi.

“Diga para a sua mãe levar você para a casa do seu pai”, disse ela. “Lá você

pode quebrar quantas camas quiser. Estas camas não são suas. Esta *casa* não é sua.”

Estha levantava-se dentre os mortos, ficava em pé na cama e dizia: “*Et tu? Kochu Maria?* Então, que caia Estha!”, e morria de novo.

Kochu Maria tinha certeza de que *Et tu* era alguma obscenidade em inglês e ficou esperando uma oportunidade para reclamar com Mammachi.

A mulher no carro vizinho estava cheia de farelos de bolacha na boca. O marido acendeu um cigarro torto, pós-bolachas. Exalou duas colunas de fumaça pelas narinas e por um breve instante ficou parecendo um porco-do-mato. Com Voz de Bebê, mrs. Porco-do-Mato perguntou para Rahel como ela se chamava.

Rahel ignorou a mulher e soprou inadvertidamente uma bolha de saliva.

Ammu detestava que eles fizessem bolhas de saliva. Disse que isso a lembrava de Baba. O pai deles. Disse que ele costumava soltar bolhas de saliva e sacudir a perna. Segundo Ammu, só pequenos funcionários se comportavam desse jeito, não aristocratas.

Aristocratas eram gente que não soprava bolhas de saliva, nem sacudia a perna. Nem gorgolejava.

Embora Baba não fosse funcionário, Ammu disse que ele sempre se comportava como se fosse.

Quando estavam sozinhos, às vezes, Estha e Rahel fingiam ser funcionários. Sopravam bolhas de saliva e sacudiam as pernas e gorgolejavam como perus. Lembravam-se do pai, que tinham conhecido entre guerras. Ele, uma vez, tinha deixado os dois tragarem seu cigarro e ficou chateado porque eles chuparam a fumaça e molharam o filtro de saliva.

“Não é um pirulito!”, disse, realmente zangado.

Lembravam-se da raiva dele. E da de Ammu. Lembravam-se de terem sido empurrados pela sala uma vez, de Ammu para Baba, de Baba para Ammu, como bolas de bilhar. Ammu empurrando Estha para longe: “Pronto, fique com um deles. Eu não posso cuidar dos dois”. Depois, quando Estha perguntou sobre isso a Ammu, ela o abraçou e disse que ele não devia imaginar coisas.

Na única fotografia dele que tinham visto (que Ammu deixou que vissem uma vez), ele estava vestindo uma camisa branca e óculos. Parecia um jogador de críquete bonito e estudioso. Com um braço segurava Estha nos ombros. Estha estava sorrindo, com o queixo apoiado na cabeça do pai. Ele segurava Rahel apertada ao corpo com o outro braço. Ela parecia enfezada e mal-humorada, com as perninhas de bebê dependuradas. Alguém tinha pintado rodela cor-de-rosa nas bochechas deles.

Ammu disse que ele só tinha carregado os dois para tirar a fotografia e que mesmo então estava tão bêbado que ela ficou com medo que os derrubasse. Ammu disse que ela estava bem ali, fora da foto, pronta para pegar os dois se ele derrubasse. Mesmo assim, a não ser pelas bochechas, Estha e Rahel achavam que era uma fotografia bonita.

“Querem parar com isso!”, Ammu disse, tão alto que Murlidharan, que tinha descido da placa para espiar dentro do Plymouth, deu um pulo para trás, os cotos de braços sacudindo, alarmados.

“Com o quê?”, Rahel perguntou, entendendo imediatamente com o quê. Com a bolha de saliva. “Desculpe, Ammu.”

“Desculpas não ressuscitam ninguém”, Estha disse.

“Ah, pare com isso!”, Chacko disse. “Você não pode mandar no que ela faz com a própria *saliva!*”

“Não se meta”, Ammu respondeu.

“É que desperta lembranças”, Estha, com sua sabedoria, explicou para Chacko.

Rahel colocou os óculos de sol. O Mundo ficou furiosamente colorido.

“Tire esses óculos ridículos!”, Ammu disse.

Rahel tirou seus óculos ridículos.

“É fascista, o jeito que você trata os dois”, Chacko disse. “Até as crianças têm certos direitos, pelo amor de Deus!”

“Não usar Seu santo nome em vão”, Baby Kochamma disse.

“Não é em vão”, Chacko disse. “É por uma razão muito boa.”

“Pare de fazer pose de Grande Salvador para as crianças!”, Ammu disse. “Na hora do vamos ver, você não liga a mínima para elas. Nem para mim.”

“E deveria?”, Chacko perguntou. “Elas são responsabilidade *minha?*” Ele disse que Ammu e Estha e Rahel eram como pedras de moinho dependuradas do pescoço dele.

A parte de trás das pernas de Rahel estava molhada de suor. Sua pele escorregava no couro plástico do assento do carro. Ela e Estha entendiam de pedras de moinho. Em *O grande motim* as pessoas morriam no mar, eram enroladas em lençóis brancos e jogadas do convés com pedras de moinho amarradas no pescoço para que os corpos não flutuassem. Estha não conseguia entender como eles decidiam quantas pedras levar ao partir de viagem.

Estha reclinou a cabeça.

Seu topete tinha desmanchado.

O rugido distante de um trem brotou da estrada manchada de sapo. As folhas de batata-doce de ambos os lados dos trilhos começaram a se sacudir concordando em massa. *Simsimsimsimsim.*

Os maus peregrinos no Beena Mol começaram outro *bhajan*.

“Vou dizer uma coisa, esses hindus”, Baby Kochamma disse, piedosamente, “não têm nenhuma noção de *privacidade.*”

“Eles têm chifres e escamas na pele”, Chacko disse, sarcástico. “E ouvi dizer que os filhos deles nascem de dentro de ovos.”

Rahel estava com dois galos na testa que Estha disse que iam virar chifres. Pelo menos um deles viraria porque ela era meio hindu. Ela não tinha tido a

agilidade de perguntar sobre os chifres *dele*. Porque tudo o que Ela era, Ele era também.

O trem passou, debaixo de uma coluna de densa fumaça negra. Eram trinta e dois vagões, e as portas estavam cheias de jovens com cabelos cortados como capacetes, a caminho da Beirada do Mundo, para ver o que acontecia com as pessoas que caíam para fora. Os que se debruçavam demais caíam eles próprios. Na escuridão agitada, seus capacetes de cabelos viravam pelo avesso.

O trem passou tão depressa que era difícil imaginar por que todo mundo tinha ficado esperando tanto por tão pouco. As folhas de batata-doce continuaram a acenar muito tempo depois de o trem ter passado, como se concordassem inteiramente com ele e não tivessem nenhuma dúvida.

Um véu de poeira de carvão flutuou, descendo como uma bênção suja, e suavemente sufocou o tráfego.

Chacko deu partida no Plymouth. Baby Kochamma tentou se alegrar. Começou a cantar.

*“There’s a sad sort of clanging
From the clock in the Hall
And the bells in the stee-ple too.
And up in the nursery
An abs-urd
Litt-le Bird
Is popping out to say:...”*

[O relógio do salão
tem um triste badalar.
O sino da torre toca também
bam-ba-la-lão
blem-belelém.
E no quarto um passarinho
pula fora do seu ninho:
e canta como um maluco:...]

Ela olhou para Estha e Rahel, esperando que eles dissessem *Cuco*.

Eles não disseram.

Soprou um vento de carro. Árvores verdes e postes telefônicos passaram voando pelas janelas. Pássaros imóveis deslizaram sobre fios oscilantes, como bagagens não reclamadas no aeroporto.

Uma pálida lua diurna estava dependurada no céu e ia aonde eles iam. Grande como a barriga de um homem que bebe cerveja.

* Literalmente, “Grau de Gafanhoto I”. O som da expressão é quase idêntico a *Locus to stand on*: “um lugar para pôr os pés”, “ter um lugar neste mundo”. (N. T.)

3. HOMEM GRANDE, LALTAIN; HOMEM PEQUENO, MOMBATTI

A SUJEIRA TINHA SITIADO a Casa Ayemenem como um exército medieval que avança sobre um castelo inimigo. Coalhada em cada fenda e agarrada aos vidros das janelas.

Nuvens de mosquitinhos dentro de chaleiras. Insetos mortos em vasos vazios.

O assoalho era grudento. As paredes brancas tinham ficado de um cinza irregular. As dobradiças e maçanetas de latão, opacas e gordurosas ao toque. As tomadas pouco usadas, entupidas de fuligem. As lâmpadas cobertas por uma película de óleo. As únicas coisas que brilhavam eram as baratas gigantes que corriam por todo lado, como assistentes envernizados num estúdio de filmagem.

Baby Kochamma tinha parado de perceber essas coisas fazia muito tempo. Kochu Maria, que percebia tudo, tinha parado de se importar.

A *chaise-longue* em que Baby Kochamma se inclinava tinha cascas de amendoim amassadas cravadas nos rasgos do estofamento podre.

Num gesto inconsciente de democracia produzida pela televisão, patroa e criada serviam-se sem olhar da mesma tigela de amendoins. Kochu Maria jogava os amendoins para dentro da boca. Baby Kochamma *colocava* os dela decorosamente dentro da sua.

No programa *The Best of Donahue*, a platéia presente no estúdio assistia à projeção de um clipe em que um artista de rua cantava “Somewhere over the rainbow” numa estação de metrô. Ele cantava com sinceridade, como se acreditasse de fato na letra da canção. Baby Kochamma cantou junto com ele, a voz fina, trêmula, engrossada pela pasta de amendoim. Ela sorria à medida que ia se lembrando da letra. Kochu Maria ficou olhando como se ela tivesse enlouquecido, e agarrou mais que a sua porção devida de amendoins. O cantor jogava a cabeça para trás nas notas altas (o *where* de *somewhere*), e o céu da boca ondulado e cor-de-rosa enchia a tela da televisão. Estava esfarrapado como um astro do rock, mas as falhas nos dentes e a palidez doentia da pele revelavam com eloqüência uma vida de privação e desespero. Ele tinha de parar de cantar toda vez que um trem chegava ou partia, o que ocorria com frequência.

Então as luzes se acenderam no estúdio e Donahue apresentou o sujeito em pessoa, que, na deixa preestabelecida, começou a cantar a canção exatamente do ponto em que tinha parado (por causa de um trem), obtendo assim uma tocante vitória da Melodia sobre o Metrô.

O cantor só foi interrompido de novo no meio da música quando Phil Donahue passou o braço por seus ombros e disse: “Obrigado. Muito obrigado”.

Ser interrompido por Phil Donahue era, evidentemente, muito diferente de ser

interrompido pelo ronco do metrô. Era um prazer. Uma honra.

O público do estúdio aplaudiu e pareceu tocado.

O cantor de rua reluzia da Felicidade do Horário Nobre e por alguns momentos a privação foi parar na última fila. O sonho dele era cantar no show de Donahue, disse, sem perceber que tinha acabado de ser privado exatamente disso.

Existem sonhos grandes e sonhos pequenos. “Homem Grande, Laltain, *sahib*, Homem Pequeno, Mombatti”, dizia dos sonhos um velho *coolie* de Bihar, quando (infallivelmente, ano após ano) ia encontrar a excursão da escola de Estha na estação de trens.

Homem Grande, Lanterna. Homem Pequeno, Vela de Sebo.

Homem Muito Grande, Luz Estroboscópica, era o que ele não dizia. *Homem Pequeno, Estação de Metrô*.

Os Professores ralhavam com o velho enquanto ia se arrastando atrás deles com a bagagem dos meninos, as pernas em arco ainda mais arqueadas, os meninos, cruéis, imitando seu passo. Pinto-entre-Parênteses foi o apelido que lhe deram.

Homem Muito Pequeno, Varizes nas Pernas, ele esquecia de dizer, quando ia embora com menos da metade do preço que tinha pedido e menos de um décimo do que merecia.

Lá fora, a chuva parou. O céu cinzento coalhou e as nuvens se transformaram em pelotes, como enchimento de colchão barato.

Esthappen apareceu na porta da cozinha, molhado (e mais esperto do que era de fato). Atrás dele a grama alta rebrilhava. O cachorrinho parado nos degraus, ao lado dele. Gotas de chuva deslizavam pela calha enferrujada do beiral do telhado, como contas brilhantes de um ábaco.

Baby Kochamma desviou os olhos da televisão.

“Lá vem ele”, anunciou para Rahel, sem se dar ao trabalho de baixar a voz. “Agora veja. Ele não vai falar nada. Vai entrar *direto* para o quarto dele. Veja só!”

O cachorrinho aproveitou a oportunidade e tentou entrar junto. Kochu Maria deu uma batida forte no assoalho com a mão aberta e disse: “! ! *Poda Patti!*”.

Ela parecia um guarda-florestal apontando um animal na mata. Orgulhosa da capacidade de prever seus movimentos. Do conhecimento superior de seus hábitos e predileções.

O cabelo de Estha estava encharcado em nódulos, como as pétalas de uma flor invertida. Tiras de couro cabeludo branco brilhavam entre elas. Fios de água desciam por seu rosto e pescoço. Ele foi para o quarto.

Uma auréola perversa apareceu em torno da cabeça de Baby Kochamma. “Viu?”, ela disse.

Kochu Maria aproveitou a oportunidade para mudar de canal e assistir um

pouco de *Prime Bodies*.

Rahel foi atrás de Estha no quarto. O quarto de Ammu. Ex.

O quarto guardava seus segredos. Não revelava nada. Não havia o desarranjo de lençóis amarrotados, nem sapatos chutados pelo chão, nem uma toalha molhada dependurada do encosto da cadeira. Ou um livro lido pela metade. Era como um quarto de hospital depois da passagem da enfermeira. O chão estava limpo, as paredes brancas. O armário fechado. Os sapatos arrumados. O cesto de papel vazio.

A limpeza obsessiva do quarto era o único sinal positivo de vontade em Estha. A única pálida sugestão de que ele tinha, talvez, algum Propósito na Vida. Um simples murmúrio de que não estava disposto a sobreviver de restos dos outros. Na parede da janela, havia um ferro em cima de uma tábua de passar. Uma pilha de roupas amassadas, dobradas, esperava para ser passada.

O silêncio pendia no ar como uma perda secreta.

Os fantasmas terríveis dos brinquedos impossíveis-de-esquecer dependurados das pás do ventilador de teto. Uma catapulta. Um coala da Qantas (ganho de miss Mitten) com os olhos de botão soltos. Um ganso inflável (explodido pelo cigarro de um policial). Duas canetas esferográficas com paisagens urbanas silenciosas e ônibus londrinos vermelhos que flutuavam para cima e para baixo dentro delas.

Estha abriu a torneira e a água tamborilou num balde plástico. Despiu-se no banheiro cintilante. Tirou o jeans imundo. Duro. Azul-escuro. Difícil de tirar. Puxou a camiseta cor de morangos amassados pela cabeça, braços lisos, esguios, musculosos, cruzados na frente do corpo. Não ouviu a irmã chegar à porta.

Rahel ficou olhando o estômago encolher e a caixa torácica se expandir quando a camiseta molhada desgrudou da pele, deixando-a molhada, cor de mel. Seu rosto e pescoço e um triângulo na base do pescoço eram mais escuros que o resto do corpo. Os braços também eram de duas cores. Mais claros até onde iam as mangas. Um homem marrom-escuro vestido de cor de mel claro. Chocolate com um toque de café. Rosto ossudo e olhos misteriosos. Um pescador num banheiro azulejado de branco, com segredos do mar nos olhos.

Será que ele a tinha visto? Sabia que ela estava ali?

Nunca haviam tido timidez um com o corpo do outro, mas agora estavam mais velhos (juntos) para saber o que era timidez.

Agora eram. Mais velhos.

Velhos.

Uma idade morrível viável.

Que palavra engraçada, *velho*, isolada, Rahel pensou, e disse para si mesma: *Velha.*

Rahel na porta do banheiro. Quadris estreitos. (“Diga que ela vai ter de fazer cesariana!”, disse um ginecologista bêbado ao seu marido, enquanto esperavam o troco num posto de gasolina.) Um lagarto sobre um mapa na camiseta desbotada dela. Longos cabelos rebeldes, com um toque vermelho-escuro de henna, desciam como dedos indisciplinados até a parte baixa de suas costas. O diamante da narina cintilava. Às vezes. E às vezes não. Uma pulseira fina, de ouro, com cabeças de serpente brilhava como um círculo de luz alaranjada em seu pulso. Serpentes finas sussurrando uma para a outra, cabeças juntas. A aliança de casamento da mãe derretida. Uma penugem suavizava as linhas duras de seus braços finos, angulosos.

À primeira vista, ela parecia ter assumido o corpo da mãe. Rosto ossudo. Covinhas fundas quando sorria. Mas era mais alongada, mais dura, mais lisa, mais angulosa do que Ammu tinha sido. Menos atraente talvez para aqueles que gostam de mulheres redondas e macias. Só os olhos eram incontestavelmente mais bonitos. Grandes. Luminosos. *Para se afogar neles*, como tinha dito Larry McCaslin, para descobrir depois o preço dessa frase.

Rahel investigou a nudez do irmão em busca de sinais de si mesma. Na forma dos joelhos. No arco dos pés. Na curva dos ombros. No ângulo em que o braço encontrava o cotovelo. Na maneira como as unhas dos pés se curvavam para cima nas pontas. Nos vales esculturais de ambos os lados das nádegas firmes, bonitas. Ameixas rijas. Bundas de homem nunca engordam. Como uma mochila de escola, elas evocam instantâneas memórias da infância. Duas marcas de vacina nos braços brilhavam como moedas. As dela eram na coxa.

Para menina é sempre na coxa, Ammu dizia.

Rahel ficou olhando Estha com a curiosidade de uma mãe que olha seu bebê molhado. Uma irmã um irmão. Um homem uma mulher. Um gêmeo uma gêmea.

Ela empinava essas diversas pipas ao mesmo tempo.

Ele era um estranho nu encontrado por acaso. Ele era aquele que ela conhecia antes da Vida começar. Aquele que a tinha guiado (nadando) pela boceta de sua mãe adorável.

Ambas as coisas intoleráveis em sua polaridade. Em sua distância inconciliável.

Uma gota de chuva rebrilhava na ponta da orelha de Estha. Grossa, prateada na luz, como uma gota pesada de mercúrio. Ela estendeu a mão. Tocou-a. Tirou-a.

Estha não olhou para ela. Recolheu-se a uma quietude ainda maior. Como se o seu corpo tivesse o poder de trancar os sentidos dentro (num nó, em forma de ovo), longe da superfície da pele, em algum recesso inacessível mais profundo.

O silêncio arrebanhou as saias e subiu, como a Mulher Aranha, pelas paredes escorregadias do banheiro.

Estha colocou as roupas molhadas num balde e começou a lavá-las com um sabão azul-brilhante esfarelado.

4. CINE ABHILASH

O CINE ABHILASH ANUNCIAVA que era o primeiro cinema de Kerala com tela CinemaScope de setenta milímetros. Para capitalizar a façanha, a fachada tinha sido construída como uma réplica em cimento de uma tela curva de cinemascope. No alto (letras de cimento com luzes de néon diziam *Cine Abhilash*, em inglês e em *malayalam*).

Os banheiros se chamavam DELE e DELA. DELA para Ammu, Rahel e Baby Kochamma. DELE para Estha sozinho, porque Chacko tinha ido cuidar das reservas no Hotel Rainha do Mar.

“Você se vira?”, Ammu perguntou, preocupada.

Estha fez que sim.

Pela porta de fórmica vermelha que se fechava sozinha, Rahel seguiu Ammu e Baby Kochamma para dentro do DELA. Ela se virou no chão escorregadio de mármore para acenar para Estha sozinho (com um pente), com seu sapato bege, de bico fino. Estha esperou no saguão de mármore sujo, olhando os espelhos, até a porta vermelha esconder sua irmã. Depois virou-se e entrou no DELE.

No DELA, Ammu sugeriu a Rahel que se equilibrasse no ar para fazer xixi. Disse que as Privadas Públicas eram Sujas. Como Dinheiro. Nunca se sabia quem havia tocado naquilo. Leprosos. Açougueiros. Mecânicos de carro. (Pus. Sangue. Graxa.)

Uma vez, quando foi com Kochu Maria ao açougue, Rahel viu que a nota verde de cinco rúpias que o açougueiro deu de troco tinha um pelotinho de carne vermelha grudado. Kochu Maria limpou o pelotinho com o polegar. O fluido deixou uma marca vermelha. Ela enfiou o dinheiro no sutiã. Dinheiro de sangue com cheiro de carne.

Rahel era muito baixinha para se equilibrar no ar acima da privada, então Ammu e Baby Kochamma a levantaram, as pernas enganchadas nos braços delas. Os pés com sandálias de dedo Bata. Levantados no ar com a calcinha abaixada. Por um momento nada aconteceu e Rahel olhou para a mãe e para a tia-avó com interrogações malandras (e agora?) nos olhos.

“Vai”, Ammu disse. “Shshshshshshsh...”

Shshshsh para o som de Xixi. Mmmmmm para o Som da Música.

Rahel riu. Ammu riu. Baby Kochamma riu. Quando começou a escorrer, as duas ajustaram seu posicionamento aéreo. Rahel não sentiu nenhuma vergonha. Terminou e Ammu pegou o papel higiênico.

“Você ou eu?”, Baby Kochamma disse para Ammu.

“Qualquer uma”, Ammu disse. “Vá você.”

Rahel segurou a bolsa dela. Baby Kochamma levantou o sári todo amassado. Rahel estudou as pernas enormes da tia-avó. (Anos depois, durante uma aula de História na escola: *O imperador Babur tinha compleição clara e coxas que pareciam colunas*, essa cena lhe voltou num flash. Baby Kochamma equilibrada como um grande pássaro flutuando acima de uma privada pública. Veias azuis correndo como um tricô nodoso por suas canelas translúcidas. Joelhos gordos com covinhas. Peludos. Pobres pezinhos carregando tanto peso!) Baby Kochamma esperou metade da metade de um momento. A cabeça para trás. Um sorriso bobo. O seio arfando um pouco. Os peitões dentro da blusa. O traseiro empinado. Quando o som gorgolejante, borbulhante, chegou, ela ficou ouvindo com os olhos. Um riacho amarelo borbulhando por um estreito entre montanhas.

Rahel gostou daquilo. Segurando a bolsa. Todo mundo mijando na frente de todo mundo. Como amigas. Ela ainda não sabia como esse sentimento era precioso. *Como amigas*. Nunca mais ficariam juntas assim. Ammu, Baby Kochamma e ela.

Quando Baby Kochamma terminou, Rahel olhou o relógio. “Você demorou tanto, Baby Kochamma”, disse. “São dez para as duas.” Rahel pensou:

*Rubadub dub
Three women in a tub
Tarry a while said Slow.*

[Trá-lá-rá-lá-leira
Três mulheres numa banheira
Fique mais um pouco, disse o Lento.]

Ela pensava em *Slow* como uma pessoa. *Slow* Kurien. *Slow* Kutty. *Slow* Mol. *Slow* Kochamma.

Lento Kutty. *Rápido* Verghese. *E* Kuriakose. *Três irmãos com caspa*.

Ammu fez o xixi dela num sussurro. Na lateral da privada, então não dava para ouvir. A dureza do pai dela havia sumido de seus olhos e eram os olhos de Ammu outra vez. Estava com covinhas fundas no sorriso e não parecia mais zangada. Nem por causa de Velutha, nem por causa da bolha de saliva.

Era um Bom Sinal.

Estha Sozinho no DELE tinha de mijar em cima das bolas de naftalina e das pontas de cigarro do urinol. Mijar na privada seria uma Derrota. Para mijar no urinol, era muito baixo. Precisava de altura. Procurou Altura em algum canto do DELE, e encontrou. Uma vassoura suja, uma garrafa quase cheia de um líquido leitoso (fenil) com coisas pretas boiando dentro. Um esfregão murcho e duas latas enferrujadas de nada. Podiam ser de produtos Paraíso Pickles. Cubos de abacaxi em calda. Ou fatias. Fatias de abacaxi. Com a honra redimida pelas latas da avó, Estha Sozinho organizou as latas enferrujadas de nada na frente do

urinol. Subiu em cima delas, um pé em cada uma, e mijou cuidadosamente, com um mínimo de erro. Como um Homem. Os tocos de cigarros, úmidos antes, encharcados agora, giravam. Difíceis de acender. Quando terminou, Estha levou as latas para a pia em frente do espelho. Lavou as mãos e molhou o cabelo. Depois, diminuído pelo tamanho do pente de Ammu, grande demais para ele, reconstruiu o topete cuidadosamente. Alisando para trás, depois puxando para a frente e inclinando de lado no finzinho. Guardou o pente no bolso, desceu das latas e colocou-as de volta ao lado da garrafa, do esfregão e da vassoura. Fez uma reverência a eles todos. Para o time todo. A garrafa, a vassoura, as latas, o esfregão murcho.

“Reverência”, disse, e sorriu, porque quando era mais novo achava que tinha de dizer “Reverência” quando fazia uma reverência. Que era preciso *dizer* a palavra para fazer o ato. “Reverência, Estha”, diziam. E ele fazia a reverência e dizia “Reverência”, e as pessoas se olhavam e riam, e ele ficava preocupado.

Estha Sozinho dos dentes de tamanhos diferentes.

Lá fora, esperou pela mãe, irmã e tia-avó. Quando elas saíram, Ammu disse: “Tudo bem, Esthappen?”.

Estha disse: “Tudo bem”, e sacudiu a cabeça com cuidado para não desmanchar o topete.

Tudo bem? Tudo bem. Ele colocou o pente de volta na bolsa dela. Ammu sentiu um súbito aperto de amor por seu filhinho reservado e digno com seu sapato bege de bico fino. Passou os dedos amorosos pelo cabelo dele. E desmanchou o topete.

O Homem da Lanterna Eveready de metal disse que o filme tinha começado, melhor correr. Tiveram de subir depressa os degraus vermelhos com o velho tapete vermelho. Escada vermelha com manchas vermelhas de saliva no canto vermelho. O Homem da Lanterna levantou o *mundu* e o segurou debaixo do saco, com a mão esquerda. Ao subir, os músculos das batatas de suas pernas ficavam duros debaixo da pele, como balas de canhão peludas. Ele levava a lanterna na mão direita. Ele corria com a cabeça.

“Começou faztempo”, disse.

Portanto, tinham perdido o começo. A cortina de veludo rasgada subindo, com lâmpadas nas franjas amarelas embaraçadas. Subindo devagar, e a música teria sido “O passo do elefantinho”, do filme *Hatari*. Ou “A marcha do coronel Bogey”.

Ammu segurava a mão de Estha. Baby Kochamma, resfolegando degraus acima, segurava a de Rahel. Baby Kochamma, curvada ao peso de seus peitões, jamais admitiria a si mesma que estava querendo assistir ao filme. Preferia sentir que estava indo só por causa das crianças. Mentalmente, ela mantinha uma lista cuidadosamente organizada de Coisas Que Ela Fez Pelos Outros e Coisas Que Os Outros Não Fizeram Por Ela.

O que ela mais gostava eram os trechos com as freiras, logo no começo, e

esperava que não tivessem perdido nada. Ammu explicou a Estha e Rahel que as pessoas sempre gostavam mais das coisas com que se *Identificavam*. Rahel achava que ela se Identificava com Christopher Plummer, que fazia o papel de capitão Von Trapp. Chacko não se Identificava nada com ele e o chamava de capitão Von Papo de Trapo.

Rahel estava excitada como um mosquito preso pela coleira. Voando. Sem peso. Dois degraus para cima. Dois para baixo. Subiu cinco lances de escada vermelha para um de Baby Kochamma.

I'm Popeye the sailor man dum dum
I live in a cara-van dum dum
I op-en the door

And Fall-on the floor

I'm Popeye the sailor man dum dum

[Eu sou o marinheiro Popeye dum dum
Eu moro num trailer que vai dum dum
Eu abro o portão

E caio no chão

Eu sou o marinheiro Popeye dum dum]

Um para cima. Dois para baixo. Pulando, pulando.

“Rahel”, Ammu disse, “você ainda não aprendeu a Lição, não é?”

Rahel tinha aprendido: *Agitação Sempre Acaba em Lágrimas*. Dum dum.

Chegaram ao saguão da Platéia da Princesa. Passaram pelo Balcão de Refrescos, onde os refrescos de laranja estavam à espera. E os refrescos de limão estavam à espera. O de laranja laranja demais. O de limão limão demais. Os chocolates derretendo demais.

O Homem da Lanterna abriu a pesada porta da Platéia da Princesa para a escuridão em que girava o ventilador e estalavam amendoins. Tinha cheiro de gente respirando e de óleo de cabelo. E de tapetes velhos. Um cheiro mágico de *A noviça rebelde* de que Rahel se lembrava e adorava. Cheiros, como música, ficam na memória. Ela respirou fundo, e o engarrafou para a posteridade.

Estha ficara com os ingressos. O Homem Pequeno. Ele morava em uma *cara-van*. Dum dum.

O Homem da Lanterna virou a luz para os ingressos cor-de-rosa. Fila J.

Números 17, 18, 19, 20. Estha, Ammu, Rahel, Baby Kochamma. Passaram espremidos por pessoas irritadas que punham as pernas de lado para abrir espaço. Os assentos das poltronas tinham de ser abaixados. Baby Kochamma segurou o assento de Rahel abaixado para ela subir. Ela era muito leve, de forma que a cadeira se dobrou com ela dentro, como recheio de sanduíche, e ela ficou assistindo por entre os joelhos. Dois joelhos e um chafariz. Estha, com mais dignidade, sentou-se na ponta da cadeira.

As sombras dos ventiladores se projetavam nos lados da tela onde não havia filme passando.

Fora com a lanterna. Em frente com o Sucesso Mundial.

A câmara voava no céu azul (cor de carro) da Áustria ao som claro e triste de sinos de igreja.

Lá embaixo, no solo, no pátio do convento, as pedras do calçamento brilhavam. As freiras caminhavam por elas. Como charutos lentos. Freiras caladas, reunidas em torno da Reverenda Madre, que nunca lia as cartas delas. Reunidas como formigas em volta de um farelo de torrada. Charutos em volta da Rainha Charuto. Sem pêlos nos joelhos. Sem peitões dentro das blusas. E com hálitos de hortelã. Elas tinham reclamações a fazer à Reverenda Madre. Reclamações suavemente cantadas. De Julie Andrews, que ainda estava lá no alto da montanha, cantando “The hills are alive with the sound of music” [As montanhas vibram com o som de música] e estava, mais uma vez, atrasada para a missa.

She climbs a tree and scrapes her knee

[Ela sobe na árvore e esfola o joelho]

as freiras denunciavam musicalmente.

*Her dress has got a tear.
She waltzes on her way to Mass
And whistles on the stair...*

[Está com a roupa rasgada.
Ela dança a caminho da missa
e assobia na escada...]

Os espectadores estavam se virando para trás.

“Shhh!”, diziam.

Shh! Shh! Shh!

*And underneath her wimple
she has curlers in her hair!*

[E debaixo da touca
usa rolos no cabelo!]

Havia uma voz fora do filme. Límpida e sincera, cortando a escuridão de ventilador e amendoins. Havia uma freira na platéia. As cabeças se viravam como tampas de garrafa. Nucas de cabelos pretos se transformavam em rostos com bocas e bigodes. Bocas ciciantes com dentes de tubarão. Muitas. Como selos num cartão-postal.

“Shh!”, diziam juntas.

Era Estha quem estava cantando. Uma freira com um topete. Uma Freira Elvis Pélvis. Ele não conseguia evitar.

“Tira esse menino daí!”, o Público gritou quando descobriu que era ele.

Calaboca ou váprafora. Prafora ou Calaboca.

A Platéia era um Homem Grande. Estha, um Homem Pequeno, com os ingressos.

“Estha, pelo amor de Deus, fique quieto!”, Ammu sussurrou, feroz.

Então Estha calou-se. As bocas e os bigodes se viraram. Mas então, sem aviso prévio, a canção voltou, e Estha não conseguiu se controlar.

“Ammu, posso sair e cantar lá fora?”, Estha perguntou (antes que Ammu lhe desse um tabefe). “Volto depois da música.”

“Nunca mais me peça para trazer você de novo”, Ammu disse. “Está matando a gente de vergonha.”

Mas Estha não podia impedir. Levantou-se para sair. Passando por Ammu zangada. Por Rahel concentrada entre os joelhos. Por Baby Kochamma. Pela Platéia que teve de mexer as pernas de novo. Pracáepalá. O letreiro luminoso vermelho em cima da porta dizia SAÍDA. Estha SAIDOU.

No saguão, os refrescos de laranja estavam esperando. Os refrescos de limão estavam esperando. Os chocolates derretidos estavam esperando. Os sofás de couroplástico azul-elétrico estavam esperando. Os cartazes de *A seguir!* Estavam esperando.

Estha Sozinho sentou-se no sofá-carro de couroplástico azul-elétrico, no saguão da Platéia da Princesa do Cine Abhilash, e cantou. Numa voz de freira, límpida como água.

*But how do you make her stay
And listen to all you say?*

[Mas como fazê-la parar
Pra ouvir o que a gente fala?]

O homem atrás do Balcão de Refrescos, que estava dormindo em cima de uma

fileira de bancos altos, esperando o intervalo, acordou. E viu, com olhos gomosos, Estha Sozinho em seus sapatos bege de bico fino. E seu topete desmanchado. O Homem limpou o balcão de mármore com um trapo cor de sujeira. E esperou. E esperando ele limpava. E limpando ele esperava. E olhava Estha cantando.

*How do you keep a wave upon the sand?
Oh, how do you solve a problem like Maree... yah?*

[Como reter uma onda na praia?
Oh, como resolver um problema como Marii... ia?]

“Ô! *Eda cherukka!*”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão, numa voz rasqueada, grossa de sono. “O que é que você pensa que está fazendo?”

*How do you hold a
moonbeam
in your hand?*

[Como pegar
com a mão
um raio de luar?]

Estha cantava.

“Ei!”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse. “Olhe aqui, está na hora do meu descanso. Eu logo vou ter de acordar e trabalhar. Você não pode ficar cantando em inglês aqui, não. Pare com isso.” O relógio de ouro ficava quase escondido nos pêlos crespos de seu braço. A corrente de ouro ficava quase escondida nos pêlos do peito. A camisa branca de Terylene estava desabotoada até onde começava a barriga. Ele parecia um urso nada amistoso, cheio de jóias. Atrás dele havia espelhos para as pessoas se olharem enquanto compravam refrescos. Para arrumar os topetes e arranjar os coques. Os espelhos observavam Estha.

“Eu podia fazer uma Reclamação por Escrito contra você”, o Homem disse para Estha. “Que tal? Uma Reclamação por Escrito?”

Estha parou de cantar e levantou-se para voltar para dentro.

“Agora que já levantou”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse, “agora que você já me acordou do meu Descanso, agora que já me *incomodou*, pelo menos venha tomar um refresco. É o mínimo que você pode fazer.”

Ele tinha a cara queixuda, a barba por fazer. Os dentes, amarelos como teclas de piano, vigiavam Elvis Pélvis.

“Não, muito obrigado”, Estha respondeu educadamente. “Minha família está me

esperando. E minha mesada já acabou.”

“Mesada?”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse, com os dentes ainda vigilantes. “Primeiro música em inglês e agora mesada! De onde é que você veio? Da lua?”

Estha virou-se para voltar para dentro.

“Espere aí!”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse, duro. “Espere aí!”, repetiu, mais brando. “Acho que fiz uma pergunta.”

Os dentes amarelos eram ímãs. Eles enxergavam, sorriam, cantavam, cheiravam, mexiam. Eles hipnotizavam.

“Perguntei de onde veio”, ele disse, tramando a sua teia ma-léfica.

“De Ayemenem”, Estha disse. “Moro em Ayemenem. Minha avó é dona da Paraíso, Pickles & Polpas. Ela é o Sócio Passivo.”

“Ah, é mesmo?”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão. “Passiva para quem?” E riu um riso mau que Estha não entendeu. “Esqueça. Você não ia entender. Venha e tome um refresco. Um Refresco Grátis. Venha. Venha aqui e me conte tudo da sua avó.”

Estha foi. Puxado pelos dentes amarelos.

“Aqui. Atrás do balcão”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão. Ele baixou a voz num sussurro. “Tem de ser segredo porque é proibido tomar refresco antes do intervalo. É Contra as Regras do Cinema.”

E, depois de uma pausa, acrescentou: “Eles podem me castigar”.

Estha foi para trás do Balcão de Refrescos para tomar seu Refresco Grátis. Viu os três bancos altos enfileirados para o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão dormir em cima deles. A madeira brilhante de tanto ele sentar.

“Agora, você pode segurar isto aqui para mim, por gentileza”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão, mostrando para Estha o próprio pênis entre as pregas do *dhoti* de musselina branca. “Vou pegar o seu refresco. Laranja? Limão?”

Estha segurou porque tinha de segurar.

“Laranja? Limão?”, o Homem perguntou. “Limãolaranja?”

“Limão, por favor”, Estha respondeu, educado.

Pegou a garrafa fria com um canudinho. Então, segurava a garrafa numa mão e um pênis na outra. Duro, quente, cheio de veias. Nada parecido com um raio de luar.

A mão do Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão fechou-se em cima da mão de Estha. A unha de seu polegar era comprida como de mulher. Ele mexeu a mão de Estha para cima e para baixo. Primeiro devagar. Depois depressa.

O refrescodelimão era gelado e doce. O pênis era quente e duro.

As teclas de piano vigiavam.

“Então a sua avó tem uma fábrica?”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão perguntou. “Fábrica de quê?”

“De muitos produtos”, Estha respondeu, sem olhar, com o canudinho na boca.

“Polpas, pickles, geléias, curry. Fatias de abacaxi.”

“Bom”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão. “Muito bom.”

A mão dele apertou mais em cima da mão de Estha. Forte e suada. E mais depressa ainda.

*Fast faster fest
Never let it rest
Until the fast is faster
And the faster's fest.*

[Depressa mais depressa sem parar
Nunca descansar
Até o depressa ser mais depressa
E o mais depressa disparar.]

Pelo canudinho de papel empapado (quase chato de saliva e medo) subia a doçura líquida do limão. Soprando pelo canudinho (enquanto sua outra mão mexia), Estha fez bolhas dentro da garrafa. Bolhas de limão docepegajoso que ele não conseguia beber. Dentro da cabeça, fez uma lista dos produtos da avó.

PICLES	POLPAS	GELÉIAS
<i>Manga</i>	<i>Laranja</i>	<i>Banana</i>
<i>Pimentão verde</i>	<i>Uva</i>	<i>Frutas mistas</i>
<i>Abobrinha</i>	<i>Abacaxi</i>	<i>Grapefruit</i>
<i>Alho</i>	<i>Manga</i>	
<i>Lima picante</i>		

Então a cara gorda-barbuda se contorceu e a mão de Estha ficou molhada e quente e pegajosa. De clara de ovo. Clara de ovo clara. Pouco cozida.

O refrescodelimão estava gelado e doce. O pênis estava mole e enrugado como uma bolsinha de couro para moedas. Com o pano cor de sujeira, o homem limpou a outra mão de Estha.

“Agora acabe de beber”, disse, e afetuosamente apertou uma nádega de Estha. Ameixas rijas dentro de calças justas. E sapato bege de bico fino. “Não desperdice o refresco”, disse ele. “Pense em todos os pobres que não têm nada para comer nem beber. Você é um menino rico e sortudo, com mesada, que vai herdar a fábrica da avó. Devia Agradecer a Deus a boa vida. Agora acabe o refresco.”

E assim, atrás do Balcão de Refrescos, no saguão da Platéia da Princesa do Cine Abhilash, a primeira tela CinemaScope de setenta milímetros de Kerala, Esthappen Yako terminou sua garrafa grátis de medo gaseificado sabor limão. Limãolimãodemais, gelado demais. Doce demais. O gás subiu por seu nariz. Ele logo ia ganhar outra garrafa (medo grátis, gaseificado). Mas não sabia disso ainda.

Mantinha a Outra Mão, pegajosa, longe do corpo.

Ela não devia tocar em nada.

Quando Estha terminou o refresco, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse: “Terminou? Muito bem”.

Pegou a garrafa vazia e o canudinho achatado, e mandou Estha de volta para *A noviça rebelde*.

De volta para o escuro com cheiro de óleodecabelo, Estha ia com a Outra Mão cuidadosamente levantada (como se estivesse segurando uma laranja imaginária). Ele passou pela Platéia (as pernas se mexendo paracáeparalá), passou por Baby Kochamma, passou por Rahel (ainda caída para trás), passou por Ammu (ainda chateada). Estha sentou-se, ainda segurando sua laranja pegajosa.

E havia o capitão Von Papo de Trapo. Christopher Plummer. Arrogante. De coração duro. Com a boca parecendo um rasgo. E um assobio agudometálico de polícia. Um capitão com sete filhos. Filhos limpos, como um pacote de balas de hortelã. Ele fingia não gostar deles, mas gostava. Ele amava os filhos. Ele amava ela (Julie Andrews), ela amava ele, eles amavam as crianças, as crianças amavam os dois. Todo mundo se amava. Eram crianças limpas, brancas, com camas macias de E. Dre. Dons.

A casa em que moravam tinha um lago e jardins, uma escada larga, portas e janelas brancas e cortinas de flores.

As crianças brancas e limpas, até as grandes, tinham medo do trovão. Para consolá-las, Julie Andrews pôs todos na sua cama limpa e cantou para eles uma canção limpa sobre algumas das suas coisas favoritas. Estas eram algumas das suas coisas favoritas:

- (1) Meninas de vestidos brancos com cintos de fita azul.
- (2) Gansos selvagens que voavam com luar nas asas.
- (3) Chaleiras de cobre brilhantes.
- (4) Maçanetas e sinos de trenó e *schnitzel* com macarrão.
- (5) Etc.

E então, nas cabeças de certos gêmeos bivitelinos presentes na platéia do Cine Abhilash, surgiram algumas perguntas, que exigiam respostas, i. e.:

(a) *Será que o capitão Von Papo de Trapo sacudia a perna?*

Não sacudia.

(b) *Será que o capitão Von Papo de Trapo soprava bolhas de saliva? Será?*

Com toda a certeza não soprava.

(c) *Será que ele gorgolejava?*

Não.

Oh, capitão Von Trapp, capitão Von Trapp, será que poderia amar aquele menino com a laranja na platéia cheia de cheiros?

Ele tinha acabado de segurar na mão o *sou-sou* do Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão, mas será que você ainda podia amá-lo?

E a irmã gêmea dele? Dobrada para cima com o chafariz preso por um Amor-em-Tóquio? Podia amá-la também?

O capitão Von Trapp também tinha algumas perguntas.

(a) *São crianças brancas e limpas?*

Não. (*Mas Sophie Mol é.*)

(b) *Fazem bolhas de saliva?*

Fazem. (*Mas Sophie Mol não faz.*)

(c) *Sacodem as pernas? Como funcionários?*

Sim. (*Mas Sophie Mol não.*)

(d) *Algum deles, ou ambos, já seguraram o soo-soo de estranhos?*

N... Nsim. (*Mas Sophie Mol não.*)

“Então, desculpe”, disse o capitão Von Papo de Trapo. “Está fora de cogitação. Não posso amar esses dois. Não posso ser o Baba deles. Ah, não.”

O capitão Von Papo de Trapo não podia.

* * *

Estha reclinou a cabeça.

“O que foi?”, Ammu perguntou. “Se vai emburrar de novo, levo você direto para casa. Sente direito. E assista. Foi para isso que eu trouxe você aqui.”

Termine de beber.

Assista o filme.

Pense em todos os pobres.

Menino rico com mesada. E boa vida.

Estha sentou direito e assistiu. Seu estômago se contorceu. Tinha uma sensação verdeondulante, grossolíquida, empelotada, flutuante, como alga, sem fundo-com fundo.

“Ammu?”, ele disse.

“O que foi AGORA?” O *AGORA* foi estalado, latido, cuspidido.

“Estou enjoado”, Estha disse.

“Só enjoado ou vai vomitar?”, a voz de Ammu estava preocupada.

“Não sei.”

“Vamos tentar para ver?”, Ammu perguntou. “Vai se sentir melhor.”

“Okay”, Estha disse.

Okay? Okay.

“Aonde vocês vão?”, Baby Kochamma quis saber.

“Estha vai ver se consegue vomitar”, Ammu disse.

“Aonde vocês vão?”, Rahel perguntou.

“Estou enjoado”, Estha disse.

“Posso ir ver você vomitar?”

“Não”, Ammu respondeu.

Passar pela Platéia de novo (pernas paracáeparalá). Da última vez para cantar.

Dessa vez para tentar vomitar. Sair pela SAÍDA. Lá fora, no saguão de mármore, o homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão estava comendo uma bala. A bochecha inchada com uma bala em movimento. Ele fazia barulhos aspirados, moles, como água correndo pela pia. Havia um papel de bala Parry em cima do balcão. As balas eram grátis para esse homem. Ele tinha uma fileira de vidros foscos de balas grátis. Ele limpava o balcão de mármore com o trapo cor de sujeira que tinha na mão cabeluda do relógio. Quando viu a mulher luminosa de ombros lustrosos e o menininho, uma sombra cruzou seu rosto. Então sorriu seu sorriso de piano portátil.

“Já saiu de novo?”, perguntou.

Estha já estava tendo engulhos. Ammu o levou cambaleante para o banheiro da Platéia da Princesa. DELA.

Ele foi suspenso, preso entre a pia não-limpa e o corpo de Ammu. As pernas balançando. A pia tinha torneiras de metal e marcas de ferrugem. E uma teia marrom de rachaduras finas como cabelos, como o mapa de alguma grande e intrincada cidade.

Estha se retorceu, mas não saiu nada. Só pensamentos. E eles flutuavam para fora e voltavam a flutuar para dentro. Ammu não podia vê-los. Eles pairavam como nuvens de tormenta sobre a Cidade Pia. Mas os homens pia e as mulheres pia continuavam com seus negócios pia. Carros pia e ônibus pia ainda circulavam. A Vida Pia prosseguia.

“Não?”, Ammu perguntou.

“Não”, Estha disse.

Não? Não.

“Então lave o rosto”, Ammu disse. “Água sempre ajuda. Lave o rosto e vamos tomar uma limonada com gás.”

Estha lavou o rosto e as mãos e rosto e mãos. Seus cílios estavam molhados e grudados.

O Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão dobrou o papel de embalagem verde da bala e frisou a dobra com sua unha do polegar esmaltada. Ele bateu numa mosca com uma revista enrolada. Delicadamente, jogou-a pela beirada do balcão para o chão. Ela caiu de costas e sacudiu as pernas finas.

“Belo menino, esse”, disse ele a Ammu. “Canta muito bem.”

“É meu filho”, Ammu disse.

“É mesmo?”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão, e olhou para Ammu com seus dentes. “É mesmo? Você não parece ter idade para isso!”

“Ele não está se sentindo bem”, Ammu disse. “Acho que um refresco gelado vai fazer bem.”

“Claro”, disse o Homem. “Claroclaro. Laranjalimão? Limãolaranja?”

Pergunta odiosa, odiada.

“Não, obrigado.” Estha olhou para Ammu. Verde ondulante, com algas, sem fundo-com fundo.

“E você?”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão perguntou para Ammu. “Coca-ColaFanta? SorveteRosemilk?”

“Não. Para mim não. Obrigada”, Ammu disse. Mulher de covinhas, luminosa.

“Olhe aqui”, disse o Homem, com um punhado de balas, como uma aeromoça generosa. “Para o seu pequeno Mon.”

“Não, obrigado”, Estha disse, olhando para Ammu.

“Pegue, Estha”, Ammu disse. “Não seja malcriado.”

Estha pegou.

“Diga Obrigado”, Ammu disse.

“Obrigado”, disse Estha. (Pelas balas, pela clara de ovo clara.)

“De nada”, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão disse em inglês. “Então! O Mon disse que vocês são de Ayemenem?”

“É”, Ammu respondeu.

“Eu vou sempre lá”, disse o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão. “A família de minha mulher é de Ayemenem. Eu sei onde fica a fábrica de vocês. Paraíso Pickles, não é? Ele me contou. Seu Mon.”

Ele sabia onde encontrar Estha. Era isso que estava querendo dizer. Era um aviso.

Ammu viu os olhos do filho brilhantes, febris, como botões.

“Temos de ir”, disse. “Ele não pode ficar doente. A prima deles chega amanhã”, ela explicou para o Tio. E acrescentou, casualmente: “De Londres”.

“De Londres?” Um novo respeito brilhou nos olhos do Tio. Por uma família que tinha ligações com Londres.

“Estha, você fica aqui com o Tio. Eu vou buscar Baby Kochamma e Rahel”, Ammu disse.

“Venha”, disse o Tio. “Venha sentar comigo no banquinho.”

“Não, Ammu! Não, Ammu, não! Quero ir com você!”

Ammu, surpresa com a insistência estranhamente estridente do filho geralmente quieto, desculpou-se com o Tio do Refrescodelaranja Refrescodelimão.

“Ele não é sempre assim. Então venha, Esthappen.”

O cheiro lá de dentro de novo. Sombras de ventilador. Nucas. Pescoços. Colarinhos. Cabelos. Coques. Tranças. Rabos-de-cavalo.

Um chafariz com um Amor-em-Tóquio. Uma menininha e uma ex-freira.

Os sete filhos de hortelã do capitão Von Trapp tinham tomado seus banhos de hortelã e estavam numa fila de hortelã com os cabelos molhados, cantando com obedientes vozes de hortelã para a mulher com quem o capitão quase se casou. A loira baronesa que brilhava feito um diamante.

*The hills are alive
with the sound of music.*

[As montanhas vibram
com o som de música.]

“Temos de ir embora”, Ammu disse para Baby Kochamma e Rahel.

“Mas Ammu!”, Rahel disse. “O Principal ainda nem aconteceu! Ele ainda não deu o *beijo* nela! Ele ainda nem rasgou a bandeira de Hitler! Eles ainda nem foram *traídos* pelo Carteiro Rolf!”

“Estha está doente”, Ammu disse. “Vamos!”

“Os soldados nazistas nem chegaram ainda!”

“Vamos”, disse Ammu. “Levante!”

“Eles ainda nem cantaram ‘High on a hill was a lonely goat-herd!’ [No alto do morro, um solitário rebanho de cabritos!]”

“Estha tem de estar bom para a chegada de Sophie Mol, não tem?”, disse Baby Kochamma.

“Não tem”, Rahel disse, mas quase só para si mesma.

“O que foi que você disse?”, Baby Kochamma perguntou, percebendo o tom geral, mas não exatamente o que fora dito.

“Nada”, Rahel respondeu.

“Eu *ouvi*”, Baby Kochamma disse.

Lá fora, o Tio estava reorganizando suas garrafas escuras. Limpando com seu pano cor de sujeira as marcas redondas que elas tinham deixado no mármore de seu Balcão de Refrescos. Se preparando para o Intervalo. Ele era um Tio do Refrescodelaranja Refrescodelimão muito limpo. Tinha um coração de aeromoça preso dentro do corpo de urso.

“Já estão indo?”, perguntou.

“Estamos”, Ammu respondeu. “Onde posso achar um táxi?”

“Saindo do portão, subindo a rua, à esquerda”, ele disse, olhando para Rahel. “Você não me contou que tinha uma Mol também.” E estendendo outra bala: “Olhe aqui, Mol, para você”.

“Pegue a minha!” Estha disse depressa, não querendo que Rahel chegasse perto do homem.

Mas Rahel já estava indo na direção dele. Quando se aproximou, ele sorriu para ela e alguma coisa naquele sorriso de piano portátil, alguma coisa no olhar firme com que ele a fixou, a fez recuar. Era a coisa mais horrível que ela já tinha visto. Virou-se e olhou para Estha.

Afastou-se do homem peludo.

Estha enfiou suas balas Parry na mão dela e ela sentiu os dedos dele quentes de febre com as pontas frias como a morte.

“Até logo, Mon”, o Tio disse para Estha. “Vejo você em Ayemenem algum

dia.”

Então, os degraus vermelhos de novo. Dessa vez Rahel se atrasando. Lenta. Não, eu não quero ir. Uma tonelada de tijolos numa coleira.

“Bom sujeito, esse homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão”, Ammu disse.

“*Cbhi!*”, Baby Kochamma disse.

“Ele não aparenta, mas foi surpreendentemente bonzinho com Estha”, Ammu disse.

“Então por que não casa com ele?”, Rahel perguntou, petulante.

O tempo parou na escada vermelha. Estha parou. Baby Kochamma parou.

“Rahel”, Ammu disse.

Rahel congelou. Estava desesperadamente arrependida do que tinha dito. Não sabia de onde haviam saído aquelas palavras. Não sabia que trazia aquelas palavras dentro dela. Mas estavam do lado de fora agora, e não voltariam para dentro. Eles ficaram na escada vermelha como funcionários num escritório do governo. Uns de pé, uns sentados e sacudindo as pernas.

“Rahel”, Ammu disse. “Você entende o que acabou de fazer?”

Olhos assustados e um chafariz olharam para Ammu.

“Tudo bem. Não tenha medo”, Ammu disse. “Só me responda. Você entende?”

“O quê?”, Rahel perguntou com a menor voz que tinha.

“Entende o que acabou de fazer?”, Ammu perguntou.

Olhos assustados e um chafariz olharam para Ammu.

“Sabe o que acontece quando a gente magoa as pessoas?”, Ammu perguntou.

“Quando você magoa as pessoas, elas começam a amar você menos. É isso que acontece quando se fala sem pensar. As pessoas amam você menos.”

Uma mariposa fria com tufo de pêlos dorsais excepcionalmente densos pousou suavemente no coração de Rahel. No ponto em que as patas geladas a tocaram, ela se arrepiou. Seis arrepios em seu coração descuidado.

Sua Ammu a amava um pouco menos.

E então, portão afora, rua acima e para a esquerda. O ponto de táxi. Uma mãe magoada, uma ex-freira, uma criança quente e uma fria. Seis arrepios e uma mariposa.

O táxi cheirava a sono. As roupas velhas enroladas. As toalhas molhadas. As axilas. Era, afinal, a casa do motorista de táxi. Ele morava ali dentro. Era o único lugar que ele tinha para guardar seus cheiros. Os assentos haviam sido assassinados. Estripados. De um talho saía uma esponja suja amarela que tremia no assento de trás como um imenso fígado com icterícia. O motorista tinha aquela atenção alerta de um pequeno roedor. Tinha nariz em gancho romano e bigode de Little Richard. Era tão pequeno que olhava a rua através da direção. Para o tráfego em torno parecia um táxi com passageiros, mas sem motorista. Ele dirigia depressa, agressivamente, voando para os espaços vazios, empurrando os outros carros para fora de suas pistas. Acelerando nas listas dos cruzamentos. Furando sinais fechados.

“Por que não usar uma almofada, ou travesseiro, alguma coisa?”, Baby Kochamma sugeriu com voz amistosa. “O senhor ia enxergar melhor.”

“Por que não se mete com a sua vida, tia?”, o motorista sugeriu com voz nada amistosa.

Ao passarem pelo mar escuro, Estha pôs a cabeça para fora da janela. Sentiu na boca o gosto quente e salgado da brisa. Sentiu a brisa levantar seu cabelo. Sabia que se Ammu descobrisse o que tinha feito com o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão, ela ia amá-lo menos também. Muito menos. Sentiu o estômago retorcer inchar revirar com a náusea da vergonha. Queria o rio. Porque água sempre ajuda.

A noite pegajosa de néon corria pela janela do táxi. Estava quente ali dentro, e quieto. Baby Kochamma parecia afogueada e excitada. Ela adorava não ser a causa de mal-estar. Cada vez que um cachorro pária aparecia na rua, o motorista fazia um verdadeiro esforço para matá-lo.

A mariposa no coração de Rahel abriu as asas de veludo, e o frio se infiltrou em seus ossos.

No estacionamento do Hotel Rainha do Mar, o Plymouth azul-celeste cochichava com outros carros menores. *Hslip Hslip Hsnoob-snah*. Uma senhora grande numa festa de senhoras pequenas. Rabo-de-peixe a postos.

* * *

“Quartos 313 e 327”, disse o homem da recepção. “Sem ar-condicionado. Duas camas em cada. O elevador está parado para conserto.” O *boy* que os levou aos quartos não tinha nada de menino. Seus olhos eram apagados e faltavam dois botões em sua farda marrom gasta. A camiseta de baixo, acinzentada, ficava aparecendo. Tinha de usar aquele bonezinho idiota inclinado para o lado, o elástico apertado enfiado no duplo queixo mole. Parecia uma crueldade desnecessária fazer um velho usar um boné de lado daquele jeito, reorganizando arbitrariamente a maneira como a idade tinha resolvido se dependurar de seu queixo.

Mais degraus vermelhos para subir. O mesmo tapete vermelho do saguão do cinema os perseguia. O tapete mágico voador.

Chacko estava em seu quarto. Foi pego festejando. Galinha assada, batatas-palito, milho verde, dois *parathas* e sorvete de baunilha com calda de chocolate. A calda numa molheira. Chacko dizia sempre que sua maior ambição era morrer de comer. Mammachi dizia que isso era sinal de infelicidade inconfessada. Chacko dizia que não era não. Dizia que era Voracidade Pura.

Chacko ficou perplexo de ver todo mundo de volta tão cedo, mas não disfarçou. Continuou comendo.

O plano original era Estha dormir junto com Chacko e Rahel com Ammu e Baby Kochamma. Mas agora que Estha não estava bem e o Amor tinha sido

redistribuído (Ammu amava Rahel um pouco menos), ela teria de dormir com Chacko, e Estha com Ammu e Baby Kochamma.

Ammu tirou o pijama e a escova de dentes de Rahel de dentro da mala e colocou em cima da cama.

“Pronto”, Ammu disse.

Dois cliques para fechar a mala.

Clique. E clique.

“Ammu”, Rahel disse, “meu castigo pode ser ficar sem jantar?”

Ela procurava sempre trocar de castigo. Ficar sem jantar em troca de Ammu amá-la como antes.

“Como você quiser”, Ammu disse. “Mas acho melhor você comer. Se quiser crescer. Quem sabe pode comer um pedaço da galinha de Chacko.”

“Talvez sim, talvez não”, Chacko disse.

“Mas e o meu castigo?”, Rahel perguntou. “Você não me deu castigo!”

“Algumas coisas já são seu próprio castigo”, Baby Kochamma disse. Como se estivesse explicando uma coisa que Rahel não conseguia entender.

Algumas coisas já eram o seu próprio castigo. Como quartos com armários embutidos. Eles todos logo aprenderiam muito sobre castigos. Que eles vêm em tamanhos diversos. Que alguns eram tão grandes que eram como armários com quartos embutidos. Podia-se passar a vida inteira dentro deles, vagando por estantes escuras.

O beijo de boa-noite de Baby Kochamma deixou um pouco de saliva no rosto de Rahel. Ela limpou com o ombro.

“Boa noite, Deusabençoe”, Ammu disse. Mas disse de costas. Já tinha ido embora.

“Boa noite”, Estha disse, doente demais para amar a irmã.

Rahel Sozinha ficou olhando enquanto eles se afastavam pelo corredor do hotel como fantasmas silenciosos, mas com substância. Dois grandes, um pequeno com sapato bege de bico fino. O tapete vermelho engolia o ruído de seus passos.

Rahel ficou na porta do quarto de hotel, cheia de tristeza.

Tinha dentro dela a tristeza da vinda de Sophie Mol. A tristeza de Ammu amá-la um pouco menos. E a tristeza de fosse o que fosse que o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão tivesse feito com Estha no Cine Abhilash.

Um vento ardido soprou em seus olhos secos, doloridos.

Chacko colocou uma coxa de galinha e algumas batatas-palito num pratinho de sobremesa para Rahel.

“Não, obrigada”, Rahel disse, esperando que, se de alguma forma providenciasse o próprio castigo, Ammu pudesse dispensar o dela.

“Que tal sorvete com calda de chocolate?”, Chacko perguntou.

“Não, obrigada”, Rahel disse.

“Tudo bem”, disse Chacko. “Você não sabe o que está perdendo.”

Ele comeu toda a galinha e depois todo o sorvete.

Rahel vestiu o pijama.

“Faça o favor de não me contar por que você está sendo castigada”, Chacko disse. “Não agüento ouvir.” Ele estava raspando o restinho de calda de chocolate da molheira com um pedaço de *paratha*. Um desagradável doce depois do doce. “O que foi? Ficou coçando as picadas de mosquito até sair sangue? Não disse ‘obrigada’ para o motorista de táxi?”

“Uma coisa muito pior que isso”, Rahel disse, leal a Ammu.

“Não me conte”, Chacko disse. “Não quero saber.”

Ele tocou para o serviço de quarto e um garçom cansado veio buscar os pratos e os ossos. Tentou captar os cheiros do jantar, mas eles escaparam e subiram pelas cortinas marrons murchas do hotel.

Uma sobrinha de barriga vazia e um tio de barriga cheia escovaram os dentes juntos no banheiro do Hotel Rainha do Mar. Ela uma presidiária desamparada, arrepiada, com pijama listado e um chafariz com um Amor-em-Tóquio. Ele de camiseta de algodão e cueca. A camiseta apertada e esticada como uma segunda pele em cima da barriga redonda, só chegava até a depressão de seu umbigo.

Quando Rahel ficou segurando a escova de dentes cheia de espuma e mexeu os dentes em vez da escova, ele não disse que não devia fazer aquilo.

Ele não era fascista.

Os dois cuspiam alternadamente. Rahel observou cuidadosamente sua espuma de Binaca escorrendo pela beirada da pia para ver o que conseguia enxergar.

De que cor eram as estranhas criaturas removidas dos espaços entre seus dentes?

Nada hoje. Nada de diferente. Só bolhas de Binaca.

Chacko apagou a Luz Grande.

Na cama, Rahel tirou o Amor-em-Tóquio e deixou ao lado dos óculos de sol. O chafariz despencou um pouco, mas continuou em pé.

Chacko deitou-se na poça de luz que a lâmpada de cabeceira fazia em sua cama. Um homem gordo num palco escuro. Pegou a camisa amarfanhada aos pés da cama. Tirou a carteira do bolso e olhou a fotografia de Sophie Mol que Margaret Kochamma tinha mandado dois anos antes.

Rahel ficou olhando para ele e a mariposa fria estendeu as asas de novo. Abrindo devagar. Fechando devagar. Uma piscada lenta de predador.

Os lençóis eram ásperos, mas limpos.

Chacko fechou a carteira e apagou a luz. Dentro da noite, acendeu um Charminar e ficou imaginando como estaria sua filha agora. Com nove anos de idade. Que vira pela última vez quando era vermelha e enrugada. Nem bem humana. Três semanas depois, Margaret, sua mulher, seu único amor, começou a chorar e contou sobre Joe.

Margaret disse a Chacko que não podia mais viver com ele. Disse que

precisava de seu próprio espaço. Como se Chacko estivesse usando as estantes *dela* para as roupas *dele*. O que, conhecendo-se Chacko, talvez fosse verdade.

Ela pediu o divórcio.

Naquelas últimas noites torturadas, antes de deixá-la, Chacko saía da cama com uma lanterna e ia olhar a filha adormecida. Para aprendê-la. Para gravá-la na memória. Para garantir que quando pensasse nela, a criança que evocasse fosse exata. Memorizou a penugem castanha da cabecinha mole. A forma da boca sempre em movimento, formando um biquinho. Os espaços entre os dedos dos pés. A sugestão de uma pinta. E então, sem querer, viu-se procurando na filha traços de Joe. O bebê agarrava seu polegar enquanto ele conduzia aquela pesquisa maluca, fragmentada, invejosa, à luz da lanterna. O umbigo dela era saliente no cetim da barriga saciada, como um monumento em cúpula no alto de um morro. Chacko encostou ali a orelha e ficou ouvindo deslumbrado os ruídos internos. Mensagens enviadas daqui para ali. Novos órgãos se acostumando uns com os outros. Um novo governo estabelecendo seus sistemas. Organizando a divisão de trabalho, decidindo quem faria o quê.

Ela cheirava a leite e urina. Chacko maravilhou-se com o fato de alguém tão pequeno e indefinido, tão vago em suas semelhanças, poder dominar tão completamente a atenção, o amor, a *sanidade* de um homem adulto.

Quando foi embora, sentiu que alguma coisa tinha sido arrancada dele. Alguma coisa grande.

Mas Joe agora já havia morrido. Num acidente de carro. Morto como uma pedra. Um buraco em forma de Joe no universo.

Na fotografia de Chacko, Sophie Mol tinha sete anos. De branco e azul. De lábios rosados e sem nenhum sinal cristão sírio. Embora Mammachi, examinando a foto, insistisse que ela tinha o nariz de Pappachi.

“Chacko?”, Rahel chamou de sua cama no escuro. “Posso fazer uma pergunta?”

“Até duas”, Chacko respondeu.

“Chacko, você ama Sophie Mol Mais Que Tudo no Mundo?”

“Ela é minha filha”, Chacko respondeu.

Rahel pensou no assunto.

“Chacko? As pessoas *precisam* mesmo ter a OBRIGAÇÃO de amar os filhos Mais Que Tudo no Mundo?”

“Não existe uma regra”, Chacko disse. “Mas quase sempre elas amam.”

“Chacko, por exemplo”, Rahel disse, “só por *exemplo*, será possível Ammu amar Sophie Mol mais do que eu e Estha? Ou você me amar mais do que Sophie Mol, por *exemplo*?”

“Tudo é possível na Natureza Humana”, Chacko respondeu com seu Tom de Ler em Voz Alta. Agora falando para o escuro, repentinamente insensível à sobrinha de cabelos de chafariz. “Amor. Loucura. Esperança. Infinita Ventura.”

Das quatro coisas que eram Possíveis na Natureza Humana, Rahel achou que *Infinita Ventura* era a que parecia mais triste. Talvez pela maneira como Chacko

disse isso.

Infinita Ventura. Tinha um ar de igreja. Como um peixe triste cheio de barbatanas pelo corpo.

Uma mariposa fria levantou uma perna fria.

A fumaça do cigarro espiralava na noite. E o homem gordo e a menininha ficaram acordados em silêncio.

Poucos quartos adiante, onde sua tia-avó roncava, Estha despertou.

Ammu estava dormindo, linda na luz azul gradeada da rua que entrava pela janela gradeada de azul. Ela sorriu um sonosorriso que sonhava com golfinhos e com um profundo azul gradeado. Era um sorriso que não dava nenhuma indicação de que a pessoa a quem pertencia era uma bomba prestes a explodir.

Estha Sozinho arrastou-se até o banheiro. Vomitou um líquido gasoso, borbulhante, alimonado, amargo, transparente. O acre gosto póstumo do primeiro encontro de um Homem Pequeno com o Medo. Dum dum.

Sentiu-se um pouco melhor. Calçou o sapato e saiu do quarto, os cordões arrastando atrás dele pelo corredor, e ficou em silêncio diante da porta de Rahel.

Rahel trepou numa cadeira e destrancou a porta para ele.

Chacko não se deu ao trabalho de pensar como ela podia saber que Estha estava na porta. Já se acostumara a essa estranheza eventual.

Ficou deitado na cama estreita do hotel como uma baleia encalhada na praia e imaginou se era mesmo Velutha que Rahel havia visto. Ele não achava provável. Velutha tinha muita coisa a seu favor. Era um *paravan* de futuro. Imaginou se Velutha tinha se tornado membro de carteirinha do Partido Marxista. E se andava se encontrando com o camarada K. N. M. Pillai.

No começo do ano, as ambições políticas do camarada Pillai tinham inesperadamente se expandido. Dois membros locais do Partido, o camarada J. Kattukaran e o camarada Guhan Menon haviam sido expulsos do Partido, suspeitos de serem naxalitas. Um deles, o camarada Guhan Menon, era o possível candidato do Partido para a eleição suplementar de Kottayam para a Assembléia Legislativa, em março do próximo ano. Sua expulsão do Partido criava um vácuo que diversos pretendentes disputavam preencher. Dentre eles o camarada K. N. M. Pillai.

O camarada Pillai tinha começado a observar as coisas na Paraíso Pickles com o empenho de um jogador reserva numa partida de futebol. Para o futuro de sua candidatura, a formação de um novo sindicato trabalhista, mesmo pequeno, seria um excelente começo para o avanço até a Assembléia Legislativa.

Até então, na Paraíso Pickles, *Camarada! Camarada!* (como dizia Ammu) era nada mais que um jogo inofensivo disputado fora do horário de trabalho. Mas se houvesse mais coisas em jogo e a batuta de maestro fosse tirada das mãos de Chacko, todo mundo (menos Chacko) sabia que a fábrica, já sufocada de dívidas,

estaria em maus lençóis.

Como as coisas não iam bem financeiramente, os trabalhadores estavam recebendo menos que o salário mínimo estabelecido pelo sindicato. Claro que foi o próprio Chacko quem apontou isso aos funcionários e prometeu que assim que as coisas melhorassem os salários seriam revisados. Ele achava que confiavam nele e que sabiam que zelava de coração por seus interesses.

Mas havia alguém que pensava diferente. À noite, quando terminava o turno da fábrica, o camarada K. N. M. Pillai esperava de tocaia os operários da Paraíso Picles e os levava em bandos para a sua gráfica. Com sua voz fina, flauteada, ele os exortava a partir para a revolução. Em seus discursos conseguia misturar com inteligência as questões locais pertinentes e a grande retórica maoísta, que soava ainda mais pomposa em *malayalam*.

“Povos do Mundo”, ele trinava, “sejam corajosos, *ousem* lutar, *desafiem* as dificuldades e avancem, onda sobre onda. Então o mundo todo passará a pertencer ao Povo. Os monstros de todo tipo serão destruídos. Vocês têm de exigir o que é de seu direito. Bonificações anuais. Fundos de previdência. Seguro de acidentes.” Como esses discursos eram, em parte, ensaios para quando, como Membro local da Assembléia Legislativa, o camarada Pillai pudesse dirigir-se a multidões de milhões de pessoas, havia algo estranho no tom e na cadência. Sua voz se enchia de verdes campos de arroz e de bandeiras vermelhas ondulando contra céus azuis em vez daquela salinha quente, com cheiro da tinta de impressão.

O camarada K. N. M. Pillai nunca enfrentou Chacko abertamente. Sempre que se referia a ele em seus discursos tinha o cuidado de despi-lo de qualquer atributo humano e apresentá-lo como uma peça abstrata de um esquema mais amplo. Uma construção teórica. Um peão na monstruosa trama burguesa para subverter a Revolução. Nunca se referia a ele pelo nome, mas sempre como “a Administração”. Como se Chacko fosse muitas pessoas. Além de ser, taticamente, a coisa certa a fazer, essa disjunção entre o homem e sua função ajudava o camarada Pillai a manter a consciência tranqüila no que se referia a seus negócios particulares com Chacko. Seu contrato para imprimir os rótulos da Paraíso Picles dava-lhe uma renda de que precisava muito. Ele dizia a si mesmo que Chacko, o cliente, e Chacko, a Administração, eram coisas diferentes. Bem diferentes, é claro, do camarada Chacko.

O único empecilho aos planos do camarada K. N. M. Pillai era Velutha. De todos os operários da Paraíso Picles, ele era o único membro do Partido que tinha carteirinha, e isso fornecia ao camarada Pillai um aliado que ele preferia não ter. Sabia que todos os outros operários tocáveis da fábrica tinham ressentimentos contra Velutha por razões próprias e antigas. O camarada Pillai contornava cuidadosamente essa ruga, esperando a oportunidade adequada para passá-la a ferro.

Mantinha contato constante com os operários. Tomou como obrigação pessoal

saber exatamente o que ocorria na fábrica. Ridicularizava os operários por aceitarem os salários que recebiam, quando o governo *deles mesmos*, o Governo do Povo, estava no poder.

Quando Punnachen, o contador, que lia os jornais para Mammachi toda manhã, trouxe a notícia de que entre os operários estava se falando de pedir um aumento, Mammachi ficou furiosa. “Mande eles lerem o jornal. Estamos no meio de uma fome. Ninguém tem emprego. As pessoas estão morrendo de fome. Eles deviam agradecer por ter um emprego *pelo menos*.”

Sempre que acontecia alguma coisa séria na fábrica, a notícia era levada para Mammachi, não para Chacko. Talvez porque Mammachi se encaixasse direitinho no esquema convencional das coisas. Ela era a *modalali*. Ela fazia seu papel. Suas reações, mesmo ásperas, eram diretas e previsíveis. Chacko, por outro lado, apesar de ser o Homem da Casa, apesar de dizer “*meus picles, minha geléia, meu curry*”, estava tão ocupado experimentando fantasias diferentes que esfumava as linhas de batalha.

Mammachi tentou avisar Chacko. Ele ouviu, mas não prestou atenção de verdade. A despeito dos primeiros rumores de descontentamento nas instalações da Paraíso Picles, Chacko, ensaiando para a Revolução, continuou a brincar de *Camarada! Camarada!*

Naquela noite, em sua cama estreita de hotel, sonolento, ele pensou em organizar os operários numa espécie de sindicato trabalhista particular, para esvaziar as pretensões do camarada Pillai. Ele faria eleições. Faria com que votassem. Eles poderiam ter representantes eleitos se alternando. Sorriu à idéia de realizar uma mesa-redonda de negociações com a camarada Sumathi, ou, melhor ainda, com a camarada Luckykutty, que tinha cabelo muito mais bonito.

Seus pensamentos retornaram a Margaret Kochamma e Sophie Mol. Faixas de amor feroz apertaram seu peito até que mal podia respirar. Ficou acordado, contando as horas que faltavam para irem ao aeroporto.

Na cama ao lado, seus sobrinho e sobrinha dormiam um nos braços do outro. Um gêmeo quente e uma gêmea fria. Ele e Ela. Nós e Nós. De alguma forma, não inteiramente inconscientes dos indícios do destino e de tudo o que estava à espera deles nos bastidores.

Eles sonharam com seu rio.

Com coqueiros que se curvavam sobre ele e olhavam, com olhos de coco, os barcos deslizando. Subindo a corrente de manhã. Descendo à tarde. E com o som surdo, tristonho, das varas de bambu dos barqueiros quando batiam na madeira do barco escura, untada.

Estava quente, a água. Verdecinza. Como seda encrespada.

Com peixes lá dentro.

Com o céu e as árvores lá dentro.

E de noite, uma lua amarela partida lá dentro.

Quando se cansaram de esperar, os cheiros do jantar desceram das cortinas e flutuaram pelas janelas do Rainha do Mar para passar a noite dançando no mar que cheirava a jantar.

Eram dez para as duas.

5. A TERRA DE DEUS

ANOS DEPOIS, quando Rahel voltou ao rio, o rio a saudou com um sorriso horrendo de caveira, com buracos no lugar dos dentes e uma mão frouxa levantada de uma cama de hospital.

Ambas as coisas tinham acontecido.

Ele tinha encolhido. Ela tinha crescido.

Rio abaixo haviam construído uma barragem de água salgada, em troca dos votos do influente *lobby* dos fazendeiros de arroz. A barragem regulava o fluxo de água salgada da laguna que desembocava no mar da Arábia. De forma que agora eram duas colheitas anuais em vez de uma. Mais arroz, às custas do rio.

Apesar do fato de ser junho, e estar chovendo, o rio não era agora mais do que um canal inchado. Uma fita estreita de água grossa que lambia, cansada, as margens lamacentas de ambos os lados, enfeitada com uma ocasional lantejoula prateada de um peixe morto. Estava sufocado por uma planta suculenta, cujas raízes peludas, marrons, ondulavam como finos tentáculos debaixo da água. Aves de asas de bronze andavam em cima delas. Com os pés chatos, cautelosos.

Houve tempo em que tinha o poder de evocar medo. De mudar vidas. Mas agora seus dentes haviam sido arrancados, seu espírito exaurido. Era apenas uma fita verde viscosa que carregava lixo fétido para o mar. Sacos plásticos brilhantes voavam sobre a superfície cheia de algas, como flores subtropicais voadoras.

Os degraus de pedra que um dia levavam banhistas até a água, e Gente Pescadora à pesca, estavam inteiramente expostos e levavam de lugar nenhum para lugar nenhum, como um absurdo monumento com *corbeilles* comemorando nada. Samambaias se enfiavam pelas fendas.

Do outro lado do rio, as íngremes margens de lama transformavam-se de repente nas paredes de barro baixas dos casebres da favela. Crianças viravam os traseiros para a beirada e defecavam diretamente no lodo do leito exposto do rio, que sugava, absorvia. Os menores deixavam seus laivos cor de mostarda escorrendo sozinhos até embaixo. Ao anoitecer, o rio crescia para aceitar as oferendas do dia e escorrer para o mar, deixando linhas onduladas de grossa espuma branca em sua trilha. Rio acima, mães limpas lavavam roupas e panelas em poluentes industriais em estado puro. As pessoas tomavam banho. Torsos seccionados se ensaboando, arrumados como bustos escuros numa fita estreita, ondulante.

Em dias quentes, o cheiro de merda subia do rio e pairava sobre Ayemenem como um chapéu.

Mais para dentro, ainda do outro lado, uma cadeia de hotéis cinco estrelas

tinha comprado o Coração das Trevas.

A Casa da História (onde ancestrais de hálito de mapa com unhas dos pés duras um dia sussurravam) não podia mais ser alcançada a partir do rio. Tinha voltado as costas a Ayemenem. Os hóspedes do hotel eram levados de barco pela represa, direto de Cochin. Chegavam de lancha, abrindo um V de espuma na água, deixando para trás uma película irisada de gasolina.

A vista do hotel era linda, mas lá também a água era grossa e tóxica. Tinham colocado placas de *Proibido Nadar* em caligrafia estilosa. Tinham construído um muro alto para esconder a favela e impedir que se expandisse para a propriedade de Kari Saipu. Não havia muito a fazer quanto ao cheiro.

Mas tinham piscinas para nadar. E *tandoori* de peixe e *crêpe suzette* no menu.

As árvores ainda eram verdes, o céu ainda azul, o que valia alguma coisa. Então eles foram em frente e anunciaram o seu paraíso fétido, “Terra de Deus” o chamavam nos folhetos, porque sabia, aquele Pessoal do Hotel muito esperto, que o cheiro, assim como a pobreza dos outros, é meramente uma questão de se acostumar. Uma questão de disciplina. De Rigor e Ar-condicionado. Nada mais.

* * *

A casa de Kari Saipu tinha sido reformada e pintada. Tinha se transformado no centro de um complexo conjunto, entrecruzado de canais artificiais e pontes de ligação. Barquinhos deslizavam na água. O velho bangalô colonial, com sua grande varanda e colunas dóricas, era cercado por casas menores, mais antigas, de madeira, residências ancestrais, que a cadeia de hotéis comprara de famílias antigas e transplantara para o Coração das Trevas. Histórias de Brinquedo para turistas ricos brincarem. Como os feixes de arroz do sonho de José, como um bando de nativos dedicados fazendo petições a um juiz inglês, as velhas casas tinham sido arranjadas em torno da Casa da História em atitude de deferência. “Herdade” chamava-se o hotel.

O Pessoal do Hotel gostava de contar aos hóspedes que a mais antiga das casas de madeira, com sua despensa de lambris, hermeticamente fechada, capaz de armazenar arroz para alimentar um exército durante um ano, havia sido residência do camarada E. M. S. Namboodiripad, “o Mao Tsé-tung de Kerala”, explicavam aos não-iniciados. A mobília e a quinquilharia que tinham vindo junto com a casa ficavam em exposição. Um guarda-chuva de bambu, um sofá de vime. Um baú de dote de madeira. Tudo rotulado com plaquinhas edificantes que diziam *Guarda-chuva Tradicional de Kerala* e *Baú de Dote de Noiva Tradicional*.

Então, ali estavam a História e a Literatura recrutadas pelo comércio. Kurtz e Karl Marx de mãos dadas para saudar os hóspedes ricos que desciam dos barcos.

A casa do camarada Namboodiripad funcionava como sala de jantar do hotel, onde os banhistas semibronzeados, em trajes de banho, tomavam suave água de coco (servida no coco), e velhos comunistas, que agora trabalhavam como servis

atendentes em coloridas roupas étnicas, curvavam-se ligeiramente detrás de suas bandejas de bebidas.

À noite (para dar um Sabor Regional) os turistas eram brindados com apresentações de *kathakali* truncadas (“Atenção flutuante”, o Pessoal do Hotel explicava aos bailarinos). Assim, histórias antigas eram desmanchadas e amputadas. Clássicos de seis horas de duração eram retalhados em vinte minutos de melhores momentos.

As apresentações aconteciam à beira da piscina. Enquanto os tocadores de tambor tocavam e os dançarinos dançavam, os hóspedes do hotel brincavam com seus filhos dentro da água. Enquanto Kunti revelava seu segredo a Karna na margem do rio, casais de namorados passavam loção de bronzear um no outro. Enquanto pais brincavam de jogos sexuais sublimados com suas filhas púberes, Poothana amamentava Krishna em seu seio envenenado. Bhima estripava Dushasana e banhava os cabelos de Draupadi no sangue dele.

A varanda dos fundos da Casa da História (onde um esquadrão de policiais tocáveis se reunira, onde um ganso inflável tinha explodido) fora fechada e transformada na arejada cozinha do hotel. Nada pior do que *kebabs* e pudins de caramelo aconteciam ali agora. O Terror era passado. Sobrepujado pelo cheiro de comida. Silenciado pelo cantarolar dos cozinheiros. Pelo alegre chop-chop-chop de gengibre e alho. Pela estripação de mamíferos inferiores: porcos, cabritos. Pelo corte de carne. Pela fervura de peixes.

Algo jazia enterrado no chão. Sob a grama. Sob vinte e três anos de chuvas de junho.

Uma pequena coisa esquecida.

Nada de que o mundo fosse sentir falta.

Um relógio de plástico de criança com as horas pintadas.

Dez para as duas, ele dizia.

Um bando de crianças acompanhou Rahel em seu passeio.

“Oi, hippie”, diziam, com vinte e cinco anos de atraso. “Comé seu nome?”

Então alguém atirou uma pedrinha nela, e sua infância voou embora, batendo os braços finos.

No caminho de volta, contornado a Casa Ayemenem, Rahel saiu na estrada principal. Ali também as casas tinham crescido como cogumelos, e só o fato de se aninharem debaixo de árvores, e de não serem para carros os caminhos estreitos que levavam da rua até elas, é que dava a Ayemenem a aparência de sossego rural. Na verdade, a população ali inchara à dimensão da de uma pequena cidade. Detrás da frágil fachada de vegetação, vivia uma multidão que podia se reunir de um momento para outro. Para espancar até a morte um motorista de ônibus descuidado. Para estilhaçar os vidros de um carro que ousasse se aventurar na estrada em dia de greve da Oposição. Para roubar a

insulina importada de Baby Kochamma e seus pãezinhos de creme que tinham vindo da Padaria A Melhor, de Kottayam.

Diante da Gráfica Fortuna, junto ao muro, o camarada K. N. M. Pillai estava conversando com um homem parado do outro lado. Tinha os braços cruzados sobre o peito e agarrava as próprias axilas possessivamente, como se alguém as tivesse pedido emprestado e ele tivesse acabado de recusar. O homem do outro lado do muro remexia uma porção de fotografias dentro de um envelope plástico, com um ar de falso interesse. As fotos eram quase todas do filho do camarada K. N. M. Pillai, Lenin, que morava e trabalhava em Délhi, cuidando da pintura, encanamento e instalações elétricas das embaixadas holandesa e alemã. Para afastar qualquer temor que seus clientes pudessem ter de seus pendores políticos, ele tinha alterado ligeiramente seu nome. Agora chamava-se Levin. P. Levin.

Rahel tentou passar sem ser notada. Absurdo imaginar que fosse conseguir.

“*Aiyyo*, Rahel Mol!”, disse o camarada K. N. M. Pillai, reconhecendo-a instantaneamente. “*Orkummilley?* O camarada Tio?”

“*Oower*”, Rahel respondeu.

Lembrava-se dele? Ela lembrava, sim.

Nem a pergunta, nem a resposta pretendiam significar mais do que um preâmbulo polido para a conversação. Tanto ele como ela sabiam que existem coisas que podem ser esquecidas. E coisas que não podem, que ficam pousadas em estantes empoeiradas, como pássaros empalhados com olhares maus, atravessados.

“Então!”, disse o camarada Pillai. “Eu pensava que você está na Ameyrica agora.”

“Não”, Rahel respondeu. “Estou aqui.”

“Sim, sim”, ele parecia um pouco impaciente, “mas, quando não aqui, na Ameyrica, claro.”

O camarada Pillai descruzou os braços. Os mamilos dele olharam para Rahel por cima do muro como os olhos de um triste são-bernardo.

“Reconheceu?”, o camarada Pillai perguntou ao homem com as fotografias, indicando Rahel com o queixo.

O homem não tinha reconhecido.

“A filha da filha da Kochamma da Velha Paraíso Picles”, disse o camarada Pillai.

O homem pareceu intrigado. Evidentemente era um estranho. E não comia picles. O camarada Pillai tentou outra abordagem.

“Punnyan Kunju?”, perguntou. O Patriarca de Antioquia apareceu brevemente no céu e acenou com a mão seca.

As coisas começaram a se encaixar para o homem das fotografias. Ele balançou a cabeça, com entusiasmo.

“O filho de Punnyan Kunju? Beenan John Ipe? Que morava em Délhi?”, disse

o camarada Pillai.

“*Oower, oower, oower*”, disse o homem.

“Filha da filha dele, esta. Agora na Ameyrica.”

Ele continuou balançando a cabeça à medida que a linhagem ancestral de Rahel ia se encaixando em sua cabeça.

“*Oower, oower, oower*. Agora na Ameyrica, é.” Não era uma pergunta. Era admiração pura.

Ele se lembrou vagamente de um sopro de escândalo. Tinha esquecido os detalhes, mas lembrava-se de que tinha a ver com sexo e morte. Havia saído nos jornais. Depois de um breve silêncio e de balançar mais um pouquinho a cabeça, o homem entregou ao camarada Pillai o envelope com as fotografias.

“Muitobem, camarada. Eu já vou.”

Ele tinha de pegar um ônibus.

* * *

“Então!” O camarada Pillai abriu o sorriso ao voltar a atenção para Rahel, como se fosse um farol. Suas gengivas eram surpreendentemente rosadas, recompensa de uma vida inteira de vegetariano sem concessões. Era o tipo de homem que era difícil imaginar em menino. Ou em bebê. Parecia ter *nascido* na meia-idade. Com uma calva incipiente.

“Marido de Mol?”, ele perguntou.

“Não veio.”

“Fotos?”

“Nada.”

“Nome?”

“Larry. Lawrence.”

“*Oower*. Lawrence.” O camarada Pillai sacudiu a cabeça como se concordasse. Como se, diante de uma escolha, fosse exatamente a escolha que faria.

“Prole?”

“Não”, Rahel disse.

“Ainda planejando, não? Ou esperando?”

“Não.”

“Deve. Menino menina. Qualquer coisa”, disse o camarada Pillai. “Dois é, claro, o que você quer.”

“Estamos divorciados.” Rahel esperava calar o homem com um choque.

“Di-vorciados?” A voz dele subiu tanto de tom que rachou no ponto de interrogação. Ele chegou a pronunciar a palavra como se fosse uma forma de morte.

“Que desventura”, disse, quando se recuperou. Usando por alguma razão uma linguagem livresca, nada característica. “Que-des-ventura.”

Ocorreu ao camarada Pillai que essa geração estava, talvez, pagando pela

decadência burguesa de seus ancestrais.

Um era louco. A outra di-vorciada. Talvez estéril.

Talvez *essa* fosse a verdadeira revolução. A burguesia cristã tinha começado a autodestruir-se.

O camarada Pillai baixou a voz como se houvesse gente escutando, apesar de não haver ninguém por perto.

“E o Mon?”, sussurrou confidencialmente. “Como vai ele?”

“Bem”, Rahel respondeu. “Ele está bem.”

Bem. Em forma e cor de mel. Lava as próprias roupas com sabão em pó esfarelado.

“*Aiyyo paavam*”, sussurrou o camarada Pillai, e seus mamilos penderam em fingida comiseração. “Coitado.”

Rahel imaginou por que razão a interrogava tanto para depois descartar completamente suas respostas. Evidentemente, ele não esperava que dissesse a verdade, mas por que ao menos não se dava ao trabalho de fingir?

“Lenin está em Délhi agora”, disse o camarada Pillai afinal, incapaz de esconder o orgulho. “Trabalhando com embaixadas estrangeiras. Veja.”

Ele estendeu para Rahel o envelope transparente. As fotos eram sobretudo de Lenin com a família. A mulher, o filho, a nova motoneta Bajaj. Havia uma de Lenin apertando a mão de um homem muito bem vestido, muito cor-de-rosa.

“Primeiro-secretário alemão”, disse o camarada Pillai.

Eles pareciam felizes nas fotografias, Lenin e a mulher. Como se tivessem uma geladeira nova na sala e o pagamento inicial de um apartamento do DDA.

Rahel lembrou-se do incidente que fizera Lenin entrar em foco como uma Pessoa Real para ela e Estha, deixando de parecer apenas mais uma prega do sári da mãe. Ela e Estha tinham cinco anos, Lenin talvez três ou quatro. Encontraram-se na clínica do dr. Verghese Verghese (o melhor Pediatra e Apalpador de Mães de Kottayam). Rahel estava com Ammu e Estha (que insistira em ir junto). Lenin estava com a mãe dele, Kalyani. Rahel e Lenin tinham o mesmo problema: Objetos Estranhos Alojados no Nariz. Agora, parecia uma coincidência excepcional, mas na época não pareceu. Era curioso como a política estava até naquilo que as crianças enfiavam no nariz. Ela, a neta do Entomologista Imperial, ele, o filho de um trabalhador do povo afiliado ao Partido Marxista. Portanto, o dela era uma conta de vidro e o dele um grão-de-bico verde.

A sala de espera estava cheia.

Detrás da cortina do médico, vozes sinistras murmuravam, interrompidas por uivos de crianças torturadas. Ouviu-se um tilintar de vidro contra metal, e o murmurar e borbulhar de água fervente. Um menino brincava com a placa de *O Doutor ESTÁ O Doutor NÃO ESTÁ* dependurada na parede, deslizando a placa de latão para cima e para baixo. Um bebê febril soluçava no colo da mãe. O

ventilador do teto baixo cortava o ar grosso de medo numa espiral sem fim que descia devagar para o chão como a casca de uma batata sem fim.

Ninguém lia as revistas.

Detrás da cortina pequena esticada na porta que vinha diretamente da rua, ouvia-se o incessante arrastar de pés sem corpo calçando chinelos. O mundo despreocupado e barulhento Daqueles que Não Tinham Nada no Nariz.

Ammu e Kalyani trocaram de filhos. Narizes foram levantados, cabeças inclinadas para trás e viradas para a luz para ver se uma das mães conseguia enxergar o que a outra não tinha conseguido. Como isso não adiantou, Lenin, vestido igual a um táxi, com camisa amarela e shorts de malha preta, voltou para o colo de náilon da mãe dele (e para seu pacote de chicletes). Sentou-se sobre as flores do sári e dessa posição de força inatingível observou em torno, impassível. Enfiou o dedo esquerdo no fundo da narina não ocupada e respirou ruidosamente pela boca. Ele usava um repartido de lado perfeito. Seu cabelo estava assentado com óleo aiurvédico. Os chicletes eram para ele ficar *segurando* enquanto o doutor o examinava, e consumidos depois. Estava tudo bem no mundo. Talvez ele fosse um pouco novo demais para saber que a soma do Clima de Sala de Espera com os Gritos Detrás da Cortina devia, logicamente, resultar num Saudável Medo do dr. V. V.

Um rato de ombros peludos fez várias viagens entre a sala do médico e a parte de baixo do armário da sala de espera.

Uma enfermeira apareceu e desapareceu pela cortina esfarrapada da porta do consultório. Levava armas estranhas. Um vidrinho pequeno. Um retângulo de vidro manchado de sangue. Um tubo de ensaio com urina espumante, iluminada em contraluz. Uma bandeja de aço inoxidável com agulhas esterilizadas. Os pêlos de sua perna estavam apertados como arames enrolados sob as meias brancas translúcidas. Os saltos grossos das sandálias usadas estavam gastos na parte de dentro e faziam os pés caírem para dentro, um na direção do outro. Grampos de cabelo, pretos, brilhantes, como cobras retas, prendiam a touca engomada de enfermeira em sua cabeça oleosa.

Ela parecia ter um filtro de rato nos óculos. Pareceu não perceber o rato de ombros peludos mesmo quando ele passou correndo pelos pés dela. Ela chamava os nomes com uma voz profunda, como de homem: “A. Ninan... S. Kusumalatha... B. V. Roshini... N. Ambady”. Ela ignorava o ar alarmado, espiralado.

Os olhos de Estha eram pires assustados. Ele estava hipnotizado pela placa *O Doutor ESTÁ O Doutor NÃO ESTÁ*.

Uma onda de pânico invadiu Rahel.

“Ammu, vamos tentar mais uma vez.”

Com uma mão, Ammu segurou a cabeça de Rahel para trás. Com o polegar enrolado num lenço ela fechou a narina livre. Todos os olhos da sala estavam pousados em Rahel. Seria a performance de sua vida. A expressão de Estha era a

de alguém preparado para assoar o nariz. Sua testa enrugou e ele respirou fundo.

Rahel juntou todas as suas forças. *Por favor, Deus, por favor, faça sair.* Da sola dos pés, do fundo do coração, ela se assoou no lenço da mãe.

E num fluxo de ranho e de alívio, a conta saiu. Uma pequena conta roxa em seu leito brilhante de ranho. Orgulhosa como uma pérola em cima da ostra. As crianças se juntaram para admirar. O menino que estava brincando com a placa desdenhou.

“Eu era capaz de fazer isso!”, anunciou.

“Então tente para ver a palmada que você leva”, disse a mãe dele.

“Miss Rahel!”, a enfermeira gritou e olhou em torno.

“Saiu!”, Ammu disse para a enfermeira. “Já saiu.” E levantou o lenço amarrotado.

A enfermeira não tinha a menor idéia do que ela queria dizer.

“Está tudo bem. Estamos indo embora”, disse Ammu. “A conta saiu.”

“Próximo”, disse a enfermeira, e fechou os olhos detrás dos filtros de rato. (“A gente vê de tudo”, disse a si mesma.) “S. V. S. Kurup!”

O menino desdenhoso começou a uivar quando a mãe o empurrou para o consultório do médico.

Rahel e Estha saíram da clínica triunfantes. O pequeno Lenin ficou, para o dr. Verghese Verghese examinar sua narina com instrumentos de frio aço e examinar sua mãe com outros, mais macios.

Esse era Lenin na época.

Agora ele tinha uma casa e uma motoneta Bajaj. Uma esposa e uma *prole*.

Rahel devolveu o envelope de fotografias para o camarada Pillai e tentou ir embora.

“Minutinho”, disse o camarada Pillai. Ele era como um exibicionista numa cerca. Atraindo as pessoas com seus mamilos e empurrando as fotos do filho em cima delas. Procurou no pacote de fotografias (um guia visual da Vida de Lenin em Um Minuto) até a última. “*Orkunnundo?*”

Era uma velha foto em preto-e-branco. Que Chacko tinha tirado com a câmera Rolleyflex trazida por Margaret Kochamma de presente de Natal para ele. Nela estavam todos quatro. Lenin, Estha, Sophie Mol e ela, de pé na varanda da Casa Ayemenem. Atrás deles, os enfeites de Natal de Baby Kochamma dependurados do teto. Uma estrela de papelão amarrada numa lâmpada. Lenin, Rahel e Estha pareciam animais assustados, colhidos pelos faróis de um carro. Os joelhos apertados, os sorrisos congelados nos rostos, os braços presos junto ao corpo, os peitos torcidos para olhar para a câmera. Como se ficar de lado fosse um pecado.

Só Sophie Mol, com *panache* de Primeiro Mundo, tinha preparado uma cara para a foto tirada por seu pai biológico. Tinha revirado as pálpebras de forma

que seus olhos pareciam pétalas de carne com veias cor-de-rosa (cinzentas na foto em preto-e-branco). Usava uns dentes falsos projetados para a frente, que havia recortado da parte branca de uma lima. A língua passava pela armadilha dos dentes, com o dedal de prata de Mammachi preso na ponta. (Ela havia seqüestrado o dedal no dia que chegou e prometido que ia passar as férias bebendo só nele.) Segurava uma vela acesa em cada mão. Uma perna da calça de brim boca-de-sino enrolada para revelar um joelho branco e ossudo onde tinha desenhado uma cara. Minutos antes de aquela foto ser tirada, ela recém acabara de explicar pacientemente a Estha e Rahel (descartando qualquer prova em contrário, fossem fotos ou lembranças) que havia uma boa chance de os dois serem bastardos, e o que significava bastardo. Isso tudo tinha incluído também uma complexa, embora um tanto inexata, descrição de sexo. “Sabe, o que eles fazem é...”

Isso foi dias antes de ela morrer.

Sophie Mol.

Que bebia no dedal.

Que saltava no caixão.

Ela chegou no vôo Bombaim—Cochin. De chapéu, de calça boca-de-sino e Amada desde o Princípio.

6. CANGURUS DE COCHIN

NO AEROPORTO DE COCHIN, a calcinha nova de Rahel era de bolinhas e ainda estava engomada. Os ensaios tinham sido feitos. Era o Dia do Espetáculo. A culminação da semana do *O que Sophie Mol Vai Achar?*

De manhã, no Hotel Rainha do Mar, Ammu, que durante a noite sonhara com golfinhos e um azul profundo, ajudou Rahel a vestir a sua Toalete de Aeroporto. Era uma daquelas surpreendentes aberrações do gosto de Ammu, uma nuvem de renda amarela dura com pequenas lantejoulas prateadas e um laço em cada ombro. A saia de babados era forrada de entretela para armar. Rahel ficou preocupada porque a roupa não combinava bem com seus óculos de sol.

Ammu segurou a calcinha engomada do conjunto para ela. Com as mãos nos ombros de Ammu, Rahel vestiu a nova calcinha (perna esquerda, perna direita) e deu um beijo em cada covinha de Ammu (lado esquerdo, lado direito). O elástico estalou de leve sobre sua barriga.

“Obrigada, Ammu”, Rahel disse.

“Obrigada?”, Ammu perguntou.

“Pelo meu vestido novo e pela calcinha”, Rahel respondeu.

Ammu sorriu. “De nada, meu amor”, ela disse, mas triste.

De nada, meu amor.

A mariposa no coração de Rahel levantou uma perna peluda. E tornou a baixar. A perninha estava fria. *Um pouco menos sua mãe a amava.*

O Rainha do Mar cheirava a ovos e café de filtro de papel.

A caminho do carro, Estha levava a garrafa térmica Águia cheia de água da torneira. Rahel levava a garrafa térmica Águia cheia de água fervida. As garrafas térmicas Águia tinham Águias Térmicas estampadas, com as asas abertas e um globo nas garras. Os gêmeos acreditavam que as Águias Térmicas vigiavam o mundo o dia inteiro e voavam nas garrafas a noite inteira. Silenciosas como corujas elas voavam, com o luar nas asas.

Estha estava usando uma camisa vermelha de mangas compridas com colarinho pontudo e calças justas, pretas. Seu topete parecia engomado e surpreso. Como clara de ovo bem batida.

Estha, com certa base de verdade, há de se admitir, disse que Rahel parecia boba na Toalete de Aeroporto. Rahel deu um tapa nele, e ele deu um tapa nela.

No aeroporto, os dois não falavam mais um com o outro.

Chacko, que geralmente usava um *mundu*, estava vestindo um terno justo engraçado e um sorriso brilhante. Ammu endireitou a gravata dele que estava torta. A gravata tinha tomado seu café-da-manhã e estava satisfeita.

Ammu disse: “O que aconteceu de repente com o nosso Homem das Massas?”.

Mas ela disse isso com as covinhas, porque Chacko estava tão contente. Tão feliz.

Chacko não deu um tapa nela.

Então ela não deu um tapa nele.

Na floricultura do Rainha do Mar, Chacko tinha comprado duas rosas vermelhas que levava com cuidado.

Gordamente.

Carinhosamente.

A loja da Companhia de Desenvolvimento do Turismo de Kerala, no aeroporto, estava cheia de marajás da Air India (pequeno médio grande), elefantes de sândalo (pequeno médio grande) e máscaras de *kathakali* feitas de *papier mâché* (pequena média grande). O cheiro enjoativo de sândalo e axilas felpudas (pequena média grande) pairava no ar.

No Saguão de Chegada, havia quatro cangurus de cimento em tamanho natural com bolsas de cimento que diziam USE-ME. Dentro das bolsas, em vez de filhotes de cimento, havia tocos de cigarro, fósforos queimados, tampinhas de garrafa, cascas de amendoim, copos de papel amassados e baratas.

Cusparadas de bétel vermelho manchavam as barrigas dos cangurus como feridas abertas.

Sorrisos de boca vermelha tinham os Cangurus do Aeroporto.

E orelhas de pontas cor-de-rosa.

Parecia que se a gente apertasse os cangurus eles diriam “Ma-ma” com aquelas vozes de pilhas gastas.

Quando o avião de Sophie Mol apareceu no céu azulceste de Bombaim—Cochin, a multidão se comprimiu junto à grade de ferro para ver mais de tudo.

O Saguão de Chegada era uma multidão de amor e dedicação, porque o vôo Bombaim—Cochin era o vôo em que chegavam todos os que retornavam do Estrangeiro.

As famílias tinham vindo recebê-los. De todas as partes de Kerala. Em longas viagens de ônibus. De Ranni, de Kumili, de Vizhinjam, de Uzhavoor. Alguns haviam acampado no aeroporto durante a noite e tinham trazido a sua própria comida. E mandiocas fritas e *chakka velaichathu* para a volta.

Estavam todos lá, as *ammoomas* surdas, os *appoopans* artríticos e mal-humorados,

as esposas dependentes, tios ardilosos, crianças com diarreia. As noivas para serem reavaliadas. O marido da professora ainda esperando seu visto para a Arábia Saudita. As irmãs do marido da professora esperando seus dotes. A esposa grávida do armador.

“Quase só gentalha”, Baby Kochamma disse, soturna, e virou o rosto quando uma mãe, não querendo perder seu Bom Lugar junto à grade, encaixou o pênis do seu bebê numa garrafa vazia, enquanto ele sorria e acenava para as pessoas em volta.

“Shshshsh...”, fez a mãe. Primeiro persuasiva, depois feroz. Mas o bebê achava que era o Papa. Sorria e acenava e sorria e acenava. Como o pênis na boca da garrafa.

“Não se esqueçam que vocês são os Embaixadores da Índia”, Baby Kochamma disse para Rahel e Estha. “Vocês vão dar a Primeira Impressão deste país.”

Embaixadores Gêmeos Bivitelinos. Sua Excelência o Embaixador E(lvis). Pélvis e a Embaixadora I(nseto). Refugiado.

Em seu vestido duro de renda e chafariz com Amor-em-Tóquio, Rahel parecia uma Fada do Aeroporto com péssimo gosto. Estava cercada de quadris úmidos (como estaria de novo, num funeral em uma igreja amarela) e feroz dedicação. Levava a mariposa do avô no coração. Virou as costas ao ruidoso pássaro de aço do céu azulcelestre dentro do qual estava sua prima, e o que viu foi isto: cangurus de boca vermelha com sorrisos de rubi andavam pelo chão do aeroporto.

Calcanhar e Ponta

Calcanhar e Ponta

Pés chatos compridos.

Lixo de aeroporto nas lixeiras de filhote.

O menor esticando o pescoço como as pessoas que desapertam as gravatas nos filmes ingleses. O médio revirando a bolsa em busca de uma ponta de cigarro para fumar. Encontrou uma castanha de caju velha dentro de um saco plástico. Mordeu-a com os dentes da frente, como um roedor. O maior balançando um display que dizia *A Companhia de Desenvolvimento do Turismo de Kerala Saúda a Todos* com uma dançarina de *kathakali* fazendo um *namasté*. Outra placa, que o canguru não mexeu, dizia: *meB odniV à atsoC sad sairaiicepsE ad aidnÍ*.

Apressada, a Embaixadora Rahel abriu caminho entre a multidão até seu irmão e co-Embaixador.

Estha, olhe! Olhe, Estha, olhe!

O Embaixador Estha não olhou. Não queria olhar. Observava o pouso sacolejante com sua garrafa Águia dependurada do peito, e uma sensação com fundo-sem fundo: o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão sabia onde encontrá-lo. Na fábrica de Ayemenem. Nas margens do Meenachal.

Ammu observava com sua bolsa.

Chacko com suas rosas.

Baby Kochamma com a verruga saliente no pescoço.

Então os passageiros de Bombaim—Cochin saíram. Do ar frio para o ar quente. Gente amassada desamassando a caminho do Saguão de Chegadas.

E ali estavam, os que voltavam do Estrangeiro, em ternos que não precisavam ser passados e óculos de sol irisados. Trazendo um fim para a pobreza triturante dentro das malas Aristocrat. Tetos de cimento para suas casas de sapé e gêiseres para os banheiros dos pais. Sistemas de esgoto e fossas sépticas. Saltos altos e máxi. Mangas bufantes e batons. Mixers moedores e flashes automáticos para suas câmeras. Chaves para contar e armários para trancar. Com fome de *kappa* e *meen vevichathu* que não comiam fazia tempo. Com amor e uma ligeira vergonha porque suas famílias que tinham vindo esperá-los eram tão... tão... simplórias. *Olhe como estão vestidos! Será que não tinham uma roupa melhor para vir ao aeroporto? Por que os malaialanos têm dentes tão horríveis?*

E o próprio aeroporto! Parece mais uma garagem de ônibus! Coberto de merda de passarinho! Ai, aquelas manchas de cuspe nos cangurus!

Ah! A Índia está indo pelo ralo.

Quando as longas viagens de ônibus e as noites passadas no aeroporto foram recebidas com amor e ligeiras vergonhas, começaram a aparecer pequenas rachaduras, que cresceriam e cresceriam, e antes que se dessem conta, os que voltavam do Estrangeiro estariam presos do lado de fora da Casa da História, seus sonhos ressonhados.

Então, em meio aos ternos que não precisavam ser passados e às maletas brilhantes, Sophie Mol.

Que bebe no dedal.

Que salta no caixão.

Ela desceu a rampa, o cheiro de Londres no cabelo. Barras de calças boca-de-sino amarelas ondulando para trás em torno dos tornozelos. Cabelos longos flutuando debaixo do chapéu de palha. A mão na mão da mãe. A outra balançando como a de um soldado (esquêr, esquêr, esquerdireita).

There was

A girl

Tall and

Thin and

Fair

Her hair

Her hair

Was the delicate colourov

Gin-nnn-ger [esquêr, esquêr, esquerdireita]

There was

A girl...

[Era uma vez

uma menina

alta e

magra e

linda.

Seu cabelo

seu cabelo

era de uma delicada cor de

Gengibre.

Era uma vez

uma menina...]

Margaret Kochamma disse para ela: “Parecomisso”.

Então ela Parecomissou.

* * *

Ammu disse: “Está vendo sua prima, Rahel?”.

Ela se virou e viu a filha de calcinha engomada em comunhão com marsupiais de cimento. Foi buscá-la, ralhando. Chacko disse que não podia carregar Rahel nos ombros porque já estava carregando uma coisa. Duas rosas vermelhas.

Gordamente.

Carinhosamente.

Quando Sophie Mol entrou no Saguão de Chegadas, Rahel, tomada de excitação e ressentimento, deu um beliscão forte em Estha. A pele dele entre as unhas. Estha fez um Foguinho no braço dela, torcendo a pele para lados diferentes com as duas mãos. A pele dela ficou vermelha e dolorida. Quando ela lambeu o lugar, estava salgada. A saliva em seu braço era fresca e reconfortante.

Ammu não percebeu nada.

Diante da cerca de ferro alta que separava Encontrantes de Encontrados e Saudadores de Saudados, Chacko, sorrindo, explodindo no terno, com a gravata torta, fez uma reverência à sua nova filha e à ex-mulher.

Mentalmente, Estha disse: “Reverência”.

“Olá, meninas”, Chacko disse em seu Tom de Ler em Voz Alta (a voz com que tinha dito na noite anterior: *Amor. Loucura. Esperança. Infinita Ventura*). “Como foi a viagem?”

E o Ar encheu-se de Idéias e Coisas a Dizer. Mas, em momentos como esses, só as Pequenas Coisas são ditas. As Grandes Coisas jazem lá dentro, não ditas.

“Diga Olá e Como vai?”, Margaret Kochamma disse a So-phie Mol.

“Olá e Como vai?”, Sophie Mol disse através da grade de ferro, para ninguém em particular.

“Uma para você e uma para você”, Chacko disse, entregando as rosas.

“E Obrigada?”, Margaret Kochamma disse para Sophie Mol.

“E Obrigada?”, Sophie Mol disse para Chacko, arremedando a pergunta da mãe.

Margaret Kochamma sacudiu-a um pouco pela impertinência.

“Seja bem-vinda”, Chacko disse. “Agora, deixe eu apresentar todo mundo.” Mais para as pessoas que estavam em volta, escutando, porque Margaret Kochamma não precisava de apresentação. “Minha esposa, Margaret.”

Margaret Kochamma sorriu e sacudiu a rosa para ele. *Ex-esposa, Chacko!* Os lábios dela pronunciaram as palavras, mas sem voz.

Todo mundo podia ver que Chacko era um homem feliz e orgulhoso por ter tido uma esposa como Margaret. Branca. Com um vestido estampado de flores e pernas debaixo dele. E sardas marrons nas costas. E sardas nos braços.

Mas em torno dela o ar era, de alguma forma, triste. E por trás do sorriso em seus olhos a Dor era de um azul fresco e brilhante. Por causa de um calamitoso desastre de carro. Por causa de um buraco em forma de Joe no Universo.

“Alô, todo mundo”, ela disse. “Parece que conheço vocês há anos.”

A loto do mundo.

“Minha filha, Sophie”, Chacko disse, e deu uma risadinha nervosa, preocupado com a possibilidade de Margaret Kochamma dizer “ex-filha”. Mas ela não disse. Era uma risada fácil de entender. Não como a risada do Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão que Estha não tinha entendido.

“Oi”, Sophie Mol disse.

Ela era mais alta que Estha. E maior. Seus olhos eram cinza-azulados azuis. A pele clara era da cor da areia da praia. Mas o cabelo debaixo do chapéu era lindo, castanho avermelhado escuro. E, sim (ah, sim!), ela tinha o nariz de Pappachi esperando lá dentro dela. Um nariz de Entomologista Imperial dentro de outro nariz. Um nariz de apreciador de mariposas. Ela estava com a bolsa *go-go* Made in England que adorava.

“Ammu, minha irmã”, Chacko disse.

Ammu disse um Olá de adulto para Margaret Kochamma e um Oh-lá de criança para Sophie Mol. Rahel ficou olhando com olhos de lince para avaliar o quanto Ammu amava Sophie Mol, mas não conseguiu descobrir.

Risos varreram o Saguão de Chegadas como um vento súbito. Adoor Basi, o ator mais popular, mais adorado do cinema *malayalam*, tinha acabado de chegar (Bombaim—Cochin). Carregando uma porção de pequenos pacotes impossíveis de controlar e, impermeável à adulação do público, sentiu-se obrigado a representar. Ficava derrubando os pacotes e dizendo: “*Ende Deivomay! Eee sadhanangal!*”.

Estha deu uma risada alta, deliciada.

“Ammu, olhe! Adoor Basi está derrubando as coisas dele!”, Estha disse. “Ele não consegue nem carregar as coisas dele!”

“Ele está fazendo de propósito”, Baby Kochamma disse com um estranho sotaque britânico, novo. “Faça de conta que não viu.”

“É um *filmactor* [ator de cinema]”, ela explicou a Margaret Kochamma e Sophie Mol, fazendo Adoor Basi parecer um *Mactor* que só ocasionalmente fazia um *Fil.* “Só está querendo chamar a atenção”, Baby Kochamma disse, recusando, resolutamente, que sua atenção fosse chamada.

Mas Baby Kochamma estava errada. Adoor Basi *não* estava querendo chamar a atenção. Ele só estava querendo fazer por merecer a atenção que já havia despertado.

“Minha tia, Baby”, Chacko disse.

Sophie Mol ficou intrigada. Olhou Baby Kochamma com olhos de contas, interessados. Ela conhecia vaca bebê e cachorro bebê. Urso bebê, claro. (Mais tarde, ela iria mostrar para Rahel um morcego bebê.) Mas *tia* bebê era uma coisa confusa.

Baby Kochamma disse: “Olá, Margaret” e “Olá, Sophie Mol”. Ela disse que Sophie Mol era tão bonita que lembrava um espírito da floresta. Lembrava Ariel.

“Sabe quem é Ariel?”, Baby Kochamma perguntou a Sophie Mol. “Ariel de *A tempestade*?”

Sophie Mol disse que não.

“*Suga a abelha e sugo eu?*”, Baby Kochamma disse.

Sophie Mol disse que não.

“*Durmo em uma flor de mel?*”

Sophie Mol disse que não.

“*A tempestade*, de Shakespeare?”, Baby Kochamma insistiu.

Evidentemente, tudo isso servia, em primeiro lugar, para apresentar suas credenciais para Margaret Kochamma. Para distinguir Baby Kochamma da Gentalha.

“Ela está se exibindo”, o Embaixador E. Pélvis cochichou no ouvido da Embaixadora I. Refugiado. A risada da Embaixadora Rahel escapou numa bolha verde-azulada (cor de mosca-varejeira) e explodiu no ar quente do aeroporto. Pluft! foi o som que fez.

Baby Kochamma viu, e sabia que Estha é que tinha começado.

“E agora os VIPs”, Chacko disse (ainda no Tom de Ler em Voz Alta).

“Meu sobrinho, Esthappen.”

“Elvis Presley”, Baby Kochamma disse, de vingança. “Acho que estamos um pouco atrasados por aqui.” Todo mundo olhou para Estha e riu.

A raiva subiu das solas do sapato bege de bico fino do Embaixador Estha e foi parar em volta do seu coração.

“Como vai você, Esthappen?”, Margaret Kochamma perguntou.

“Muitobemobrigado”, a voz de Estha zangado.

“Estha”, Ammu disse, carinhosa, “quando alguém pergunta Como vai você? a gente tem de dizer Como vai você? também. Não Muito bem, obrigado. Vá, pergunte Como vai VOCÊ?”

O Embaixador Estha olhou para Ammu.

“Vamos lá”, Ammu disse para Estha. “Como vai VOCÊ?”

Os olhos sonolentos de Estha estavam teimosos.

Em *malayalam*, Ammu perguntou: “OuvIU o que eu disse?”.

O Embaixador Estha sentiu olhos cinza-azulados azuis e um nariz de Entomologista Imperial em cima dele. Ele não tinha nenhum Como vai VOCÊ? dentro dele.

“Esthappen!”, Ammu disse. E uma raiva subiu dentro dela e parou em volta do coração. Uma Raiva Bem Maior que o Necessário. Ela se sentiu de alguma forma humilhada por essa revolta pública em sua área de jurisdição. Queria um espetáculo perfeito. Um prêmio para seus filhos no Concurso de Comportamento Indo-britânico.

Chacko disse para Ammu, em *malayalam*: “Por favor. De-pois. Agora não”.

E os olhos furiosos de Ammu em cima de Estha disseram: *Tudo bem. Depois.*

E Depois passou a ser uma palavra horrível, ameaçadora, de arrepiar.

De-pois.

Como um sino tocando grave dentro de um poço cheio de musgo. Tremulante e veludoso. Como pernas de mariposa.

O Espetáculo estava estragado. Como pickles nas monções.

“E minha sobrinha”, disse Chacko. “Cadê a Rahel?” Ele olhou em volta e não a encontrou. A Embaixadora Rahel, incapaz de tolerar o vai-e-vem das mudanças de sua vida, tinha se enrolado como uma salsicha na cortina suja do aeroporto, e não queria se desenrolar. Uma salsicha com sandálias Bata.

“Esqueça dela”, Ammu disse. “Está querendo chamar a atenção.”

Ammu também estava errada. Rahel só estava tentando não chamar a atenção que merecia.

“Olá, Rahel”, Margaret Kochamma disse para a cortina suja do aeroporto.

“Como vai VOCÊ?”, a cortina suja respondeu abafado.

“Você não vai sair para cumprimentar?”, Margaret Kochamma perguntou com uma voz de professora boazinha. (Igual a miss Mitten antes de enxergar Satã nos olhos deles.)

A Embaixadora Rahel não saía da cortina porque não podia. E não podia porque não podia. Porque estava Tudo errado. E logo haveria um De Pois para ela e Estha.

Cheio de mariposas peludas e borboletas geladas. E sinos graves. E musgo.

E um Agora.

A cortina suja do aeroporto era um grande conforto e um escuro e um escudo.

“Esqueçam dela”, Ammu disse e deu um sorriso duro.

A cabeça de Rahel estava cheia de pedras de moinho com olhos cinza-azulados

azuis.

Ammu gostava ainda menos dela agora. E para Chacko era hora de Encarar os Fatos.

“Olhe a bagagem chegando!”, Chacko disse, animado. Contente de ir embora.

“Venha, Sophiekins, vamos pegar suas malas.”

Sophiekins.

Estha ficou olhando enquanto eles se afastavam beirando a grade, abrindo caminho na multidão que abria ala, intimidada pelo terno e pela gravata torta de Chacko e por seu porte arrogante. Por causa do tamanho da barriga, Chacko tinha um porte de quem parece estar sempre subindo uma ladeira. Otimista no trato com as encostas íngremes e escorregadias da vida. Ele ia deste lado da grade, Margaret Kochamma e Sophie Mol do outro.

Sophiekins.

O Homem Sentado, de quepe e dragonas, também intimidado pelo terno e pela gravata torta de Chacko, permitiu que ele entrasse no setor de coleta de bagagem.

No momento em que não havia mais uma grade entre eles, Chacko beijou Margaret Kochamma e carregou Sophie Mol.

“Da última vez que fiz isso, ganhei uma camisa molhada”, Chacko disse e riu. Ele abraçava e abraçava e abraçava a filha. Beijou os olhos cinza-azulados azuis, o nariz de entomologista, o cabelo castanho avermelhado debaixo do chapéu.

Então Sophie Mol disse para Chacko: “Hmmm... desculpe. Será que podia me pôr no chão agora? Eu hmmm... não estou acostumada a me carregarem”.

Chacko a pôs no chão.

O Embaixador viu (com olhos teimosos) que o terno de Chacko de repente estava mais folgado, menos cheio.

E enquanto Chacko pegava as malas, na cortina suja o De Pois virou Agora.

Estha viu a verruga do pescoço de Baby Kochamma lambe os beiços, pulsando deliciada de expectativa. *Da-dum, da-dum.* Mudava de cor como um camaleão, Da-verde, da-azulescuro, da-amarelo mostarda.

*Gêmeos para o chá
vamos saborear*

“Certo”, Ammu disse. “Agora chega. Vocês dois. Saia daí, Rahel.”

Dentro da cortina, Rahel fechou os olhos e pensou no rio verde, nos peixes tranqüilos que nadavam fundo, nas asas transparentes (que dava para ver do outro lado) das libélulas ao sol. Pensou na vara de pesca mais sortuda que Velutha tinha feito para ela. De bambu amarelo, com uma bóia que afundava toda vez que um peixe ia investigar. Pensou em Velutha e desejou estar com ele.

Então Estha a desvendou. Os cangurus de cimento estavam olhando.

Ammu estava olhando para os dois. O Ar estava silencioso, a não ser pelo som da verruga pulsante de Baby Kochamma.

“E então”, Ammu disse.

E era mesmo uma pergunta. E então?

E não tinha resposta.

O Embaixador Estha baixou os olhos e viu que seu sapato (de onde subia a raiva) era bege de bico fino. A Embaixadora Rahel baixou os olhos e viu que seus dedos estavam tentando se soltar na sandália Bata. Se sacudindo para ir grudar no pé de alguma outra pessoa. E ela não conseguia detê-los. Ela logo não teria mais dedos nos pés e usaria um curativo, como o leproso na passagem de nível.

“Se vocês”, Ammu disse, “me desobedecerem mais uma vez em público, eu estou falando sério, UMA VEZ que seja, eu vou mandar vocês para um lugar onde vocês vão aprender a se comportar devidamente. Entenderam?”

Quando Ammu ficava brava de verdade dizia Devidamente. De Vida Mente parecia um poço profundo com mortos rindo lá dentro.

“En. Ten. Deram?”, Ammu perguntou de novo.

Olhos assustados e um chafariz olharam para Ammu.

Olhos sonolentos e um topete surpreso olharam para Ammu.

Duas cabeças fizeram que sim três vezes.

Sim. En. Ten. Deram.

Mas Baby Kochamma estava insatisfeita com o esvaziamento de uma situação com tamanho potencial. Ela sacudiu a cabeça.

“Sei!”, disse.

Sei!

Ammu virou-se para ela, e a virada de sua cabeça era uma pergunta.

“É inútil”, Baby Kochamma disse. “Eles são ladinos. São fingidos. Dissimulados. Estão ficando rebeldes. Você não consegue controlar esses dois.”

Ammu virou-se para Estha e Rahel e seus olhos eram jóias fora de foco.

“Todo mundo diz que as crianças precisam de um Baba. Eu digo que não. Não os *meus* filhos. Sabem por quê?”

Duas cabeças fizeram que sim.

“Por quê. Me digam”, Ammu disse.

E não juntos, mas quase, Esthappen e Rahel disseram: “Porque você é nossa Ammu e nosso Baba e nos ama Dobrado”.

“Mais que Dobrado”, Ammu disse. “Então não esqueçam o que eu disse. As opiniões das pessoas são preciosas. E quando vocês me desobedecem em Público, *todo* mundo fica com a impressão errada.”

“Belos Embaixadores vocês dois!”, Baby Kochamma disse.

O Embaixador E. Pélvis e a Embaixadora I. Refugiado baixaram as cabeças.

“E mais uma coisa, Rahel”, Ammu disse. “Acho que já é hora de você aprender

a diferença entre LIMPO e SUJO. Principalmente neste país.”

A Embaixadora Rahel baixou os olhos.

“Seu vestido é, era, LIMPO”, Ammu disse. “Aquela cortina é SUJA. Aqueles cangurus são SUJOS. Suas mãos estão SUJAS.”

Rahel ficou com medo porque Ammu dizia LIMPO e SUJO tão alto. Como se estivesse falando com alguém surdo.

“Agora, quero que vocês dois vão lá e cumprimentem *direito*”, Ammu disse. “Vão ou não?”

Duas cabeças fizeram que sim duas vezes.

O Embaixador Estha e a Embaixadora Rahel foram na direção de Sophie Mol.

“Onde você acha que mandam a gente para se Comportar De Vida Mente?”, Estha perguntou a Rahel num sussurro.

“Para o Governo”, Rahel cochichou de volta, porque sabia.

“*How do you do?*”, Estha perguntou a Sophie Mol, bem alto para Ammu escutar.

“*Just like a laddoo one pice two*”,* Sophie Mol cochichou para Estha. Tinha aprendido aquilo na escola com uma colega do Paquistão.

Estha olhou para Ammu.

O olhar de Ammu dizia: *Não Ligue Para Ela Contanto que Faça o Que É Direito.*

Quando atravessavam o estacionamento do aeroporto, o Clima Quente se enfiou por suas roupas e umedeceu as calcinhas engomadas. As crianças iam atrás, circundando carros e táxis.

“A sua bate em você?”, Sophie Mol perguntou.

Rahel e Estha, incertos sobre a correção política daquilo, não disseram nada.

“A minha sim”, Sophie Mol disse, convidativa. “A minha até dá Bofetada.”

“A nossa não”, Estha disse, leal.

“Sorte”, Sophie Mol disse.

Menino rico de sorte com mesada. E uma fábrica que vai herdar da avó. Boa vida.

Passaram pelo Sindicato dos Trabalhadores em Aeroportos Classe III onde faziam uma greve de fome. E pelas pessoas que observavam a greve de fome do Sindicato dos Trabalhadores em Aeroportos Classe III.

E pelas pessoas que observavam as pessoas que observavam.

Um pequeno anúncio de metal dependurado de uma grande figueira dizia *Para Moléstias Sexuais consulte o dr. O. K. Joy.*

“Quem você mais ama no Mundo?”, Rahel perguntou a Sophie Mol.

“Joe”, Sophie Mol respondeu sem hesitar. “Meu pai. Ele morreu faz dois meses. A gente veio para cá para se Recuperar do Choque.”

“Mas Chacko é que é seu pai”, Estha disse.

“Ele é só meu pai *de verdade*”, Sophie Mol respondeu. “Joe é meu pai. Ele não bate nunca. Quase nunca.”

“Como ele ia bater se já morreu?”, Estha perguntou, razoável.

“Cadê o *seu* pai?”, Sophie Mol quis saber.

“Ele...”, e Rahel olhou para Estha, pedindo ajuda.

“...não está aqui”, Estha disse.

“Quer saber a minha lista?”, Rahel perguntou a Sophie Mol.

“Se quiser dizer”, Sophie Mol respondeu.

A “lista” de Rahel era uma tentativa de colocar ordem no caos. Ela a revisava constantemente, dividida entre o amor e o dever. Não era de forma alguma uma avaliação real de seus sentimentos.

“Primeiro Ammu e Chacko”, Rahel disse. “Depois, Mammachi...”

“Nossa avó”, Estha esclareceu.

“*Mais* que o seu irmão?”, Sophie Mol perguntou.

“A gente não conta”, Rahel disse. “E pode ser que ele mude. Ammu que disse.”

“Mudar como? Virar o quê?”, Sophie Mol perguntou.

“Um Porco Chauvinista”, Rahel disse.

“Pouco provável”, Estha disse.

“Bom, depois de Mammachi, Velutha, e depois...”

“Quem é Velutha?”, Sophie Mol quis saber.

“Um homem que a gente ama”, Rahel disse. “E depois de Velutha, você”, Rahel disse.

“Eu? Por que você me ama?”, Sophie Mol disse.

“Porque a gente é primo-irmão. Então tenho de amar”, Rahel disse, piedosamente.

“Mas você nem me conhece”, Sophie Mol disse. “E eu não amo você.”

“Mas vai amar, quando me conhecer”, Rahel disse, confiante.

“Duvido”, Estha disse.

“Por quê?”, Sophie Mol perguntou.

“Porque sim”, Estha disse. “E depois é quase certeza que ela vai ser anã.”

Como se amar uma anã estivesse absolutamente fora de questão.

“Não vou, não”, Rahel disse.

“Vai”, disse Estha.

“Não vou.”

“Vai.”

“Não vou.”

“Vai, sim. Nós somos gêmeos”, Estha explicou para Sophie Mol, “e veja como ela é muito menor.”

Obediente, Rahel respirou fundo, empinou o peito e ficou costas com costas com Estha no estacionamento do aeroporto, para Sophie Mol ver o quanto ela era mais baixa.

“Quem sabe você vai ser pigmeu”, Sophie Mol sugeriu. “É maior que um anão e menor que um... Ser Humano.”

O silêncio era de incerteza com essa concessão.

Na porta do Saguão de Chegadas, a sombra de uma silhueta em forma de canguru com a boca vermelha acenou uma pata de cimento só para Rahel. Beijos de cimento zuniram no ar como pequenos helicópteros.

“Vocês sabem desfilar?”, Sophie Mol quis saber.

“Não. Na Índia a gente não desfila”, disse o Embaixador Estha.

“Na Inglaterra sim”, Sophie Mol disse. “Todas as modelos desfilam. Na televisão. Olhe... é fácil.”

E os três, liderados por Sophie Mol, foram desfilando pelo estacionamento do aeroporto, rebolando como manequins na passarela, garrafas térmicas Águia e bolsas *go-go* Made in England sacudindo nos quadris. Anões úmidos caminhando muito eretos.

Sombras seguiam atrás deles. Jatos prateados num céu azul de igreja, como mariposas num raio de luz.

O Plymouth azul-celeste com rabo-de-peixe sorriu para Sophie Mol. Um sorriso de tubarão no pára-choque cromado.

Um sorriso de carro Paraíso Pickles.

Quando viu a placa com os frascos de pickles pintados e a lista de produtos Paraíso, Margaret Kochamma disse: “Nossa! Parece que estou dentro de um anúncio!” Ela dizia muito Nossa!

Nossa! Nossanossa!

“Não sabia que vocês faziam fatias de abacaxi!”, disse. “Sophie adora abacaxi, não é, Soph?”

“Às vezes”, Soph disse. “Às vezes não.”

Margaret Kochamma entrou no anúncio com suas sardas nas costas e sardas nos braços e seu vestido florido com pernas debaixo.

Sophie Mol sentou na frente no meio de Chacko e Margaret Kochamma, só o chapéu aparecendo acima do encosto do banco. Porque era filha deles.

Rahel e Estha sentaram atrás.

A bagagem estava no porta-malas [*boot*].

Boot era uma palavra linda. *Sturdy* [robusto] era uma palavra horrorosa.

Perto de Ettumanoor passaram por um elefante do templo que tinha morrido eletrocutado por um fio de alta tensão e estava caído na estrada. Um engenheiro da municipalidade de Ettumanoor estava supervisionando a remoção da carcaça. Tinham de ser cuidadosos porque aquilo que decidissem podia servir como precedente para toda a política governamental de Remoção de Carcaças de Paquiderme. Não era coisa para se tratar levemente. Lá estavam um engenheiro de incêndios e alguns bombeiros confusos. O funcionário municipal carregava uma pasta e gritava muito. Lá estavam um carrinho que vendia Sorvetes Joy e um homem vendendo amendoins num cone de papel estreito,

projetado espertamente para conter não mais que oito ou nove amendoins.

Sophie Mol disse: “Olhe, um elefante morto”.

Chacko parou para perguntar se por acaso era Kochu Thomban (o Pequeno Dentuço), o elefante do templo de Ayemenem que ia uma vez por mês até a Casa Ayemenem para ganhar um coco. Disseram que não.

Aliviado porque era um estranho e não o elefante que eles conheciam, seguiram em frente.

“Graçaza Deus”, Estha disse.

“Graças a Deus, Estha”, Baby Kochamma corrigiu.

No caminho, Sophie Mol aprendeu a reconhecer o primeiro sinal da aproximação do fedor da borracha bruta e a tapar o nariz até bem depois de o caminhão que a carregava ter passado.

Baby Kochamma sugeriu que cantassem.

Estha e Rahel tiveram de cantar em inglês com vozes obedientes. Alegrementemente. Como se não tivessem tido de ensaiar a semana inteira. O Embaixador E. Pélvis e a Embaixadora I. Refugiado.

*RejOice in the Lo-Ord Or-Orkways
And again I say re-jOice.*

Com Prâ nan si ei xan impecável.

O Plymouth rodou pelo calor verde do meio-dia, promovendo picles no teto, e o céu azul-celeste no rabo-de-peixe.

Na entrada de Ayemenem atropelaram uma borboleta verde-repolho (ou talvez ela é que tenha atropelado o carro).

* Brincadeira verbal infantil baseada na rima entre *do*, *laddoo* e *two*. O significado da frase *Just like a laddoo one pice two* corresponde a “Dois biscoitos por um tostão”. *Pice* é uma forma anglicizada de *paisa*, um centésimo de rúpia. (N. T.)

7. CADERNOS DE EXERCÍCIOS DE SABEDORIA

NO ESCRITÓRIO DE PAPPACHI, borboletas e mariposas preparadas tinham se desintegrado, transformadas em montinhos de poeira iridescente no fundo de suas vitrinas, deixando nus os alfinetes que as empalavam. Cruel. A sala tinha um cheiro azedo de fungos e de falta de uso. Dependurado de um pino de madeira na parede, um velho bambolê verde-néon, um grande halo de santo descartado. Uma coluna de formigas pretas brilhantes atravessava o parapeito da janela, as bundas empinadas para cima, como uma linha de coristas num musical de Busby Berkeley. Silhuetadas contra o sol. Brilhantes e bonitas.

Rahel (em cima de um banquinho em cima de uma mesa) revirava os livros do armário de portas de vidro sujo e opaco. Suas pegadas descalças nítidas na poeira do chão. Elas vinham da porta à mesa (arrastada até a estante), até o banquinho (arrastado até a mesa e levantado). Estava procurando alguma coisa. Sua vida agora tinha um tamanho e uma forma. Tinha meias-luas debaixo dos olhos e um bando de gnomos no horizonte.

Na prateleira de cima, a encadernação em couro da coleção *Tesouro dos insetos da Índia* de Pappachi tinha se descolado de cada livro e se encrespado como amianto corrugado. Traças de livros faziam túneis pelas páginas, se deslocando arbitrariamente de espécie para espécie, transformando informações organizadas em renda amarelada.

Rahel procurava atrás das fileiras de livros e trazia para fora coisas escondidas.

Uma concha lisa e uma espinhuda.

Uma caixa plástica de lentes de contato. Uma pipeta cor de laranja.

Um crucifixo de prata com um colar de contas. O rosário de Baby Kochamma.

Ela o segurou contra a luz. Cada conta gulosa engoliu sua porção de sol.

Uma sombra surgiu no retângulo iluminado da porta do escritório. Rahel virou-se para a porta com seu colar de luz.

“Imagine. Ainda está aqui. Eu roubei. Quando você foi Devolvido.”

A palavra escorregou fácil. *Devolvido*. Como se fosse para isso que gêmeos servissem. Para serem emprestados e devolvidos. Como livros de biblioteca.

Estha não levantou os olhos. Estava cheio de trens na cabeça. Ele tapava a luz da porta. Um buraco em forma de Estha no Universo.

Atrás dos livros, os dedos intrigados de Rahel encontraram mais alguma coisa. Outra gralha ladra tinha tido a mesma idéia. Ela trouxe a coisa para fora e limpou a poeira com a manga da camisa. Era um volume chato embrulhado em plástico transparente e fechado com fita colante. Um pedaço de papel branco

dizia *Esthappen e Rahel*. Com a letra de Ammu.

Dentro, havia quatro velhos cadernos. Nas capas dizia *Cadernos de Exercícios de Sabedoria* com um espaço para *Nome, Escola, Classe, Matéria*. Dois tinham o nome dela, dois o de Estha.

Na face interna da última capa de um deles, havia algo escrito com letra de criança. A forma elaborada de cada letra e o espaço irregular entre as palavras revelavam o esforço de controlar a vontade própria do lápis errante. O sentimento expresso, ao contrário, era lúcido: *Eu Odeio Miss Mitten e Acho Que a Calssinha Dela é RASGADA*.

Na capa do caderno, Estha tinha apagado o próprio nome com saliva e arrancado junto metade do papel. Em cima da sujeira, tinha escrito a lápis *Desconhecido*. *Esthappen Des-conhecido*. (Seu sobrenome protelado *Por Enquanto*, enquanto Ammu escolhia entre o sobrenome do marido e o do pai.) Depois em *Classe*, dizia: *6 anos*. Ao lado de *Matéria*, dizia: *Histórias*.

Rahel sentou-se de pernas cruzadas (no banquinho em cima da mesa).

“*Esthappen Des-conhecido*”, disse. Abriu o caderno e leu em voz alta.

“Quando Ulices voltou para casa o filho dele veio e disse pai achei que você não ia voltar. Muitos príncipes vieram e todos queriam casar com Pené Lopes, mas Pené Lopes disse que o homem que conseguir atirar uma flecha pelo meio das doze argolas pode cazar comigo. E ninguém conseguiu. E ulices veio no palácio vestido de mendigo e perguntou se podia tentar. todos homens riram dele e disseram nós não conseguimos você não consegue. o filho de ulices fez eles ficarem quietos e disse deixele tentar e ele pegou o arco e atirou a flecha pelo meio das doze argolas.”

Abaixo disso, as correções de uma lição anterior.

Ferus	Culto	Nenhum	Carruagens	Ponte	Portador	Amarrado
<i>Ferus</i>	<i>Culto</i>	<i>Nenum</i>	<i>Carruagens</i>	<i>Ponte</i>	<i>Portador</i>	<i>Amarrado</i>
<i>Ferus</i>	<i>Culto</i>	<i>nenum</i>				
<i>Ferus</i>	<i>Culto</i>	<i>neum</i>				

O riso encrespou-se em torno da voz de Rahel. “*Segurança em Primeiro Lugar*”, anunciou. Ammu tinha feito uma linha ondulada ao largo de toda a página com caneta vermelha e escrito: *Margem? E letra bonita daqui para a frente, por favor!*

“*Quando andamos pela rua na cidade*”, dizia, cautelosa, a história de Estha, “*devemos andar sempre na calçada. Se a gente anda na calçada não tem trânsito para provocar acidntes, mas na rua tem muito trânsito perigozo que pode pegar você e deixar desmaiado ou alejado. Se quebrar a cabeça ou a espinha você vai ficar muito*

infeliz. A policia controla o trânsito para não ter muitos invalidos nos ospitais. Quando a gente dece do ônibus tem de avisar o motorista senão pode ser atropelado e dar trabalho para os médicos. O trabalho do motorista é muito perigozo A família dele deve ficar muito ancioza porque o motorista pode morrer.”

“Menininho mórbido”, Rahel disse para Estha. Ao virar a página, alguma coisa fechou sua garganta, agarrou sua voz, sacudiu, e devolveu sem o riso. A próxima história de Estha chamava-se *A pequena Ammu*.

Com letra bonita. Os rabos dos Ys e Gs curvos e fechados. A sombra na porta ficou muito quieta.

“No sábado, nós fomos numa livraria em Kottayam para comprar um presente para Ammu porque o aniversário dela é em 17 de novembro. Compramos uma agenda. Escondemos no armario e aí começou a ficar de noite. Então a gente disse você quer ver o seu presente ela disse quero sim quero ver. E nós escrevemos no papel Para a Pequena Ammu com Carinho de Estha e Rahel e demos para Ammu e ela disse que lindo presente era justo o que eu qeria e a gente conversou um pouco e falou da agenda e demos um beijo nela e fomos para a cama.

Nós conversamos e fomos dormir. Nós tivemos um sonho.

Depois eu levantei e estava com sede e fui no quarto de Ammu e disse que estava com sede. Ammu me deu água e eu ia voltar para a cama mas Ammu me chamou e disse venha dormir comigo. E eu deitei nas costas de Ammu e conversei com Ammu e dormi. Um pouco depois eu levantei e nós conversamos de novo e depois disso a gente fez um banquete noturno. Comemos laranja café banana. Depois Rahel veio e comeu mais duas bananas e nós demos um beijo em Ammu porque era aniversário dela depois cantamos parabens pra você. Aí de manhã ganhamos roupas novas de Ammu de retribuição Rahel era uma maharani e eu era o Nehru Pequeno.”

Ammu tinha corrigido os erros de grafia e escrito debaixo do texto: *Quando estou falando com alguém, você só pode me interromper se for muito urgente. Quando interromper, tem de dizer “Com licença”. Seu castigo vai ser muito grande se desobedecer às minhas ordens. Por favor, complete as correções.*

A pequena Ammu.

Que nunca completou as correções *dela*.

Que teve de fazer as malas e ir embora. Porque não tinha *Locusts Stand I*. Porque Chacko disse que ela já tinha destruído o bastante.

Que voltou para Ayemenem com asma e um ronco no peito que parecia um homem gritando ao longe.

Estha nunca a viu daquele jeito.

Perturbada. Doente. Triste.

A última vez que Ammu voltou a Ayemenem, Rahel tinha acabado de ser expulsa do Convento Nazaré (por enfeitar esterco e dar trombadas nas mais velhas). Ammu tinha perdido o último de uma sucessão de empregos — como recepcionista num hotel barato — porque ficou doente e faltou muitos dias no trabalho. O hotel não tinha como resolver aquilo, disseram. Precisavam de uma recepcionista mais saudável.

Naquela última visita, Ammu passou a manhã com Rahel em seu quarto. Com o resto de seu salário magro tinha comprado para a filha pequenos presentes embrulhados em papel pardo com coraçõezinhos de papel colorido pregados em cima. Um maço de cigarros de chocolate, uma lata de lápis Phantom e *Paul Bunyan*, uma revista em quadrinhos da Clássicos Ilustrados Júnior. Eram presentes para uma menina de sete anos; Rahel tinha quase onze. Era como se Ammu acreditasse que, se se recusasse a admitir a passagem do tempo, se desejasse que o tempo parasse na vida de seus gêmeos, o tempo fosse parar de fato. Como se a mera força de vontade fosse suficiente para colocar em suspenso a infância de seus filhos, até ela ter condições de levá-los para viver com ela. Então poderiam retomar de onde tinham parado. Começar de novo dos sete anos. Ammu disse a Rahel que havia comprado uma revista para Estha também, mas que ia guardar até conseguir outro emprego e ganhar o suficiente para poder alugar um quarto para os três ficarem juntos. Então, iria para Calcutá, pegaria Estha e ele ganharia a revista dele. Não faltava muito para chegar esse dia, Ammu disse. Podia acontecer a *qualquer* momento. Logo, logo, aluguel não ia ser problema. Ela disse que tinha se candidatado a um emprego nas Nações Unidas e que iriam todos morar em Haia, com uma babá holandesa para tomar conta deles. Por outro lado, Ammu disse, podia também ficar na Índia e fazer o que ela sempre tinha planejado: abrir uma escola. Escolher entre uma carreira em Educação e um emprego nas Nações Unidas não era nada fácil, ela disse, mas não se podia esquecer que o simples fato de ter uma escolha já era um grande privilégio.

Mas Por Enquanto, disse ela, até ela decidir, ia guardar os presentes de Estha para ele.

Ammu falou incessantemente toda aquela manhã. Fez perguntas a Rahel e não esperou as respostas. Se Rahel tentava dizer alguma coisa, Ammu interrompia com uma nova idéia, uma nova pergunta. Parecia ter pavor de que a filha dissesse alguma coisa adulta e descongelasse o Tempo Congelado. O medo a deixava falante. Ela o controlava tagarelando.

Estava inchada de cortisona, com cara de lua, não mais a mãe esguia que Rahel conhecera. A pele esticada sobre as faces estufadas, como o tecido cicatrizado das marcas de vacina. Quando sorria, parecia que as covinhas machucavam. Os cabelos crespos tinham perdido o brilho e pendiam dos lados do rosto inchado, como cortinas sem brilho. Levava a respiração num inalador de vidro dentro da bolsa velha. Inalador Brovon marrom. Cada respirada era como uma guerra vencida contra o punho de aço que tentava expulsar o ar de

seus pulmões. Rahel ficou olhando a mãe respirar. Cada vez que ela inalava, formavam-se dois buracos fundos perto de suas clavículas, cheios de sombras.

Ammu tossiu uma bola de catarro no lenço e mostrou para Rahel.

“Tem de olhar sempre”, sussurrou, rouca, como se o catarro fosse uma prova de Aritmética que precisava ser revisada antes de ser entregue. “Quando está branco, quer dizer que está maduro. Quando está amarelo e com cheiro ruim, está maduro e pronto para ser escarrado. Catarro é como fruta. Verde ou maduro. Você tem de saber.”

Durante o almoço, ela arrotou como um chofer de caminhão e disse: “Desculpem”, numa voz grave, nada natural. Rahel notou que ela tinha novos pêlos nas sobrancelhas, grossos, compridos. Ammu sorriu para o silêncio à mesa, enquanto ciscava nas espinhas a carne do peixe. Disse que se sentia como uma placa de estrada com passarinhos cagando em cima. Tinha um brilho estranho, febril, nos olhos.

Mammachi perguntou se ela andava bebendo e sugeriu que visitasse Rahel o mínimo possível.

Ammu levantou-se da mesa e saiu sem dizer uma palavra. Nem até logo. “Vá despedir dela”, Chacko disse para Rahel.

Rahel fingiu que não tinha ouvido. Continuou comendo o peixe. Lembrou-se do catarro e quase vomitou. Ela odiou a mãe naquele momento. *Odiou.*

Nunca mais a viu.

Ammu morreu num quarto imundo na Hospedaria Bharat, em Alleppey, aonde fora para ser entrevistada para um emprego de secretária de alguém. Morreu sozinha. Com um ventilador de teto barulhento por companhia e sem Estha para deitar em cima de suas costas e conversar com ela. Tinha trinta e um anos. Nem velha, nem moça, uma idade morrível viável.

Havia acordado de noite para escapar de um sonho recorrente já conhecido, no qual policiais a abordavam com tesouras clicando, querendo cortar seu cabelo. Faziam isso em Kottayam com as prostitutas que pegavam no mercado, marcavam as moças para que todo mundo soubesse o que eram. *Veshyas*. Para que policiais novos na ronda não tivessem trabalho para saber quem importunar. Ammu sempre prestava atenção nelas no mercado, aquelas mulheres de olhos vazios, com cabeças raspadas à força, numa terra em que cabelos longos untados eram coisa para as de moral ilibada apenas.

Naquela noite, na hospedaria, Ammu sentou-se na cama estranha, no quarto estranho, da cidade estranha. Não sabia onde estava, não reconhecia nada à sua volta. Só o seu medo era familiar. O homem distante dentro dela começou a gritar. Dessa vez, o punho de aço não soltou a garra. Sombras se juntaram como morcegos nos fundos em torno de suas clavículas.

O varredor a encontrou de manhã. Ele desligou o ventilador.

Ela tinha uma profunda bolsa azul debaixo de um olho, que estava saltado como uma bolha. Como se o olho tivesse tentado fazer o que os pulmões não conseguiam. Por volta da meia-noite, o homem distante que morava em seu peito tinha parado de gritar. Um batalhão de formigas carregava uma barata morta tranqüilamente pela porta, demonstrando o que se deve fazer com cadáveres.

A igreja recusou-se a enterrar Ammu. Por vários motivos. Então Chacko alugou um furgão para levar o corpo ao crematório elétrico. Fez com que a embrulhassem num lençol sujo e a deitassem numa maca. Rahel achou que ela parecia um Senador Romano. *Et tu, Ammu!*, ela pensou e sorriu, lembrando de Estha.

Era estranho rodar pelas ruas ensolaradas, movimentadas, com um senador romano no chão do furgão. Fazia o céu azul ficar mais azul. Do lado de fora das janelas do furgão, as pessoas, como bonecas de papel recortado, continuavam vivendo suas vidas de bonecas de papel. A vida real estava dentro do furgão. Onde estava a morte real. Com os buracos e irregularidades da estrada, o corpo de Ammu sacudia e acabou caindo para fora da maca. Sua cabeça bateu num aro de ferro do chão. Ela não protestou, nem acordou. Na cabeça de Rahel havia um zumbido, e, pelo resto do dia, Chacko teve de gritar para ela escutar.

O crematório tinha o mesmo ar podre, decadente, de uma estação de trens, só que estava deserto. Sem trens, sem multidões. Só eram cremados ali os mendigos, os vagabundos e os mortos sob custódia da polícia. Gente que morria sem ninguém para deitar em cima de suas costas e conversar. Quando chegou a vez de Ammu, Chacko segurou com força a mão de Rahel. Ela não queria que segurassem sua mão. Aproveitou o suor crematório escorregadio para deslizar a mão de dentro da dele. Não havia mais ninguém da família.

A porta de aço do incinerador subiu e o zumbido baixo do fogo eterno transformou-se num rugido vermelho. O calor projetou-se até eles como uma fera faminta. E a Ammu de Rahel foi dada de comer à fera. Seu cabelo, sua pele, seu sorriso. Sua voz. O jeito de usar Kipling para amar os filhos ao colocá-los na cama: *Somos do mesmo sangue, você e eu*. Seu beijo de boa-noite. O jeito de segurar os rostos deles com mão firme (faces apertadas, bocas de peixe) enquanto lhes repartia e penteava os cabelos com a outra mão. O jeito de segurar a calcinha de Rahel para ela vestir. *Perna esquerda, perna direita*. Tudo isso foi dado de comer à fera, e ela ficou satisfeita.

Aquela era a Ammu e o Baba deles e tinha amado os dois Dobrado.

A porta da fornalha se fechou com ruído. Não houve lágrimas.

O Encarregado do crematório havia ido até a esquina para tomar um chá e levou vinte minutos para voltar. Foi o tempo que Chacko e Rahel tiveram de esperar para pegar o recibo cor-de-rosa que lhes dava o direito de retirar os restos de Ammu. Suas cinzas. O pó de seus ossos. Os dentes de seu sorriso. Ela inteira reduzida a um pequeno pote de barro. Recibo número Q498673.

Rahel perguntou a Chacko como a administração do crematório sabia quais cinzas eram de quem. Chacko disse que eles deviam ter algum sistema.

Se Estha estivesse com eles, teria guardado o recibo. Ele era o Guardador de Registros. O zelador natural de bilhetes de ônibus, recibos de banco, recibos de saques, canhotos de talões de cheques. Homem Pequeno. Morava numa *cara-van*. Dum dum.

Mas Estha não estava com eles. Todo mundo decidira que era melhor assim. Em vez de chamar, escreveram para ele. Mammachi disse que Rahel devia escrever também. Escrever o quê? *Meu querido Estha, como vai? Eu estou bem. Ammu morreu ontem.*

Rahel nunca escreveu para ele. Certas coisas não se podem fazer, como escrever cartas para uma parte de si mesmo. Para seus pés, ou cabelos. Ou coração.

No escritório de Pappachi, Rahel (nem moça, nem velha), com poeira do chão nos pés, levantou os olhos do Caderno de Exercícios de Sabedoria e viu que Esthappen Des-conhecido tinha ido embora.

Ela desceu (do banquinho, de cima da mesa) e foi até a varanda.

Viu as costas de Estha desaparecendo pelo portão.

Meio da manhã e prestes a chover de novo. Nos últimos momentos daquela luz estranha, fulgurante, de antes da chuva, o verde estava feroz.

Um galo cantou à distância e sua voz separou-se em duas. Como uma sola despregando de um sapato velho.

Rahel ficou ali com os velhos cadernos de Sabedoria. Na varanda da frente de uma velha casa, sob os olhos de botão de uma cabeça de bisão, onde anos antes, no dia da chegada de Sophie Mol, tinham encenado *Bem-vinda ao Lar, Sophie Mol*.

As coisas podem mudar em um dia.

8. BEM-VINDA AO LAR, SOPHIE MOL

ERA UMA BELA CASA ANTIGA, a Casa Ayemenem, com um ar altivo. Como se tivesse pouco a ver com as pessoas que viviam nela. Como um velho de olhos remelentos olhando crianças brincarem, enxergando apenas transitoriedade em sua animação ruidosa, em seu compromisso integral com a vida.

O telhado íngreme tinha ficado escuro e musgoso com o tempo e a chuva. As molduras de madeira triangulares das mansardas tinham entalhes rendilhados. A luz que passava por elas e caía no chão formando desenhos era cheia de segredos. Lobos. Flores. Lagartos. Mudando de forma enquanto o sol ia se deslocando no céu. Morrendo pontualmente, ao entardecer.

As portas não tinham duas, mas quatro folhas de madeira de teca, de forma que, antigamente, as mulheres podiam manter fechada a metade de baixo, apoiar os cotovelos na beirada e barganhar com os vendedores ambulantes, sem se revelarem da cintura para baixo. Tecnicamente, podiam comprar tapetes, ou pulseiras, com o peito coberto e os traseiros nus. Tecnicamente.

Nove degraus subiam da rampa de entrada para a varanda da frente. A elevação dava à varanda a dignidade de um palco, e tudo o que acontecia ali assumia a aura e a significação de um espetáculo. A varanda dava para o jardim ornamental de Baby Kochamma, para o caminho de cascalho que o circundava, descendo até a base do pequeno morro onde ficava a casa.

Era uma varanda profunda, fresca mesmo ao meio-dia, quando o sol era mais escaldante.

Quando o chão de cimento vermelho foi feito, precisaram da clara de quase novecentos ovos para misturar nele. Para ficar bem brilhante.

Abaixo da cabeça de bisão com olhos de botão, com os retratos do sogro e da sogra de cada lado, Mammachi sentava-se numa cadeira de vime, diante de uma mesa de vime onde havia um vaso verde com um único ramo inclinado de orquídeas roxas.

A tarde era clara e quente. O Ar, expectante.

Mammachi encaixava o violino brilhante debaixo do queixo. Seus óculos foscos, anos 50, eram pretos, estilo gatinho, com strasses brilhando nos cantos da armação. Seu sári era engomado e perfumado. Branco-cru e ouro. Os brincos de diamantes brilhavam em suas orelhas como pequenos candelabros. Os anéis de rubi estavam largos. Sua pele clara, fina, era enrugada como a nata sobre o leite esfriando, e polvilhada de minúsculas pintas vermelhas. Ela era bela. Velha, incomum, ativa.

Cega Mãe Viúva com um violino.

Em anos mais jovens, previdente e boa administradora, Mammachi guardara todos os cabelos que caíam de sua cabeça dentro de uma bolsinha bordada que ficava na penteadeira. Quando coletou o suficiente, fez com eles um coque dentro de uma redinha, que guardava escondido numa gaveta junto com suas jóias. Poucos anos antes, quando seu cabelo começou a rarear e ficar branco, para lhe dar corpo, ela usava o coque preto de azeviche preso com grampos na cabeça pequena e prateada. A seu ver, isso era perfeitamente aceitável, uma vez que todos os cabelos eram dela mesma. De noite, quando tirava o coque, deixava os netos trançarem o que lhe restava de cabelos num rabo de rato apertado, untado de óleo, com uma borrachinha amarrada na ponta. Um trançava seu cabelo, enquanto o outro contava suas pintas incontáveis. Os dois se alternavam.

No couro cabeludo, cuidadosamente escondidas pelo cabelo ralo, Mammachi tinha saliências em forma de meia-lua. Cicatrizes das velhas surras do velho casamento. Suas cicatrizes do vaso de latão.

Ela tocava “Lentement”, um movimento da Suíte I em Ré/ Sol, da *Water Music*, de Haendel. Detrás dos óculos escuros gatinho, seus olhos inúteis estavam fechados, mas ela conseguia enxergar a música saindo do violino e flutuando pela tarde, como fumaça.

Sua cabeça por dentro era como um quarto com cortinas escuras fechadas para um dia claro.

Ao tocar, sua alma vagava para os anos de sua primeira produção profissional de pickles. Como eram bonitos! Embalados e selados, alinhados na mesa perto da cabeceira de sua cama, para serem a primeira coisa que ela ia tocar de manhã, ao despertar. Foi para a cama cedo essa noite, mas acordou pouco depois da meia-noite. Procurou por eles e seus dedos ansiosos tocaram uma película de óleo. Os frascos de pickles estavam em cima de uma poça de óleo. Havia óleo por toda parte. Formando um anel em torno de sua garrafa térmica. Debaixo da Bíblia. Em cima da mesa-de-cabeceira toda. As mangas em pickles tinham absorvido óleo e se expandido, fazendo os frascos vazarem.

Mammachi consultou o livro que Chacko havia trazido para ela, *Conservas domésticas*, mas não encontrou uma solução. Então, ditou uma carta para o cunhado de Annamma Chandy, que era Gerente Regional da Padma Pickles, em Bombaim. Ele sugeriu que ela aumentasse a proporção de conservante que estava usando. E o sal. Isso ajudou, mas não resolveu inteiramente o problema. Mesmo agora, tantos anos depois, os frascos da Paraíso Pickles ainda vazavam um pouco. Era imperceptível, mas ainda vazavam, e em transportes demorados os rótulos ficavam oleosos e transparentes. E os pickles em si continuavam a ser um pouco salgados demais.

Mammachi imaginou se algum dia conseguiria dominar a arte da perfeita conservação, e se Sophie Mol ia gostar da polpa de uva gelada. Um pouco de suco roxo gelado num copo.

Então pensou em Margaret Kochamma, e as notas lânguidas, líquidas, da

música de Haendel ficaram agudas e zangadas.

Mammachi não conhecia Margaret Kochamma. Mas a desprezava mesmo assim. *Filha de comerciante*, foi como Mammachi arquivou mentalmente Margaret Kochamma. O mundo de Mammachi era arrumado assim. Se era convidada para um casamento em Kottayam, passava o tempo inteiro cochichando com quem quer que estivesse junto: “O avô materno da noiva foi carpinteiro do meu pai. Kunjukutty Eapen? A irmã da bisavó dele não passava de uma parteira em Trivandrum. A família do meu marido era dona dessa montanha inteira”.

Claro que Mammachi desprezaria Margaret Kochamma mesmo que ela fosse herdeira do trono da Inglaterra. Não era só a sua ascendência de classe trabalhadora que Mammachi reprovava. Ela odiava Margaret Kochamma por ser mulher de Chacko. Odiava-a por ter deixado Chacko. Mas a teria odiado ainda mais se tivesse ficado com ele.

No dia que Chacko impediu que Pappachi batesse nela (e que Pappachi matou a própria cadeira), Mammachi empacotou toda a sua bagagem “esposal” e a confiou aos cuidados de Chacko. Dali em diante ele se tornou o depositário de todos os seus sentimentos femininos. O Homem dela. O único Amor da vida dela.

Ela sabia das relações libertinas dele com as mulheres da fábrica, mas não ficava mais magoada com isso. Quando Baby Kochamma puxou o assunto, Mammachi ficou tensa, de lábios contraídos.

“Ele não pode deixar de ter Necessidades Masculinas”, disse, afetada.

Surpreendentemente, Baby Kochamma aceitou essa explicação, e a noção de Necessidades Masculinas, enigmática e secretamente emocionante, ganhou sanção implícita na Casa Ayemenem. Nem Mammachi, nem Baby Kochamma viam nenhuma contradição entre a cabeça marxista de Chacko e sua libido feudal. Elas só se preocupavam com os naxalitas, que sabiam terem forçado homens de Boas Famílias a se casarem com criadas que haviam engravidado. Evidentemente, elas não suspeitavam nem remotamente que o míssil, quando fosse disparado, aquele que aniquilaria para sempre o Bom Nome da família, viria de outra fonte completamente inesperada.

Mammachi mandou construir uma entrada independente para o quarto de Chacko, que ficava no lado leste da casa, para que os objetos de suas “Necessidades” não tivessem de circular *por dentro* da casa. Secretamente, ela escorregava dinheiro para deixá-las contentes. Elas aceitavam porque precisavam. Tinham filhos novos e parentes velhos. Ou maridos que gastavam tudo o que ganhavam nos bares de vinho de palmeira. O arranjo era conveniente para Mammachi, porque, na cabeça dela, um pagamento *esclarecia* as coisas. Separava sexo de amor. Necessidades de Sentimentos.

Margaret Kochamma, no entanto, era um caso muito diferente. Como ela não tinha meios de descobrir (embora tenha tentado uma vez mandar Kochu Maria examinar os lençóis em busca de manchas), Mammachi só podia esperar que

Margaret Kochamma não estivesse pretendendo retomar seu relacionamento sexual com Chacko. Enquanto Margaret Kochamma esteve em Ayemenem, Mammachi conseguiu controlar seus sentimentos incontroláveis, enfiando dinheiro nos bolsos dos vestidos que Margaret Kochamma deixava no cesto de roupa suja. Margaret Kochamma nunca devolveu o dinheiro simplesmente porque nunca o encontrou. Seus bolsos eram esvaziados como parte da rotina de Aniyan, a *dhobi*. Mammachi sabia disso, mas preferia interpretar o silêncio de Margaret Kochamma como uma aceitação tácita de pagamento pelos favores que Mammachi imaginava que ela estivesse dispensando a seu filho.

Assim, Mammachi tinha a satisfação de ver Margaret Kochamma apenas como mais uma puta, Aniyan, a *dhobi*, ficava contente com a gratificação diária, e, é claro, Margaret Kochamma continuava celestialmente inconsciente de todo o arranjo.

Pousado em cima do poço, um cuco despenteado gritou *Hwoop Hwoop* e sacudiu as asas vermelho-ferrugem.

Um corvo roubou um pedaço de sabão que fez bolhas em seu bico.

Na cozinha escura e fumacenta, a baixinha Kochu Maria ficou nas pontas dos pés e espalhou o glacê no bolo de duas camadas, escrito em cima BEM-VINDA AO LAR, SOPHIE MOL. Embora mesmo naqueles dias a maioria das mulheres cristãs sírias tivesse começado a usar sáris, Kochu Maria ainda vestia sua impecável *chatta* branca de meia manga com decote em V e seu *mundu* branco, que se dobrava num rígido leque de pano no traseiro. O leque do traseiro de Kochu Maria ficava mais ou menos escondido pelo avental de governanta xadrez de branco e azul, com babados, absurdamente incongruente, que Mammachi insistia que usasse dentro de casa.

Tinha braços curtos e grossos, dedos como minissalsichas e um nariz largo e carnoso com narinas abertas. Fundas dobras de pele ligavam seu nariz aos dois lados do queixo e separavam essa parte do rosto do resto, como um focinho. A cabeça era grande demais para o corpo. Ela parecia um feto preservado que tinha escapado de seu frasco de formol de um laboratório de Biologia e se desenrugado e engrossado com a idade.

Guardava dinheiro úmido no sutiã que apertava com força no peito para achatar aqueles seios nada cristãos. Seus brincos *kunukku* eram grossos, de ouro. Os lóbulos tinham se distendido com o peso e iam até seu pescoço, os brincos pousando em seus ombros como crianças alegres num carrossel. O lóbulo direito havia se rompido uma vez, e sido costurado de novo pelo dr. Verghese Verghese. Kochu Maria não podia deixar de usar seus *kunukku* porque, senão, como as pessoas iam saber que, apesar de seu emprego inferior de cozinheira (setenta e cinco rúpias por mês), ela era uma Cristã Síria, *Mar Thomite*? Não uma *pelaya*, nem uma *pulaya*, nem uma *paravan*. Mas uma tocável, uma cristã de casta

superior (em quem a cristandade se instilara como chá de um saquinho). Lóbulos rompidos e costurados eram, de longe, a melhor opção.

Kochu Maria ainda não tinha conhecimento da viciada em televisão que esperava dentro dela. A viciada em Hulk Hogan. Ela nunca tinha visto um aparelho de televisão. Ela nem acreditaria que televisão existia. Se alguém sugerisse que existia, Kochu Maria teria concluído que a pessoa estava insultando sua inteligência. Kochu Maria desconfiava das versões que as pessoas contavam do mundo exterior. No mais das vezes, tomava-as por uma afronta deliberada à sua falta de formação, sua ingenuidade (anterior). Numa inversão decidida de sua natureza inerente, Kochu Maria decidira agora quase nunca acreditar em nada do que diziam. Poucos meses antes, em julho, quando Rahel lhe contara que um astronauta norte-americano chamado Neil Armstrong tinha andado na Lua, ela riu, sarcástica, e disse que um acrobata malayali chamado O. Muthachen havia dado várias cambalhotas no Sol. Com lápis enfiados no nariz. Estava preparada para admitir que os norte-americanos *existiam* embora nunca tivesse visto um. Ela estava até preparada para acreditar que Neil Armstrong podia até ser algum tipo de nome absurdo. Mas essa história de andar na Lua? Não, senhor. Nem tampouco acreditou nas vagas fotos que apareceram no *Malayala Manorama* que não sabia ler.

Ela ainda tinha certeza de que quando Estha lhe disse “*Et tu, Kochu Maria!*” ele a estava insultando em inglês. Achou que queria dizer alguma coisa como *Kochu Maria, sua anã preta e feia*. Ela deixou passar, esperando uma ocasião adequada para reclamar dele.

Terminou de cobrir o bolo. Depois deitou a cabeça para trás e apertou o resto do glacê em cima da língua. Espirais sem fim de pasta de chocolate na língua rosada de Kochu Maria. Quando Mammachi chamou da varanda (“Kochu Mariye! Estou ouvindo o carro!”), sua boca estava cheia de glacê e ela não conseguiu responder. Quando terminou, passou a língua pelos dentes e deu uma série de estalos com a língua contra o céu da boca, como se tivesse acabado de comer alguma coisa amarga.

Sons azuiscelestes de carro distante (passando pelo ponto de ônibus, passando pela escola, pela igreja amarela e subindo a estrada vermelha esburacada pelo meio das seringueiras) lançaram um murmúrio pelas instalações penumbrosas e poeirentas da Paraíso Picles.

A conservação (e o moer, fatiar, ferver e mexer, salgar, secar, pesar e rotular) parou.

“*Chacko Saar vannu*” vinha a notícia voando. Facas foram pousadas. Vegetais abandonados, meio cortados, sobre imensas bandejas de metal. Abobrinhas desoladas, abacaxis incompletos. Protetores digitais de borracha (de cores brilhantes como alegres e grossas camisinhas) foram tirados. Mãos em conserva

lavadas e enxutas em aventais azul-cobalto. Cachos de cabelos soltos foram recapturados e presos por lenços de cabeça brancos. *Mundus* amarrados sob aventais foram soltos. As portas de tela da fábrica tinham molas e fechavam-se sozinhas, ruidosamente.

E de um lado da estrada, ao lado do velho poço, à sombra da árvore de *kodam puli*, um silencioso exército de aventais azuis se reuniu no calorverde para olhar.

Aventais azuis, bonés brancos, como uma fileira de elegantes bandeiras brancas e azuis.

Achoo, Jose, Yako, Anian, Elayan, Kuttan, Vijayan, Vawa, Joy, Sumathi, Ammal, Annamma, Kanakamma, Latha, Sushila, Vijayamma, Jollykutty, Mollykutty, Luckykutty, Beena Mol (moças com nomes de ônibus). Os ruídos surdos do descontentamento escondidos sob uma grossa camada de lealdade.

O Plymouth azul-celeste virou no portão e subiu triturando pequenas conchas no cascalho da alameda, deslocando pedregulhos vermelhos e amarelos. Crianças desceram do carro correndo.

Chafarizes despencados.

Topetes achatados.

Calças boca-de-sino amarrotadas e uma bolsa *go-go* que era amada. Com *jet-lag* e quase dormindo. Depois os adultos de tornozelos inchados. Lentos de tanto ficar sentados.

“Chegaram?”, Mammachi perguntou, voltando os óculos escuros gatinho na direção dos novos ruídos: portas de carro batendo, gente saindo. Ela baixou o violino.

“Mammachi!”, Rahel gritou para sua bela avó cega. “Estha vomitou! No meio d’*A noviça rebelde!* E...”

Ammu tocou suavemente a filha. No ombro. E seu toque queria dizer *Shhhh...* Rahel olhou em volta e viu que estava no meio de um Espetáculo. Mas seu papel era pequeno.

Era apenas cenário. Uma flor talvez. Ou uma árvore.

Um rosto na multidão. Um cidadão.

Ninguém cumprimentou Rahel. Nem mesmo o Exército Azul no calorverde.

“Onde ela está?”, Mammachi perguntou para os ruídos de carro. “Onde está Sophie Mol? Venha aqui para eu ver você.”

Quando ela falou, a Melodia Expectante que pairava sobre ela como o guarda-chuva rutilante de um elefante de templo se desmanchou e caiu suavemente, como poeira.

Chacko, no seu terno de *O Que Aconteceu Com o Nosso Homem das Massas?* e gravata bem alimentada, levou Margaret Kochamma e Sophie Mol pelos nove degraus vermelhos como se fossem dois troféus de tênis que ele tivesse acabado de ganhar.

E, mais uma vez, só as Pequenas Coisas foram ditas. As Grandes Coisas

continuaram guardadas dentro, não ditas. “Olá, Mammachi”, Margaret Kochamma disse na sua voz de professora boazinha (que algumas vezes dava palmadas). “Obrigada por nos receber. Precisávamos tanto sair um pouco.”

Mammachi sentiu um sopro de perfume barato azedado nas pontas pelo suor do vôo. (Ela própria tinha um vidro de Dior em seu estojo de couro trancado no cofre.)

Margaret Kochamma pegou a mão de mamãe. Seus dedos eram macios, os anéis de rubi eram duros.

“Olá, Margaret”, disse Mammachi (nem rude, nem gentil), ainda de óculos escuros. “Bem-vinda a Ayemenem. Desculpe eu não poder ver você. Mas, como sabe, sou quase cega.” Ela falou de maneira deliberadamente lenta.

“Ah, tudo bem”, Margaret Kochamma respondeu. “De qualquer forma, eu devo estar horrível.” E riu, hesitante, sem saber se aquela era a resposta certa.

“Errado”, disse Chacko. Ele se virou para mamãe com um sorriso orgulhoso que a mãe não podia enxergar. “Ela está linda como sempre.”

“Fiquei muito triste de saber de... Joe”, Mammachi disse. Ela só parecia um pouco triste. Não muito triste.

Houve um breve silêncio de Tristeza Por Joe.

“Onde está minha Sophie Mol?”, Mammachi perguntou. “Venha aqui e deixe sua avó olhar para você.”

Sophie Mol foi levada a Mammachi. Mammachi levantou os óculos muito escuros para o ar. Eles ficaram olhando como olhos de gato para a cabeça de bisão embolorada. O bisão embolorado disse: *Nada disso. Absolutamente.* Em Bisonês Embolorado.

Mesmo depois do transplante de córnea, Mammachi só conseguia enxergar luz e sombra. Se alguém estava parado na porta, ela enxergava que havia alguém parado na porta. Mas não quem era. Podia ler um cheque, ou uma receita, ou um extrato de banco, mas só se estivesse tão perto dos olhos que seus cílios tocavam no papel. Então ela segurava firme a coisa e mexia os olhos. Correndo de palavra para palavra.

A Cidadã (com sua roupa de fada) viu Mammachi puxar Sophie Mol para perto dos olhos para enxergá-la. Para ler a menina como um cheque. Para checá-la como a um extrato de banco. Mammachi (com seu olho melhor) viu cabelos castanho-avermelhados (n...nquase loiros), a curva de duas bochechas sardentas (nnnn... quase rosada), olhos cinza-azulados azuis.

“O nariz de Pappachi”, Mammachi disse. “Me diga, você é uma menina bonita?”, perguntou a Sophie Mol.

“Sou”, Sophie Mol respondeu.

“E alta?”

“Alta para a minha idade”, Sophie Mol disse.

“Muito alta”, disse Baby Kochamma. “Muito mais alta que Estha.”

“Ela é mais velha”, disse Ammu.

“Mesmo assim...”, Baby Kochamma disse.

Não muito distante, Velutha ia subindo o atalho das seringueiras. Sem camisa. Um rolo de fio elétrico encapado dependurado de um ombro. Usava seu *mundu* estampado de azul-escuro e preto em dobras folgadas acima dos joelhos. Nas costas, a folha da sorte da árvore da marca de nascença (que fazia as monções chegarem na data certa). Sua folha de outono na noite.

Antes que ele saísse do meio das árvores e pisasse na estrada, Rahel o viu e escapou do Espetáculo para ir até ele.

Ammu viu que ela foi.

Ficou olhando os dois, fora do palco, fazendo a sua complicada Saudação Oficial. Velutha fez uma reverência como tinham lhe ensinado, o *mundu* aberto como uma saia, igual à criada inglesa de *O desjejum do rei*. Rahel fez uma reverência (e disse “Reverência”). Depois trançaram os dedinhos e apertaram-se as mãos gravemente, com a formalidade de dois banqueiros numa convenção.

Na sombra malhada de sol que se filtrava por entre as árvores verde-escuras, Ammu viu Velutha carregar sua filha sem esforço, como se fosse uma criança inflável, feita de ar. Ele a jogou para cima, ela aterrissou nos braços dele, e Ammu viu no rosto de Rahel a delícia que a menina sentia naquele vôo.

Ela viu o relevo dos músculos da barriga de Velutha se enrijecerem e ficarem salientes sob a pele, como as divisões de uma barra de chocolate. Pensou: como o corpo dele tinha mudado, tão discretamente, do corpo liso de menino para aquele corpo de homem. Desenhado e rijo. Um corpo de nadador. O corpo de um carpinteiro-nadador. Brillhante, como se tivesse sido envernizado.

Ele tinha o rosto ossudo e um sorriso branco e súbito.

Era o sorriso dele que lembrava Ammu de Velutha menino. Ajudando Vellya Paapen a contar cocos. Estendendo presentinhos que havia feito para ela em cima da palma da mão para ela pegar sem tocar nele. Barcos, caixas, pequenos moinhos. Chamando-a de *Ammukutty*. Ammuzinha. Apesar de ela ser muito menos pequena do que ele. Quando olhava para ele agora, não conseguia deixar de pensar que o homem que ele era agora parecia-se muito pouco com o menino que tinha sido. O sorriso era a única peça de bagagem que ele havia trazido da infância para a idade adulta.

De repente, Ammu desejou que *fosse* ele mesmo quem Rahel viu na manifestação. Desejou que fosse ele com a bandeira levantada e o braço retesado de raiva. Desejou que debaixo do manto cauteloso de bom humor ele abrigasse uma raiva viva, arejada, contra o mundo ordenado e condescendente de que ela própria tinha tanta raiva.

Esperava que fosse ele.

Ficou surpresa com a intensidade da soltura física de sua filha com ele. Surpresa que sua filha parecesse ter um outro mundo que excluía inteiramente a

ela. Um mundo táctil de sorrisos e risadas de que ela, a mãe, não participava em nada. Ammu admitiu vagamente que seus pensamentos tinham um ligeiro tom roxo de inveja. Do homem ou de sua própria filha. Ou apenas daquele mundo deles, de dedos cruzados e sorrisos súbitos.

O homem parado na sombra das seringueiras, com moedas de sol dançando no corpo, carregando a filha dela nos braços, levantou os olhos e viu o olhar de Ammu. Séculos se concentraram em um único momento evanescente. A História foi pega no contrapé, desguardada. Descascada como a cobra descasca a pele velha. Suas marcas, suas cicatrizes, suas feridas de velhas guerras e os dias de andar para trás sumiram. E nesse vazio, a História deixou uma aura, palpável, cintilante, tão visível quanto a água do rio ou o sol no céu. Tão sensível quanto o calor de um dia quente, ou o puxão de um peixe na linha retesada. Tão óbvia que ninguém notou.

Naquele breve instante, Velutha levantou os olhos e viu coisas que nunca tinha visto antes. Coisas que até agora eram proibidas, toldadas pelas viseiras da História.

Coisas simples.

Por exemplo, ele viu que a mãe de Rahel era uma mulher.

Que tinha covinhas fundas quando sorria e que elas permaneciam por longo tempo depois que seus olhos haviam parado de sorrir. Viu que os braços dela eram marrons, redondos e firmes e perfeitos. Que seus ombros brilhavam, mas seus olhos estavam em algum outro lugar. Viu que quando lhe oferecesse seus presentes, não precisava mais ser na palma da mão aberta para que ela não precisasse tocá-lo. Seus barcos e caixas. Seus pequenos moinhos. Viu também que ele não era necessariamente o único a dar presentes. Que *ela* também tinha presentes para lhe dar.

Esse entendimento penetrou nele, limpo, como o fio afiado de uma faca. Frio e quente ao mesmo tempo. Tudo em um instante.

Ammu viu que ele viu. Ela desviou os olhos. Ele também. Demônios da História surgiram para reclamá-los. Para tornar a envolvê-los com suas peles cheias de cicatrizes e arrastá-los de volta para o lugar a que pertenciam de fato. Onde as Leis do Amor determinavam quem devia ser amado. E como. E quanto.

Ammu subiu para a varanda, de volta para o Espetáculo. Tremendo.

Velutha olhou para a Embaixadora I. Refugiado em seus braços. Colocou-a no chão. Tremendo também.

“Olha só você!”, ele disse, olhando o ridículo vestido espumoso. “Tão linda! Vai casar?”

Rahel alcançou as axilas dele e fez-lhe cócegas, impiedosamente. *Tique tique tique!*

“Eu *vi* você ontem”, ela disse.

“Onde?”, Velutha perguntou com voz aguda e surpresa.

“Mentiroso”, Rahel disse. “Mentiroso e fingido. Eu vi você, sim. Você estava de comunista, com uma camisa e uma bandeira. *E* fingiu que não me viu.”

“*Aiyyo kashtam*”, Velutha disse. “Eu ia fazer uma coisa dessas? Diga para mim, acha que Velutha *algum dia* faria uma coisa dessas? Deve ter sido o meu Irmão Gêmeo Há Muito Desaparecido.”

“Que Irmão Gêmeo Há Muito Desaparecido?”

“Urumban, boba... Aquele que mora em Kochi.”

“Qual Urumban?” Então, ela viu a piscada. “Mentiroso! Você não tem nenhum irmão gêmeo! Não era Urumban! Era *você!*”

Velutha riu. Ele tinha uma bela risada, sincera.

“Não era eu”, disse. “Eu estava doente, de cama.”

“Está vendo, você está dando risada!”, Rahel disse. “Isso quer dizer que era você, sim. Dar risada quer dizer que era você.”

“Isso só em inglês!”, Velutha disse. “Meu professor disse que em *malayalam* dar risada quer dizer que não era eu.”

Rahel levou um momento para entender aquilo. E pulou em cima dele outra vez. *Tique tique tique!*

Ainda rindo, Velutha olhou na direção do Espetáculo, para Sophie. “Cadê a nossa Sophie Mol? Vamos dar uma olhada nela. Você lembrou de trazer a sua prima ou deixou ela lá?”

“Não olhe para lá”, Rahel disse, aflita.

Ela subiu no parapeito de cimento que separava as seringueiras do caminho e tapou os olhos de Velutha com as mãos.

“Por quê?”, Velutha perguntou.

“Porque eu não quero”, Rahel respondeu.

“Cadê Estha Mon?”, Velutha perguntou, com uma Embaixadora (disfarçada de Inseto Refugiado disfarçado de Fada do Aeroporto) dependurada nas costas, com as pernas enroladas na cintura dele, tapando seus olhos com as mãozinhas pegajosas. “Não vi seu irmão.”

“Ah, a gente vendeu ele em Cochin”, Rahel disse, distraída. “Em troca de um saco de arroz. E de uma lanterna.”

A espuma de seu vestido engomado apertava flores de renda contra as costas de Velutha. Flores de renda e uma folha da sorte desabrochando numas costas negras.

Mas quando Rahel olhou o Espetáculo em busca de Estha, ele não estava lá.

De volta ao Espetáculo, Kochu Maria chegou, baixinha, atrás do bolo grande.

“Bolo chegando”, ela disse, um tanto alto, para Mammachi.

Kochu Maria sempre falava um pouco alto com Mammachi porque achava que a falta da visão afetava automaticamente os outros sentidos.

“*Kandoo*, Kochu Mariye?”, Mammachi disse. “Está vendo a nossa Sophie Mol?”

“*Kandoo*, Kochamma”, Kochu Maria disse, extra-alto. “Estou vendo, sim.”

Ela sorriu para Sophie, um sorriso extralargo. Era exatamente da altura de Sophie. Sua falta de altura mais eloqüente que o fato de ser cristã síria, apesar de todos os seus esforços.

“Ela tem as mesmas cores da mãe”, disse Kochu Maria.

“O nariz de Pappachi”, Mammachi insistiu.

“Isso eu não sei, mas ela é muito bonita”, Kochu Maria gritou. “*Sundarikutty*. É um anjinho.”

Anjinhos eram cor de areia e usavam calças boca-de-sino.

Diabinhos eram marronterra com vestidos de Fada de Aeroporto e galos na testa que podiam se transformar em chifres. Com chafarizes com Amor-em-Tóquio. E o costume de ler invertido.

E se você olhasse bem, com Satã nos olhos.

Kochu Maria pegou as duas mãos de Sophie, com as palmas para cima, levou-as ao rosto e inalou profundamente.

“O que ela está fazendo?”, Sophie quis saber, mãos londrinhas macias presas em mãos calosas de Ayemenem. “Quem é ela e por que está cheirando minha mão?”

“É a cozinheira”, Chacko disse. “É o jeito dela beijar você.”

“Beijar?”, Sophie Mol não acreditou, mas ficou interessada.

“Que maravilha!”, Margaret Kochamma disse. “É como farejar! Homens e mulheres fazem isso um com o outro também?”

Não era bem o que queria dizer e ela corou. Um buraco no Universo em forma de professora envergonhada.

“Ah, o tempo todo!”, Ammu disse, um pouco mais alto que o murmúrio sarcástico que pretendia. “É assim que fazemos filhos.”

Chacko não bateu nela.

Então ela também não bateu nele.

Mas o Ar de Expectativa ficou Bravo.

“Acho que deve desculpas a minha esposa, Ammu”, Chacko disse, com um ar protetor de proprietário (esperando que Margaret Kochamma não fosse dizer *Ex-esposa*, *Chacko!*, sacudindo uma rosa para ele).

“Ah, não!”, Margaret Kochamma disse. “A culpa foi minha! Não era isso o que eu queria dizer... o que eu queria dizer era que... queria dizer que é fascinante pensar que...”

“Era uma pergunta absolutamente normal”, Chacko disse. “E acho que Ammu tem de pedir desculpas.”

“Será que nós vamos ter de nos comportar como uma merda de uma tribo selvagem que acabou de ser descoberta?”, Ammu perguntou.

“Ai, nossa!”, Margaret Kochamma falou.

No silêncio zangado do Espetáculo (o Exército Azul ainda assistindo no calorverde), Ammu voltou até o Plymouth, pegou sua mala, bateu a porta e foi para seu quarto, os ombros brilhando. E deixou todo mundo pensando onde ela havia aprendido a insultar.

Verdade seja dita, era algo a se ponderar.

Porque Ammu não tinha tido esse tipo de educação, nem lido esse tipo de livros, nem encontrado o tipo de pessoas que podia influenciá-la para pensar como pensava.

Ela simplesmente era esse tipo de animal.

Em criança, aprendera bem depressa a recusar as histórias de Papai Urso Mamãe Urso que lhe davam para ler. Em sua versão, Papai Urso batia em Mamãe Urso com vasos de latão. Mamãe Urso agüentava as surras com muda resignação.

Durante os anos de crescimento, Ammu observou o pai tecendo sua trama odiosa. Ele era encantador e civilizado com as visitas, e chegava a ser quase servil se eram brancos. Doava dinheiro para orfanatos e leprosários. Trabalhava com empenho sua imagem pública de homem sofisticado, generoso, ético. Mas a sós com sua mulher e filhos transformava-se num monstro truculento e desconfiado, com um traço de intrigante perversidade. Eles apanhavam, eram humilhados, e invejados por amigos e parentes por terem um pai e marido tão maravilhoso.

Ammu tinha suportado noites de inverno ao relento em Délhi, escondida na cerca viva de *mehndi* em volta da casa (para o caso de serem vistas por alguém de Boa Família) porque Pappachi havia chegado de volta do trabalho nervoso e batido nela e em Mammachi e expulsado as duas de casa.

Numa dessas noites, Ammu, com nove anos, escondida com a mãe entre os arbustos, viu pelas janelas a silhueta nítida de Pappachi iluminada, indo de quarto em quarto. Não contente de espancar a mulher e a filha (Chacko estava na escola), ele rasgou cortinas, chutou móveis e estilhaçou um abajur. Uma hora depois de as luzes se apagarem, ignorando os pedidos apavorados de Mammachi, a pequena Ammu entrou na casa pela abertura de ventilação, para resgatar suas botas novas de borracha que ela adorava mais do que tudo. Colocou-as dentro de um saco de papel, e estava entrando na saleta quando as luzes se acenderam de repente.

Pappachi estivera sentado em sua cadeira de balanço de mogno aquele tempo todo, se balançando em silêncio no escuro. Quando a pegou, não disse uma palavra. Espancou-a com o relho de cabo de marfim (o mesmo que tinha no colo na fotografia do estúdio). Ammu não chorou. Quando parou de bater, ele mandou que ela fosse pegar a tesoura de picotar no armário de costura de Mammachi. Ammu ficou olhando enquanto o Entomologista Imperial recortava

suas botas novas de borracha com a tesoura de picotar de sua mãe. As tiras de borracha preta caíam no assoalho. A tesoura guinchava. Ammu ignorou o rosto aflito, apavorado, da mãe que apareceu na janela. Levou dez minutos para a sua adorada bota de borracha ser inteiramente estraçalhada. Quando a última tira de borracha caiu ao chão, o pai ficou olhando para ela com olhos frios, duros, e balançou e balançou e balançou. Cercado por um mar de cobras de borracha retorcidas.

Quando ficou mais velha, Ammu aprendeu a conviver com essa crueldade fria e calculada. Ela desenvolveu um arraigado senso de injustiça e aquele traço de teimosia e descuido que surge em Alguém Pequeno maltratado a vida inteira por Alguém Grande. Ela não fez absolutamente nada para evitar brigas e confrontos. Na verdade, pode-se dizer que ela os procurava, talvez até gostasse disso.

“Ela foi embora?”, Mammachi perguntou para o silêncio à sua volta.

“Foi”, Kochu Maria respondeu alto.

“A gente pode falar ‘merda’ na Índia?”, Sophie Mol perguntou.

“Quem disse merda?”, Chacko perguntou.

“Ela disse”, Sophie Mol respondeu. “Tia Ammu. Ela disse assim ‘uma merda de uma tribo selvagem’.”

“Corte o bolo e sirva para todo mundo”, disse Mammachi.

“Porque na Inglaterra a gente não pode falar isso”, Sophie Mol disse para Chacko.

“O quê?”, Chacko perguntou.

“Falar Eme E Erre De A”, Sophie Mol respondeu.

Mammachi olhou sem ver para a tarde brilhante. “Está todo mundo aí?”, perguntou.

“*Oower*, Kochamma”, o Exército Azul no calorverde respondeu. “Todo mundo aqui.”

Fora do Espetáculo, Rahel disse para Velutha: “*Nós* não estamos, não é? *Nós* nem estamos na brincadeira”.

“Exatamente”, Velutha disse. “Nem estamos na brincadeira. Mas o que eu queria saber é o seguinte, onde é que está o Esthapappychachen Kuttappen Peter Mon?”

E aquilo virou uma deliciosa dança sem fôlego entre as seringueiras, como a dança de Rumpelstilskin.

*Oh Esthapappychachen Kuttappen Peter Mon,
where, oh where have you gon?*

[Ó, Esthapappychachen Kuttapen Peter Mon se escondeu, onde, ó, onde foi que se meteu?]

E de Rumpelstilskin passou para Pimpinela Escarlata.

*We seek him here, we seek him there,
Those Franchies seek him everywhere.
Is he in heaven? Is he in hell?
That demmedel-usive Estha-Pen?*

[Procura pra cá, procura pra lá,
Os franceses procuram por todo lugar.
Não está no céu? Nem no inferno também?
Esse maldito enganador Estha-Pen?]

Kochu Maria cortou um pedaço de amostra para a aprovação de Mammachi.

“Um pedaço para cada um”, Mammachi confirmou para Kochu Maria, tocando ligeiramente sua fatia com os dedos cheios de anéis de rubi para ver se estava bem pequena.

Kochu Maria serrou o resto do bolo desajeitadamente, laboriosamente, respirando pela boca, como se estivesse destrinchando uma perna de carneiro assada. Colocou os pedaços numa grande bandeja de prata. Mammachi tocou no violino uma melodia de *Bem-vinda ao Lar, Sophie Mol*. Uma melodia de chocolate, enjoativa. Docepegajosa e marronderretida. Ondas de chocolate numa praia de chocolate.

No meio da música, Chacko levantou a voz acima do som de chocolate. “Mamma!”, disse ele (no seu tom de Ler em Voz Alta). “Mamma! Já chega! Chega de violino!”

Mammachi parou de tocar e olhou na direção de Chacko com o arco parado no ar.

“Chega? Você acha que já chega, Chacko?”

“Chega, sim”, Chacko disse.

“Se chega, chega”, Mammachi murmurou para si mesma. “Acho que vou parar agora.” Como se a idéia tivesse acabado de lhe ocorrer.

Ela guardou o violino na caixa preta em forma de violino. Que fechava como uma mala. E a música ficava fechada junto.

Clique. E clique.

Mammachi tornou a colocar os óculos. E fechou as cortinas para o dia quente.

Ammu saiu da casa e chamou Rahel.

“Rahel! Venha dormir! Venha, depois que comer o bolo!”

Rahel sentiu o coração pesado. Dormir de tarde. Ela detestava isso.

Ammu voltou para dentro.

Velutha pôs Rahel no chão, e ela ficou desamparada à margem da estrada, à margem do Espetáculo, Dormir de Tarde pairando imenso e horrendo no horizonte.

“E faça o favor de parar de intimidades demais com esse homem!”, Baby Kochamma disse para Rahel.

“Intimidade demais?”, Mammachi perguntou. “Quem, Chacko? Quem está tendo intimidade demais?”

“Rahel”, Baby Kochamma respondeu.

“Intimidade demais com o *quê?*”

“Com quem”, Chacko corrigiu a mãe.

“Muito bem, ela estava de intimidade demais com *quem?*”, Mammachi perguntou.

“Com o seu querido Velutha, quem mais podia ser?”, Baby Kochamma disse, e virou-se para Chacko: “Pergunte para ele onde estava ontem. Vamos cortar as asas dele de uma vez”.

“Agora não”, Chacko disse.

“O que quer dizer intimidade demais?”, Sophie Mol perguntou para Margaret Kochamma, que não respondeu.

“Velutha? O Velutha está aqui? Você está aí?”, Mammachi perguntou para a Tarde.

“*Oower*, Kochamma.” Ele saiu do meio das árvores e entrou no Espetáculo.

“Descobriu o que era?”, Mammachi perguntou.

“Era a vedação da válvula”, Velutha respondeu. “Já troquei. Está funcionando de novo.”

“Então pode ligar”, Mammachi disse. “O tanque está vazio.”

“Esse homem vai ser a nossa Nêmesis”, Baby Kochamma disse. Não porque fosse clarividente e tivesse tido um súbito vislumbre profético, mas só para complicar a vida dele. Ninguém prestou a menor atenção nela.

“Escrevam o que eu digo”, ela concluiu, amarga.

“Você viu ela?”, Kochu Maria perguntou quando levou o bolo para Rahel. Estava falando de Sophie Mol. “Quando crescer ela vai ser a nossa Kochamma e vai subir o salário da gente e dar sáris de náilon de presente na época de Onam. Kochu Maria colecionava sáris, embora nunca usasse e provavelmente nunca viesse a usar nenhum.

“E daí?”, Rahel disse. “Quando isso acontecer eu já vou estar morando na África.”

“África?”, Kochu Maria desdenhou. “A África é cheia de gente preta feia, e de mosquito.”

“Só você que é feia”, Rahel disse, e completou, em inglês, “Anã idiota!”.

“O que é que você disse?”, Kochu Maria perguntou, ameaçadora. “Não me diga. Eu sei. Eu escutei. Vou contar para Mammachi. Espere só!”

Rahel foi até o poço velho onde sempre havia umas formigas para matar. Formigas vermelhas que tinham um cheiro ruim de peido quando eram esmagadas. Kochu Maria foi atrás dela com o prato de bolo.

Rahel disse que não queria aquele bolo idiota.

“*Kushumbi*”, Kochu Maria disse. “Gente invejosa vai direto pro inferno.”

“Quem que está com inveja?”

“Não sei. Me diga você”, Kochu Maria disse, com o avental de babados e o coração de vinagre.

Rahel colocou os óculos escuros e deu uma olhada no Espetáculo. Estava tudo cor de Raiva. Sophie Mol, parada entre Margaret Kochamma e Chacko, parecia à espera de um tabefe. Rahel descobriu uma fileira inteira de formigas suculentas. Estavam a caminho da igreja. Todas vestidas de vermelho. Tinham de ser mortas antes de chegarem lá. Esmagadas, trituradas com uma pedra. Não se podem permitir formigas fedidas na igreja.

As formigas faziam um barulhinho crocante quando a vida saía de dentro delas. Como um elfo comendo torrada, ou uma bolacha torradinha.

A Igreja Formigal ia ficar vazia e o Bispo Formigo ia ficar esperando com a sua roupa engraçada de Bispo Formigo, sacudindo incenso num pote de prata. E não ia chegar ninguém.

Depois de esperar um tempo formigante, ele ia ficar com a testa cheia de rugas formigueiras e sacudir a cabeça, bem triste. Olhava para o vitral formigal brilhando e depois que acabasse de olhar ia trancar a igreja com uma chave enorme e deixar tudo escuro. Aí, voltava para a mulher dele que estava esperando em casa e (se ela não estivesse morta) os dois formigos iam Dormir de Tarde.

Sophie Mol, de chapéu, calça boca-de-sino e Amada Desde o Princípio, saiu do Espetáculo e foi ver o que Rahel estava fazendo atrás do poço. Mas o Espetáculo continuou sem ela. Fosse onde fosse, parasse onde parasse, sorrisos carinhosos a seguiam sempre. Kochu Maria afastou a bandeja de bolo com seu sorriso de adoração quando Sophie chapinhou na lama em torno do poço (calça boca-de-sino amarela agora molhada de lama).

Sophie Mol inspecionou a devastação odorífera com distanciamento clínico. A pedra estava coberta de carcaças vermelhas esmagadas e umas perninhas sacudindo sem força.

Kochu Maria ficou olhando com seus farelos de bolo.

Os Sorrisos Carinhosos observavam Carinhosamente.

As Meninas Brincando.

Que gracinha.

Uma cor de praia.

Outra marrom.

Uma Amada.

Outra Amada Um Pouco Menos.

“Vamos deixar uma viva para ela ficar Solitária”, Sophie Mol sugeriu.

Rahel a ignorou e matou todas. E com sua espumosa Toalete de Aeroporto e calcinhas combinando (não mais engomadas) e óculos escuros descombinados, foi-se embora. Desapareceu no calorverde.

Os Sorrisos Carinhosos continuaram sobre Sophie Mol, como um holofote, pensando, talvez, que as lindas primas estavam brincando de esconde-esconde como as primas lindas sempre fazem.

9. MRS. PILLAI, MRS. EAPEN,
MRS. RAJAGOPALAN

O VERDE DO DIA TINHA ESCORRIDO das árvores. Escuras folhas de palmeira se abriam contra o céu de monção como pentes pendurados. O sol cor de laranja deslizou por seus dentes tortos, ásperos.

Um esquadrão de morcegos frugívoros voou na penumbra.

No jardim ornamental abandonado, Rahel, observada por anões desequilibrados e um querubim esquecido, acorou-se junto ao tanque estagnado e ficou olhando os sapos saltando de pedra em pedra. Lindos Sapos Feios.

Viscosos. Empelotados. Coaxantes.

Príncipes ansiosos, não beijados, presos dentro deles. Comida para as cobras que se escondiam na grama alta de junho. Deslizar. Dar o bote. Fim do príncipe por beijar.

Era a primeira noite em que não chovia desde que chegara.

Se estivesse em Washington, Rahel pensou, por agora eu estaria indo para o trabalho. O ônibus. As luzes da rua. A fumaça dos escapamentos. A forma da respiração das pessoas no vidro à prova de balas da minha cabina. O tilintar das moedas empurradas para mim na bandeja de metal. O cheiro de dinheiro nos meus dedos. O bêbado pontual que chega exatamente às dez da noite: “É, você aí! Puta preta! Chupa o meu pau!”.

Tinha setecentos dólares. E uma pulseira com cabeças de cobra. Mas Baby Kochamma já havia perguntado quanto tempo mais pretendia ficar. E o que planejava fazer com Estha.

Ela não tinha planos.

Nenhum plano.

Nenhum *Locusts Stand I*.

Olhou para a casa de mansardas, quieta, um buraco em forma de casa no Universo e imaginou morar na antena parabólica prateada que Baby Kochamma tinha mandado instalar no telhado. Parecia tão grande que dava para morar lá dentro. Com toda a certeza era maior que a casa de muita gente. Maior, por exemplo, que o quartinho abarrotado de Kochu Maria.

Se eles dormissem ali, ela e Estha, enrolados como fetos num útero raso e prateado, o que fariam Hulk Hogan e Bam Bam Bigelow? Se a parabólica fosse ocupada, aonde iriam eles? Será que desceriam pela chaminé para a vida e para a TV de Baby Kochamma? Será que aterrissariam no velho fogão com um grito *Hiaah!*, com seus músculos e roupas listadas? Será que as Pessoas Magras, vítimas da fome e refugiados, se enfiariam pelas rachaduras das portas? E o Genocídio deslizaria por entre as telhas?

O céu estava grosso de TV. Se usasse óculos especiais, daria para enxergar,

entre os morcegos e os pássaros que se aninhavam, os programas no céu, loiras, guerras, fomes, futebol, programas culinários, golpes de Estado, cabelos duros de laquê. Coletes de grife. Flutuando na direção de Ayemenem como pára-quadristas. Formando padrões no céu. Rodas. Moinhos. Flores abrindo e fechando.

Hiaah!

Rahel voltou a contemplar os sapos.

Gordos. Amarelos. De pedra em pedra. Tocou um deles suavemente. Ele deslizou a pálpebra para cima. Comicamente seguro de si.

Lembrou-se que ela e Estha passaram um dia inteiro dizendo *membrana nictitante*. Ela e Estha e Sophie Mol.

Nictitante

ictitante

titante

itante

tante

ante

te

Estavam, os três, vestindo sáris (velhos, cortados ao meio) nesse dia, Estha o perito em amarrar. Ele fez as pregas do sári de Sophie Mol. Organizou o *pallu* de Rahel e arranjou o próprio. Tinham *bindis* vermelhas na testa. Ao tentarem lavar o *khol* de Ammu, que eram proibidos de pegar, tinham espalhado a tinta escura pelas pálpebras e pareciam três guaxinins tentando se fazer passar por damas hindus. Foi cerca de uma semana depois de Sophie Mol chegar. Uma semana antes de ela morrer. Até então, a prima havia sido impecável debaixo da perspicaz observação dos gêmeos e desmentido todas as suas piores expectativas.

Tinha:

(a) Informado a Chacko que apesar de ele ser seu Pai Verdadeiro, ela o amava menos que Joe (o que o deixou disponível, mesmo que não disposto, a ser o pai substituto de certas pessoas gêmeas bivitelinas famintas por sua afeição).

(b) Recusado a oferta de Mammachi para substituir Estha e Rahel na tarefa noturna de trançar o rabo-de-rato e contar as pintas de Mammachi.

(c) (& Mais Importante) Avaliado astutamente o temperamento dominante, e não só rejeitado, mas rejeitado enfaticamente e com extrema grosseria, todos os avanços e pequenas seduções de Baby Kochamma.

E como se isso não bastasse, tinha se revelado humana. Um dia, os gêmeos voltaram de uma excursão clandestina ao rio (que havia excluído Sophie Mol) e a encontraram no jardim, em prantos, trepada no ponto mais alto da Curva Herbácea, “Solitária”, como ela dizia. No dia seguinte, Estha e Rahel a levaram junto visitar Velutha.

Foram visitá-lo vestindo sáris que arrastavam sem nenhuma elegância pelo barro

vermelho e pela grama alta (*Nictitante ictitante titante tante ante te*) e se apresentaram como mrs. Pillai, mrs. Eapen e mrs. Rajagopalan. Velutha se apresentou e apresentou o irmão paralisado Kuttapen (que estava dormindo profundamente). Saudou os três com perfeita cortesia. Dirigiu-se a eles todos como Kochamma e ofereceu água-de-coco fresca para beber. Conversou sobre o tempo. Sobre o rio. Sobre o fato de, em sua opinião, os coqueiros estarem ficando ano a ano mais baixos. Assim como as senhoras de Ayemenem. Apresentou a sua galinha mal-humorada. Mostrou suas ferramentas de carpinteiro e esculpiu para cada um uma colherinha de madeira.

Só agora, todos esses anos depois, é que Rahel, com percepção de adulto, se dava conta da doçura daquele gesto. Um homem adulto recebendo três guaxinins, tratando-os como damas de verdade. Compactuando instintivamente com a conspiração daquela fantasia, cauteloso para não dizimá-la com descuido adulto. Nem com afeto.

Afinal, é tão fácil abalar uma história. Quebrar uma linha de pensamento. Arruinar um fragmento de sonho conduzido com cuidado como se fosse uma peça de porcelana.

Embarcar, viajar junto, como Velutha fez, é a coisa mais difícil de se fazer.

Três dias antes do Terror, ele os deixou pintar suas unhas com o esmalte Cutex vermelho que Ammu tinha jogado fora. Era assim que ele estava no dia em que a História os visitou na varanda dos fundos. Um carpinteiro com unhas espalhafatosas. O bando de Policiais tocáveis olhou aquelas unhas e riu.

“O que é isso?”, um deles perguntou. “O cara é gilete, é?”

Outro levantou a bota com uma centopéia enrolada entre as fendas da sola. Marrom-ferrugem intenso. Com um milhão de pernas.

A última alça de luz escorregou do ombro do querubim. A penumbra engoliu o jardim. Inteiro. Como uma píton. Luzes se acenderam na casa.

Rahel podia ver Estha em seu quarto, sentado em sua cama arrumada. Estava olhando para o escuro fora da janela gradeada. Ele não podia vê-la, sentada ali fora, no escuro, olhando a noite.

Dois atores aprisionados numa peça recôndita, sem nenhum indício de trama ou narrativa. Tropeçando em seus papéis, cuidando da tristeza de outro. Sofrendo o sofrimento de outro.

De alguma forma incapazes de mudar seus papéis. Ou comprar, por algum preço, alguma forma barata de exorcismo, de algum conselheiro diplomado que sentaria os dois e diria, em uma de muitas formas: “Vocês não são os Pecadores. Vocês são as Vítimas do Pecado. Eram apenas crianças. Não tinham controle da situação. São as vítimas, não os perpetradores”.

Teria ajudado muito se eles tivessem conseguido fazer essa passagem. Se pudessem ter usado, mesmo que temporariamente, o trágico capuz de vítimas. Então eles teriam sido capazes de dar uma cara a tudo aquilo, e conjurar fúria pelo que aconteceu. Ou procurar compensação. E até, talvez, acabar exorcizando as lembranças que os assolavam.

Mas não havia raiva disponível para eles e não havia nenhum rosto para colocar nessa Outra Coisa que eles seguravam com Outras Mãos pegajosas, como uma laranja imaginária. Não havia onde pousá-la. Não era deles para que pudessem dar. Ia ter de ser carregada. Com cuidado e para sempre.

Esthappen e Rahel sabiam, ambos, que naquele dia houve vários perpetradores (além deles próprios). Mas uma única vítima. E ele tinha unhas vermelho-sangue e uma folha marrom nas costas, que fazia as monções chegarem na data certa.

Ele deixou um buraco no Universo pelo qual a escuridão jorrava como asfalto líquido. Pelo qual a mãe deles seguiu, sem se voltar nem para acenar uma despedida. Ela os abandonou, girando no escuro, sem ancoradouro, em um lugar sem alicerces.

Horas depois, a lua surgiu e fez a penumbrosa píton devolver o que tinha engolido. O jardim reapareceu. Regurgitado inteiro. Com Rahel sentada nele.

A direção do vento mudou e trouxe sons de tambor. Um presente. A promessa de uma história. *Era uma vez*, diziam eles, *numa terra distante*.

Rahel levantou a cabeça, escutou.

Em noites claras, o som do *chenda* viajava um quilômetro desde o templo de Ayemenem, anunciando uma apresentação de *kathakali*.

Rahel foi. Atraída pela lembrança de teto íngreme e paredes brancas. De lampiões de latão acesos e de madeira escura, untada com óleo. Foi na esperança de encontrar um velho elefante que não tinha sido eletrocutado na estrada Kottayam—Cochin. Parou na cozinha para pegar um coco.

Ao sair, notou que uma das portas de tela da fábrica havia sido tirada das dobradiças e estava apoiada no batente. Ela a afastou e entrou. O ar estava pesado de umidade, tão molhado que dava para um peixe nadar nele.

O chão debaixo de seus pés escorregadio com a espuma da monção. Um pequeno morcego aflito voava entre as vigas do teto.

Os barris de cimento baixos para pickles, silhuetados na penumbra, faziam a fábrica parecer um cemitério coberto para mortos cilíndricos.

Os restos terrenos da Paraíso, Pickles & Polpas.

Onde não muito tempo antes, no dia que Sophie Mol chegou, o Embaixador E. Pélvis remexeu um caldeirão de geléia escarlate e pensou Dois Pensamentos. Onde um segredo vermelho, em forma de manga mole, foi colocado em pickles, selado e guardado.

É verdade. As coisas podem mudar em um dia.

10. O RIO DENTRO DO BARCO

ENQUANTO CORRIA O ESPETÁCULO *Bem-vinda ao Lar*, *Sophie Mol*, na varanda da frente, e Kochu Maria distribuía bolo para um Exército Azul no calorverde, o Embaixador E. Pélvis/P. Escarlata (com um topete) de sapato bege de bico fino abriu a porta de tela das instalações úmidas e cheirando a pickles da Paraíso Pickles. Caminhou entre os gigantescos barris de cimento para pickles em busca de um lugar para Pensar. Ousa, a coruja que morava numa trave escurecida, perto da clarabóia (e que ocasionalmente dava sua contribuição ao sabor de certos produtos Paraíso), ficou olhando enquanto ele passava.

Pelas limas amarelas flutuando em salmoura, que precisavam ser mexidas de quando em quando (senão formavam-se ilhas de fungos pretos, como cogumelos embabadados num caldo ralo).

Pelas mangas verdes, cortadas e recheadas com cúrcuma e pimenta em pó e amarradas com barbante. (Exigiam atenção durante algum tempo.)

Pelos frascos de vinagre com rolhas.

Pelas prateleiras de pectina e conservantes.

Pelas bandejas de abobrinha, com facas e protetores de dedo coloridos.

Pelos sacos de estopa cheios de alho e cebolas pequenas.

Pelos montes de pimentões verdes frescos.

Por uma pilha de cascas de banana no chão (guardadas para dar de comer aos porcos).

Pelo armário de rótulos cheio de rótulos.

Pela cola.

Pelo pincel de cola.

Pelo tanque de ferro de garrafas vazias boiando na água com espuma de sabão.

Pelo espremedor de limão.

De uva.

E de volta.

Estava escuro lá dentro, iluminado apenas pela luz que se filtrava pela porta de tela entupida e por um raio de sol empoeirado (que Ousa não utilizava) vindo da clarabóia. O cheiro de vinagre e assa-fétida penetrou em suas narinas, mas Estha estava acostumado com aquilo, adorava aquilo. O lugar que ele achou para Pensar ficava entre a parede e o caldeirão preto de ferro dentro do qual uma porção de geléia de banana (ilegal) recém-fervida estava esfriando lentamente.

A geléia ainda estava quente e na superfície escarlata e pegajosa uma grossa espuma rosada estava morrendo aos poucos. Pequenas bolhas de banana se afogando em geléia e ninguém para ajudá-las.

O Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão podia entrar a qualquer momento. Pegar o ônibus Cochim—Kottayam e chegar. E Ammu ofereceria uma xícara de chá para ele. Ou polpa de abacaxi talvez. Com gelo. Amarelo num copo.

Com o mexedor de ferro comprido, Estha mexeu a geléia grossa, fresca.

A espuma moribunda fabricava formas moribundas.

Um corvo com a asa partida.

Uma pata de galinha fechada.

Uma coruja (não Ousa) besuntada de geléia enjoativa.

Um redemoinho tristonho.

E ninguém para ajudar.

Enquanto mexia a geléia grossa, Estha pensou Dois Pensamentos, e os Dois Pensamentos que ele pensou são os seguintes:

(a) *Tudo pode acontecer para Qualquer Um.*

E

(b) *É melhor estar preparado.*

Depois de pensar esses pensamentos, Estha Sozinho ficou contente com sua sabedoria.

Enquanto a geléia magenta e quente ia girando, Estha se transformou no Mago Mexedor com um topete desarrumado e dentes irregulares, e depois nas Bruxas de Macbeth.

Queima fogo, borbulha banana.

Ammu deixara Estha copiar a receita de geléia de banana de Mammachi no novo caderno de receitas dela, que era preto com lombada branca.

Muito consciente da honra que Ammu tinha lhe concedido, Estha usou as suas duas letras melhores.

Geléia de Banana (em sua melhor letra *antiga*)

Amasse bananas maduras. Acrescente água até cobrir e cozinhe em fogo muito forte, até ficar macio.

Exprima todo o líquido passando por um pano grosso.

Calcule a mesma quantidade de açúcar e reserve.

Ferva o suco da fruta até que fique escarlate e reduza até a metade do volume.

Prepara a gelatina (pectina) da seguinte maneira:

Proporção 1 para 5.

i. e.: 4 colheres de chá de pectina para 20 colheres de chá de açúcar.

Estha sempre pensava na pectina como o mais novo de três irmãos que tinham martelos: Pectina, Hectina e Abednego. Ele imaginava os três construindo um navio de madeira numa luz mortiça, debaixo de garoa. Como os filhos de Noé. Podia ver os três com clareza na cabeça. Correndo contra o tempo. O som das marteladas ecoando surdos sob o céu enfarruscado de tempestade a caminho. E perto, na selva, sob a luz impressionante da tempestade a caminho, animais se enfileirando aos pares:

Meninamenino.

Meninamenino.

Meninamenino.

Meninamenino.

Gêmeos não.

O resto da receita estava na nova melhor letra de Estha. Angulosa, espinhuda. Inclinação para trás como se as letras relutassem em formar palavras, e as palavras relutassem em formar sentenças:

Acrecente a pectina ao suco concentrado. Ferva por alguns (5) minutos.

Use fogo forte, deixando queimar um pouco nas beiradas.

Acrescente o açúcar. Ferva até aparecer o fundo da panela.

Deixe esfriar lentamente.

Espero que aprecie esta receita.

À parte os erros de ortografia, a última linha, *Espero que aprecie esta receita*, era a única contribuição de Estha ao texto original.

Gradualmente, à medida que Estha mexia, a geléia de banana ia engrossando e esfriando, e o Pensamento Número Três subiu, sem ser chamado, do sapato bege de bico fino.

O Pensamento Número Três era:

(c) *Um barco.*

Um barco para remar até o outro lado do rio. Akkara. O Outro Lado. Um barco para levar Provisões. Fósforos. Roupas. Louças e Panelas. Coisas de que iam precisar e com as quais não podiam nadar.

Os pelinhos dos braços de Estha ficaram arrepiados. Mexer a geléia virou remar um barco. Girar e girar virou para a frente e para trás. Atravessando um rio escarlate pegajoso. Uma canção da corrida de barcos de Onam encheu a fábrica. *“Thaiy thaiy thaka thaiy thaiy thome!”*

Enda da korangacha, chandi ithra thenjadu?

[Ô, seu Macaco, por que sua bunda é tão vermelha, sô?]

Pandyill thooran poyappol nerakkamuthiri nerangi njan.

[Eu fui cagar em Madras e esfreguei tanto que sangrou.]

Sobre as perguntas e respostas um tanto malcriadas da canção de remadores, a voz de Rahel flutuou pela fábrica.

“Estha! Estha! Estha!”

Estha não respondeu. O coro da canção de remadores sussurrava na geléia grossa.

Theeyome

Thithome

Tharaka

Thithome

Theem

Uma porta de tela rangeu, e uma Fada do Aeroporto com galoschifres e óculos de sol vermelhos de armação amarela olhou para dentro com o sol por trás. A fábrica era cor de raiva. As limas em salmoura eram vermelhas. As mangas moles eram vermelhas. O armário de rótulos era vermelho. O raio de sol empoeirado (que Ousa nunca usava) era vermelho.

A porta de tela se fechou.

Rahel ficou parada na fábrica vazia com seu chafariz e o Amor-em-Tóquio. Ouviu uma voz de freira cantando a canção de remadores. Uma voz límpida de soprano flutuando sobre vapores de vinagre e barris de picles.

Ela foi até Estha, curvado sobre o caldo escarlata no caldeirão preto.

“O que você quer?”, Estha perguntou sem levantar os olhos.

“Nada”, Rahel respondeu.

“Então para que veio aqui?”

Rahel não respondeu. Houve um silêncio breve e hostil.

“Por que você está remando a geléia?”, Rahel perguntou.

“A Índia é um País Livre”, Estha respondeu.

Ninguém podia negar.

A Índia era um País Livre.

Você podia colher sal.* Remar geléia, se quisesse.

O Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão podia entrar pela porta de tela.

Se quisesse.

E Ammu podia lhe oferecer suco de abacaxi. Com gelo.

Rahel sentou na beirada de um barril de cimento (as bordas espumosas da anágua e da renda delicadamente mergulhadas em pickles de manga mole) e experimentou os protetores de dedo de borracha. Três moscas-varejeiras lutavam ferozmente contra as portas de tela, querendo entrar. E Ousa, a coruja, observava o silêncio com cheiro de pickles que jazia entre os dois gêmeos, como um hematoma.

O dedos de Rahel estavam Amarelo Verde Azul Vermelho Amarelo.

A geléia de Estha estava mexida.

Rahel levantou-se para ir embora. Dormir de Tarde.

“Aonde você vai?”

“Para um lugar.”

Rahel tirou os novos dedos e ficou com dedos cor de dedos de antes. Não amarelos, nem verdes, nem azuis, nem vermelhos. Nem amarelos.

“Vou para Akkara”, Estha respondeu. Sem levantar os olhos. “Para a Casa da História.”

Rahel parou e virou-se para ele, e em seu coração uma mariposa parda com tufo de pêlo dorsal excepcionalmente densos desdobrou as asas predadoras.

Abrindo devagar.

Fechando devagar.

“Por quê?”, Rahel perguntou.

“Porque Tudo Pode Acontecer Para Qualquer Um”, Estha respondeu. “É melhor Estar Preparado.”

Ninguém podia negar.

Ninguém mais ia até a casa de Kari Saipu. Vellya Paapen dizia ter sido o último ser humano a pousar os olhos nela. Ele dizia que era assombrada. Tinha contado aos gêmeos a história de seu encontro com o fantasma de Kari Saipu. Acontecera dois anos antes, dizia. Ele tinha atravessado o rio, procurando uma árvore de noz-moscada para fazer uma pasta de noz-moscada e alho fresco para Chella, a mulher dele, que estava morrendo de tuberculose. De repente, sentiu cheiro de fumaça de charuto (que ele reconheceu na mesma hora, porque Pappachi fumava a mesma marca). Vellya Paapen virou e golpeou o cheiro com sua foice. E pregou o fantasma no tronco de uma seringueira, onde, segundo Vellya Paapen, estava até hoje. Um cheiro cortado por foice, que sangrava sangue transparente, âmbar, e implorava um charuto.

Vellya Paapen nunca encontrou a árvore de noz-moscada, e precisou comprar uma foice nova. Mas teve a satisfação de saber que, com seus reflexos rápidos como um raio (apesar do olho hipotecado) e com sua presença de espírito, tinha dado fim ao vagar sanguíneo de um fantasma pedófilo.

Contanto que ninguém sucumbisse às suas artimanhas e o soltasse da foice com um charuto.

O que Vellya Paapen (que sabia uma porção de coisas) *não* sabia é que a casa de Kari Saipu era a Casa da História (cujas portas eram trancadas e as janelas

abertas). E que lá dentro ancestrais com hálito de mapa e unhas dos pés duras sussurravam para os lagartos nas paredes. Que a História usava a varanda dos fundos para negociar seus termos e cobrar o que lhe era devido. Que a inadimplência levava a funestas conseqüências. Que no dia que a História escolhesse acertar seus livros, Estha guardaria os recibos por tudo o que Velutha pagou.

Vellya Paapen não fazia idéia que era Kari Saipu quem capturava sonhos e os ressonhava. Que ele os arrancava das almas dos passantes da mesma maneira que as crianças catam as passas de um bolo. Que aqueles de que mais gostavam, os sonhos que adorava ressonhar, eram os sonhos brandos de gêmeos bivitelinos.

O pobre velho Vellya Paapen, se ele soubesse então que a História tinha escolhido a ele como seu deputado, que seriam as lágrimas *dele* que colocariam o Terror em movimento, talvez ele não tivesse passeado, empinado como um frango, pelo mercado de Ayemenem, gabando-se de ter atravessado a nado o rio com a foice na boca (acre o gosto do ferro na língua). De ter largado a foice por um momento apenas, quando se ajoelhou para lavar a sujeira do rio do olho hipotecado (havia sujeira no rio, às vezes, principalmente nos meses chuvosos), e sentido o cheiro da fumaça de charuto. De ter pegado a foice e girado no ar, cortando o cheiro e prendendo o fantasma para sempre. Tudo num único movimento fluido, atlético.

Quando ele afinal compreendeu seu papel nos Planos da História, já era tarde demais para voltar sobre os próprios passos. Ele tinha varrido suas pegadas. Rastejando para trás com uma vassoura.

Na fábrica, o silêncio atacou mais uma vez e cerrou-se em torno dos gêmeos. Mas dessa vez era um tipo diferente de silêncio. Um velho silêncio de rio. O silêncio de Gente Pescadora e de pálidas sereias.

“Mas os comunistas não acreditam em fantasmas”, Estha disse, como se estivessem continuando uma conversa para investigar soluções para o problema do fantasma. As conversas deles emergiam e submergiam como riachos de montanha. Às vezes audíveis para os outros. Às vezes não.

“Nós vamos virar comunistas?”, Rahel perguntou.

“Talvez a gente tenha de virar.”

Estha, o Prático.

Vozes distantes com farelos de bolo e passos do Exército Azul se aproximando fizeram os camaradas selarem o segredo.

Ele foi colocado em conserva, selado e guardado. Um segredo vermelho, em forma de manga mole num barril. Dominado por uma coruja.

A Agenda Vermelha estava pronta e assentada:

A Camarada Rahel iria Dormir de Tarde, mas ficaria na cama acordada até Ammu dormir.

O Camarada Estha ia encontrar a bandeira (que Baby Ko-chamma tinha sido forçada a sacudir) e esperar por Rahel perto do rio, e os dois iam:

(b) *Se preparar para estar preparados.*

Um vestido de fada criança (em semipicles) ficou duro, de pé sozinho no meio do quarto escuro de Ammu.

Lá fora, o Ar estava Alerta e Brilhante e Quente. Rahel ficou deitada ao lado de Ammu, bem acordada com suas calcinhas de aeroporto combinando. Dava para ver o padrão de flores de ponto de cruz da colcha azul de ponto de cruz impressos no rosto de Ammu. Dava para ouvir a tarde azul de ponto de cruz.

O lento ventilador de teto. O sol detrás das cortinas.

A vespa amarela vespando contra o vidro da janela num bzzzz arriscado.

Uma piscada de lagarto cético.

Galinhas marchando no quintal.

O som do sol ressecando a roupa lavada. Branqueando os lençóis de cama. Endurecendo os sáris engomados. Branco-cru e ouro.

Formigas vermelhas em pedras amarelas.

Uma vaca quente sentindo calor. *Mmmmmmm*. Ao longe.

E o cheiro de um ardiloso fantasma inglês, preso por uma foice numa seringueira, pedindo gentilmente um charuto.

“Mmm... com licença? Você por acaso não teria um mmm... charuto, teria?”

Numa voz suave de professor.

Ah, *puxa!*

E Estha esperando por ela. Perto do rio. Debaixo do pé de mangostão que o reverendo E. John Ipe tinha trazido de sua visita a Mandalay.

Em cima de que Estha estava sentado?

Em cima daquilo em que eles sempre se sentavam quando estavam debaixo do pé de mangostão. Algo cinzento e arrepiado. Coberto de musgo e líquens, oculto por samambaias. Algo que a terra tinha reclamado. Não um tronco. Nem uma pedra...

Antes de completar o pensamento, Rahel já estava de pé e correndo.

Passou pela cozinha, por Kochu Maria dormindo profundamente. Com rugas pesadas como um súbito rinoceronte com avental de babados.

Pela fábrica.

Tropeçando descalça pelo calorverde, seguida de uma vespa amarela.

Lá estava o Camarada Estha. Debaixo do pé de mangostão. Com a bandeira vermelha plantada na terra a seu lado. Uma República Móvel. Uma Revolução Gêmea com um Topete.

E no que ele estava sentado?

Em algo coberto de musgo, oculto pelas samambaias.

Batendo com os dedos, fazia um som surdo de batida.

O silêncio baixou e subiu e atacou e traçou figuras em forma de oito. Libélulas como jóias voejavam como vozes agudas de crianças ao sol. Dedos cor de dedos lutaram com as samambaias, removeram as pedras, abriram caminho. Houve um esforço suado de achar uma beirada para segurar. E Um Dois e.

As coisas podem mudar em um dia.

Era um barco. Um minúsculo *vallom* de madeira.

O barco que Ammu iria usar para atravessar o rio. Para amar de noite o homem que seus filhos amavam de dia.

Um barco tão velho que tinha criado raízes. Quase.

Um velho pé de barco cinzento com barcoflores e barcofrutas. E por baixo, um pedaço de grama seca em forma de barco. Um barcomundo rápido, passageiro.

Escuro e seco e fresco. Sem teto agora. E cego.

Branco cupins a caminho do trabalho.

Branca joaninhas a caminho de casa.

Branco besouros fugindo da luz.

Branco gafanhotos com violinos de madeira branca.

Branca música triste.

Uma branca vespa. Morta.

Uma branca pele de cobra ressecada, preservada no escuro, desfez-se no sol.

Mas serviria, aquele pequeno *vallom*? Seria velho demais? Morto demais? Akkara seria longe demais para ele?

Dois gêmeos bivitelinos olharam do outro lado do rio.

O Meenachal.

Verdecinzento. Com peixes lá dentro. O céu e as árvores lá dentro. E, de noite, uma lua amarela partida lá dentro.

Quando Pappachi era menino, um velho pé de tamarindo caiu durante uma tempestade. Ainda estava lá. A árvore lisa, sem casca, escurecida pelo excesso de água verde. Madeira flutuante não flutuante.

O primeiro terço do rio era amigo deles. Antes de começar o Fundo Mesmo. Eles conheciam os degraus de pedra escorregadios (treze) antes que começasse a lama viscosa. Eles conheciam as ervas que retornavam à tarde da laguna de Komarakom. Conheciam os peixes menores. O *pallathi* achatado e bobo, o *paral* prateado, o esperto *koori* de bigodes, o *karimeen* ocasional.

Ali, Chacko tinha ensinado os dois a nadar (espadanando, sem ajuda, na água em torno da ampla barriga do tio). Ali, tinham descoberto sozinhos a boba delícia de peidar debaixo da água.

Ali, tinham aprendido a pescar. A enfiar minhocas roxas que se reviravam em anzóis na ponta das linhas das varas que Velutha lhes fizera de finas hastes de bambu amarelo.

Ali, eles estudaram Silêncio (como os filhos de Gente Pescadora) e aprenderam a linguagem brilhante das libélulas.

Ali, tinham aprendido a Esperar. A Observar. A pensar pensamentos e não enunciá-los. A agir como um raio quando o bambu amarelo se curvava para baixo.

Portanto, esse primeiro terço do rio eles conheciam bem. Os outros dois terços menos.

No segundo terço é que o Fundo Mesmo começava. Onde a corrente era uma certeza rápida (rio abaixo na maré vazante, subindo da laguna na maré alta).

O terceiro terço era de novo raso. A água marrom e turva. Cheia de matos e enguias rápidas, e lama lenta que esguichava entre os dedos dos pés como pasta de dentes.

Os gêmeos nadavam como duas focas e, supervisionados por Chacko, tinham atravessado o rio várias vezes, voltando ofegantes e vesgos de tanto esforço, com uma pedrinha, um ramo ou uma folha do Outro Lado para comprovar seu feito. Mas o meio de um rio respeitável, ou o Outro Lado, não era lugar para uma criança Entrar, Estar ou Estudar Coisas. Estha e Rahel atribuíam ao segundo e terceiro terços do Meenachal a deferência que mereciam. Mesmo assim, atravessar nadando não era problema. O problema era levar o barco com as Coisas dentro (para que pudessem *(b) Se preparar para estar preparados*).

Os dois olharam o rio com olhos de Barco Velho. De onde estavam, não dava para ver a Casa da História. Era apenas um escuro além do pântano, no coração da plantação de seringueiras abandonada, de onde se expandia o som de grilos.

Estha e Rahel levantaram o pequeno barco e o levaram para a água. Ele pareceu surpreso, como um peixe grisalho que aflorasse do fundo. Com urgente necessidade de luz solar. Precisava de uma raspada, uma limpeza talvez, mas nada mais.

Dois corações felizes subiram como pipas coloridas para o céu azul-celeste. Mas então, com um lento sussurro verde, o rio (com peixes lá dentro, com o céu e árvores lá dentro) borbulhou para dentro do barco.

Lentamente o velho barco afundou, e pousou no sexto degrau.

E os corações de um par de gêmeos bivitelinos afundaram e pousaram no degrau acima do sexto.

Os peixes do fundo cobriram as bocas com as barbatanas e riram do espetáculo.

Uma branca aranha do barco flutuou com o rio dentro do barco, esperneou brevemente e afogou-se. Sua branca bolsa de ovos se rompeu prematuramente, e uma centena de bebês-aranha (leves demais para afundar, pequenos demais para nadar) pintou a superfície lisa da água verde, antes de ser arrastada para o mar.

Para Madagascar, para dar início a um novo filo de Aranhas Nadadoras Malayali.

Pouco depois, como se tivessem combinado (embora não tivessem), os gêmeos começaram a lavar o barco no rio. As teias de aranha, a lama, o limo, o líquen flutuaram para longe. Quando estava limpo, eles o viraram de ponta-cabeça e o levantaram sobre as cabeças. Como um chapéu conjunto e gotejante. Estha pegou a bandeira vermelha.

Uma pequena procissão (uma bandeira, uma vespa e um barco com pernas) seguiu o caminhozinho bem conhecido pelo mato. Evitando os tufos de urtiga, e os buracos e formigueiros conhecidos. Ladeou o precipício do poço profundo de uma antiga mina de laterita, que era agora um lago calmo com margens íngremes, cor de laranja, a água grossa, viscosa, coberta com uma película luminosa de espuma verde: um gramado verdejante, traiçoeiro, onde os mosquitos se reproduziam e os peixes eram gordos, mas inacessíveis.

O caminho, que seguia paralelo ao rio, levava a uma pequena clareira de grama escondida entre árvores densas: coqueiros, cajueiros, mangueira, bilimbis. À margem da clareira, de fundos para o rio, uma pequena cabana com paredes de laterita cor de laranja, rebocada de barro, teto de sapé, aninhada rente ao chão, como se estivesse ouvindo o murmúrio de um segredo subterrâneo. As paredes baixas da cabana eram da mesma cor que a terra em que estava construída, e ela parecia ter germinado de uma semente de casa plantada na terra, da qual costelas de terra em ângulo reto haviam nascido, cerrando um espaço. Três bananeiras descabeladas cresciam no jardimzinho cercado com painéis de folhas de palmeira trançadas.

O barco com pernas aproximou-se da cabana. Havia um lampião de óleo apagado ao lado da porta, a parede em torno manchada de fuligem negra. A porta estava meio aberta. Lá dentro, escuro. Uma galinha preta apareceu na porta. E voltou para dentro, inteiramente indiferente a visitas de barcos.

Velutha não estava em casa. Nem Vellya Paapen. Mas alguém estava.

Uma voz de homem flutuava lá de dentro e ecoava pela clareira, fazendo o homem soar solitário.

A voz gritava a mesma coisa, insistentemente, e a cada repetição subia para um registro mais alto, mais histérico. Era um apelo a uma goiaba madura demais que ameaçava cair da árvore e fazer uma sujeira no chão.

Pa pera-pera-pera-perakka

[Dona goiagóia-go-go-goiaba]

Ende parambil thooralley.

[Não cague aqui na minha casa.]

Chetende parambil thoorikko

[Pode ir cagar no vizinho, na casa do meu irmão]

Pa pera-pera-pera-perakka.
[Dona goiagóia-go-go-goiaba.]

Quem gritava era Kuttappen, o irmão mais velho de Velutha. Ele era paraplético do peito para baixo. Dia após dia, mês após mês, enquanto o irmão não estava e o pai saía para trabalhar, Kuttappen ficava deitado de costas olhando sua juventude passar sem parar nem para dizer olá. O dia inteiro ele ficava ali ouvindo o silêncio de árvores densas com a única companhia de uma galinha preta mandona. Sentia falta da mãe, Chella, que tinha morrido no mesmo canto do quarto onde agora ficava deitado. Ela havia morrido de uma morte tossida, cuspidada, dolorida, escarrada. Kuttappen lembrava-se de ter percebido que os pés dela morreram muito antes dela. A pele foi ficando cinzenta e sem vida. Lembrava-se do medo que sentiu ao ver a morte subindo por ela desde baixo. Kuttappen vigiava os próprios pés amortecidos com um medo sempre crescente. De vez em quando, cutucava esperançoso os próprios pés, usando uma vara que deixava pronta num canto para se defender da visita de cobras. Ele não tinha nenhuma sensibilidade nos pés, e só a evidência visual garantia-lhe que ainda estavam ligados a seu corpo e que eram seus de fato.

Depois que Chella morreu, ele foi transferido para o canto dela, o canto que Kuttappen imaginava ter sido reservado pela Morte para administrar seus negócios mortais na casa dele. Um canto para cozinhar, um para roupas, um para os colchonetes, um para morrer.

Ele imaginava quanto tempo a sua morte demoraria, e o que as pessoas que tinham mais de quatro cantos em suas casas faziam com o resto dos cantos. Será que tinham mais escolhas de cantos para morrer?

E concluiu, não sem razão, que seria o primeiro da família a seguir a trilha da mãe. Ele logo descobriria que não. Em breve. Muito em breve.

Às vezes (por hábito, por saudades dela), Kuttappen tossia igual à mãe, e a parte superior de seu corpo se sacudia como um peixe recém-pescado. A parte de baixo continuava imóvel feito chumbo, como se pertencesse a outra pessoa. Alguém que morreu e cujo espírito ficou aprisionado e não conseguia escapar.

Ao contrário de Velutha, Kuttappen era um bom *paravan*, integrado. Não sabia nem ler nem escrever. Enquanto ali ficava em sua cama dura, pedaços de sapé e sujeira caíam do teto em cima dele e misturavam-se ao seu suor. Às vezes, caíam também formigas e outros insetos. Em dias ruins, as paredes cor de laranja estendiam mãos e curvavam-se em cima dele, examinando-o como médicos malévolos, lenta, deliberadamente, apertando para fora o seu alento e fazendo-o gritar. Às vezes, elas recuavam sozinhas, e o quarto ficava impossível de grande, aterrorizando-o com o espectro de sua própria insignificância. E isso também o fazia gritar.

A insanidade pairava sempre à mão, como um garçom dedicado em um

restaurante caro (acendendo cigarros, enchendo copos). Kuttappen pensava cheio de inveja nos loucos que podiam andar. Ele não tinha dúvidas quanto à justiça do trato: sua sanidade em troca de pernas utilizáveis.

Os gêmeos depositaram o barco no chão, e o ruído provocou um súbito silêncio lá dentro.

Kuttappen não estava esperando ninguém.

Estha e Rahel empurraram a porta e entraram. Pequenos como eram, tinham de baixar a cabeça para entrar. A vespa ficou esperando no lampião do lado de fora.

“É a gente.”

O quarto estava escuro e limpo. Cheirava a peixe com curry e fumaça de lenha. O calor se colava às coisas como uma febre baixa. Mas o chão de terra era fresco sob os pés descalços de Rahel. Os colchonetes de Velutha e de Vellya Paapen estavam enrolados, encostados à parede. As roupas dependuradas de uma corda. Havia uma prateleira baixa de madeira na cozinha onde estavam arrumadas tigelas de terracota, conchas feitas de casca de coco e três pratos de ágata lascados com debrum azul-escuro. Um homem adulto podia ficar de pé no centro da sala, mas não nos lados. Outra porta baixa levava ao quintal, onde havia mais bananeiras, além das quais o rio cintilava entre a folhagem. A bancada de carpinteiro tinha sido montada no quintal.

Não havia chaves, nem armários para trancar.

A galinha preta saiu pela porta dos fundos e ciscou distraída o chão do quintal, onde rolavam raspas de madeira como cachos loiros. A julgar pela personalidade dela, parecia ter sido criada numa dieta pesada: grampos e ganchos e pregos e parafusos velhos.

“*Aiyyo, Mon! Mol!* O que é que vocês vão pensar? Que Kuttappen é um inútil!”, disse uma voz envergonhada, sem corpo.

Os gêmeos levaram algum tempo para acostumar os olhos ao escuro. Então o escuro se dissolveu e Kuttappen apareceu em sua cama, um gênio brilhando na penumbra. O branco de seus olhos era amarelo-escuro. As solas dos pés (finas de tanto ficar deitado) saindo para fora do pano que lhe cobria as pernas. Ainda eram manchadas de cor de laranja pálido de anos e anos andando descalço na lama vermelha. Ele tinha calos cinzentos nos tornozelos onde apertava a corda que os *paravans* usam amarrada nos pés para trepar nos coqueiros.

Na parede atrás dele, havia um Jesus de calendário, benigno, de cabelos ralos, batom e ruge, com um coração horrível aparecendo como uma jóia entre as roupas. A parte de baixo do calendário (o pedaço onde ficavam as datas) estava embabadado como uma saia. Jesus de míni. Doze camadas de anáguas para os

doze meses do ano. Nenhuma tinha sido arrancada.

Havia outras coisas da Casa Ayemenem que haviam sido ou dadas a eles ou resgatadas por eles da lata de lixo. Coisas ricas numa casa pobre. Um relógio que não funcionava, um cesto de papel de metal florido. As velhas botas de montaria de Pappachi (marrons, com mofo verde) com as fôrmas ainda dentro delas. Latas de bolachas com imagens suntuosas de castelos ingleses e damas de saias rodadas e cachos nos cabelos.

Um pequeno pôster (de Baby Kochamma, dado por ela por causa de uma mancha de umidade) dependurado ao lado de Jesus. Era a figura de uma criança loira escrevendo uma carta, com lágrimas escorrendo pelas faces. Embaixo estava escrito: *Estou escrevendo para dizer que sinto sua falta*. Parecia que tinha acabado de cortar os cabelos e que os seus cachos é que rolavam pelo quintal de Velutha.

Um tubo de plástico transparente saía de debaixo do velho lençol de algodão que cobria Kuttappen e ia até uma garrafa de líquido amarelo que recebia o raio de luz da porta. Isso respondia a uma pergunta que vinha crescendo dentro de Rahel. De uma *koojab* de barro, ela pegou água para ele com um copo de metal. Parecia conhecer o espaço. Kuttappen levantou a cabeça e bebeu. Um pouco de água escorreu por seu queixo.

Os gêmeos se agacharam, como futriqueiros profissionais do mercado de Ayemenem.

Ficaram sentados em silêncio por um tempo. Kuttappen mortificado, os gêmeos preocupados com pensamentosbarco.

“A Mol de Chacko Saar chegou?”, Kuttappen perguntou.

“Chegou”, Rahel respondeu, lacônica.

“Cadê ela?”

“Sei lá. Por aí. A gente não sabe.”

“Vocês vão trazer ela aqui para eu ver?”

“Não dá”, Rahel disse.

“Por quê?”

“Ela tem de ficar dentro de casa. É muito delicada. Se ficar suja, ela morre.”

“Sei.”

“A gente não pode trazer ela aqui... e além disso, não tem nada para *ver*”, Rahel garantiu a Kuttappen. “Ela tem cabelo, perna, dente, você sabe, o de sempre... só que ela é um pouco alta.” E essa foi a única concessão que Rahel fez.

“Só isso?”, Kuttappen perguntou, entendendo depressa. “Então por que ver ela?”

“Não tem por quê”, Rahel disse.

“Kuttappa, quando um *vallom* está furado é muito difícil de consertar?”, Estha perguntou.

“Não deve ser, não”, Kuttappen respondeu. “Depende. Que *vallom* que está furado, de quem?”

“O nosso, que a gente encontrou. Quer ver?”

Os dois saíram e voltaram com o barco grisalho para o homem paralisado examinar. Colocaram o barco acima dele, como um teto. Pingou água em cima dele.

“Primeiro, tem de encontrar os furos”, Kuttappen disse. “Depois, tem de vedar com um pedaço de madeira.”

“Depois lixar”, Estha disse. “Depois envernizar.”

“Depois, os remos”, Rahel disse.

“Depois, os remos”, Estha concordou.

“Depois, é ir”, Rahel disse.

“Para onde?”, Kuttappen perguntou.

“Por aí”, Estha respondeu, ausente.

“Vocês têm de ter cuidado”, Kuttappen disse. “Esse nosso rio... ele nem sempre é o que finge que é.”

“O que ele finge que é?”, Rahel perguntou.

“Ah... uma *ammooma*, velha e pequenininha, quieta e limpa, que vai na igreja... *idi appam* no café-da-manhã, *kanji* e *meen* no almoço. Sem se meter na vida de ninguém. Sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.”

“E de verdade ele é...?”

“Selvagem mesmo... eu escuto de noite, correndo no luar, sempre com pressa. Vocês têm de tomar cuidado com ele.”

“E o que é que ele come?”

“Come? Ah... Cozido... e...” Ele procurou alguma coisa em inglês para o rio mau comer.

“Fatias de abacaxi...”, Rahel sugeriu.

“Isso mesmo! Fatias de abacaxi e cozido. E ele bebe. Uísque.”

“E conhaque.”

“E conhaque. Verdade.”

“E olha para a direita e para a esquerda.”

“Verdade.”

“E se mete na vida dos outros...”

Esthappen escorou o barquinho no chão de terra irregular, usando uns pedaços de madeira que achou na oficina de Velutha no quintal. Deu a Rahel uma concha de cozinha, feita de uma metade da casca de coco lixada presa a um cabo de madeira.

Os gêmeos subiram no *vallom* e remaram por águas vastas, agitadas.

Com um *Thaiy thaiy thaka thaiy thaiy thome*. Com um Jesus de jóia no peito assistindo.

Ele andava sobre a água. Talvez. Mas será que Ele podia *nadar* na terra?

De calcinha combinando e óculos escuros? Com seu chafariz e Amor-em-Tóquio? De sapato de bico fino e topete? Será que Ele teria imaginação para isso?

Velutha voltou para ver se Kuttappen precisava de alguma coisa. De longe ouviu a cantoria. Vozes jovens sublinhando, deliciadas, a escatologia.

*Ô, seu Macaco,
Por que sua BUNDA é tão VERMELHA, sô?
Eu fui CAGAR em Madras
E esfreguei tanto que SANGROU!*

Momentaneamente, por alguns poucos momentos felizes, o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão fechou o sorriso amarelo e foi embora. O medo cedeu e assentou no fundo da água funda. Dormindo um sono de cachorro. Pronto para levantar e escurecer as coisas de uma hora para outra.

Velutha sorriu ao ver a bandeira marxista brotando como uma árvore ao lado de sua porta. Ele tinha de se abaixar muito para entrar em casa. Um esquimó tropical. Quando viu as crianças, sentiu um aperto no peito. Não entendeu por quê. Mas, de repente, não era mais a mesma coisa. Agora. Depois do grande erro da História. Nunca tinha sentido um punho fechado no peito antes.

Os filhos *dela*, disse um sussurro dentro dele.

Os olhos *dela*, *dela* a boca. Os dentes.

A pele macia, fulgurante, *dela*.

Ele afastou zangado o pensamento. Mas o pensamento voltou e sentou-se em cima de sua cabeça. Como um cachorro.

“Ah!”, disse aos jovens visitantes. “Posso saber quem é essa Gente Pescadora?”

“Esthapappychachen Kuttapen Peter Mon. Sr. e sra. Muito prazer.” Rahel estendeu sua concha para apertar em cumprimento.

Ela foi apertada em cumprimento. A dela, depois a de Estha.

“E posso saber para onde vão de barco?”

“Para a África!”, Rahel gritou.

“Pare de gritar”, Estha disse.

Velutha deu uma volta em torno do barco. Os dois contaram onde o tinham encontrado.

“Então, ele não é de ninguém”, Rahel disse um pouco hesitante, porque lhe ocorreu que podia ser de alguém. “Será que a gente devia dar parte na polícia?”

“Não seja boba”, Estha disse.

Velutha bateu na madeira com os nós dos dedos, depois arranhou um pedacinho com a unha.

“Madeira boa”, disse.

“Ele afunda”, Estha contou. “Está furado.”

“Pode consertar para nós, Veluthapappychachen Peter Mon?”, Rahel perguntou.

“Vamos ver”, Velutha disse. “Não quero vocês fazendo nenhuma bobagem nesse

rio.”

“Não fazemos. Prometemos. Só vamos usar o barco quando você estiver junto.”

“Primeiro, vamos ter de achar os furos...”, Velutha disse.

“Depois, tem de vedar com um pedaço de madeira!”, os gêmeos gritaram, como se fosse o segundo verso de um poema bem conhecido.

“Quanto tempo demora?”, Estha perguntou.

“Um dia”, Velutha respondeu.

“Um *dia!* Achei que você ia dizer um mês!”

Estha, delirante de alegria, pulou em cima de Velutha, enrolou as pernas na cintura dele e beijou-o.

A lixa foi dividida em duas metades exatamente iguais, e os gêmeos se puseram a trabalhar com uma concentração impressionante que anulava todo o resto.

Poeira de barco voava pela sala e assentava nos cabelos e sobrancelhas. Em Kuttappen como uma nuvem, em Jesus como uma oferenda. Velutha teve de tirar a lixa das mãos deles.

“Aqui não”, disse com firmeza. “Lá fora.”

Pegou o barco e levou para fora. Os gêmeos foram atrás, olhos fixos no barco, sem desmanchar a concentração, cãezinhos atrás da comida.

Velutha ajeitou o barco para eles. O barco onde Estha se sentava e que Rahel tinha descoberto. Mostrou a eles como acompanhar as fibras da madeira. E começou junto a lixção. Quando voltou para dentro, a galinha preta foi atrás, decidida a estar onde quer que o barco não estivesse.

Velutha mergulhou uma toalha fina de algodão numa tigela de barro cheia de água. Torceu a toalha (ferozmente, como se fosse um pensamento indesejado) e deu para Kuttappen limpar a sujeira do rosto e do pescoço.

“Eles disseram alguma coisa?”, Kuttappen perguntou. “De verem você na manifestação?”

“Não”, Velutha respondeu. “Ainda não. Mas vão falar. Eles sabem.”

“Tem certeza?”

Velutha deu de ombros e levou a toalha para lavar. E enxaguar. E bater. E torcer. Como se ela fosse um cérebro ridículo, desobediente.

Tentou odiá-la.

Ela é como eles, disse para si mesmo. *Só uma no meio deles.*

Mas não conseguia.

Ela tinha covinhas fundas quando ria. Seus olhos estavam sempre em algum outro lugar.

A loucura esgueirou-se por uma frincha da História. Levou apenas um momento.

Depois de uma hora lixando, Rahel lembrou-se de Dormir de Tarde. E largou tudo e saiu correndo. Tropeçando pelo calorverde da tarde. Seguida pelo irmão e por uma vespa amarela.

Esperando, rezando, para Ammu não ter acordado e descoberto que ela havia saído.

* Em 1931, Ghandi, liderando a luta pela independência da Índia, pregava a desobediência civil. Seu primeiro ato contra o monopólio inglês foi ir a pé até o litoral e colher sal no mar. (N. T.)

11. O DEUS DAS PEQUENAS COISAS

NESSA TARDE, Ammu viajou para o alto, num sonho em que um homem alegre, de um braço só, a abraçava à luz de um lampião de óleo. Ele não tinha outro braço para lutar contra as sombras que bruxuleavam no chão à sua volta.

Sombras que só ele conseguia ver.

Os músculos de sua barriga ondulavam como montanhas debaixo da pele, igual às divisões de uma barra de chocolate.

Ele a abraçava junto de si, à luz do lampião de óleo, e brilhava como se tivesse sido encerado com um polidor corporal.

Ele só podia fazer uma coisa de cada vez.

Se a abraçava, não podia beijá-la. Se a beijava, não podia vê-la. Se a via, não podia senti-la.

Ela podia ter tocado o corpo dele de leve com os dedos e ter sentido sua pele lisa arrepiar-se. Podia ter deixado os dedos correrem para a base de sua barriga plana. Deslizando por aqueles morros de chocolate brunido. E ter deixado desejadas trilhas de pele arrepiada no corpo dele, como placas de giz num quadro-negro, como o vento cortando um campo de arroz, como as trilhas de jatos num céu azul de igreja. Era tão fácil fazer aquilo tudo, mas ela não fez. Ele podia ter tocado nela também. Mas não a tocou, porque na penumbra que ficava além do lampião de óleo, na sombra, havia cadeiras de metal desmontáveis arrumadas em círculo, e nessas cadeiras havia gente, com óculos gatinho cheios de strasses, assistindo. Todos tinham violinos posicionados debaixo dos queixos, os arcos todos em ângulos idênticos. Todos tinham as pernas cruzadas, a esquerda sobre a direita, e todas as pernas esquerdas sacudiam.

Alguns seguravam jornais. Outros não. Alguns faziam bolhas de saliva. Outros não. Mas em todas as lentes refletia-se a luz oscilante do lampião de óleo.

Para além do círculo de cadeiras desdobráveis, havia uma praia coberta com cacos de vidro de garrafas azuis. As ondas silenciosas traziam mais garrafas para serem quebradas e arrastavam as velhas de volta no refluxo. Sobre uma pedra, no meio do mar, num raio de luz violeta, havia uma cadeira de balanço de mogno e palha. Destruída.

O mar era negro, a espuma verde-vômito.

Peixes comiam cacos de vidro.

Os cotovelos da noite estavam pousados na água, e estrelas cadentes emitiam suas lascas rijas.

Mariposas iluminavam o céu. Não havia lua.

Ele conseguia nadar, com seu braço único. Ela com os dois.

A pele dele estava salgada. A dela também.

Ele não deixava pegadas na areia, nem ondulações no mar, nem imagem nos espelhos.

Ela podia ter tocado nele com os dedos, mas não tocou. Só ficaram juntos.

Quietos.

Pele com pele.

Uma brisa colorida, poeirenta, levantou os cabelos dela e fez com que esvoaçassem como um xale ondulante em torno do ombro sem braço dele, que terminava abrupto, como um precipício.

Uma vaca, magra e vermelha, com o osso da pelve saliente, apareceu e nadou direto para o mar, sem molhar os chifres, sem olhar para trás.

Ammu voou pelo meio do sonho, com asas pesadas, trêmulas, e parou para descansar, logo abaixo da pele do sonho.

Tinha as rosas da colcha azul de ponto de cruz impressas no rosto.

Sentiu os rostos de seus filhos dependurados no sonho, como duas luas escuras, preocupadas, esperando para serem admitidas.

“Acha que ela está morrendo?”, ouviu Rahel sussurrar para Estha.

“É um pesadelo diurno”, Estha, o Preciso, respondeu. “Ela sonha muito.”

Se ele a tocasse, não tinha como lhe falar, se ele a amasse, não tinha como ir embora, se ele falasse, não tinha como escutar, se lutasse, não tinha como ganhar.

Quem era ele, o homem de um braço só? Quem *poderia* ser? O Deus da Perda? O Deus das Pequenas Coisas? O Deus do Arrepio e dos Sorrisos Súbitos? Dos Cheiros Acres de Metal, como o cheiro dos canos dos ônibus e o cheiro das mãos do cobrador por segurar neles?

“Será que a gente devia acordar ela?”, Estha perguntou.

Frinchas da luz do fim da tarde penetravam no quarto pelas cortinas e caíam sobre o rádio transistor em forma de tangerina que ela sempre levava para o rio. (Em forma de tangerina também era a Coisa que Estha levou para a sala de projeção de *A noviça rebelde* com a Outra Mão melada.)

Barras brilhantes de luz do sol iluminavam os cabelos emaranhados de Ammu. Ela esperou, sob a pele do sonho, não querendo deixar os filhos entrarem.

“Ela falou que não se deve nunca acordar de repente alguém que está sonhando”, Rahel disse. “Ela falou que pode dar um Ataque do Coração.”

Juntos, os dois decidiram que o melhor seria *incomodá-la* discretamente, em vez

de acordá-la de repente. Então abriram gavetas, pigarrearam, cochicharam alto, cantarolaram uma canção. Mexeram com os sapatos. E descobriram uma porta de armário que rangia.

Ammu, repousando sob a pele de seu sonho, observou-os e sentiu que seu amor por eles doía.

O homem de um braço só apagou o lampião e atravessou a praia irregular, se afastando por entre sombras que só ele enxergava.

Não deixou pegadas na areia.

As cadeiras dobráveis foram dobradas. O mar negro acalmou-se. As ondas amassadas foram passadas a ferro. A espuma, reengarrafada. As garrafas, tampadas.

A noite protelada até segunda ordem.

Ammu abriu os olhos.

Era longa a jornada que tinha feito, desde o abraço do homem de um braço só até os seus gêmeos bivitelinos não idênticos.

“Você estava tendo um pesadelo diurno”, a filha informou.

“Não era um pesadelo”, Ammu disse. “Era um sonho.”

“Estha achou que você estava morrendo.”

“Parecia que você estava tão triste”, Estha disse.

“Eu estava feliz”, Ammu disse, e percebeu que estava mesmo.

“Ammu, se a gente fica feliz num sonho, vale?”, Estha perguntou.

“Vale como?”

“A felicidade vale?”

Ela sabia exatamente o que ele queria dizer, seu filho com o topete desmanchado.

Porque na verdade só o que *vale* vale.

A sabedoria simples e direta das crianças.

Se você come peixe num sonho, isso vale? Quer dizer que você comeu peixe mesmo?

O homem alegre que não deixa pegadas, *ele* vale?

Ammu agarrou seu transistor tangerina e ligou. Tocou uma música de um filme chamado *Chemmeen*.

Era a história de uma moça pobre, forçada a casar com um pescador de uma praia vizinha, apesar de ela amar outro. Quando o pescador fica sabendo do antigo amante da nova esposa, ele sai para o mar em seu barquinho, mesmo sabendo que uma tempestade se aproxima. Escurece, e sopra um vento. Um redemoinho sobe do leito do mar. Toca uma música de tempestade e o pescador morre afogado, sugado para o fundo do mar pelo vórtice do redemoinho.

Os amantes fazem um pacto de suicídio, e, na manhã seguinte, são encontrados afogados na praia, um nos braços do outro. Então todo mundo morre. O pescador, a mulher dele, o amante dela e um tubarão que não tinha nada a ver

com a história, mas que morre assim mesmo. O mar reclama todos eles.

No escuro azul de ponto de cruz entrelaçado de bordas de luz, com rosas de ponto de cruz impressas nas bochechas sonolentas, Ammu e seus gêmeos (um de cada lado) cantaram baixinho junto com o rádio tangerina. A canção que os pescadores cantam para a noiva triste enquanto trançam seus cabelos e a preparam para se casar com o homem que ela não ama.

Pandoru mukkuwan muthinu poyi,
[Um pescador um dia fez-se ao mar,]

Padinjaran kattathu mungi poyi,
[o Noroeste soprou e engoliu seu barco,]

Uma Toaleta de Fada do Aeroporto no chão, mantida em pé por sua própria espuma e rigidez. Lá fora, no *mittam*, sáris engomados estendidos em fileiras, endurecendo ao sol. Brancos-cru e dourados. Pedregulhos aninhados nas dobras engomadas, que tinham de ser tirados antes de eles serem dobrados e recolhidos para passar.

Arayathi pennu pizbachu poyi,
[sua mulher, na praia, enlouqueceu,]

O elefante (que não era Kochu Thomban) eletrocutado em Ettumanoor foi cremado. Uma pira gigantesca foi erigida na estrada. Os engenheiros da preocupada municipalidade serraram fora as presas e as repartiram entre eles, extra-oficialmente. Em partes desiguais. Oitenta latas de manteiga líquida foram despejadas em cima do elefante para alimentar o fogo. A fumaça subiu em densos rolos e se dispôs em padrões complexos contra o fundo do céu. Juntou gente a distância segura para ler o que a fumaça dizia.

Havia muitas moscas.

Avaney kadalamma kondu poyi.
[Então, a Mãe Oceano subiu e o levou.]

Abutres párias pousaram nas árvores próximas, para supervisionar a supervisão dos últimos ritos do elefante morto. Esperavam, não sem razão, beliscar vísceras gigantes. Uma vesícula biliar enorme, talvez. Ou um baço gigantesco, torrado.

Não ficaram de todo decepcionados. Nem inteiramente satisfeitos.

Ammu notou que seus dois filhos estavam cobertos com uma poeira fina. Como dois pedaços de bolo não idênticos, levemente polvilhados de açúcar.

Rahel tinha um cacho loiro aninhado entre os seus pretos. Um cacho do quintal de Velutha. Ammu o retirou.

“Eu já falei antes”, disse, “que não quero vocês na casa dele. Isso só pode dar problema.”

Que problema, ela não disse. Ela não sabia.

Ela sabia que, não mencionando o nome dele, de alguma forma, puxava-o para a desmazelada intimidade daquela tarde de ponto de cruz azul embalada pela canção do transistor tangerina. Não mencionando o nome dele, ela sentia que forjava um pacto entre seu Sonho e o Mundo. E que os parteiros desse pacto eram, ou seriam, seus gêmeos bivitelinos cobertos de pó de madeira lixada.

Ela sabia quem era ele: o Deus da Perda, o Deus das Pequenas Coisas. *Claro* que sabia.

Desligou o rádio tangerina. No silêncio da tarde (entrelaçado de bordas de luz), seus filhos se enrolaram no calor dela. No cheiro dela. Cobriram as cabeças com os cabelos dela. De alguma forma, sentiam que no sono ela havia viajado para longe deles. Eles a exigiam de volta agora com as mãozinhas espalmadas na pele nua de sua barriga. Entre a anágua e a blusa. Eles adoravam o fato do marrom das costas de suas mãos ser exatamente do mesmo marrom da pele da barriga da mãe.

“Estha, olhe”, Rahel disse, puxando a suave penugem da trilha que descia do umbigo de Ammu.

“Foi aqui que nós chutamos você”, Estha acompanhou com o dedo uma estria curva e prateada.

“Foi no ônibus, Ammu?”

“Na estrada estadual cheia de curvas?”

“Que Baba teve de segurar sua barriga?”

“Você teve de pagar a passagem?”

“A gente machucou?”

E então, no mesmo tom de voz casual, a pergunta de Rahel: “Você acha que ele pode ter perdido nosso endereço?”.

Um mero indício de pausa na respiração de Ammu fez Estha tocar o dedo médio de Rahel com o seu. E com os dedos médios encostados, sobre a barriga de sua bela mãe, eles abandonaram essa linha de interrogatório.

“Este é o chute de Estha, e este é o meu”, disse Rahel. “...E este é de Estha e este é meu.”

Distribuíram entre eles as sete estrias prateadas da mãe. Rahel, então, pôs os lábios na barriga de Ammu e chupou, puxando a pele macia para dentro da boca e depois afastando a cabeça para admirar o oval brilhante de saliva e a tênue marca avermelhada de seus dentes na pele da mãe.

Ammu ficou pensando na transparência daquele beijo. Era um beijo límpido como vidro. Desanuviados de paixão ou desejo, aqueles dois cachorros que dormem tão profundamente dentro das crianças, esperando que elas cresçam. Era

um beijo que não exigia retribuição.

Não um beijo enevoado cheio de perguntas exigindo respostas. Como os beijos de homens de um braço só nos sonhos.

Ammu se cansou de ser manipulada pelos dois, como se fossem seus donos. Queria seu corpo de volta. Era dela. Afastou as crianças do jeito que uma cadela afasta os filhotes quando enjoa deles. Sentou-se, torceu o cabelo num nó na nuca. Depois jogou as pernas para fora da cama, foi até a janela e abriu as cortinas.

A luz inclinada da tarde inundou o quarto e iluminou as duas crianças sobre a cama.

Os gêmeos ouviram a chave sendo virada no banheiro de Ammu.

Clique.

Ammu olhou-se no espelho grande do banheiro e o espectro de seu futuro apareceu no reflexo para caçoar dela. Em conserva. Como picles. Grisalho. De olhos lacrimejantes. Rosas de ponto de cruz na bochecha murcha, afundada. Seios gastos dependurados como meias pesadas. Secos como um osso entre suas pernas, os pêlos muito brancos. Esparsos. Quebradiços como uma folha de samambaia entre as páginas de um livro.

Pele que esfarelava e caía como neve.

Ammu estremeceu.

Sentindo na tarde quente aquela fria sensação de que a Vida tinha sido Vivida. De que sua taça estava cheia de pó. De que o ar, o céu, as árvores, o sol, a chuva, a luz e as trevas estavam todos se transformando lentamente em areia. De que a areia ia encher suas narinas, seus pulmões, sua boca. Ia puxá-la para baixo, deixando na superfície um redemoinho, como deixam os caranguejos quando se enterram na praia.

Ammu tirou a roupa e colocou uma escova de dentes vermelha debaixo de um seio para ver se ficava presa. Não ficava. Em todo lugar que tocava, sua carne era firme e lisa. Debaixo de sua mão, os mamilos se enrugaram e endureceram como nozes escuras, repuxando a pele macia dos seios. A fina trilha de penugem descia do umbigo para a base da barriga, para o triângulo escuro. Como uma flecha indicando a direção para um viajante perdido. Para um amante inexperiente.

Desmanchou o cabelo e virou para ver de que comprimento estava. As ondas e cachos e caracóis rebeldes, macios por baixo, mais ásperos por fora, desciam até pouco abaixo do ponto em que a cintura fina, forte, começava a formar a curva dos quadris. O banheiro estava quente. Pequenas contas de suor pontilhavam sua pele como diamantes. Depois partiam-se e escorriam. Pela linha funda de sua coluna o suor escorria. Ela olhou um tanto crítica para o traseiro redondo, pesado. Não grande propriamente. Não grande *per se* (como Chacko de Oxford diria, sem dúvida). Grande apenas porque todo o resto do corpo era tão esguio. Pertencia a algum outro corpo, mais voluptuoso.

Tinha de admitir que cada um dos lados seguraria alegremente uma escova de dentes. Talvez duas. Riu alto da idéia de sair andando nua por Ayemenem com um conjunto de escovas de dentes coloridas espetado de cada face de sua bunda. Calou-se depressa. Viu um vestígio de loucura escapar de sua garrafa e saltitar triunfante pelo banheiro.

Ammu se preocupava com a loucura.

Mammachi tinha dito que havia um traço de loucura na família. Que aparecia de repente nas pessoas e as pegava desprevenidas. Havia Pathil Ammai, que com a idade de sessenta e cinco anos deu de tirar a roupa e correr nua pela margem do rio, cantando para os peixes. Havia Thampi Chachen, que toda manhã examinava a própria merda com uma agulha de tricô em busca de um dente de ouro que ele tinha engolido anos antes. E o dr. Muthachen, que teve de ser removido do próprio casamento dentro de um saco. Será que as futuras gerações iam dizer: “Havia Ammu, Ammu Ipe. Que casou com um bengalês. Que ficou bem louca. Que morreu moça. Numa hospedaria barata por aí”?

Chacko dizia que a alta incidência de insanidade entre os cristãos sírios era o preço que pagavam pelos casamentos consangüíneos. Mammachi dizia que não.

Ammu recolheu o cabelo pesado, enrolou-o no rosto e espiou a estrada para a Velhice e a Morte através das mechas. Como um carrasco medieval olhando o condenado através das fendas oculares do capuz preto e pontudo. Um carrasco esguio, nu, com mamilos escuros e covinhas fundas quando ria. Com sete estrias devidas a seus gêmeos bivitelinos, que lhe nasceram à luz de velas em meio a notícias de uma guerra perdida.

Não era o que havia no fim da estrada que assustava Ammu, mas sim a natureza da estrada em si. Nenhum marco registrava seu avanço. Nenhuma árvore crescia às suas margens. Nenhum retalho de sombra a sombreava. Nenhuma neblina rolava por ela. Nenhum pássaro a sobrevoava. Nenhuma curva, nenhum desvio obscurecia, nem mesmo momentaneamente, a clara visão do fim da estrada. Isso encheu Ammu de um horror terrível, porque não era o tipo de mulher que queria saber o próprio futuro. Ela sentia muito horror dele. Portanto, se lhe fosse concedido um pequeno desejo, talvez fosse apenas Não Saber. Não saber o que cada dia lhe reservava. Não saber onde estaria no mês que vem, no ano que vem. Daqui a dez anos. Não saber para que lado sua estrada viraria e o que haveria depois da curva. E Ammu sabia. Ou *pensava* que sabia, o que era tão mau quanto (porque se num sonho você come peixe, isso quer dizer que você comeu peixe). E o que Ammu sabia (ou achava que sabia) tinha o cheiro do vapor avinagrado e choco que subia dos barris de cimento da Paraíso Pickles. Vapores que engruvinhavam a juventude e punham em conserva os futuros.

Ocultando em seus próprios cabelos, Ammu encostou-se no espelho do banheiro e tentou chorar.

Por si mesma.

Pelo Deus das Pequenas Coisas.

Pelos parteiros gêmeos do seu sonho, polvilhados de açúcar.

Naquela tarde, enquanto no banheiro os fados conspiravam para alterar horrivelmente o caminho misterioso de sua mãe, enquanto no quintal de Velutha um velho barco esperava por eles, enquanto numa igreja amarela um morceguinho esperava para nascer, no quarto de sua mãe, Estha equilibrou-se de cabeça em cima do bumbum de Rahel.

O quarto de cortinas azuis e vespas amarelas que preocupavam as vidraças. O quarto cujas paredes logo conheceriam seus segredos torturantes.

O quarto em que Ammu primeiro seria trancada e depois trancaria a si mesma. Cuja porta, Chacko, louco de dor, arrombaria quatro dias depois do funeral de Sophie Mol.

“Saia da minha casa antes que eu quebre todos os ossos do seu corpo!”

Minha casa, meus abacaxis, meus picles.

Depois disso, durante muitos anos, Rahel sonharia este sonho: um homem gordo, sem rosto, ajoelhado junto ao cadáver de uma mulher. Arrancando os cabelos dela. Quebrando todos os ossos de seu corpo. Estalando até os menores. Os dedos. Os ossos do ouvido partidos como ramos. *Clequecleque* o sonzinho de ossos quebrados. E Rahel (embora anos depois, no Crematório Elétrico, fosse usar o escorregadio do suor para escapar da mão de Chacko) amava os dois. O pianista e o piano.

O assassino e o cadáver.

Enquanto a porta era lentamente posta abaixo, Ammu ficou fazendo barras nas fitas de Rahel, que não precisavam de barras, para controlar o tremor das mãos.

“Me prometam que vocês vão sempre amar um ao outro”, ela tinha dito, puxando os filhos para si.

“Prometo”, Estha e Rahel disseram. Sem encontrar palavras para dizer que para eles *não* existia nem Um, nem Outro.

Pedras de moinho gêmeas e sua mãe. Pedras de moinho entorpecidas. O que eles fizeram iria voltar para esvaziá-los. Mas isso seria Depois.

De Pois. Um som grave de sino dentro de um poço cheio de musgo. Trêmulo e veludoso como pés de mariposa.

Na época, houve só incoerência. Como se todo sentido tivesse deslizado para fora das coisas, deixando-as fragmentadas. Desconexas. O brilho na agulha de Ammu. A cor da fita. A trama da colcha de ponto de cruz. A porta se quebrando devagar. Coisas isoladas que não *significavam* nada. Como se a inteligência que decodifica os padrões ocultos da vida, que liga reflexos a imagens, lampejos a luz, tramas a tecidos, agulhas a linhas, paredes a quartos, amor a medo, a raiva, a remorso, tivesse repentinamente se perdido.

“Arrume suas coisas e vá embora”, Chacko diria, pisando em cima dos

destroços. Pairando acima deles. Uma maçaneta cromada na mão. De repente, estranhamente calmo. Surpreso com a própria força. O próprio tamanho. O próprio poder de agressão. A enormidade de sua própria dor terrível.

Vermelha, a cor da madeira lascada da porta.

Ammu, calma por fora, tremendo por dentro, não levantaria os olhos da barra inútil. A lata de fitas coloridas aberta no colo, no quarto onde tinha perdido seu *Locusts Stand I*.

O mesmo quarto em que (depois da resposta da Especialista em Gêmeos de Hyderabad) Ammu iria arrumar o bauzinho de Estha e sua sacola cáqui: doze camisetas sem manga, doze camisetas de meia manga. *Estha, olhe, o seu nome está aqui, escrito a tinta*. As meias dele. A calça apertada. As camisas de colarinho pontudo. O sapato bege de bico fino (de onde brotavam os Sentimentos de Raiva). Os discos de Elvis. Os comprimidos de cálcio e o xarope Vydalin. A Girafa Grátis (que vinha com o Vydalin). Os Livros de Conhecimento, vols. 1 a 4. *Não, querido, lá não vai ter um rio para você pescar*. A Bíblia encapada de couro branco com zíper com uma abotoadura de ametista do Entomologista Imperial no zíper. A caneca. O sabonete. O Presente de Aniversário Adiantado que ele *não podia* abrir. Quarenta aerogramas verdes nacionais. *Escute, Estha, eu vou escrever nosso endereço em todos. Você só tem de dobrar. Veja se consegue dobrar sozinho*. E Estha dobrou direitinho os aerogramas verdes nacionais nas linhas pontilhadas que diziam *Dobre aqui* e olhou para Ammu com um sorriso que cortou o coração dela.

Me prometa que vai escrever? Mesmo que não tenha notícias?

Prometo, Estha disse. Não inteiramente consciente da própria situação. O fio afiado de suas apreensões cego pela súbita riqueza de posses materiais. Eram coisas Dele. Que tinham seu nome escrito a tinta em cima delas. Que iam ser embaladas no baú (com o nome dele em cima) aberto no chão do quarto.

O quarto ao qual, anos depois, Rahel voltaria para observar um estranho silencioso tomando banho. E lavando as próprias roupas com sabão azul brilhante esfarelado.

Musculoso e cor de mel. Com segredos do mar nos olhos. E uma gota de chuva prateada na orelha.

Esthapappychachen Kuttapen Peter Mon.

12. KOCHU THOMBAN

O SOM DO *CHENDA* era um cogumelo sobre o templo, acentuando o silêncio da noite envolvente. Da estrada molhada, solitária. Das árvores vigilantes. Rahel, sem fôlego, segurando um coco, entrou no conjunto do templo pelo portão de madeira do alto muro circundante.

Lá dentro, era tudo paredes brancas, ladrilhado de musgo, iluminado pela lua. Tudo cheirava a chuva recente. O sacerdote magro dormia num colchão na varanda de pedra elevada. Um pires de latão para moedas ao lado de seu travesseiro como uma ilustração de quadrinhos daquilo com que sonhava. O conjunto estava coalhado de luas, uma em cada poça de lama. Kochu Thomban tinha encerrado suas funções cerimoniais e estava acorrentado a uma estaca de madeira perto de um monte fumarento de seu próprio esterco. Estava dormindo, o trabalho feito, a bexiga vazia, uma presa pousada na terra, a outra apontando para as estrelas. Rahel aproximou-se silenciosamente. Viu que a pele dele estava mais solta do que na sua lembrança. Não mais *Kochu* Thomban. Suas presas tinham crescido. Agora era *Vellya* Thomban. O Presas Grandes. Ela colocou o coco no chão ao lado dele. Uma ruga coriácea se abriu para revelar um brilho líquido de olho de elefante. Tornou a se fechar, e os cílios longos, curvos, retomaram o sono. Uma presa voltada para as estrelas.

Junho era a estação baixa do *kathakali*. Mas existem alguns templos pelos quais um grupo não passa sem se apresentar. O templo de Ayemenem não era um desses, mas naqueles dias, graças à sua geografia, as coisas tinham mudado.

Em Ayemenem eles dançavam para aliviar a humilhação que sofriam no Coração das Trevas. A apresentação truncada ao lado da piscina. O recorrer ao turismo para escapar da fome.

No caminho de volta do Coração das Trevas, eles paravam no templo para pedir perdão a seus deuses. Para se desculpar por corromper suas histórias. Por transformarem em dinheiro suas identidades. Por malversarem suas vidas.

Nessas ocasiões, uma platéia humana era bem-vinda, mas inteiramente dispensável.

No amplo corredor coberto, o *kuthambalam* de colunas adjacente ao coração do templo onde morava o Deus Azul com sua flauta, os tocadores de tambor tocavam e os dançarinos dançavam, suas cores girando lentamente na noite. Rahel sentou-se de pernas cruzadas, encostada no redondo de um pilar branco. Uma lata alta de óleo de coco brilhava na luz bruxuleante do lampião de latão. O

óleo alimentava a luz. A luz iluminava a lata.

Não importava que a história já tivesse começado, porque o *kathakali* descobriu há muito que o segredo das Grandes Histórias é que elas *não* têm segredos. As Grandes Histórias são aquelas que você ouviu e quer ouvir de novo. Aquelas em que você pode entrar por qualquer parte e habitar confortavelmente. Elas não enganam você com truques e finais emocionantes. Elas não surpreendem você com o imprevisível. Elas são tão familiares como a casa em que se vive. Ou como o cheiro da pele do amante. Você sabe como elas terminam, mas, mesmo assim, você escuta como se não soubesse. Da mesma forma que apesar de saber que um dia vai morrer, você vive como se não fosse. Nas Grandes Histórias você sabe quem vive, quem morre, quem encontra o amor, quem não encontra. E, mesmo assim, você quer ouvir de novo.

Esse é o seu mistério e a sua magia.

Para o Homem do *Kathakali* essas histórias são seus filhos e sua infância. Ele cresceu dentro delas. Elas são a casa em que cresceu, os riachos em que brincou. São sua janela e sua maneira de olhar. Portanto, quando conta uma história, ele a manipula como se fosse um filho seu. Brinca com ela. Castiga. Solta no ar, como uma bolha. Ele a domina no chão e deixa que se vá. Ri com ela porque a ama. Ele é capaz de fazer você voar por outros mundos em questão de minutos e é capaz de parar durante horas para examinar uma folha seca. Ou brincar com o rabo de um macaco adormecido. Ele pode mudar sem nenhum esforço da carnificina da guerra para a alegria de uma mulher lavando o cabelo num riacho de montanha. Da habilidosa efervescência de um *rakshasa* que tem uma idéia nova na cabeça para uma intrigante malaiala que tem um escândalo para espalhar. Da sensualidade de uma mulher com um bebê ao seio para a maliciosa sedução do sorriso de Krishna. Ele pode revelar a pepita de tristeza contida na felicidade. O peixe da vergonha oculto num mar de glória.

Ele conta histórias dos deuses, mas seu fio é urdido a partir do coração humano.

O Homem do *Kathakali* é o mais belo dos homens. Porque seu corpo é a sua alma. Seu único instrumento. Desde os três anos de idade ele é projetado e polido, aplainado, arreado todo, para a tarefa de contar histórias. Ele tem mágica dentro dele, esse homem dentro da máscara pintada e das saias esvoaçantes.

Mas hoje em dia ele ficou inviável. Impraticável. Um bem condenável. Seus filhos o desdenham. Querem ser tudo o que ele não é. Ele os viu crescerem para se transformarem em funcionários e cobradores de ônibus. Funcionários extra-oficiais de quinta classe. Com sindicatos próprios.

Mas ele próprio, deixado suspenso em algum ponto entre o céu e a terra, não pode fazer o que eles fazem. Não pode percorrer corredores de ônibus, contando troco e vendendo bilhetes. Não pode responder às sirenes que o convocam. Não pode se curvar detrás de bandejas de chá e bolachas maria.

Em desespero, ele se volta para o turismo. Entra no mercado. Saqueia a única

coisa que tem. As histórias que seu corpo é capaz de contar.

Ele se torna um Sabor Regional.

No Coração das Trevas caçoam dele, os turistas com sua nudez ociosa e seus breves momentos de atenção importada. Ele controla a raiva e dança para eles. Ele recebe o pagamento. Ele fica bêbado. Ou fuma um baseado. Da boa maconha de Kerala. Que o faz rir. Depois, pára no Templo de Ayemenem, ele e os que estão com ele, e dançam para pedir perdão aos deuses.

Rahel (sem Planos, sem *Locusts Stand I*), encostada no pilar, viu Karna rezando nas margens do Ganges. Karna, vestido em sua armadura de luz. Karna, filho melancólico de Surya, Deusa do Dia. Karna, o Generoso. Karna, o filho abandonado. Karna, o guerreiro mais respeitado de todos.

Nessa noite, Karna estava de barato. A saia rasgada remendada. Na coroa, buracos no lugar das pedras preciosas. A blusa de veludo careca de uso. Os calcanhares rachados. Duros. Ele apagava os baseados com eles.

Mas se tivesse um bando de maquiadores esperando por ele na coxia, um agente, um contrato, uma porcentagem dos lucros, o que seria dele? Um impostor. Um mentiroso rico. Um ator representando um papel. Poderia fazer o papel de Karna? Ou estaria *protegido* demais dentro de sua vagem de riqueza? Será que o dinheiro viraria uma casca entre ele e a história? Seria capaz de tocar o coração da história, seus segredos, da maneira que conseguia agora?

Talvez não.

Esse homem desta noite é perigoso. Seu desespero, completo. Sua história é a rede de segurança sobre a qual ele salta e mergulha como um palhaço brilhante num circo decadente. É tudo o que ele tem para evitar que despenque pelo mundo como uma pedra que cai. É a sua cor e a sua luz. É o recipiente em que ele se derrama. Dá-lhe forma. Estrutura. O protege. O contém. Seu Amor. Sua Loucura. Sua Esperança. Sua Infinita Ventura. Ironicamente, sua luta é o oposto da luta do ator: ele batalha não para *entrar* no papel, mas para escapar dele. Mas isso é o que não pode fazer. Em sua derrota abjeta jaz seu triunfo supremo. Ele é Karna, quando o mundo foi abandonado. Karna Sozinho. Deuses condenados. Um príncipe criado em pobreza. Nascido para morrer injustamente, desarmado e sozinho nas mãos de seu irmão. Rezando nas margens do Ganges. Com a cabeça feita pela maconha.

Então, apareceu Kunti. Ela também era um homem, mas um homem que ficou suave e feminino, um homem com seios, porque fez papéis femininos durante anos. Seus movimentos fluidos. Cheios de mulher. Kunti também pirado. O baseado repartido. Ela veio para contar uma história a Karna.

Karna inclinou a bela cabeça e escutou.

De olhos vermelhos, Kunti dançou para ele. Contando a história de uma jovem que recebeu uma bênção. Um mantra secreto que ela podia usar para escolher um amante entre os deuses. E que, com a imprudência da juventude, resolveu experimentar para ver se de fato funcionava. Sozinha num campo vazio, ela

voltou o rosto para o céu e recitou o mantra. Mal as palavras deixaram seus lábios tolos, disse Kunti, Surya, o Deus do Dia, apareceu na frente dela. A jovem, enfeitiçada pela beleza do jovem deus tremeluzente, entregou-se a ele. Nove meses depois, teve um filho. O bebê nasceu envolto em luz, com brincos de ouro nas orelhas e uma placa de ouro no peito, gravada com o emblema do sol.

A jovem mãe amou profundamente o seu primogênito, disse Kunti, mas não era casada e não pôde ficar com ele. Colocou-o numa cesta de junco e lançou-o ao rio. A criança foi encontrada rio abaixo por Adhirata, um cocheiro. Que o chamou de Karna.

Karna olhou para Kunti. *Quem era ela? Quem era minha mãe? Me diga onde está. Me leve até ela.*

Kunti inclinou a cabeça. *Ela está aqui,* disse. *Na sua frente.*

A excitação e raiva de Karna diante da revelação. Sua dança de confusão e desespero. *Onde estava,* perguntou a ela, *quando mais precisei de você? Algum dia me carregou nos braços? Me alimentou? Nunca procurou por mim? Nunca pensou onde eu poderia estar?*

Em resposta, Kunti pegou a nobre face entre suas mãos, verde a face, vermelhos os olhos, e o beijou na testa. Karna estremeceu de prazer. Um guerreiro reduzido à infância. O êxtase daquele beijo. Ele o enviou até o extremo do corpo. Até os dedos dos pés. Até as pontas dos dedos. O beijo de sua mãe adorável. *Sabe o quanto senti sua falta?* Rahel podia ver aquele sentimento correndo pelas veias dele como um ovo descendo pelo pescoço de um avestruz.

Um beijo viajante cuja jornada foi interrompida pelo desalento quando Karna se deu conta de que sua mãe só se revelou a ele para garantir a segurança de seus outros cinco filhos, mais amados, os Pandavas, que estavam a ponto de entrar na épica batalha com seus cem primos. Era a *eles* que Kunti queria proteger revelando a Karna que era sua mãe. Tinha de arrancar dele uma promessa.

Ela invocou as Leis do Amor.

São seus irmãos. Sua própria carne e sangue. Prometa que não vai guerrear contra eles. Prometa.

Karna, o Guerreiro, não podia fazer aquela promessa, porque, se fizesse, estaria desrespeitando uma outra. Amanhã ele iria guerrear, e seus inimigos seriam os Pandavas. Eles, Arjuna principalmente, que o ultrajaram em público por ser filho de um humilde cocheiro. Foi Duryodhana, o mais velho dos cem irmãos Kaurava, quem veio em seu socorro, dando-lhe um reino próprio. Em troca, Karna havia jurado eterna vassalagem a Duryodhana.

Mas Karna, o Generoso, não podia recusar o que sua mãe lhe pedia. Então, modificou a promessa. Ambiguamente. Fez um pequeno ajuste, um juramento levemente alterado.

Isto eu prometo, Karna disse a Kunti. *Você terá sempre cinco filhos. Yudhishtira eu*

não ferirei. Bhima não morrerá por minha mão. Os gêmeos, Nakula e Sahadeva, nada sofrerão de mim. Mas Arjuna, quanto a ele nada prometo. Será morto por mim, ou eu por ele. Um de nós morrerá.

Algo alterou-se no ar. E Rahel sabia que Estha tinha chegado.

Ela não virou a cabeça, mas um fulgor espalhou-se dentro dela. *Ele veio*, pensou. *Ele está aqui. Comigo.*

Estha ficou encostado num pilar distante e os dois assistiram assim à representação, separados pela largura do *kuthambalam*, mas ligados por uma história. E pela lembrança de outra mãe.

O ar ficou mais quente. Menos úmido.

* * *

Talvez aquela noite tenha sido particularmente ruim no Coração das Trevas. Em Ayemenem, os homens dançavam como se não pudessem parar. Como crianças numa casa quente abrigadas da tempestade. Recusando-se a sair e admitir o mau tempo. O vento e o trovão. Os ratos correndo na paisagem arruinada com cifrões de dólares nos olhos. O mundo ruindo em torno deles.

Saíam de uma história para mergulhar fundo em outra. De *Karna Shabadam*, O juramento de Karna, para *Duryodhana Vadham*, A morte de Duryodhana e seu irmão Dushasana.

Eram quase quatro da manhã quando Bhima saiu à caça do vil Dushasana. O homem que tinha tentado despir em público a mulher do pandava, Draupadi, quando os Kauravas a ganharam num jogo de dados. Draupadi (estranhamente, zangada apenas com os homens que a ganharam e não com os que a apostaram) tinha jurado nunca mais prender os cabelos enquanto não fossem lavados no sangue de Dushasana. Bhima tinha jurado vingar sua honra.

Bhima encurralou Dushasana num campo de batalha já pontilhado de cadáveres. Durante uma hora os dois lutaram. Trocaram insultos. Desfiaram todas as ofensas que um tinha feito ao outro. Quando a luz do lampião de latão começou a tremer e morrer, fizeram uma trégua. Bhima colocou mais óleo, Dushasana limpou o pavio queimado. E voltaram à guerra. A batalha emocionante transbordou os limites do *kuthambalam* e foi para fora do templo. Os dois se perseguiram pelo conjunto de edifícios, brandindo suas maças de *papier mâché*. Dois homens com saias bojudas e blusas de veludo careca, saltando luas de lixo e montes de estrume, circundando a massa do elefante adormecido. Dushasana cheio de bravata um momento. Recuando no outro. Bhima brincando com ele. Os dois pirados.

O céu era uma abóbada rosada. O buraco cinzento em forma de elefante no Universo agitou-se no sono e tornou a dormir. A aurora estava começando

quando o bruto que havia dentro de Bhima despertou. Os tambores tocaram mais alto, mas o ar ficou quieto e ameaçador.

Na primeira luz da manhã, Esthappen e Rahel viram Bhima cumprir o voto feito a Draupadi. Ele abateu Dushasana com sua maça. E eliminou cada vago tremor do corpo moribundo, batendo até que se extinguisse. Um ferreiro aplainando uma folha de metal recalcitrante. Nivelando sistematicamente cada saliência e reentrância. E continuou matando até muito depois de ele estar morto. Depois, com as mãos nuas, rasgou e abriu o corpo. Arrancou para fora as vísceras e curvou-se para lambe o sangue diretamente da tigela da carcaça dilacerada, os olhos enlouquecidos vigiando acima das bordas, rebrilhando de raiva e ódio e louca satisfação. Borbulhando sangue rosa-pálido pelos dentes. Pelo rosto pintado, pelo pescoço e queixo. Quando bebeu o bastante, levantou-se, intestinos sangrentos em volta do pescoço como um cachecol, e foi à procura de Draupadi e banhou os cabelos dela em sangue fresco. Ele ainda tinha à sua volta a aura de ira que nem mesmo o assassinato pode aplacar.

Havia loucura ali naquela manhã. Debaixo da abóbada rosada. Não era uma representação. Esthappen e Rahel sabiam disso. Tinham visto acontecer antes. Numa outra manhã. Num outro palco. Um outro tipo de frenesi (com centopéias nas solas de sapatos). A brutal extravagância disto rivalizando com a selvagem economia daquilo.

Ficaram ali sentados, Quietude e Vazio, fósseis bivitelinos imobilizados, com galos na testa que não tinham virado chifres. Separados pela largura do *kuthambalam*. Presos no lodaçal da história que era e não era a deles. Que tinha principiado com toda a semelhança de estrutura e ordem, e depois disparado para a anarquia, como um cavalo apavorado.

Kochu Thomban despertou e delicadamente abriu o seu coco matinal.

Os Homens do *Kathakali* removeram a maquiagem e voltaram para casa para bater em suas mulheres. Até mesmo Kunti, o suave, com seios.

* * *

Lá fora, em toda a volta, a pequena cidade mascarada em aldeia se sacudia e despertava. Um velho acordou e foi mancando até o fogão para aquecer seu óleo de coco apimentado.

O camarada Pillai. O quebrador de ovos e fazedor de omeletes de Ayemenem.

Podia parecer estranho, mas ele é que tinha apresentado os gêmeos ao *kathakali*. Contrariando Baby Kochamma, ele é que levava os dois, junto com Lenin, para apresentações de noite inteira no templo, e que se sentava com eles até de manhã, explicando a linguagem e os gestos do *kathakali*. Com a idade de seis anos, os dois tinham assistido junto com ele a essa mesma história. Ele os apresentara a Raudra Bhima, o enlouquecido e sanguinário Bhima em busca de morte e vingança. “Ele está à procura da fera que vive dentro dele”, o camarada

Pillai dissera a eles, crianças assustadas, de olhos arregalados, quando um Bhima normalmente bem-humorado começou a grunhir e rosnar.

Qual fera em particular, o camarada Pillai não disse. Em busca do *homem* que vivia dentro dele era provavelmente o que queria dizer, porque decerto nenhuma fera experimentou a arte sem limites, infinitamente inventiva do ódio humano. Nenhuma fera pôde rivalizar sua amplitude e poder.

A abóbada rosada perdeu a cor e começou a despejar uma quente garoa cinzenta. Quando Estha e Rahel atravessaram o portão do templo, o camarada K. N. M. Pillai entrou, reluzente de seu banho de óleo. Tinha pasta de sândalo na testa. As gotas de chuva grudavam como contas em sua pele untada. Nas mãos em concha, trazia um montinho de jasmins frescos.

“Oho!”, ele disse com a voz flauteada. “Vocês estão aqui! Então continuam interessados na sua cultura indiana? Bombom. Muito bom.”

Os gêmeos, nem rudes, nem gentis, nada disseram. Voltaram para casa juntos. Ele e Ela. Nós.

13. O PESSIMISTA E O OTIMISTA

CHACKO PASSARIA A DORMIR no escritório de Pappachi para que Sophie Mol e Margaret Kochamma pudessem ficar em seu quarto. Era um quarto pequeno, com uma janela que dava para a pequena plantação de seringueiras um tanto negligenciada que o reverendo E. John Ipe tinha comprado de um vizinho. Uma porta ligando o escritório com a casa e outra (a entrada independente que Mammachi mandara instalar para que Chacko satisfizesse com discrição suas “Necessidades Masculinas”) levava diretamente para o *mittam* lateral.

Sophie Mol estava dormindo no catrezinho de campanha feito especialmente para ela, ao lado da cama grande. O zumbido do ventilador do teto lhe enchia a cabeça. Olhos cinza-azulados azuis se abriram de súbito.

A Cordada.

A Tenta.

A Lerta.

O sono sumariamente dispensado.

Pela primeira vez desde a morte de Joe, não era ele a primeira coisa em que pensava ao despertar.

Olhou o quarto em volta. Sem se mexer, só girando os olhos. Um espião capturado em território inimigo, planejando a escapada espetacular.

Sobre a mesa de Chacko havia um vaso de hibiscos desajeitadamente ajeitados, já murchando. As paredes cobertas de livros. Um armário com portas de vidro cheio de aeromodelos de madeira balsa danificados. Borboletas quebradas com olhos suplicantes. Esposas de madeira de um rei mau definhando por causa de um feitiço de madeira.

Presas.

Só uma, sua mãe, Margaret, tinha escapado para a Inglaterra.

O quarto girava em torno do calmo centro cromado do ventilador de teto prateado. Uma lagartixa bege, cor de biscoito mal assado, olhou-a com olhos interessados. Ela pensou em Joe. Alguma coisa agitou-se dentro dela. Ela fechou os olhos.

O calmo centro cromado do ventilador de teto prateado girou dentro de sua cabeça.

Joe sabia andar sobre as mãos. E quando descia a ladeira de bicicleta, sabia prender o vento dentro da camisa.

Na cama ao lado, Margaret Kochamma ainda dormia. Estava deitada de costas, com as mãos juntas logo abaixo das costelas. Os dedos inchados e a aliança de casamento parecendo incomodamente apertada. A pele das bochechas caía de cada

lado do rosto, fazendo os malares parecerem salientes, repuxando a boca para baixo num sorriso sem alegria que continha um mero lampejo de dentes. Havia depilado as sobrancelhas, antes grossas, na forma de arcos finos como um risco de lápis, atualmente em moda, que lhe davam um ar de ligeira surpresa, mesmo no sono. O resto de suas expressões estava nascendo outra vez na forma de pequenas pontas pretas. Tinha o rosto afogueado. A testa brilhava. Debaixo do vermelho, havia uma palidez. Uma tristeza adiada.

O tecido fino de algodão-poliéster de seu vestido azul-marinho com flores brancas tinha murchado e se colado aos contornos do corpo, subindo com os seios, afundando ao longo da linha entre as pernas compridas, fortes, como se ele também não estivesse acostumado ao calor e precisasse de uma soneca.

Na mesa-de-cabeceira havia um porta-retratos de prata com uma foto em preto-e-branco do casamento de Chacko e Margaret Kochamma, tirada na frente da igreja de Oxford. Estava nevando um pouco. Os primeiros flocos de neve fresca espalhados na rua e na calçada. Chacko vestido como Nehru. Com *churidar* branco e *shervani* preta. Tinha os ombros polvilhados de neve. Uma rosa na botoeira, e a ponta do lenço, dobrado em triângulo, espiando para fora do bolso do peito. Nos pés, sapatos estilo Oxford brilhantes. Ele parecia estar rindo de si mesmo e da maneira como estava vestido. Como alguém num baile à fantasia.

Margaret Kochamma usava vestido comprido, espumoso, com uma tiara barata no cabelo curto, crespo. Tinha o véu levantado do rosto. Era da mesma altura dele. Os dois pareciam felizes. Magros e jovens, as testas franzidas por causa do sol nos olhos. As sobrancelhas grossas e escuras dela estavam quase juntas e faziam uma espécie de contraste adorável com o branco esvoaçante e matrimonial. Uma nuvem carrancuda com sobrancelhas. Atrás deles, uma mulher alta e matronal, de tornozelos grossos e o sobretudo comprido com todos os botões fechados. A mãe de Margaret Kochamma. Com duas netas, uma de cada lado dela, usando saias pregueadas de escocês, meias e franjas idênticas. Ambas rindo com a mão cobrindo a boca. A mãe de Margaret Kochamma olhava para o outro lado, para fora da foto, como se preferisse não estar ali.

O pai de Margaret Kochamma se recusara a comparecer ao casamento. Ele não gostava de indianos, achava que eram gente dissimulada, desonesta. Não podia acreditar que sua filha estava se casando com um deles.

No canto direito da fotografia, um homem que passava de bicicleta tinha se virado para olhar o casal.

Margaret Kochamma estava trabalhando como garçonne num café de Oxford quando conheceu Chacko. A família dela morava em Londres. O pai era dono de uma padaria. A mãe era assistente de uma modista de chapéus. Margaret Kochamma tinha se mudado da casa dos pais um ano antes, por nenhuma outra grande razão além da afirmação juvenil de independência. Pretendia trabalhar e

economizar o suficiente para fazer um curso de professora e depois arrumar emprego numa escola. Em Oxford, ela dividia um pequeno apartamento com uma amiga. Outra garçonete em outro café.

Tomada a atitude, Margaret Kochamma descobriu que estava se tornando exatamente o tipo de garota que os pais queriam que fosse. Diante do Mundo Real, ela se apegava nervosamente a velhas regras memorizadas, e não tinha ninguém além de si mesma com quem se rebelar. Portanto, mesmo ali em Oxford, em vez de ligar o toca-discos um pouco mais alto do que lhe era permitido em casa, ela continuava a viver a mesma vidinha estreita de que tinha imaginado escapar.

Até que, uma manhã, Chacko entrou no café.

Era o verão de seu último ano em Oxford. Ele estava sozinho. A camisa amassada abotoada errado. Os cordões do sapato desamarrados. O cabelo, cuidadosamente escovado e alisado na frente, se arrepiava numa auréola de pontas duras atrás. Ele parecia um ouriço amarrotado, beatificado. Era alto e, debaixo da confusão de roupas (gravata inadequada, paletó surrado), Margaret Kochamma podia ver que seu corpo era bem-feito. Ele tinha um ar divertido e um jeito de apertar os olhos como se estivesse tentando ler uma placa distante e esquecido de trazer os óculos. As orelhas se projetavam de ambos os lados da cabeça como alças de chaleira. Havia algo contraditório entre o corpo atlético e a aparência desmazelada. O único sinal de que havia um gordo adormecido dentro dele eram as bochechas brilhantes, alegres.

Ele não tinha nada daquela indefinição ou falta de jeito cheia de desculpas que se associa geralmente a homens desarrumados e distraídos. Parecia alegre, como se estivesse com um amigo imaginário cuja companhia apreciava. Sentou-se perto da janela, com um cotovelo na mesa e o rosto na palma da mão, sorrindo para o café vazio como se estivesse pensando entabular uma conversa com a mobília. Pediu café com aquele mesmo sorriso simpático, mas sem dar sinal de ter realmente notado a garçonete alta, de sobrelhas grossas, que anotou seu pedido.

Ela reagiu quando ele colocou duas colheres cheias de açúcar no café com muito leite.

Depois, pediu ovos fritos com torrada. Mais café, e geléia de morango.

Quando ela voltou com o pedido, ele disse, como se estivesse retomando uma conversa anterior: “Sabe aquela do homem que tinha filhos gêmeos?”

“Não”, disse ela, servindo o café-da-manhã. Por alguma razão (prudência natural, talvez, e uma reticência instintiva com estrangeiros), ela não demonstrou o intenso interesse que ele parecia esperar despertar com o Homem que Tinha Filhos Gêmeos. Chacko pareceu não se importar.

“Um homem tinha filhos gêmeos”, disse a Margaret Kochamma. “Pete e Stuart. Pete era um Otimista e Stuart era um Pessimista.”

Ele catou os morangos da geléia e colocou-os de lado no prato. Espalhou o

resto da geléia numa camada grossa sobre a torrada com manteiga.

“No dia que fizeram treze anos, o pai deu para Stuart, o Pessimista, um relógio muito caro, um jogo de ferramentas de carpinteiro e uma bicicleta.”

Chacko olhou para Margaret Kochamma para ver se ela estava prestando atenção.

“E encheu de estrume de cavalo o quarto de Pete, o Otimista.”

Chacko pôs os ovos sobre a torrada, rompeu as gemas moles e brilhantes e espalhou-as sobre a geléia de morango com as costas da colher de chá.

“Stuart abriu os presentes e ficou resmungando a manhã inteira. Ele não queria um jogo de ferramentas de carpinteiro, não gostou do relógio e a bicicleta tinha os pneus errados.”

Margaret Kochamma havia parado de escutar porque estava fascinada com o curioso ritual que se desenrolava no prato dele. A torrada com geléia e ovos fritos foi cuidadosamente cortada em quadradinhos. Os morangos tirados da geléia foram convocados um a um e fatiados em delicados pedaços.

“Quando o pai foi até o quarto de Pete, o Otimista, não viu o filho, mas ouviu o barulho de alguém trabalhando tenazmente com uma pá e uma respiração ofegante. Estrume de cavalo voando para todo lado.”

Chacko tinha começado a se sacudir num riso silencioso, antecipando o fim da piada. Com mãos risonhas, colocou um fragmento de morango em cima de cada quadradinho vermelho e amarelo de torrada, fazendo tudo ficar parecendo lúgubres canapés que alguma velha serviria numa reunião de bridge.

“‘Em nome do céu, o que está fazendo?’, o pai gritou para Pete.”

Sal e pimenta polvilhados sobre os quadrados de torrada. Chacko fez uma pausa antes da chave de ouro, rindo para Margaret Kochamma que ria do prato dele.

“Uma voz veio do fundo do estrume. ‘Olhe, pai’, Pete disse, ‘se tem tanta merda por aqui, deve ter um cavalo em algum lugar!’”

Segurando o garfo numa mão e a faca na outra, Chacko inclinou-se para trás na cadeira do café vazio e riu a sua risada de gordo, alta, soluçada, contagiante, até as lágrimas rolarem pelo rosto. Margaret Kochamma, que tinha perdido a maior parte da piada, sorriu. Depois começou a rir da risada dele. A risada de um alimentava a risada do outro e os dois chegaram à histeria. Quando o dono do café apareceu, viu um cliente (não particularmente desejável) e uma garçonete (só medianamente desejável) uivando numa risada irresistível.

Enquanto isso, outro cliente (dos regulares) tinha chegado discretamente e esperava ser servido.

O dono limpou alguns copos já limpos, batendo um no outro ruidosamente, e empilhou a louça no balcão com muito barulho para demonstrar sua insatisfação com Margaret Kochamma. Ela tentou se controlar antes de tomar o outro pedido. Mas tinha lágrimas nos olhos e teve de abafar um novo ataque de riso, que fez o homem faminto que ela atendia levantar os olhos do menu, os lábios

finos apertados em silenciosa censura.

Ela deu uma olhada para Chacko, que retribuiu e sorriu. Era um sorriso loucamente simpático.

Ele terminou o café-da-manhã, pagou e foi embora.

Margaret Kochamma foi repreendida pelo patrão e ouviu um sermão sobre a Ética dos Cafés. Ela se desculpou. Sentia muito, de verdade, pela maneira como havia se comportado.

Nessa noite, depois do trabalho, ela pensou no que acontecera e ficou incomodada consigo mesma. Geralmente não era frívola e não achava direito ter tido um ataque de riso incontrolável com um estranho total. Parecia uma coisa tão íntima, excessivamente familiar para se fazer. Ficou pensando no que podia tê-la feito rir tanto. Sabia que não era a piada.

Pensou na risada de Chacko, e um sorriso ficou por longo tempo em seus olhos.

Chacko começou a visitar o café com freqüência.

Vinha sempre com o companheiro invisível e o sorriso simpático. Mesmo quando não era Margaret Kochamma quem o servia, ele a procurava com os olhos, e os dois trocavam sorrisos secretos que invocavam a lembrança conjunta do Ataque de Riso.

Margaret Kochamma se descobriu esperando pelas visitas do Ouriço Amarrotado. Sem ansiedade, mas com uma espécie de excitação insidiosa. Ela descobriu que Chacko era um Bolsista Rhodes da Índia. Que lia os Clássicos. E que remava por Balliol.

Até o dia em que se casou com ele, ela nunca acreditou que aceitaria um dia ser sua mulher.

Poucos meses depois de começarem a sair juntos, ele começou a levá-la às escondidas para o seu apartamento, onde vivia como um príncipe desamparado no exílio. A despeito de todos os esforços da faxineira zelosa, o quarto estava sempre imundo. Livros, garrafas de vinho vazias, roupa de baixo usada e tocos de cigarro jogados pelo chão. Os armários eram perigosos de abrir porque roupas e livros e sapatos vinham abaixo e alguns livros eram pesados o bastante para machucar de verdade. A vidinha ordeira de Margaret Kochamma se abandonava a essa loucura realmente barroca com o suspiro calado de um corpo quente entrando num mar gelado.

Ela descobriu que por baixo do aspecto de Ouriço Amarrotado, um marxista torturado estava em guerra com um impossível romântico incurável que esquecia velas acesas, que quebrava copos de vinho, que perdia o anel. Que fazia amor com ela com uma paixão que lhe tirava o fôlego. Ela sempre tinha pensado em si mesma como uma moça um tanto desinteressante, de cintura grossa, tornozelos grossos. Não feia. Nem especial. Mas quando estava com Chacko, seus limites se

abriam. Os horizontes se expandiam.

Ela nunca tinha encontrado antes um homem que falasse do mundo, do que era, de como veio a ser o que era, ou do que achava que iria acontecer com ele, do mesmo jeito que outros homens discutiam o trabalho, os amigos ou o fim de semana na praia.

Estar ao lado de Chacko fazia Margaret Kochamma sentir que sua alma escapava do estreito confinamento de seu país-ilha para os vastos espaços extravagantes do país dele. Ele a fazia sentir que o mundo era deles, como se estivesse diante deles igual a um sapo aberto na mesa de dissecação, implorando para ser examinado.

No ano em que o conheceu, antes de se casarem, ela descobriu uma certa magia em si mesma, e por algum tempo sentiu-se como um alegre gênio libertado de sua lâmpada. Ela era talvez jovem demais para se dar conta de que aquilo que julgava ser amor por Chacko era, na verdade, uma temerosa tentativa de aceitar a si mesma.

Quanto a Chacko, Margaret Kochamma era a primeira amiga mulher que tinha na vida. Não só a primeira mulher com quem havia dormido, mas a primeira companhia real. O que Chacko mais gostava nela era sua auto-suficiência. Talvez não fosse nada excepcional para a mulher inglesa mediana, mas era excepcional para Chacko.

Ele adorava o fato de Margaret Kochamma não se dependurar nele. De ela não ter certeza do que sentia por ele. De até o último dia ela não saber se ia ou não casar com ele. Adorava o jeito de ela sentar nua na cama, virar as longas costas nuas para ele, olhar no relógio e dizer: “Epa, tenho de ir embora”. Adorava o jeito de ela se arrastar para o trabalho toda manhã de bicicleta. Ele estimulava as diferenças de opinião e se divertia por dentro com as eventuais explosões dela, exasperada com a decadência dele.

Ele era grato por ela não querer cuidar dele. Por não se oferecer para arrumar seu quarto. Por não ser sua mãe de mentirinha. Ele passou a depender da não-dependência de Margaret Kochamma. Ele a adorava por não adorá-lo.

Da família dele, Margaret Kochamma sabia muito pouco. Ele raramente falava disso.

Na verdade, nos anos que passou em Oxford, Chacko raramente pensou na família. Coisas demais acontecendo em sua vida e Ayemenem parecia muito longe. O rio pequeno demais. Os peixes escassos demais.

Não tinha nenhuma razão importante para manter contato com os pais. A Bolsa Rhodes era generosa. Não precisava de dinheiro. Estava profundamente apaixonado por sua paixão por Margaret Kochamma e seu coração não tinha espaço para mais ninguém.

Mammachi escrevia para ele regularmente, descrevendo em detalhes as sórdidas

brigas com o marido e as preocupações com o futuro de Ammu. Ele raramente lia a carta até o fim. Às vezes, nem se dava ao trabalho de abrir. Nunca respondia.

Mesmo na única vez em que voltou para casa (quando impediu Pappachi de bater em Mammachi com o vaso de latão, e uma cadeira de balanço foi assassinada ao luar), ele mal percebeu o grau de ressentimento do pai, nem a redobrada adoração da mãe, nem a súbita beleza da irmã mais nova. Veio e foi embora num transe, ansiando, desde o momento da chegada, para voltar à moça branca de costas compridas que esperava por ele.

No inverno em que deu baixa em Balliol (foi mal nos exames), Margaret Kochamma e Chacko se casaram. Sem o consentimento da família dela. Sem o conhecimento da família dele.

Os dois decidiram que iam morar no apartamento de Margaret Kochamma (expulsando a Outra garçonete de Outro café) até ele encontrar trabalho.

A época do casamento não podia ter sido pior.

Junto com as pressões da vida em comum veio a penúria. Não havia mais o dinheiro da bolsa de estudos, e havia o aluguel inteiro a ser pago.

Com a interrupção da prática do remo veio uma expansão súbita e prematura de meia-idade. Chacko virou um Gordo, com um corpo que combinava com sua risada.

Um ano depois do casamento, o encanto da preguiça estudantil de Chacko tinha se esgotado para Margaret Kochamma. Já não a divertia mais o fato de, ao voltar do trabalho, encontrar o apartamento na mesma bagunça imunda em que o havia deixado. Que fosse impossível para ele ao menos pensar na possibilidade de arrumar a cama, ou lavar as roupas e os pratos. De ele não se desculpar pelas queimaduras de cigarro no sofá novo. De ele parecer incapaz de abotoar a camisa, dar o nó na gravata e amarrar o sapato antes de se apresentar para uma entrevista de emprego. Um ano depois, ela estava preparada para trocar o sapo na mesa de dissecação por algumas pequenas e práticas concessões. Tais como um emprego para o marido e uma casa limpa.

Chacko acabou arrumando um comissionamento breve e mal pago no Departamento de Vendas Além-Mar do Conselho de Chá da Índia. Acreditando que isso levaria a outras coisas, Chacko e Margaret mudaram-se para Londres. Para cômodos ainda menores e mais desanimadores. Os pais de Margaret Kochamma se recusaram a vê-la.

Ela acabara de descobrir que estava grávida quando encontrou Joe. Era um velho colega de escola de seu irmão. Quando se encontraram, Margaret Kochamma estava no seu momento de maior beleza física. A gravidez tinha posto cores em seu rosto e um brilho nos cabelos pretos e fartos. Apesar dos problemas conjugais, ela exibia aquele ar de animação secreta, de afeição pelo próprio corpo, que as mulheres grávidas tantas vezes têm.

Joe era biólogo. Estava atualizando a terceira edição de um dicionário de

Biologia para uma pequena editora. Joe era tudo o que Chacko não era.

Estável. Com as contas em dia. Magro.

Margaret Kochamma viu-se atraída por ele como uma planta numa sala escura é atraída por uma réstia de luz.

Quando Chacko terminou seu trabalho e não conseguiu encontrar outro emprego, escreveu a Mammachi, contando sobre seu casamento e pedindo dinheiro. Mammachi ficou desolada, empenhou em segredo as jóias e arranjou um jeito de mandar o dinheiro para a Inglaterra. Não bastou. Nunca bastava.

Quando Sophie Mol nasceu, Margaret Kochamma deu-se conta de que, pela filha e por si mesma, *tinha* de separar-se de Chacko. Pediu o divórcio.

Chacko voltou à Índia, onde encontrou trabalho com facilidade. Durante alguns anos, deu aulas no Colégio Cristão de Madras e, depois da morte de Pappachi, voltou a Ayemenem com a máquina de fechar frascos Bharat, o remo de Balliol e o coração ferido.

Mammachi o recebeu alegremente de volta à sua vida. Ela o alimentava, costurava para ele, cuidava para que houvesse flores frescas em seu quarto todos os dias. Chacko tinha necessidade da adoração da mãe. Na verdade, ele a *exigia* e, no entanto, a desprezava por isso e inventava castigos secretos para ela. Começou a cultivar sua corpulência e decadência física geral. Usava camisas safári de Terylene baratas, estampadas, junto com *mundus* brancos e as sandálias de plástico mais horrendas que encontrasse no mercado. Se Mammachi recebia convidados, parentes, ou talvez algum velho amigo de Délhi, Chacko comparecia à mesa de jantar arrumada com gosto, enfeitada com os exóticos arranjos de orquídeas e a melhor louça, e ficava arrancando cascas de alguma ferida velha ou coçando os calos oblongos que tinha desenvolvido nos cotovelos.

Seus alvos principais eram os convidados de Baby Kochamma, bispos católicos ou clérigos em visita, que vinham muitas vezes tomar lanche. Na presença deles, Chacko tirava as sandálias e arejava uma nojenta erupção diabética, cheia de pus, no pé.

“Deus tenha piedade deste pobre leproso”, dizia, enquanto Baby Kochamma tentava desesperadamente distrair a atenção de seus convidados catando os farelos de biscoitos ou de flocos de banana que tinham nas barbas.

Mas de todos os castigos secretos com que Chacko atormentava Mammachi, o pior e mais mortificante era quando se punha a relembrar Margaret Kochamma. Falava dela com freqüência e com um orgulho peculiar. Como se a admirasse por ter se divorciado dele.

“Ela me trocou por um homem melhor”, dizia a Mammachi, que se encolhia toda, como se ele tivesse ofendido a ela e não a si mesmo.

Margaret Kochamma escrevia regularmente, dando notícias de Sophie Mol. Ela garantia a Chacko que Joe era um ótimo pai, carinhoso, e que Sophie Mol o amava muito, fatos que alegravam e entristeciam Chacko em igual medida.

Margaret Kochamma era feliz com Joe. Mais feliz do que seria, talvez, se não tivesse passado aqueles anos loucos e precários com Chacko. Pensava em Chacko com carinho, mas sem arrependimento. Simplesmente não lhe ocorria que o tinha ferido tão profundamente, porque continuava a ver a si mesma como uma mulher comum e a ele como um homem excepcional. E como Chacko, nem na época, nem nunca, tinha dado nenhum sinal normal de dor ou tristeza, Margaret Kochamma concluía que, tanto quanto ela, ele achava que o casamento havia sido um erro. Quando ela contou de Joe, ele saiu triste, mas quieto. Com o companheiro invisível e o sorriso simpático.

Eles se escreviam com frequência e ao longo dos anos a relação amadureceu. Para Margaret Kochamma transformou-se numa amizade confortável, leal. Para Chacko era uma maneira, a *única* maneira, de manter contato com a mãe de sua filha e única mulher que tinha amado.

Quando Sophie Mol atingiu idade de ir para a escola, Margaret Kochamma matriculou-se num curso de magistério e conseguiu emprego como estagiária numa pré-escola de Clapham. Estava na sala dos professores quando vieram comunicar o acidente de Joe. A notícia foi dada por um policial jovem que tinha a expressão grave e levava o capacete nas mãos. Ele parecera estranhamente cômico, como um mau ator fazendo um teste para um papel solene em alguma peça. Margaret Kochamma lembrava-se de que, ao vê-lo, seu primeiro instinto tinha sido sorrir.

Margaret Kochamma fez o melhor que pôde para encarar a tragédia com serenidade, por Sophie Mol, se não por si mesma. Para *fingir* que encarava a tragédia com serenidade. Não pediu licença da escola. Cuidou para que a rotina escolar de Sophie Mol continuasse inalterada: *Termine a lição. Coma o ovo. Não, não podemos faltar na escola.*

Ela escondeu a angústia debaixo da máscara eficiente e prática de professora. O buraco em forma de professora severa no Universo (que às vezes dava palmadas).

Mas quando Chacko escreveu convidando-a para ir a Ayemenem, algo dentro dela suspirou e se sentou. Apesar de tudo o que tinha acontecido entre ela e Chacko, não havia ninguém melhor no mundo com quem passar esse Natal. Quanto mais pensava, mais tentada ficava. Convenceu a si mesma de que uma viagem à Índia seria a melhor coisa para Sophie Mol.

Mesmo sabendo que seus amigos e colegas da escola iam achar estranho ela correr de volta para o primeiro marido imediatamente depois da morte do segundo, Margaret Kochamma resgatou seu investimento a prazo fixo antes do vencimento e comprou duas passagens aéreas. Londres—Bombaim—Cochin.

Seria assombrada por essa decisão pelo resto da vida.

Ela levou para o túmulo a fotografia do corpo da filhinha deitada na *chaise-longue* da saleta da Casa Ayemenem. Mesmo de longe, era evidente que a menina estava morta. Nem doente, nem dormindo. Era alguma coisa na maneira como estava deitada. O ângulo dos membros. Algo a ver com a autoridade da Morte. Com sua terrível quietude.

Havia plantas verdes e sujeira de rio entranhadas em seu belo cabelo castanho-avermelhado. As pálpebras afundadas nuas, mordidas por peixes. (Ah, sim, eles mordem, os peixes de águas mais profundas. Experimentam de tudo.) O avental de veludo cotelê malva dizia *Férias!* em letras inclinadas e alegres. Ela estava mais enrugada que um polegar de *dhobi* por ter ficado tanto tempo dentro da água.

Uma sereia esponjosa que tinha esquecido como nadar.

Um dedal de prata apertado na mãozinha fechada, como talismã.

A que bebia no dedal.

A que saltava no caixão.

Margaret Kochamma nunca perdoou a si mesma por ter levado Sophie Mol a Ayemenem. Por tê-la deixado sozinha durante o fim de semana, enquanto ela e Chacko iam a Cochin para confirmar as passagens de volta.

ERA POR VOLTA DAS nove da manhã quando Mammachi e Baby Kochamma receberam a notícia de que tinham encontrado o corpo de uma criança branca boiando rio abaixo, onde o Meenachal se alarga perto da represa. Estha e Rahel ainda estavam desaparecidos.

Antes, naquela manhã, as crianças, todas três, não tinham aparecido para o copo de leite matinal. Baby Kochamma e Mammachi acharam que podiam ter descido para dar um mergulho no rio, o que era preocupante porque chovera muito no dia anterior e durante boa parte da noite. Sabiam que o rio estaria perigoso. Baby Kochamma mandou Kochu Maria procurar os meninos, mas ela voltou sem eles. No caos que se seguiu à visita de Vellya Paapen, ninguém conseguia se lembrar quando tinha visto as crianças pela última vez. Elas não eram a coisa mais importante na cabeça de ninguém. Mas podiam estar desaparecidas desde a noite anterior.

Ammu ainda estava trancada em seu quarto. Baby Kochamma estava com as

chaves. Através da porta, ela perguntou a Ammu se tinha alguma idéia do paradeiro das crianças. Tentou não revelar o pânico na voz, fazendo a pergunta soar corriqueira. Alguma coisa se espatifou contra a porta. Ammu estava fora de si de raiva e perplexidade com o que estava acontecendo com ela, presa como se fosse a louca da família em alguma casa medieval. Só mais tarde, quando o mundo despencou em volta deles, depois que o corpo de Sophie Mol foi trazido para Ayemenem, e Baby Kochamma a soltou, foi que Ammu superou a raiva, para tentar entender o que tinha acontecido. Medo e apreensão a forçavam a pensar com clareza, e só então lembrou-se do que dissera aos gêmeos quando eles vieram até a porta do quarto perguntar por que ela estava trancada. As palavras descuidadas que disse sem querer.

“Por causa de vocês!”, Ammu gritara. “Se não fosse por causa de vocês, eu não estaria aqui! Nada disso teria acontecido! Eu não estaria aqui! Estaria livre! Eu devia ter enfiado vocês num orfanato no dia que nasceram! *Vocês* são como pedras amarradas no meu pescoço!”

Ela não podia vê-los agachados contra a porta. Um Topete Surpreso e um Chafariz com um Amor-em-Tóquio. Confusos Gêmeos Embaixadores de sabe-Deus-o-quê. Suas Excelências os Embaixadores E. Pélvis e I. Refugiado.

“Vão embora!”, Ammu dissera. “Sumam daqui e me deixem sossegada.”

E eles tinham ido.

Mas quando a única resposta que Baby Kochamma recebeu à sua pergunta sobre as crianças foi alguma coisa se espatifando contra a porta de Ammu, ela foi embora. Um lento receio foi crescendo dentro dela quando começou a fazer as ligações óbvias, lógicas, e inteiramente erradas, entre os acontecimentos da noite e as crianças desaparecidas.

A chuva tinha começado cedo na tarde anterior. Repentinamente, o dia quente escureceu e o céu começou a estalar e roncar. Kochu Maria, de mau humor sem nenhuma razão especial, estava em cima de seu banquinho na cozinha, limpando ferozmente um grande peixe, produzindo uma tempestade de escamas e cheiro. Seus brincos de ouro balançavam ferozmente. Escamas de peixe prateadas voavam pela cozinha, pousando em chaleiras, paredes, descascadores de legumes, porta de geladeira. Ela ignorou Vellya Paapen quando ele chegou na porta da cozinha, encharcado e tremendo. Seu olho de verdade estava congestionado e parecia que tinha bebido. Ele ficou ali uns dez minutos, esperando ser notado. Quando Kochu Maria terminou de limpar o peixe e começou a lidar com as cebolas, ele pigarreou e perguntou por Mammachi. Kochu Maria tentou espantá-lo, mas ele não foi embora. Cada vez que ele abria a boca para falar, seu hálito de araca atingia Kochu Maria como um martelo. Ela nunca o tinha visto assim antes e ficou um pouco assustada. Fazia uma idéia bastante clara do que se tratava e acabou resolvendo que era melhor chamar Mammachi. Fechou a porta da

cozinha, deixando Vellya Paapen no *mittam* dos fundos, trançando bêbado na chuva forte. Apesar de ser dezembro, chovia como se fosse junho. *Perturbação ciclônica*, disseram os jornais no dia seguinte. Mas naquele momento ninguém estava em condições de ler jornal.

Talvez a chuva é que tenha levado Vellya Paapen para a porta da cozinha. Para um homem supersticioso aquilo podia parecer o começo do fim do mundo. O que, de certa forma, era.

Quando Mammachi chegou à cozinha, de anágua e com o *peignoir* cor-de-rosa com barra de sinhaninha, Vellya Paapen subiu os degraus da cozinha e estendeu para ela o olho penhorado. Em cima da palma da mão. Disse que não o merecia e queria que ela aceitasse de volta. A pálpebra esquerda caída sobre a órbita vazia numa piscada monstruosa, imutável. Como se tudo o que estava para dizer fizesse parte de uma peça elaborada.

“O que é isso?”, Mammachi perguntou, estendendo a mão, pensando talvez que por alguma razão Vellya Paapen estava devolvendo o quilo de arroz vermelho que ela havia dado a ele de manhã.

“É o olho dele”, Kochu Maria respondeu em voz alta, os próprios olhos vermelhos por causa das cebolas. Mammachi mal tinha tocado o olho de vidro. Ela recuou daquela coisa dura e escorregadia. Como uma bolinha de gude viscosa.

“Você está bêbado?”, Mammachi perguntou, furiosa, ao som da chuva. “Como ousa vir até aqui nesse estado?”

Foi Tateando até a pia e lavou com sabão o molhado dos fluidos do olho do *paravan*. Cheirou as mãos depois. Kochu Maria deu a Vellya Paapen um pano velho de cozinha para ele se enxugar, e não disse nada de ele ficar se enxugando no degrau de cima, quase do lado de dentro de sua cozinha tocável, abrigado da chuva pelo beiral do telhado.

Quando se acalmou um pouco, Vellya Paapen devolveu o olho à órbita devida e começou a falar. Começou declarando a Mammachi o quanto a família dela tinha feito pela dele. Geração após geração. Falou que, muito antes dos comunistas pensarem nisso, o reverendo E. John Ipe tinha dado ao pai dele, Kelan, o título de propriedade da terra onde estava hoje a cabana. Que Mammachi tinha pago pelo seu olho. Que ela tinha arranjado para Velutha ir à escola e arrumado um emprego para ele...

Mammachi, mesmo incomodada pela bebedeira dele, não era avessa a escutar histórias poéticas sobre si mesma e sobre a generosidade cristã da família. Nada podia prepará-la para o que estava para ouvir.

Vellya Paapen começou a chorar. Metade dele chorava. As lágrimas brotavam do olho de verdade e brilhavam na face negra. O outro olho fixava à frente. Um velho *paravan*, que tinha visto os dias de se Arrastar para Trás, dividido entre o Amor e a Lealdade.

Então o Terror tomou conta dele e sacudiu as palavras para fora. Ele contou

a Mammachi o que havia visto. A história do barquinho que atravessava o rio noite após noite, e quem ia nele. A história de um homem e uma mulher, juntos ao luar. Pele com pele.

Eles vão à Casa de Kari Saipu, Vellya Paapen disse. O demônio do homem branco tinha entrado dentro deles. Era a vingança de Kari Saipu pelo que ele, Vellya Paapen, lhe tinha feito. O barco (que Estha e Rahel haviam encontrado) ficava amarrado num toco de árvore, perto do caminho íngreme que atravessava o pântano até a plantação de seringueiras. Ele mesmo vira o barco ali. Toda noite. Balançando na água. Vazio. Esperando os amantes voltarem. Esperando durante horas. Às vezes, eles só apareciam no mato alto de madrugada. Vellya Paapen vira os dois com seu próprio olho. Outras pessoas tinham visto os dois também. A aldeia inteira sabia. Era só uma questão de tempo até Mammachi descobrir. Então Vellya Paapen viera contar pessoalmente a Mammachi. Como *paravan* e homem com partes do corpo penhoradas, considerava isso seu dever.

Os amantes. Gerados por ele e por ela. O filho dele e a filha dela. Tinham tornado o impensável pensável e feito o impossível acontecer.

Vellya Paapen continuou falando. Chorando. Com ânsia de vômito. Mexendo a boca. Mammachi não conseguia ouvir o que estava dizendo. O som da chuva foi ficando mais forte e explodiu dentro da cabeça dela. Ela não ouviu a si mesma gritando.

De repente, a velha cega com seu *peignoir* cor-de-rosa de sinhaninhas e o cabelo grisalho ralo preso num rabo-de-rato, deu um passo à frente e empurrou Vellya Paapen com toda a força. Ele caiu para trás, rolou os degraus da cozinha e ficou estatelado na lama molhada. Tomado inteiramente de surpresa. Parte do tabu de ser intocável era a expectativa de não ser tocado. Pelo menos, não nessas circunstâncias. De viver trancado num casulo inexpugnável.

Baby Kochamma, que passava pela cozinha, ouviu a confusão. Encontrou Mammachi cuspiendo na chuva, PTUF! PTUF! PTUF! e Vellya Paapen caído na lama, molhado, chorando, rastejando. Se oferecendo para matar o filho. Para despedaçá-lo membro a membro.

Mammachi gritava: “Cachorro bêbado! Mentiroso *paravan* bêbado!”.

Por cima do alarido, Kochu Maria gritou a história de Vellya Paapen para Baby Kochamma. Baby Kochamma percebeu de imediato o imenso potencial da situação, mas imediatamente ungiu seus pensamentos com óleos untuosos. Ela desabrochou. Percebeu que era o Caminho de Deus para punir Ammu por seus pecados e ao mesmo tempo vingar-se da humilhação que ela (Baby Kochamma) tinha sofrido nas mãos de Velutha e dos homens da manifestação, os insultos de *Modalali Mariakutty*, o sacudir da bandeira à força. Ela desfraldou as velas imediatamente. Um navio de bondade singrando um mar de pecado.

Baby Kochamma pôs um braço pesado em torno de Mammachi.

“Deve ser verdade”, disse baixo. “Ela é bem capaz disso. E ele também. Vellya Paapen não ia mentir sobre uma coisa dessas.”

Pedi a Kochu Maria que pegasse um copo de água para Mammachi e uma cadeira para ela sentar. Fez Vellya Paapen repetir a história, interrompendo-o de vez em quando para saber detalhes: Que barco? Quantas vezes? Há quanto tempo?

Quando Vellya Paapen terminou, Baby Kochamma virou-se para Mammachi. “Ele tem de ir embora”, ela disse. “Esta noite. Antes que a coisa vá mais longe. Antes que nos arruíne de uma vez.”

Ela então tremeu com seu tremor de colegial. Foi quando disse: “*Como ela agüentou o cheiro? Você nunca percebeu? Eles têm um cheiro característico, esses paravans*”.

Com essa observação olfativa, esse detalhe específico, o Terror se instalou.

A raiva de Mammachi contra o velho *paravan* de um olho só parado na chuva, babando, coberto de lama, foi redirecionada em um frio desprezo pela própria filha e pelo que tinha feito. Pensou nela nua, copulando na lama com um homem que não era nada além de um *coolie* imundo. Imaginou tudo em vívidos detalhes: a mão negra e áspera do *paravan* no seio da filha. A boca dele na dela. Os quadris negros dele se movimentando entre as pernas dela abertas. O som da respiração dos dois. O cheiro de *paravan* dele. *Como animais*, Mammachi pensou e quase vomitou. *Como um cachorro com uma cadela no cio*. Sua tolerância com as “Necessidades Masculinas” do filho transformaram-se em combustível para a sua incontrolável fúria contra a filha. Ela havia poluído gerações (o Pequeno Abençoado, abençoado pelo Patriarca de Antioquia, um Entomologista Imperial, um Bolsista Rhodes em Oxford) e deixado a família de joelhos. Por todas as futuras gerações, *para sempre* agora, as pessoas iam apontá-los com o dedo em casamentos e funerais. Em festas de batismo e de aniversário. Iam apontar e murmurar. Agora estava tudo acabado.

Mammachi perdeu o controle.

Fizeram o que precisava ser feito, as duas velhas, Mammachi forneceu a paixão, Baby Kochamma o plano. Trancaram Ammu (atraindo-a para o quarto) antes de mandar chamar Velutha. Sabiam que tinham de fazê-lo ir embora de Ayemenem antes de Chacko voltar. Elas não conseguiam nem confiar, nem prever qual seria a atitude de Chacko.

Não foi porém inteiramente culpa delas que a coisa toda escapasse ao controle como um pião enfurecido. Que acabasse atingindo todos que cruzassem seu caminho. Que no momento em que Chacko e Margaret voltaram de Cochim já fosse tarde demais.

O pescador já tinha encontrado Sophie Mol.

Imagine esse homem.

Saindo de barco ao amanhecer, na boca do rio que conhece desde que nasceu. Ainda cheio e rápido por causa da chuva da noite anterior. Alguma coisa passa boiando na água e as cores chamam sua atenção. Malva. Castanho-avermelhado. Cor de areia. Seguindo na corrente, depressa em direção ao mar. Ele lança a vara de bambu para deter a coisa e puxa em sua direção. É uma sereia enrugada. Uma sereia menina. Uma simples sereia menina. Com cabelo castanho-avermelhado. Com um nariz de Entomologista Imperial e um dedal de prata apertado na mão, como talismã. Ele a puxa da água para dentro do barco. Coloca sua toalha de algodão fina debaixo dela, ela fica deitada no fundo do barco em meio aos peixes prateados que ele pescou. E rema para casa, *Thaiy thaiy thakka thaiy thaiy thome*, pensando como é errado um pescador pensar que conhece bem o rio. *Ninguém* conhece o Meenachal. Ninguém sabe o que ele pode arrebatou ou devolver de repente. Nem quando. É isso que faz os pescadores rezarem.

Na delegacia de polícia de Kottayam, uma trêmula Baby Kochamma foi introduzida na sala do Delegado. Ela contou ao inspetor Thomas Mathew as circunstâncias que tinham levado à súbita dispensa de um operário da fábrica. Um *paravan*. Poucos dias antes, ele havia tentado... tentado... forçar sua sobrinha, disse ela. Uma divorciada com dois filhos.

Baby Kochamma disfarçou a relação entre Ammu e Velutha não por causa de Ammu, mas para conter o escândalo e preservar a reputação da família aos olhos do inspetor Thomas Mathew. Não lhe ocorreu que Ammu iria depois atrair vergonha sobre si mesma, indo à polícia e endireitando as coisas. Ao contar a história, Baby Kochamma começou a acreditar nela.

Por que a questão não foi comunicada à polícia imediatamente?, quis saber o inspetor.

“Somos uma família tradicional”, disse Baby Kochamma. “Não queremos que se comente esse tipo de coisa...”

O inspetor Thomas Mathew, escondendo-se atrás de seu agitado bigode Air India, compreendia perfeitamente. Ele tinha uma esposa tocável, duas filhas tocáveis, gerações inteiras de tocáveis à espera em seus úteros tocáveis...

“Onde está a vítima neste momento?”

“Em casa. Ela não sabe que vim aqui. Não me deixaria vir. Natural... está louca de preocupação com os filhos. Histérica.”

Depois, quando a verdadeira história chegou ao inspetor Thomas Mathew, o fato de aquilo que o *paravan* tomou do Reino tocável não ter sido roubado, mas *dado*, encheu-o de profundas preocupações. Por isso, depois do funeral de Sophie Mol, quando Ammu foi até ele com os gêmeos para contar que tinha havido um engano, e ele tocou os seios dela com o cassetete, não o fez por brutalidade espontânea de sua parte. Sabia exatamente o que estava fazendo. Era um gesto

premeditado, calculado para humilhá-la, aterrorizá-la. Uma tentativa de impor ordem num mundo que tinha se desencaminhado.

Mais tarde, quando a poeira assentou e ele estava com a papelada organizada, o inspetor Thomas Mathew ficou satisfeito consigo mesmo pela maneira como as coisas tinham se resolvido.

Mas agora, ouvia cuidadosamente, cortesmente, enquanto Baby Kochamma inventava a sua história.

“Noite passada, estava escurecendo, por volta das sete da noite, quando ele veio até a casa para nos ameaçar. Estava chovendo muito. A luz tinha acabado e nós estávamos acendendo os lampiões quando ele chegou”, disse. “Ele sabia que o homem da casa, meu sobrinho, Chacko Ipe, estava, está, em Cochim. Três mulheres sozinhas em casa.” Ela fez uma pausa para permitir que o inspetor imaginasse os horrores a que um *paravan* tarado podia expor três mulheres sozinhas numa casa.

“Dissemos que se não saísse de Ayemenem calmamente nós chamaríamos a polícia. Ele começou dizendo que minha sobrinha tinha *consentido*, o senhor imagina? Perguntou que prova nós tínhamos daquela acusação. Disse que segundo as Leis Trabalhistas não havia razões para ele ser despedido. Estava muito calmo. ‘Foi-se o dia’, ele disse, ‘em que vocês podiam nos chutar feito cachorros...’” Até então, Baby Kochamma soava profundamente convincente. Injuriada. Incrédula.

Então, deixou-se dominar inteiramente pela imaginação. Não contou que Mammachi tinha perdido o controle. Que tinha avançado em cima de Velutha e cuspidado na cara dele. Nem as coisas que disse. Os nomes de que o chamou.

Em vez disso, ela declarou ao inspetor Thomas Mathew que o que a trouxera à polícia não havia sido só *o que* Velutha disse, mas a *maneira* como disse. Sua completa falta de remorso é que a deixara mais chocada. Como se ele estivesse de fato *orgulhoso* do que tinha feito. Sem se dar conta, Baby Kochamma enxertava em Velutha os modos do homem que a humilhara na manifestação. Descreveu a fúria desdenhosa que havia em seu rosto. O descaramento e a insolência na voz que tanto a tinha assustado. Isso lhe dava a certeza de que o fato de ele ter sido despedido e o desaparecimento das crianças não podiam de forma alguma deixar de ter uma ligação.

Ela conhecia o *paravan* desde criança, Baby Kochamma disse. Ele havia sido educado por sua família, na escola de intocáveis fundada pelo pai dela, Punnyan Kunju (mr. Thomas Mathew devia saber quem era? Sim, claro)... Ele aprendera o ofício de carpinteiro às custas de sua família, a casa em que morava tinha sido dada ao avô dele pela família dela. Ele devia tudo à família dela.

“Vocês”, disse o inspetor Thomas Mathew, “primeiro mimam essa gente, exibindo para todo mundo como se fossem troféus, depois, quando eles se comportam mal, vêm correndo nos pedir socorro.”

Baby Kochamma baixou os olhos como uma criança que levou um pito. Depois, continuou a história. Contou ao inspetor Thomas Mathew que nas

últimas semanas notara certos indícios, certa insolência, certa grosseria. Mencionou que o tinha visto na manifestação a caminho de Cochin, falou dos rumores de que ele era ou tinha sido um naxalita. Ela não notou a vaga ruga de preocupação que esse dado produziu na testa do inspetor.

Havia prevenido o sobrinho a respeito dele, Baby Kochamma disse, mas nunca jamais podia imaginar que a coisa fosse chegar a tal ponto. Uma linda criança estava morta. Duas crianças desaparecidas.

Baby Kochamma perdeu o controle.

O inspetor Thomas Mathew lhe deu uma xícara de chá de delegacia. Quando ela se sentiu um pouco melhor, ele a ajudou a registrar tudo o que tinha dito num FIR. Ele prometeu a Baby Kochamma a Total Cooperação da Polícia de Kottayam. O velhaco seria capturado antes do fim do dia, disse. Um *paravan* com dois gêmeos bivitelinos, perseguido pela história... Ele sabia que não havia muitos lugares onde se esconder.

O inspetor Thomas Mathew era um homem prudente. Tomou uma precaução. Mandou um jipe buscar o camarada K. N. M. Pillai e trazê-lo à delegacia. Para ele, era crucial saber se o *paravan* tinha algum apoio político ou estava operando sozinho. Embora ele próprio fosse partidário do Congresso, não tinha a intenção de arriscar nenhum conflito com o governo marxista. Quando o camarada Pillai chegou, foi conduzido à cadeira que Baby Kochamma havia acabado de desocupar. O inspetor Thomas Mathew mostrou a ele o FIR de Baby Kochamma. Os dois homens tiveram uma conversa. Breve, críptica, direta. Como se estivessem trocando números e não palavras. Não parecia necessário nenhuma explicação. Eles não eram amigos, o camarada Pillai e o inspetor Thomas Mathew, e um não confiava no outro. Mas se entendiam perfeitamente. Eram ambos homens que a infância havia abandonado sem deixar vestígios. Homens sem curiosidade. Sem dúvidas. Ambos, cada um à sua maneira, realmente, aterrorizantemente, adultos. Eles olhavam o mundo e nunca imaginavam como funcionava, porque sabiam. *Eles* faziam com que funcionasse. Eram mecânicos que cuidavam de partes diferentes da mesma máquina.

O camarada Pillai disse ao inspetor Thomas Mathew que conhecia Velutha, mas omitiu que Velutha era membro do Partido Comunista e que Velutha tinha ido bater em sua porta tarde da noite anterior, o que fazia do camarada Pillai a última pessoa a ver Velutha antes de seu desaparecimento. Tampouco, apesar de saber que não era verdade, o camarada Pillai refutou a alegação de tentativa de estupro constante do FIR de Baby Kochamma. Ele simplesmente garantiu ao inspetor Thomas Mathew que, pelo que sabia, Velutha não tinha nem patrocínio nem proteção do Partido Comunista. Que ele agia por conta própria.

Quando o camarada Pillai saiu, o inspetor Thomas Mathew repassou a conversa dos dois na cabeça, brincando com ela, testando sua lógica, procurando pontos falhos. Quando se deu por satisfeito, passou instruções a seus homens.

Enquanto isso, Baby Kochamma voltou a Ayemenem. O Plymouth estava estacionado na entrada. Margaret Kochamma e Chacko tinham voltado de Cochim.

Sophie Mol estava deitada na *chaise-longue*.

Quando Margaret Kochamma viu o corpo da filhinha, o choque cresceu dentro dela como um aplauso fantasma numa platéia vazia. E transbordou numa onda de vômito que a deixou muda, de olhos vazios. Ela pranteava duas mortes, não uma. Com a perda de Sophie, Joe morria de novo. E dessa vez não havia lição de casa a terminar, nem ovo a comer. Tinha vindo a Ayemenem para curar seu mundo ferido e, em vez disso, havia perdido tudo. Ela estilhaçou, como vidro.

Sua lembrança dos dias seguintes era nublada. Longas e penumbrosas horas de densa e pastosa serenidade (quimicamente administrada pelo dr. Verghese Verghese), laceradas por talhos duros, metálicos, de histeria, agudos e cortantes como o fio de uma navalha nova.

Tinha uma vaga consciência de Chacko, preocupado e gentil quando estava a seu lado, depois enfurecido, explodindo como um vento raivoso pela Casa Ayemenem. Tão diferente do Ouriço Amarrotado que conhecera naquela manhã distante no café de Oxford.

Ela recordava vagamente o funeral na igreja amarela. Os cantos tristes. Um morcego que tinha incomodado alguém. Lembrava-se do ruído de portas sendo arrombadas e vozes apavoradas de mulheres. E que, à noite, os grilos do mato haviam soado como degraus rangendo, amplificando o medo e a tristeza que pairavam sobre a Casa Ayemenem.

Ela nunca esqueceu a raiva irracional que sentiu das outras duas crianças, que por alguma razão haviam sido poupadas. Sua mente febril agarrou-se como uma ostra à idéia de que Estha era, de alguma forma, responsável pela morte de Sophie Mol. O que era estranho, considerando que Margaret Kochamma não sabia que tinha sido Estha (o Mago Mexedor com um Topete que remara a geléia e pensara Dois Pensamentos), Estha quem havia quebrado as regras e levado Sophie Mol e Rahel para o outro lado do rio toda tarde, remando o barquinho. Estha quem havia neutralizado um cheiro preso por uma foice, abanando uma bandeira marxista. Estha quem transformara a varanda dos fundos da Casa da História na casa deles longe de casa, equipada com um colchão de crina e com a maioria dos seus brinquedos: uma catapulta, um ganso inflável, um coala da Qantas com olhos de botão frouxos. E, finalmente, Estha quem, naquela noite terrível, havia resolvido que, apesar do escuro e da chuva, era chegada A Hora de eles fugirem de casa, porque Ammu não queria mais saber deles.

Mesmo não sabendo de nada disso, por que Margaret Kochamma culpava Estha pelo que aconteceu com Sophie? Talvez ela tivesse um instinto materno.

Três ou quatro vezes, nadando em grossas camadas de sono induzido por drogas, ela havia efetivamente procurado Estha e estapeado o menino até que

alguém a acalmasse e levasse embora. Mais tarde, ela escreveu a Ammu pedindo desculpas. Quando a carta chegou, Estha já tinha sido Devolvido e Ammu forçada a fazer as malas e partir. Só Rahel tinha ficado em Ayemenem para aceitar, em nome de Estha, as desculpas de Margaret Kochamma. *Não consigo imaginar o que aconteceu comigo, escreveu. Só posso atribuir ao efeito dos tranqüilizantes. Eu não tinha o direito de fazer o que fiz e quero que saiba que estou envergonhada e sinto muitíssimo, muitíssimo.*

Estranhamente, a pessoa em quem Margaret Kochamma nunca pensou foi Velutha. Dele, ela não tinha lembrança nenhuma. Nem mesmo de sua aparência.

Talvez porque nunca o conheceu de fato, nem soube o que aconteceu com ele.

O Deus da Perda.

O Deus das Pequenas Coisas.

Ele não deixava pegadas na areia, nem ondulações na água, nem imagem nos espelhos.

Afinal de contas, Margaret Kochamma não estava junto com o batalhão de policiais tocáveis quando eles atravessaram o rio cheio. As calças curtas, largas, cáqui, rígidas de goma.

O tilintar metálico de algemas no bolso de alguém.

Não é razoável esperar que uma pessoa se lembre de algo que ela não sabe que aconteceu.

A TRISTEZA, PORÉM, ainda estava duas semanas adiante naquela tarde azul de ponto de cruz, Margaret Kochamma, deitada por causa do *jet-lag*, ainda dormia. Chacko, a caminho da casa do camarada K. N. M. Pillai, passou pela janela do quarto como uma baleia ansiosa e furtiva tentando espiar se a mulher (*Ex-mulher, Chacko!*) e a filha estavam acordadas e precisavam de alguma coisa. No último minuto, faltou-lhe coragem, e ele flutuou gordamente adiante, sem olhar para dentro. Sophie Mol (A cordada, A tenta, A lerta) viu quando ele se foi.

Ela sentou na cama e olhou para as seringueiras. O sol tinha se deslocado no céu e projetava uma grande sombra da casa sobre a plantação, escurecendo ainda mais as árvores de folhas já escuras. Além da sombra, a luz era plana e suave. Na casca manchada de cada árvore havia um talho diagonal pelo qual porejava a borracha leitosa como sangue de uma ferida, pingando na meia casca de coco amarrada à árvore.

Sophie Mol desceu da cama e fuçou a bolsa da mãe adormecida. Encontrou o que estava procurando: as chaves da mala grande, trancada, que estava no chão, com suas etiquetas de linha aérea e rótulos de bagagem. Ela a abriu e revirou o conteúdo com a delicadeza de um cachorro cavando um canteiro. Desarrumou pilhas de lingerie, de saias e blusas passadas, xampus, cremes, chocolates, fita adesiva, sabonetes (e outros cheiros londrinos engarrafados), quinino, aspirina, antibiótico de amplo espectro. “Leve de tudo”, as colegas tinham aconselhado Margaret Kochamma com vozes preocupadas. “Nunca se sabe.” O que era a sua maneira de dizer a uma colega em viagem ao Coração das Trevas que:

(a) Tudo Pode Acontecer com Qualquer Um.

Portanto

(b) É Melhor Estar Preparado.

Sophie Mol acabou encontrando o que procurava.

Presentes para os primos. Torres triangulares de chocolate Toblerone (moles e inclinadas por causa do calor). Meias com dedos multicoloridos. E duas canetas esferográficas cujas metades superiores, cheias de água, continham, em suspensão, uma colagem de panoramas londrinos. O Palácio de Buckingham e o Big Ben. Lojas e pessoas. Um ônibus vermelho de dois andares propulsionado por uma bolha de ar flutuava para cima e para baixo na rua quieta. Havia algo sinistro na ausência de ruído da rua da caneta esferográfica.

Sophie Mol colocou os presentes na sua bolsa *go-go* e saiu para o mundo. Para enfrentar uma dura barganha. Para negociar uma amizade.

Uma amizade que, infelizmente, seria abandonada em suspenso. Incompleta. Flutuando no ar sem ponto de apoio. Uma amizade que nunca girou em torno de uma história, razão por quê, muito mais depressa do que seria de esperar, Sophie Mol tornou-se uma Lembrança, enquanto A Perda de Sophie Mol foi ficando robusta e viva. Como uma fruta da estação. De todas as estações.

14. TRABALHO É LUTA

CHACKO SEGUIU PELO ATALHO das seringueiras inclinadas, de forma que precisaria pegar só um pedacinho da estrada principal até a casa do camarada K. N. M. Pillai. Ele parecia vagamente absurdo, caminhando pelo tapete de folhas secas em seu terno de aeroporto apertado, a gravata voando por cima do ombro.

O camarada Pillai não estava em casa quando Chacko chegou. A mulher dele, Kalyani, com pasta de sândalo recém-aplicada na testa, o fez sentar na cadeira dobrável de metal na salinha da frente e desapareceu pela cortina rosa-forte de renda de náilon para dentro da sala vizinha, escura, onde tremulava a pequena chama de um grande lampião a óleo feito de latão. O cheiro enjoativo de incenso passava pela porta sobre a qual uma plaquinha de madeira dizia: *Trabalho é Luta. Luta é Trabalho.*

Chacko era grande demais para a sala. As paredes azuis o cerceavam. Ele olhou em volta, tenso e um pouco inquieto. Havia uma toalha dependurada para secar nas barras da janelinha verde. A mesa de jantar estava coberta por uma toalha de plástico estampado em cores vivas. Mosquinhos circulavam sobre uma penca de bananas pequenas num prato de ágata debruado de azul. Num canto da sala havia uma pilha de cocos verdes. Uma sandália de borracha infantil largada no paralelogramo de sol brilhante no chão. Perto da mesa, um armário de portas de vidro. Com cortinas estampadas pelo lado de dentro, escondendo o conteúdo.

A mãe do camarada Pillai, uma velhinha minúscula de blusa marrom e *mundu* branco-cru, estava sentada na beira da cama alta de madeira encostada à parede, os pés balançado sem tocar o chão. Usava uma toalha branca, fina, em diagonal sobre o peito, e jogada por cima de um ombro. Um funil de mosquitos, igual a um chapéu de burro invertido, zunia acima de sua cabeça. Ela apoiava o rosto na palma da mão, pregueando todas as rugas juntas daquele lado do rosto. Cada centímetro dela, até mesmo os pulsos e tornozelos, era enrugado. Só a pele do pescoço era firme e lisa, esticada sobre um enorme bócio. Sua fonte da juventude. Ela olhava sem ver a parede à frente dela, oscilando suavemente o corpo, dando pequenos grunhidos em ritmo regular, como um entediado passageiro numa longa viagem de ônibus.

Os diplomas de SSLC, BA e MA do camarada Pillai estavam dependurados em molduras na parede atrás da cabeça dela.

Numa outra parede, uma fotografia emoldurada do camarada Pillai colocando uma guirlanda no camarada E. M. S. Namboodiripad. Em primeiro plano, um microfone no pedestal, brilhando, com uma placa onde se lia *Ajantha*.

O ventilador giratório de mesa, ao lado da cama, distribuía sua brisa mecânica

em giros exemplares, democráticos: primeiro levantando o que restava dos cabelos da Velha mrs. Pillai, depois os de Chacko. Os mosquitos se dispersavam e voltavam a se reunir incansavelmente.

Pela janela, Chacko podia ver o alto dos ônibus, com a bagagem nos bagageiros, quando passavam trovejando. Passou um jipe com um alto-falante, berrando uma canção do Partido Marxista, cujo tema era o Desemprego. O coro era em inglês, o resto em *malayalam*.

No vacancy! No vacancy!
Wherever in the world a poor men goes,
No no no no no vacancy!

[*Não há vagas! Não há vagas!*
Aonde quer que vá um pobre pelo mundo,
Não não não não não há vagas!]

O *no* pronunciado aberto, como em *door*.

Kalyani voltou com um copo de aço inoxidável com café de filtro de papel e um prato de aço inoxidável com flocos de banana (amarelo-brilhante com sementinhas pretas no centro) para Chacko.

“Ele foi para Olassa. Deve estar chegando”, ela disse. Referia-se ao marido como *addeham*, que é uma forma respeitosa de “ele”, enquanto “ele” a chamava de *edi*, que corresponde, aproximadamente, a “você aí!”.

Era uma mulher viçosa, bonita, com pele marrom dourada e olhos grandes. O cabelo comprido e crespo estava molhado, solto nas costas, trançado só na ponta. Tinha molhado as costas da blusa justa, vermelho-escura, manchada agora de um tom mais escuro. Do ponto onde terminavam as mangas, a carne do braço se inchava e caía sobre os cotovelos com covinhas, num volume suntuoso. O *mundu* branco e o *kavani* estavam bem passados. Ela cheirava a sândalo e a pasta de grão-de-bico que usava no lugar de sabonete. Pela primeira vez em anos, Chacko olhou para ela sem sentir o menor desejo sexual. Ele tinha uma mulher (*Ex-mulher, Chacko!*) em casa. Com sardas nos braços e nas costas. Com um vestido azul e pernas por baixo.

O jovem Lenin apareceu na porta de short vermelho de malha colante. Ficou em cima de uma perna magra só, como uma cegonha, e enrolou a cortina de renda cor-de-rosa até virar um poste, observando Chacko com os olhos da mãe. Já tinha seis anos, ultrapassando em muito a idade de enfiar coisas pelo nariz.

“Mon, vá chamar Latha”, disse mrs. Pillai.

Lenin ficou onde estava e, ainda encarando Chacko, berrou sem nenhum esforço, como só as crianças sabem fazer.

“Latha! Latha! Tá chamando!”

“Nossa sobrinha de Kottayam. Filha do irmão mais velho dele”, mrs. Pillai

explicou. “Ganhou o Primeiro Prêmio de Declamação no Festival da Juventude de Trivandrum, semana passada.”

Uma menina de aparência combativa, com seus doze ou treze anos, apareceu pela cortina de renda. Usava saia longa, estampada, que descia até os tornozelos, e blusa branca curta, até a cintura, com pences que garantiam espaço para futuros seios. O cabelo untado com óleo era dividido ao meio. Cada uma das tranças apertadas, brilhantes, fazia um elo amarrado com fitas, que caía de cada lado de seu rosto como contornos de grandes orelhas penduradas que ainda não tinham sido coloridas.

“Sabe quem é este?”, mrs. Pillai perguntou a Latha.

Latha sacudiu a cabeça.

“Chacko *saar*. Nosso *modalali* da fábrica.”

Latha olhou para ele com uma compostura e uma falta de curiosidade incomuns numa menina de treze anos.

“Ele estudou em Londres Oxford”, disse mrs. Pillai. “Não quer recitar para ele?”

Latha concordou sem hesitação. Plantou os pés ligeiramente separados.

“Respeitado diretor”, ela fez uma reverência para Chacko, “meusqueridosjuízes e...” olhou em torno, para a platéia imaginária que enchia a salinha quente, “queridos amigos”. Fez uma pausa teatral.

“Hoje, eu gostaria de declamar para vocês um poema de sir Walter Scott intitulado ‘Lochinvar’.” Ela segurou as mãos juntas atrás das costas. Uma película cobriu seus olhos. Seu olhar fixou-se sem ver pouco acima da cabeça de Chacko. Enquanto falava, oscilava ligeiramente o corpo. De início, Chacko pensou que era uma tradução *malayalam* de “Lochinvar”. As palavras se atropelavam. A última sílaba de uma palavra grudava na primeira sílaba da seguinte. O texto era dito com incrível rapidez.

*“O, young Lochin varbas scum out of the vest,
Through wall the vide Border his teed was the bes;
Tand savissgood broadsod heweapon sadnun,
Nbe rod all unarmed, end he rod all lalone.”*

[Doci dente partiuo jovemLo chinvar
cruzandoa fronteirensu cavalo sempar.
Essalvo suespa darmas não portava,
desarmadoe sozinho eleca valgava.]

Entremeando o poema, vinham grunhidos da velha na cama, que ninguém além de Chacko parecia notar.

“Nbe swam the Eske river where ford there was none;

*Buttai he alighted at Netherby Gate,
The bridehad cunsended, the gallantcame late.”*

[Dorrio Eskecru zou agrande profundeza;
Masquan doapor tão deNeder baidesceu,
anoiva dissessim, eogalã teaperdeu.]

O camarada Pillai chegou na metade do poema, um brilho de suor envernizando sua pele, o *mundu* dobrado acima dos joelhos, manchas de suor escuras nas axilas da camisa de Terylene. Com quase quarenta anos, era um homenzinho pálido, nada atlético. As pernas já eram finas e a barriga firme, distendida, igual ao bócio de sua mãe, contrastava inteiramente com o resto do corpo estreito e magro, e com a cara alerta. Como se alguma coisa nos genes da família atribuísse a ambos calombos obrigatórios que apareciam ao acaso, em diferentes partes do corpo.

O bigode caprichado, fino como um risco de lápis, dividia horizontalmente em dois o espaço acima do lábio superior e terminava exatamente em cima dos cantos da boca. A linha dos cabelos tinha começado a recuar e ele não fazia nenhuma tentativa de disfarçar isso. Tinha os cabelos untados com óleo, penteados para trás. Evidentemente, não estava atrás de juventude. Tinha a autoridade fácil de Homem da Casa. Sorriu e cumprimentou Chacko com um gesto de cabeça, mas não registrou a presença da esposa, nem da mãe.

Os olhos de Latha o consultaram brevemente pedindo permissão para continuar com o poema. Que foi dada. O camarada Pillai tirou a camisa, enrolou como uma bola e enxugou as axilas com ela. Quando terminou, Kalyani a pegou, segurando como se fosse um presente. Um buquê de flores. O camarada Pillai, de camiseta sem mangas, sentou-se numa cadeira dobrável e puxou o pé esquerdo sobre a coxa direita. Ao longo do resto do poema, ficou sentado, olhando meditativamente o chão, o queixo apoiado na palma da mão, batendo o pé direito à métrica e à cadência do poema. Com a outra mão massageando o belo arco do pé esquerdo.

Quando Latha terminou, Chacko aplaudiu com genuína gentileza. Ela não agradeceu o aplauso, não deu nem mesmo a sombra de um sorriso. Era como o nadador da Alemanha Oriental em uma competição local. Os olhos fixos no Ouro Olímpico. Menos que isso ela tomava como algo que lhe era devido. Olhou para o tio, esperando permissão para sair da sala.

O camarada Pillai a chamou e sussurrou em seu ouvido: “Vá dizer para Pothachen e Mathukutty que se quiserem falar comigo tem de ser agora”.

“Não, camarada, não precisa... Eu não quero mais nada”, Chacko disse, pensando que o camarada Pillai estava mandando Latha buscar mais petiscos. O camarada Pillai, agradecido pela confusão, a confirmou.

“Não não não. Ha! O que é isso?... Edi Kalyani, traga um prato daquelas

avalose oondas.”

Como aspirante a político, era essencial que o camarada Pillai fosse considerado um homem influente pelo eleitorado que escolhera. Queria usar a visita de Chacko para impressionar os requerentes locais e Trabalhadores do Partido. Pothachen e Mathukutty, os homens que mandara chamar, eram moradores da aldeia que tinham lhe pedido para, usando seus contatos no hospital de Kottayam, conseguir empregos de enfermeira para suas filhas. O camarada Pillai queria que eles fossem *vistos* na porta de sua casa, esperando para falar com ele. Quanto mais pessoas fossem vistas esperando para falar com ele, mais ocupado ele pareceria, melhor impressão causaria. E se as pessoas que estivessem esperando vissem que o *modalali* da fábrica em pessoa tinha vindo falar com ele, em *seu* território, ele sabia que isso emitiria todos os tipos de sinais úteis.

“Então! Camarada!”, o camarada Pillai disse, depois de Latha despachada e chegadas as *avalose oondas*. “O que há de novo? Como sua filha está se ajustando?” Ele insistia em falar inglês com Chacko.

“Ah, bem. Está dormindo profundamente.”

“Aha. *Jet-lag*, claro”, disse o camarada Pillai, contente consigo mesmo por saber umas coisinhas sobre viagens internacionais.

“O que é que está havendo em Olassa? Uma reunião do Partido?”, Chacko perguntou.

“Ah, nada disso. Minha irmã, Sudha, sobreveio-lhe uma fratura faz algum tempo”, disse o camarada Pillai, como se Fratura fosse algum dignitário estrangeiro em visita. “Então fui com ela até Olassa Moos para medicação. Umas massagens, essas coisas. O marido dela está em Patna, por isso ela está sozinha na casa de parentes.”

Lenin desistiu de seu posto na porta, colocou-se entre os joelhos do pai e botou o dedo no nariz.

“Que tal você dizer um poema, meu jovem?”, Chacko disse a ele. “Seu pai não ensinou nenhum, não?”

Lenin ficou olhando para Chacko, sem dar nenhuma demonstração de ter sequer entendido o que Chacko havia dito.

“Ele sabe tudo”, disse o camarada Pillai. “É um gênio. Na frente das visitas só que ele fica quieto.”

O camarada Pillai sacudiu Lenin entre os joelhos.

“Lenin Mon, recite para o camarada Tio aquela que o papai ensinou: *Friends Romans countrymen...*”

Lenin continuou a sua busca ao tesouro nasal.

“Que é isso, Mon, é só o camarada Tio...”

O camarada Pillai tentou dar o pontapé inicial shakespeariano: “*Friends, Romans, countrymen, lend me your...?*” [Amigos, romanos, patrícios, escutem-me].

Lenin continuava com os olhos pregados em Chacko, sem piscar. O camarada

Pillai tentou de novo.

“...lend me your...?”

Lenin agarrou um punhado de flocos de banana e saiu correndo para a porta da frente. Começou a correr de um lado para outro na faixa de jardim entre a casa e a estrada, zurrando com uma excitação que não conseguia entender. Quando a esgotou um pouco, a corrida se transformou num sôfrego galope levantando os joelhos.

“lend me yawYERS”,

Lenin gritou do jardim, por cima do ruído de um ônibus que passava.

*“I cometoberry Caeser, not to praise him.
Theevil that mendoo lives after them,
The goodisoft interred with their bones.”*

[Vim parenterrar César, não paralouvalo.
Om al quiozo mensfa zemvive depois deles.
O benhéqua zessem pren terrado com seuzossos.]

Ele gritava com fluência, sem hesitar nem uma vez. Notável, considerando-se que tinha só seis anos e não entendia nem uma palavra do que estava dizendo. Sentado dentro da sala, olhando para o diabrete que rodopiava em seu jardim (um futuro contratador de serviços, com um filho e uma motoneta Bajaj), o camarada Pillai sorriu, orgulhoso.

“Ele é o primeiro da classe. Este ano vai pular uma série.”

Havia muita ambição concentrada ali naquela salinha quente.

Fosse o que fosse que o camarada Pillai guardasse no armário cortinado, não eram aeromodelos de madeira balsa.

Chacko, por outro lado, desde o momento em que entrara na casa, ou talvez desde o momento da chegada do camarada Pillai, tinha sofrido um curioso processo de invalidez. Como um general despido de suas estrelas, ele limitou seu sorriso. Conteve sua expansividade. Quem o encontrasse pela primeira vez ali iria pensar que era um homem reticente. Quase tímido.

Com o instinto infalível de um lutador de rua, o camarada Pillai sabia que as limitações de sua condição (a casa pequena e quente, a mãe que grunhia, sua óbvia proximidade com as massas trabalhadoras) lhe davam um poder sobre Chacko que, naqueles dias revolucionários, nenhuma educação em Oxford poderia igualar.

Ele usava a própria pobreza como uma arma encostada na cabeça de Chacko.

Chacko tirou do bolso um pedaço de papel amassado, no qual tinha tentado esboçar um novo rótulo para o camarada K. N. M. Pillai imprimir. Era para um

novo produto que a Paraíso, Picles & Polpas planejava lançar na primavera. Vinagre Sintético para Cozinha. Desenhar não era um dos fortes de Chacko, mas o camarada Pillai captou o sentido geral. Ele já conhecia o logotipo do dançarino de *kathakali*, com o slogan debaixo da saia que dizia *Imperadores do Reino do Sabor* (idéia sua) e o tipo de letra que tinham escolhido para Paraíso, Picles & Polpas.

“Desenho igual. Única diferença é o texto, claro”, disse o camarada Pillai.

“E a cor da borda”, Chacko disse. “Mostarda em vez de vermelho.”

O camarada Pillai empurrou os óculos para a cabeça para ler o texto em voz alta. As lentes ficaram imediatamente embaçadas com o óleo de cabelo.

“*Vinagre Sintético para Cozinha*”, disse. “Tudo em caixa alta, claro.”

“Azul da Prússia”, Chacko disse.

“*Preparado com ácido acético?*”

“Azul real”, Chacko disse. “Como aquele que fizemos para o pimentão verde em salmoura.”

“*Conteúdo líquido. Lote nº, Data de fabr., Validade, Prç. Max ao Cons. Rs...* na mesma cor azul real, mas em caixa alta e baixa?”

Chacko fez que sim com a cabeça.

“*Garantimos que o vinagre contido nesta garrafa possui a natureza e a qualidade anunciadas. Ingredientes: água e ácido acético. Isto em vermelho, claro.*”

O camarada Pillai usava o “claro” para disfarçar as perguntas em afirmações. Ele detestava fazer perguntas, a menos que fossem pessoais. Perguntas eram uma demonstração vulgar de ignorância.

Quando terminaram de discutir o rótulo do vinagre, Chacko e o camarada Pillai tinham ganhado, ambos, seus funis de mosquitos pessoais.

Os dois combinaram uma data de entrega.

“Então, a manifestação de ontem foi um sucesso?”, Chacko perguntou, abordando, finalmente, a verdadeira razão de sua visita.

“Enquanto e até o momento em que as reivindicações não sejam atendidas, camarada, não se pode falar de Sucesso ou Fracasso.” Uma inflexão panfletária infiltrou-se na voz do camarada Pillai. “Até então, a luta continua.”

“Mas foi boa Reação”, Chacko se manifestou, tentando falar a mesma língua.

“Isso teve, claro”, disse o camarada Pillai. “Camaradas apresentaram memorando para Alto Comando do Partido. Agora, vamos ver. Temos só de esperar e observar.”

“Passamos por eles na estrada ontem”, Chacko disse. “Pela marcha.”

“Indo para Cochin, claro”, disse o camarada Pillai. “Mas segundo fontes do Partido, Reação em Trivandrum foi muito mais melhor.”

“Havia milhares de camaradas em Cochin também”, Chacko disse. “Na verdade, minha sobrinha viu aquele rapaz, Velutha, no meio deles.”

“Aha. Sei.” O camarada Pillai foi pego de surpresa. Velutha era uma questão que ele planejava abordar com Chacko. Algum dia. Talvez. Mas não assim

diretamente. Sua cabeça zumbia igual ao ventilador de mesa. Pensou se seria melhor usar a abertura que estava sendo feita agora, ou deixar para outro dia. Resolveu usar a oportunidade agora.

“É. Ele é bom trabalhador”, disse, pensativo. “Muito inteligente.”

“É, sim”, Chacko concordou. “Excelente carpinteiro com cabeça de engenheiro. Se não fosse...”

“Trabalhador não nesse sentido”, disse o camarada Pillai. “Trabalhador como membro do Partido.”

A mãe do camarada Pillai continuava a oscilar o corpo e a grunhir. Havia algo tranqüilizador no ritmo dos grunhidos. Como as batidas de um relógio. Um som que mal se notava, mas de que se sentiria falta se parasse.

“Ah, sei. Então, ele tem carteirinha?”

“Ah, tem, sim”, o camarada Pillai disse, baixo. “Ah, tem, sim.”

Chacko sentiu a transpiração escorrendo pelos cabelos. Parecia um exército de formigas passeando por seu couro cabeludo. Coçou a cabeça durante um longo tempo, com ambas as mãos. Mexendo o couro cabeludo inteiro para a frente e para trás.

“*Oru kaaryam parayatthey?*”, o camarada Pillai mudou para *malayalam* com uma voz confidencial, conspiratória. “Estou falando como amigo, *keto*. Extra-oficialmente.”

Antes de continuar, o camarada Pillai estudou Chacko, tentando avaliar a reação dele. Chacko estava examinando a pasta cinzenta de suor e caspa alojada debaixo de suas unhas.

“Esse *paravan* vai causar problemas para você”, disse. “Escute o que digo. Arrume trabalho para ele em algum outro lugar. Mande ele embora.”

Chacko ficou perplexo com a virada na conversa. Tencionava apenas descobrir o que estava acontecendo, em que pé estavam as coisas. Esperava encontrar antagonismo, até confrontação, e em vez disso lhe era oferecido um matreiro e desorientado conluio.

“Mandar o rapaz embora? Mas por quê? Não tenho nada contra ele ter carteirinha. Eu só estava curioso, só isso... Pensei que talvez você andasse conversando com ele”, Chacko disse. “Mas tenho certeza que ele está só experimentando, tentando voar, é um sujeito sensato, camarada. Eu confio nele...”

“Não por causa disso”, o camarada Pillai disse. “Ele pode muito bem ser uma boa pessoa. Mas outros trabalhadores não estão contentes com ele. Já estão vindo reclamar comigo... Sabe, camarada, do ponto de vista local, essa questão de casta é muito profunda.”

Kalyani colocou um copo de aço inoxidável cheio de café quente na mesa para o marido.

“Ela, por exemplo. Dona desta casa. Nem ela ia permitir *paravans* e essas coisas dentro de casa. Nunca. Nem *eu* consigo convencer. Minha própria esposa. Claro que dentro de casa ela é quem manda.” Olhou para ela com um sorriso

afetuoso, maroto. “*Allay edi*, Kalyani?”

Kalyani baixou os olhos e sorriu, admitindo timidamente sua intolerância.

“Está vendo?”, o camarada Pillai perguntou, triunfante. “Ela entende inglês muito bem. Só não fala.”

Chacko deu um meio sorriso.

“Está me dizendo que os meus funcionários estão vindo fazer reclamações para você...”

“Ah, sim, correto”, disse o camarada Pillai.

“Alguma coisa específica?”

“Nada específico mesmo”, disse o camarada K. N. M. Pillai. “Mas veja uma coisa, camarada, qualquer benefício que você dê para ele, naturalmente os outros se ressentem. Acham que é parcialidade. Afinal, faça o trabalho que fizer, carpinteiro, eletricitista, oqueseja, para eles é só um *paravan*. É um condicionamento que eles têm desde que nasceram. Isso eu mesmo disse para eles que está errado. Mas falando francamente, camarada, Mudança é uma coisa. Aceitação é outra. Você deve ter cuidado. Melhor para ele se for mandado embora...”

“Meu caro amigo”, Chacko disse. “Isso é impossível. Ele é inestimável. Praticamente é ele quem faz a fábrica funcionar... e não podemos resolver o problema mandando embora todos os *paravans*. Com toda a certeza nós temos de aprender a lidar com essa bobagem.”

O camarada Pillai não gostava de ser chamado de Meu Caro Amigo. Soava-lhe como um insulto versado em bom inglês, coisa que, é claro, constituía um duplo insulto: o insulto em si e o fato de Chacko achar que ele não entendia. Isso estragou inteiramente seu humor.

“Pode ser”, disse, causticamente. “Mas Roma não foi construída em um dia. Não esqueça, camarada, que aqui não é a sua faculdade de Oxford. Para você é bobagem, para as Massas é outra coisa.”

Lenin, com a magreza do pai e os olhos da mãe, apareceu na porta, sem fôlego. Tinha terminado de berrar o discurso de Marco Antônio inteiro e o “Lochinvar” quase inteiro antes de se dar conta de que havia perdido o público. Ele voltou a se colocar entre os joelhos do camarada Pillai.

Bateu as mãos acima da cabeça do pai, criando uma hecatombe no funil de mosquitos. Contou as carcaças amassadas nas palmas das mãos. Alguns tinham explodido cheios de sangue fresco. Mostrou-os ao pai, que o mandou para a mãe, para ser lavado.

Mais uma vez, o silêncio entre eles foi tomado pelos grunhidos da velha mrs. Pillai. Latha chegou com Pothachen e Mathukutty. Os homens tiveram de esperar fora. A porta foi deixada entreaberta. Quando o camarada Pillai finalmente falou, foi em *malayalam* e alto o suficiente para que a platéia ouvisse do lado de fora.

“Claro que o foro adequado para as reclamações dos trabalhadores é o

Sindicato. E nesse caso, quando o próprio *modalali* é um camarada, é uma vergonha eles não serem sindicalizados e não aderirem à Luta do Partido.”

“Eu pensei nisso”, Chacko disse. “Vou organizar os operários formalmente num sindicato. Eles podem eleger os próprios representantes.”

“Mas, camarada, você não pode fazer a revolução deles por eles. Só pode criar consciência. Educar. Eles têm de começar a *própria* luta. *Eles* têm de superar os medos.”

“De quem?”, Chacko sorriu. “De mim?”

“Não, não de você, meu camarada. De séculos de opressão.”

Então o camarada Pillai, com uma voz agressiva, citou o presidente Mao. Em *malayalam*. A expressão do rosto curiosamente parecida com a da sobrinha.

“A Revolução não é um banquete. A Revolução é uma insurreição, é um ato de violência em que uma classe derruba outra.”

E assim, uma vez acertado o contrato para os rótulos de Vinagre Sintético para Cozinha, ele habilmente expulsou Chacko das fileiras dos Insurrectos para a ala traiçoeira A Ser Derrubada.

Os dois sentados lado a lado nas cadeiras de aço dobráveis, na tarde do Dia em Que Sophie Mol Chegou, bebendo café e comendo flocos de banana. Deslocando com as línguas a polpa úmida que lhes grudava no céu da boca.

O Homem Pequeno Magro e o Homem Grande Gordo. Adversários de revista em quadrinhos numa guerra ainda por vir.

Acabou sendo uma guerra que, infelizmente para o camarada Pillai, terminaria quase antes de ter começado. A vitória lhe foi dada de presente embrulhada e amarrada com fita, numa bandeja de prata. Só então, quando já era tarde demais e a Paraíso Pickles despencava suavemente para o chão sem nem um murmúrio, nem mesmo um arremedo de resistência, foi que o camarada Pillai se deu conta de que o que ele realmente precisava era do processo da guerra mais do que da vitória. A guerra teria sido o cavalo em que ele trilharia, senão todo, pelo menos parte do caminho para a Assembléia Legislativa, enquanto a vitória o deixava no mesmo ponto em que tinha começado.

Ele quebrou os ovos, mas queimou a omelete.

Ninguém jamais soube a natureza exata do papel desempenhado pelo camarada Pillai nos eventos que se seguiram. Nem mesmo Chacko, que sabia que eram hipócritas os discursos ardentes, agudos, pronunciados pelo camarada Pillai, defendendo os direitos dos intocáveis (“Casta é Classe, camaradas”) durante o cerco do Partido Marxista à Paraíso Pickles, nem mesmo Chacko jamais soube a história inteira. Nem se deu ao trabalho de descobrir. Na época, entorpecido pela perda de Sophie Mol, ele olhava tudo com uma visão toldada pela dor. Como uma criança tocada pela tragédia, que cresce de repente e abandona seus brinquedos, Chacko jogou fora seus brinquedos. O sonho de ser o Barão do

Picles e a Guerra do Povo foram se juntar aos montes de aeromodelos quebrados no armário de porta de vidro. Quando a Paraíso Picles fechou, foram vendidos alguns campos de arroz (junto com as hipotecas) para cobrir os empréstimos bancários. Na época que Chacko emigrou para o Canadá, a única renda da família vinha da plantação de seringueiras junto da Casa Ayemenem e dos poucos coqueiros da propriedade. Era disso que Baby Kochamma e Kochu Maria viviam depois que todo mundo morreu, foi embora, ou foi Devolvido.

Para fazer justiça ao camarada Pillai, ele não planejou o curso que os eventos tomaram. Ele simplesmente deslizou os cinco dedos na luva que a História lhe estendeu.

Não era inteiramente culpa sua viver numa sociedade em que a morte de um homem podia ser muito mais proveitosa do que sua vida jamais fora.

A última visita de Velutha ao camarada Pillai, depois de seu confronto com Mammachi e Baby Kochamma, e o que se passou entre eles, ficou para sempre em segredo. A última traição que levou Velutha a cruzar o rio, nadando contra a corrente, no escuro e na chuva, bem a tempo de seu encontro com a História.

VELUTHA PARTIU no último ônibus de Kottayam, onde tinha levado a máquina de enlatamento para consertar. No ponto do ônibus, encontrou outro operário da fábrica, que lhe disse, com um sorriso malicioso, que Mammachi queria falar com ele. Velutha não fazia idéia do que tinha acontecido e ignorava por completo a visita de seu pai, bêbado, à Casa Ayemenem. Não sabia também que Vellya Paapen estava sentado fazia horas na porta da cabana, ainda bêbado, o olho de vidro e o fio do machado brilhando na luz do lampião, esperando Velutha voltar. Nem que o paralítico Kuttapen, morto de apreensão, fazia já duas horas falava continuamente com o pai, tentando acalmá-lo, aguçando o ouvido o tempo todo, alerta para o som de um passo ou o roçar do mato, de forma a poder gritar um alerta ao irmão que não sabia de nada.

Velutha não foi para casa. Foi direto para a Casa Ayemenem. Se, por um lado, foi pego de surpresa, por outro lado, sabia, sempre soubera, com um instinto antigo, que um dia a História lhe daria o troco. Durante toda a explosão de Mammachi ele ficou contido e estranhamente composto. Uma compostura nascida da extrema provocação. Brotada de uma lucidez que fica além da raiva.

Quando Velutha chegou, Mammachi perdeu a compostura e cuspiu cegamente seu veneno, seus insultos crassos, intoleráveis, na direção de um dos painéis da porta corrediça, até que Baby Kochamma, com muito tato, virou-a e apontou sua raiva na direção certa, para Velutha, parado, muito quieto, na penumbra.

Mammachi continuou sua tirada, os olhos vazios, o rosto contorcido e feio, a raiva impulsionando-a na direção de Velutha, até que estava gritando na cara dele, e ele sentia os borrifos de saliva e o cheiro de chá velho no hálito dela. Baby Kochamma ficou perto de Mammachi. Não disse nada, mas usou as mãos para modular a fúria de Mammachi, para atirá-la. Um tapinha encorajador nas costas. Um braço carinhoso sobre os ombros. Mammachi não tinha a menor consciência dessa manipulação.

Exatamente *onde* uma senhora como ela, que usava sáris engomados passados a ferro e tocava a *Suíte Quebra-Nozes* no violino de noite, tinha aprendido a linguagem baixa que Mammachi usou naquele dia era um mistério para todo mundo que estava ouvindo (Baby Kochamma, Kochu Maria, Ammu trancada no quarto).

“Fora!”, ela acabou gritando. “Se encontrar você na minha propriedade amanhã, mando castrar como o cachorro pária que você é! Mando matar você!”

“Isso nós vamos ver”, Velutha disse, baixo.

Foi tudo o que disse. E foi isso que, na sala do inspetor Thomas Mathew, Baby Kochamma enfatizou e bordou como ameaça de assassinato e rapto.

Mammachi cuspiu na cara de Velutha. Saliva grossa. Que se espalhou na pele dele. Na boca, nos olhos.

Ele ficou ali. Tonto. Depois, virou-se e foi embora.

Enquanto se afastava da casa, percebeu que seus sentidos estavam afiados, aguçados. Como se tudo à sua volta estivesse chapado em uma ilustração nítida. Uma planta de máquina com um manual de instruções que lhe dizia o que fazer. Sua cabeça, precisando desesperadamente se ancorar em alguma coisa, agarrava-se a detalhes. Rotulando cada coisa que encontrava.

Portão, pensou ao atravessar o portão. *Portão. Estrada. Pedras. Céu. Chuva.*

Portão.

Estrada.

Pedras.

Céu.

Chuva.

A chuva estava morna em sua pele. A laterita irregular debaixo de seus pés. Ele sabia aonde estava indo. Atento a tudo. A cada folha. Cada árvore. Cada nuvem no céu sem estrelas. Cada passo que dava.

Koo-koo kookum theevandi

Kooki paadum theevandi

Rapakal odum theevandi

Thalannu nilkum theevandi

Essa era a primeira lição que tinha aprendido na escola. Um poema sobre um trem.

Começou a contar. Alguma coisa. Qualquer coisa. *Um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinte e um vinte e dois vinte e três vinte e quatro vinte e cinco vinte e seis vinte e sete vinte e oito vinte e nove...*

A planta da máquina começou a ficar borrada. As linhas nítidas foram se esfumando. As instruções não faziam mais sentido. A estrada subiu ao seu encontro e a escuridão ficou mais densa. Grossa. Seguir em frente virou um esforço. Como nadar debaixo da água.

Está acontecendo, uma voz o informou. Começou.

Sua mente, de repente incrivelmente velha, flutuou para fora do corpo e pairou muito acima dele, no ar, de onde pronunciava avisos inúteis.

Olhou para baixo e viu o corpo de um jovem caminhando no escuro e na chuva pesada. Mais do que qualquer outra coisa, aquele corpo queria dormir. Dormir e acordar em outro mundo. *Com o cheiro do corpo dela no ar que respirava. O corpo dela no dele. Talvez nunca mais a visse. Onde ela estava? O que tinham feito com ela? Teria sido ferida por eles?*

Ele continuou andando. O rosto nem virado para a chuva, nem inclinado por causa da chuva. Nem a recebia, nem se defendia da chuva.

Embora a chuva tivesse limpado a saliva de Mammachi do rosto dele, não tinha eliminado a sensação de que alguém levantara a sua cabeça e vomitara dentro do seu corpo. Vômito empelotado escorrendo por dentro dele. Por seu coração. Pelos pulmões. O líquido grosso caindo lento da boca do estômago. Todos os seus órgãos cobertos de vômito. A chuva nada podia contra aquilo.

Ele sabia o que tinha de fazer. O manual de instruções o instruíra. Tinha de chegar ao camarada Pillai. Não sabia mais por quê. Seus pés o levaram à Gráfica Fortuna, que estava fechada, e depois, através do jardimzinho, para a casa do camarada Pillai.

O mero esforço de levantar o braço para bater na porta o exauriu.

O camarada Pillai tinha acabado o seu *avial* e estava esmagando uma banana madura, deixando a pasta escorrer de seu punho fechado para o prato de coalhada, quando Velutha bateu na porta. Ele mandou a mulher atender. Ela voltou emburrada e, o camarada Pillai pensou, repentinamente sexy. Sentiu vontade de tocar os seios dela imediatamente. Mas estava com a mão suja de coalhada e havia alguém na porta. Kalyati sentou-se na cama e, abstraída, acariciou Lenin que dormia ao lado da avó minúscula, chupando o polegar.

“Quem é?”

“Aquele *paravan* filho de Paapen. Disse que é urgente.”

O camarada Pillai terminou sua coalhada sem pressa. Sacudiu os dedos sobre o prato. Kalyani trouxe água num recipiente de aço inoxidável e despejou para ele. Os restos de comida em seu prato (chile seco vermelho e rígidos pedaços de

pernas de galinha chupados e cuspidos fora) flutuaram. Ela lhe trouxe uma toalha de mão. Ele enxugou as mãos, arrotou seu prazer e foi até a porta.

“*Enda? A esta hora da noite?*”

Ao responder, Velutha sentiu a própria voz atingi-lo de volta como se tivesse batido numa parede. Tentou explicar o que tinha acontecido, mas podia ouvir-se deslizando para a incoerência. O homem com quem falava estava longe, pequeno, por trás de uma parede de vidro.

“É uma aldeia pequena”, o camarada Pillai estava dizendo. “As pessoas falam. Eu escuto o que dizem. Não que eu não soubesse o que estava acontecendo.”

Mais uma vez Velutha ouviu a si mesmo dizendo alguma coisa que não fez nenhuma diferença para o homem com quem falava. Sua voz se enleava nele próprio como uma cobra.

“Talvez”, disse o camarada Pillai. “Mas, camarada, você devia saber que o Partido não foi constituído para dar apoio à indisciplina de trabalhadores em sua vida pessoal.”

Velutha viu o corpo do camarada Pillai desaparecer da porta. Sua voz flauteada, sem corpo, continuava dizendo slogans. Faixas flutuando numa porta vazia.

Não é do interesse do Partido assumir questões desse tipo.

O interesse individual é subordinado ao interesse da organização.

Violar a Disciplina do Partido é a mesma coisa que violar a Unidade do Partido.

A voz continuava. Parágrafos se desagregando em frases. Em palavras.

Progresso da Revolução.

Aniquilação da Classe Inimiga.

Agente Capitalista.

Tempestade de verão.

E ali estava de novo: mais uma religião que se voltava contra si mesma. Mais um edifício construído pela mente humana, dizimado pela natureza humana.

O camarada Pillai fechou a porta e voltou para a mulher e para o jantar. Resolveu comer mais uma banana.

“O que ele queria?”, a mulher perguntou, dando a ele a banana.

“Descobriram tudo. Alguém deve ter contado. Mandaram ele embora.”

“Só isso? Ele tem sorte de não ter sido dependurado da primeira árvore.”

“Eu notei uma coisa esquisita...”, disse o camarada Pillai descascando a banana. “O sujeito estava com as unhas pintadas de vermelho...”

De pé, na chuva, na luz fria e molhada do poste único, Velutha foi subitamente dominado pelo sono. Teve de fazer força para manter os olhos abertos.

Amanhã, disse a si mesmo. Amanhã, quando a chuva parar.

Seus pés o levaram para o rio. Como se fossem a guia e ele o cachorro.

A História levando o cachorro a passear.

15. A TRAVESSIA

PASSAVA DA MEIA-NOITE. O rio tinha subido, as águas rápidas e negras, serpenteando para o mar, levando com elas o céu noturno e nublado, a fronde de uma palmeira inteira, parte de uma cerca de palha e outros presentes que o vento tinha lhe dado.

Rapidamente a chuva diminuiu até virar uma garoa, e parou. O vento sacudia a água das árvores e durante algum tempo só choveu debaixo das árvores, onde antes era abrigo.

Um luar fraco, aquoso, filtrou-se das nuvens e revelou um jovem sentado no primeiro dos treze degraus que levavam para a água. Ele estava muito quieto, muito molhado. Muito jovem. Logo depois, se pôs de pé, despiu o *mundu* branco que estava usando, torceu o pano para tirar a água e enrolou-o na cabeça, como um turbante. Nu, desceu os treze degraus de pedra até a água e continuou até onde o rio batia no peito. Depois, começou a nadar com braçadas fáceis, fortes, indo na direção onde a corrente era rápida e direta, onde começava o Fundo Mesmo. O rio enluarado pendia de seus braços como mangas de prata. Levou alguns minutos para fazer a travessia. Quando chegou ao outro lado, emergiu, reluzente, e subiu para a margem, negro como a noite que o cercava, negro como a água que tinha atravessado.

Entrou na trilha que atravessava o pântano na direção da Casa da História.

Ele não deixava ondulações na água.

Nem pegadas na praia.

Levava o *mundu* estendido acima da cabeça para secar. O vento o enfunava como uma vela de navio. Ele estava subitamente alegre. *As coisas vão piorar*, pensou consigo mesmo. *Depois melhorar*. Estava andando depressa agora, na direção do Coração das Trevas. Sozinho como um lobo.

O Deus da Perda.

O Deus das Pequenas Coisas.

Nu, a não ser pelo esmalte das unhas.

16. POUCAS HORAS DEPOIS

TRÊS CRIANÇAS NA MARGEM do rio. Dois gêmeos e uma outra, cujo avental de veludo cotelê cor de malva dizia *Férias!* Em letras alegres, inclinadas.

As folhas molhadas das árvores faiscavam como metal batido. Densas touceiras de bambu amarelo pendiam para o rio, como se lamentassem antecipadamente o que ia acontecer. O próprio rio estava escuro e quieto. Uma ausência mais que uma presença, sem trair o quanto estava cheio e forte.

Estha e Rahel arrastaram o barco do meio dos arbustos onde costumavam escondê-lo. Os remos que Velutha fizera estavam escondidos no oco de uma árvore. Eles colocaram o barco na água e seguraram para Sophie Mol poder subir a bordo. Pareciam confiar na escuridão e subiam e desciam os degraus reluzentes com a segurança de cabritos.

Sophie Mol era mais insegura. Um pouco assustada com o que podia haver nas sombras à sua volta. Trazia uma bolsa de pano cruzada no peito, cheia de comida surrupiada da geladeira. Pão, bolo, biscoitos. Os gêmeos, sobrecarregados pelas palavras da mãe, *Se não fosse por causa de vocês, eu estaria livre! Eu devia ter enfiado vocês num orfanato no dia que nasceram! Vocês são como pedras amarradas no meu pescoço!*, não levavam nada. Graças ao que o Homem do Refrescodelaranja Refrescodelimão tinha feito com Estha, sua Casa Longe de Casa já estava equipada. Nas duas semanas que se passaram desde que Estha havia remado a geléia e pensado Dois Pensamentos, tinham surrupiado Provisões Essenciais: fósforos, batatas, uma panela amassada, um ganso inflável, meias com dedos multicoloridos, canetas esferográficas com ônibus londrinos e o coala da Qantas com olhos de botão soltos.

“E se Ammu encontrar a gente e *implorar* para a gente voltar?”

“A gente volta. Mas só se ela implorar.”

Estha, o Misericordioso.

Sophie Mol tinha convencido os gêmeos de que era *essencial* que ela fosse também. Que a ausência de crianças, de *todas* as crianças, intensificaria o remorso dos adultos. Ia deixá-los realmente arrependidos, como os adultos de Hamelin quando o flautista levou embora todos os seus filhos. Eles iam procurar por toda parte e só quando estivessem convencidos de que todos estavam mortos é que os três voltariam para casa em triunfo. Valorizados, amados e mais indispensáveis do que nunca. O argumento definitivo que ela usou foi que, se a deixassem em casa, ela podia ser torturada e forçada a revelar o esconderijo deles.

Estha esperou Rahel subir, depois tomou seu lugar, montando no barquinho como se fosse uma gangorra. Ele usou a perna para empurrar o barco para longe

da margem. Quando chegaram em águas profundas, começaram a remar rio acima em diagonal, contra a corrente, do jeito que Velutha tinha ensinado. (“Se quer chegar ali, tem de mirar *lá*.”)

No escuro, não conseguiam ver que estavam indo na pista errada, numa estrada silenciosa cheia de tráfego abafado. Que galhos, troncos, partes de árvores, estavam correndo na direção deles com certa velocidade.

Tinham passado pelo Fundo Mesmo, estavam a apenas alguns metros do Outro Lado, quando colidiram com um tronco flutuante e o barquinho virou. Isso já havia acontecido com eles várias vezes em expedições anteriores ao rio, e eles então nadavam atrás do barco, que usavam como bóia, nadando de cachorrinho até a margem. Dessa vez, não podiam ver o barco no escuro. Ele foi arrebatado pela corrente. Nadaram para a margem, surpresos com o esforço necessário para cobrir distância tão curta.

Estha conseguiu agarrar um ramo baixo que fazia um arco para dentro da água. Ele olhou rio abaixo, no escuro, para ver se conseguia enxergar o barco.

“Não estou vendo nada. Foi embora.”

Rahel, coberta de lama, arrastou-se margem acima e estendeu a mão para ajudar Estha a sair da água. Levaram alguns minutos para recobrar o fôlego e registrar a perda do barco. Para lamentar a sua morte.

“E a nossa comida toda estragou”, Rahel disse para Sophie Mol, e só encontrou o silêncio. Um silêncio corredio, fluido, de peixe nadando.

“Sophie Mol?”, ela sussurrou para o rio que corria. “Estamos aqui! Aqui! Perto da árvore de Illimba!”

Nada.

No coração de Rahel, a mariposa de Pappachi desdobrou as asas sombrias.

Abriu.

Fechou.

E mexeu as pernas.

Para cima.

Para baixo.

Eles correram ao longo da margem chamando por ela. Mas ela havia ido embora. Levada pela estrada abafada. Cinza-esverdeada. Com peixes dentro dela. Com o céu e árvores dentro dela. E, de noite, uma lua amarela quebrada dentro dela.

Não houve música de tempestade. Nenhum redemoinho surgiu das profundezas tintas do Meenachal. Nenhum tubarão supervisionou a tragédia.

Apenas uma calada cerimônia de entrega. Um barco derramando sua carga. Um rio aceitando a oferenda. Uma pequena vida. Um breve raio de sol. Com um dedal de prata apertado na mãozinha, como um talismã.

Eram quatro da manhã, ainda escuro, quando os gêmeos, exaustos, perturbados e cobertos de lama, atravessaram o pântano e foram para a Casa da História. Hansel e Gretel num horrendo conto de fadas em que seus sonhos seriam

capturados e ressonhados. Deitaram-se na varanda dos fundos, num colchão de crina com um ganso inflável e um coala da Qantas. Dois anões molhados, entorpecidos de medo, esperando o mundo acabar.

“Acha que ela já está morta?”

Estha não respondeu.

“O que é que vai acontecer?”

“Nós vamos para a cadeia.”

Ele Sabia Muito Bem. O Homem Pequeno. Ele morava numa *cara-van*. Dum dum.

Eles não viram que havia alguém mais dormindo nas sombras. Solitário como um lobo. Com uma folha marrom nas costas negras. Que fazia as monções virem na data certa.

17. A ESTAÇÃO DE TRENS DE COCHIN

EM SEU QUARTO LIMPO na suja Casa Ayemenem, Estha (nem velho, nem moço) estava sentado na cama no escuro. Muito ereto. Os ombros retos. As mãos no colo. Como se fosse o próximo da fila em algum tipo de inspeção. Ou esperando para ser preso.

Tinha acabado de passar a ferro. As roupas estavam numa pilha bem arrumada em cima da tábua de passar. Tinha passado as de Rahel também.

Chovia uma chuva uniforme. Chuva noturna. O baterista solitário praticando seu repique muito depois de o resto da banda ter ido dormir.

No *mittam* lateral, junto da entrada independente das “Necessidades Masculinas”, o rabo-de-peixe cromado do Plymouth cintilou momentaneamente num relâmpago. Durante anos, depois de Chacko ter mudado para o Canadá, Baby Kochamma mandara lavar o carro regularmente. Duas vezes por semana, o cunhado de Kochu Maria, que dirigia o caminhão de lixo amarelo da prefeitura de Kottayam, vinha para Ayemenem (escoltado pelo fedor dos refugos de Kottayam, que permaneciam muito tempo depois de ele ter ido embora), para arrebatá-lo o salário da cunhada e dar umas voltas com o Plymouth para manter a bateria carregada. Quando viciou-se em televisão, Baby Kochamma abandonou o carro e o jardim ao mesmo tempo. Tutti frutti.

A cada monção o velho carro parecia mais firmemente plantado no chão. Como uma galinha artrítica e angulosa sentada em cima de seus ovos. Sem nenhuma intenção de jamais se levantar. A grama crescia em volta dos pneus murchos. A placa da Paraíso, Pickles & Polpas havia apodrecido e tombado para o lado de dentro, como uma coroa despencada.

Uma trepadeira mirava-se na metade manchada que sobrara do espelho do motorista.

Um pardal jazia morto no banco de trás. Tinha entrado por um buraco no pára-brisa, atraído pela espuma dos assentos para fazer seu ninho. Nunca encontrou a saída. Ninguém notou seus apelos em pânico pelas janelas do carro. Morreu no banco de trás, com as pernas para o ar. Como uma piada.

Kochu Maria estava dormindo no chão da sala, enrodilhada num coma, à luz oscilante da televisão ainda ligada. Policiais norte-americanos estavam enfiando um adolescente algemado dentro de um carro de polícia. Havia sangue no chão. As luzes do carro de polícia piscavam e uma sirene gemia um alerta. Uma mulher esquelética, talvez mãe do rapaz, olhava das sombras, temerosa. O rapaz

lutava. Tinham sobreposto uma espécie de borrão de mosaicos à parte superior de seu rosto para que não pudesse processá-los. Tinha sangue seco em volta da boca toda e no peito da camiseta como um babador vermelho. Os lábios rosa-bebê estavam afastados dos dentes num esgar. Ele parecia um lobisomem. Gritava para a câmara pela janela do carro.

“Eu tenho quinze anos e queria ser uma pessoa melhor do que eu sou. Mas não sou. Querem ouvir uma história patética?”

Ele cuspiu na câmara e um míssil de saliva atingiu a lente e escorreu.

Baby Kochamma estava em seu quarto, sentada na cama, preenchendo um cupom de desconto de Listerine que oferecia abatimento de duas rúpias no novo frasco de quinhentos mililitros e talões no valor de duas mil rúpias para o Feliz Vencedor de sua loteria.

Sombras gigantes de pequenos insetos varriam as paredes e tetos. Para se livrar deles, Baby Kochamma tinha apagado as luzes e acendido uma vela grande numa banheira de água. A água já estava grossa de carcaças tostadas. A luz da vela acentuava suas faces pintadas de ruge e a boca de batom. Seu rímel estava borrado. As jóias cintilavam.

Ela inclinou o cupom na direção da luz da vela.

Que marca de enxágüe bucal você usa sempre?

Listerine, Baby Kochamma escreveu com uma caligrafia que ficara garranchosa com a idade.

Declare as razões de sua preferência:

Ela não hesitou. *Sabor refrescante. Hálito puro.* Tinha aprendido a linguagem esperta, ágil, dos comerciais de televisão.

Ela preencheu o nome e mentiu a idade.

Na linha *Ocupação*: escreveu, *Jardinagem ornamental (Diplom.) Roch. USA.*

Pôs o cupom num envelope timbrado *MEDICAMENTOS DE CONFIANÇA, KOTTAYAM*. O envelope seguiria com Kochu Maria de manhã, quando ela fosse à cidade em sua excursão em busca de pãezinhos de creme na Padaria A Melhor.

Baby Kochamma pegou sua agenda marrom que vinha com caneta combinando. Abriu na página de 19 de junho e começou a anotação. Suas maneiras eram de rotina. Ela escreveu: *Eu te amo eu te amo.*

Todas as páginas da agenda traziam anotações idênticas. Tinha uma caixa cheia de agendas com anotações idênticas. Algumas diziam algo mais que isso. Algumas tinham as contas do dia, as listas de afazeres, trechos preferidos de diálogos de suas novelas preferidas, mas mesmo essas anotações começavam com as mesmas palavras: *Eu te amo eu te amo.*

O padre Mulligan havia morrido quatro anos antes, de hepatite viral, num *ashram* ao norte de Rishikesh. Seus anos de contemplação das escrituras hindus o tinham levado inicialmente à curiosidade teológica, mas culminaram com uma

mudança de crença. Quinze anos antes, o padre Mulligan tornou-se um *vaishnava*. Um devoto do Senhor Vishnu. Manteve contato com Baby Kochamma mesmo depois de ter se filiado ao *ashram*. Escrevia para ela a todo Diwali e mandava um cartão todo Ano-Novo. Poucos anos antes, tinha enviado para ela uma foto sua falando diante de uma platéia de viúvas de classe média de Punjab, num acampamento espiritual. As mulheres estavam todas de branco com os *pallus* dos sáris cobrindo a cabeça. O padre Mulligan estava de cor de açafrão. Uma gema falando para um mar de ovos cozidos. Suas barbas e cabelos brancos estavam compridos, mas penteados e bem cuidados. Um Papai Noel cor de açafrão com cinza votiva na testa. Baby Kochamma não podia acreditar. Era a única coisa que ele lhe mandara que ela não tinha guardado. Ficou ofendida pelo fato de ele ter, de fato, acabado por renunciar aos votos, mas não por ela. Por outros votos. Era como receber alguém de braços abertos, para esse alguém simplesmente passar direto para os braços de outra pessoa.

A morte do padre Mulligan não alterou o texto das anotações na agenda de Baby Kochamma, simplesmente porque, no que lhe dizia respeito, não alterava a disponibilidade dele. Ao menos ela o possuía na morte de uma forma que nunca havia possuído enquanto estava vivo. Pelo menos a lembrança dele era *dela*. Só dela. Selvagemmente, ferozmente, dela. Não repartida com a Fé, muito menos com co-freiras concorrentes, nem co-*sadhus*, ou fosse o que fosse que eles se chamavam. Co-*swamis*.

A rejeição que ele demonstrara por ela em vida (mesmo que gentil e compreensiva) fora neutralizada pela morte. Na memória dela, ele a abraçava. Só a ela. Do jeito que um homem abraça uma mulher. Uma vez morto, Baby Kochamma despiu o padre Mulligan das ridículas batas cor de açafrão e tornou a vesti-lo no hábito cor de Coca-Cola de que ela tanto gostava. (Entre trocas, os sentidos dela se deliciaram com aquele corpo magro, côncavo, como um Cristo). Ela tirou dele a tigela de esmolas, pedicurou as solas grossas dos pés hindus e lhe deu de volta as sandálias confortáveis. Ela o reconverteu para o camelo digno que vinha almoçar à quintas-feiras.

E toda noite, noite após noite, ano após ano, em agenda após agenda após agenda, ela escrevia: *Eu te amo eu te amo*.

Devolveu a caneta para a argolinha adequada e fechou a agenda. Tirou os óculos, deslocou a dentadura com a língua, secionando as fitas de saliva que a prendiam a suas gengivas como as cordas frouxas de uma harpa, e mergulhou-a num copo de Listerine. A dentadura afundou e soltou bolhinhas, como preces. Sua última dose. Um sorriso forçado com soda. Dentes refrescantes de manhã.

Baby Kochamma acomodou-se de volta no travesseiro e esperou Rahel sair do quarto de Estha. Eles tinham começado a deixá-la inquieta, ambos. Algumas manhãs antes, ao abrir a janela (para Respirar Ar Fresco) ela pegou os dois em flagrante no ato de Voltar de Algum Lugar. Evidentemente tinham passado toda a noite fora. Juntos. Onde podiam ter estado? O que e quanto eles se

lembravam? Quando iriam embora? O que faziam, sentados juntos no escuro durante tanto tempo? Ela adormeceu calçada pelos travesseiros, pensando que talvez, com o ruído da chuva e da televisão, não tivesse ouvido a porta de Estha se abrir. Que Rahel podia ter ido para a cama havia muito.

Não tinha ido.

Rahel estava deitada na cama de Estha. Parecia mais magra quando deitada. Mais jovem. Menor. Tinha o rosto voltado para a janela ao lado da cama. A chuva inclinada batia nas grades e se quebrava num borrifo fino que caía sobre seu rosto e braço nu. A camiseta macia, sem mangas, era de um amarelo brilhante no escuro. A metade de baixo do corpo dela, de jeans, se dissolvia no escuro.

Estava um pouco frio. Um pouco úmido. Um pouco quieto. O ar.

Mas o que havia a dizer?

Do ponto onde estava sentado, na ponta da cama, Estha podia vê-la sem virar a cabeça. Vagamente delineada. A linha dura do queixo. As clavículas como duas asas que se abriam da base do pescoço até a ponta dos ombros. Um pássaro preso sob a pele.

Ela virou a cabeça e olhou para ele. Ele estava sentado muito ereto. Esperando a inspeção. Tinha acabado de passar as roupas.

Ela era adorável para ele. O cabelo dela. As faces. As mãos pequenas, espertas.

Sua irmã.

Um som incômodo começou dentro da cabeça dele. Som de trens passando. A luz e sombra luz e sombra que caem em cima da gente quando se senta perto da janela.

Sentou-se ainda mais ereto. Mesmo assim, ainda podia vê-la. Transformada no corpo da mãe deles. O brilho líquido nos olhos dela no escuro. O nariz pequeno e reto. A boca de lábios cheios. Um ar ferido nela. Como se estivesse recuando de alguma coisa. Como se há muito tempo alguém, um homem com anéis, tivesse estapeado aquela boca. Uma boca bonita, ferida.

A linda boca da mãe deles, Estha pensou. A boca de Ammu.

Que tinha beijado a mão dele através da grade da janela do trem. Primeira classe no Correio Madras até Madras.

Adeus, Estha. Deusabençoe, a boca de Ammu tinha dito. A boca de Ammu tentando-não-chorar.

A última vez que viu Ammu.

Ela estava de pé na plataforma da Estação de Cochin, o rosto alçado para a janela do trem. A pele cinzenta, apagada, privada de seu brilho luminoso por causa da luz de néon da estação. Luz diurna detida por trens de ambos os lados. Rolhas compridas que mantinham a escuridão presa ali dentro. O Correio Madras. A Rainha Voadora.

Rahel segurava a mão de Ammu. Um mosquito na guia. Um Inseto Refugiado com sandálias Bata. Uma Fada de Aeroporto numa estação de trens. Batendo os pés na plataforma, levantando nuvens de sujeira ferroviária bem assentada. Até que Ammu a sacudi e disse “Parecomisso” e ela Parecomissou. Em volta delas a multidão agitada.

Apressada correndo comprando vendendo bagagem porteiros rodando pagando crianças cagando gente cuspiendo vindo indo esmolando barganhando reservando.

Ecoando sons de estação.

Mascates vendendo café. Chá.

Crianças esqueléticas, loiras de má nutrição, vendendo revistas pornográficas e comida que elas próprias não tinham dinheiro para comer.

Chocolates derretidos. Cigarrinhos de chocolate.

Refrescodelaranja.

Refrescodelimão.

Coca-ColaFantasorveteRosemilk.

Bonecas de pele cor-de-rosa. Chocalhos. Amor-em-Tóquio.

Periquitos de plástico ocos cheios de balas com cabeças que dava para desenroscar.

Óculos de sol vermelhos com armação amarela.

Relógios de plástico com as horas pintadas.

Uma barraquinha inteira de escovas de dentes com defeito.

A Estação de Trens de Cochin.

Cinzenta na luzferroviária. Gente oca. Sem teto. Com fome. Ainda tocada pela fome do ano anterior. Sua revolução protelada por Enquanto pelo camarada E. M. S. Namboodiripad (*Lacão Soviético, Cachorro Batido*). A antiga menina dos olhos de Pequim.

O ar grosso de moscas.

Um cego sem pálpebras e olhos azuis como jeans desbotados, a pele esburacada de cicatrizes de varíola, conversando com um leproso sem dedos, tirando hábeis baforadas de pontas de cigarro catadas do chão, empilhadas a seu lado.

“E você? Quando *you* mudou para cá?”

Como se tivessem escolha. Como se tivessem *escolhido* aquele lugar para morar a partir de uma vasta gama de propriedades residenciais de luxo arroladas num panfleto de papel couché.

Um homem sentado numa balança vermelha removeu a perna protética (do joelho para baixo) com uma bota preta e uma linda meia branca pintadas nela. O coto arredondado era cor-de-rosa, como todo coto deve ser. (Quando se recria a imagem do homem, por que repetir os erros de Deus?) Dentro da perna ele guardava seu bilhete. Sua toalha. Seu copo de aço inoxidável. Seus cheiros. Seus segredos. Seu amor. Sua loucura. Sua esperança. Sua infinita ventura. Seu pé de verdade estava descalço.

Ele comprou chá para encher o copo.

Uma velha vomitou. Uma poça empelotada. E continuou com sua vida.

O Mundoestação. O circo da sociedade. Onde, com o ritmo do comércio, o desespero vinha se aninhar e endurecia, lentamente transformado em resignação.

Já então, para Ammu e seus gêmeos bivitelinos, não havia mais janela de Plymouth de onde olhar a paisagem. Nenhuma rede para salvá-los quando voavam pelo ar do circo.

Pegue suas coisas e saia, Chacko tinha dito. Passando por cima da porta quebrada. A maçaneta na mão. E Ammu, mesmo com as mãos tremendo, não levantou os olhos da barra inútil que fazia. Uma lata de fitas aberta no colo.

Mas Rahel não. Ela levantou os olhos. E viu que Chacko tinha desaparecido e deixado um monstro em seu lugar.

Um homem de lábios grossos, com anéis, fresco na roupa branca, comprou cigarros Scissors de um vendedor da plataforma. Três maços. Para fumar no corredor do trem.

Para Homens de Ação
SatisfAção

Era o acompanhante de Estha. Um Amigo da Família que por acaso estava indo para Madras. Mr. Kurien Maathen.

Como ia haver um adulto com Estha, Mammachi disse que não havia necessidade de gastar dinheiro com outra passagem. Baba ia comprar Madras—Calcutá. Ammu ia comprar Tempo. Ela também tinha de fazer as malas e ir embora. Para começar uma nova vida, em que fosse capaz de manter as crianças. Até então, tinha sido decidido que um dos gêmeos podia ficar em Ayemenem. Não ambos. Juntos eles criavam problemas. *ãtaS son soblo seled*. Tinham de ser separados.

Talvez tenham razão, dizia o sussurro de Ammu enquanto ela arrumava o baú e a sacola de Estha. *Talvez um menino precise de um Baba*.

O homem de lábios grossos estava na cabine vizinha à de Estha. Ele disse que ia tentar trocar de lugar com alguém quando o trem começasse a rodar.

Por enquanto, deixou a pequena família sossegada.

Sabia que um anjo demoníaco pairava sobre eles. Que ia aonde iam. Parava onde paravam. Pingando cera derretida de uma vela torta.

Todo mundo sabia.

Tinha saído nos jornais. A notícia da morte de Sophie Mol, do “Encontro” da polícia com um *paravan* acusado de rapto e assassinato. Do cerco subsequente feito pelo Partido Comunista à Paraíso, Picles & Polpas, liderado pelo Cruzado da Justiça e Porta-voz dos Oprimidos de Ayemenem. O camarada K. N. M. Pillai dizia que a Gerência tinha implicado o *paravan* num falso caso policial

porque ele era um membro ativo do Partido Comunista. Que queriam eliminá-lo por ter se envolvido em “Atividades Sindicalistas Legais”.

Tudo isso tinha saído nos jornais. A Versão Oficial.

Claro que o homem de lábios grossos, com anéis, não fazia idéia da outra versão.

Aquela em que um bando de Policiais tocáveis cruzou o rio Meenachal, cheio e lento por causa da chuva recente, e abriu caminho pelo mato molhado, invadindo o Coração das Trevas.

18. A CASA DA HISTÓRIA

UM BANDO DE POLICIAIS tocáveis cruzou o rio Meenachal, cheio e lento por causa da chuva recente, e abriu caminho pelo mato molhado, algemas tilintando no bolso de alguém.

Seus shorts largos, cáqui, eram rígidos de goma, e se armavam sobre o mato alto como uma fileira de saias duras, completamente independentes dos membros que se mexiam dentro deles.

Eram seis. Funcionários do Estado.

Polidez
Obediência
Lealdade
Inteligência
Cortesia
Eficiência

A Polícia de Kottayam. Um pelotão de cartum. Príncipes da Nova Era com capacetes pontudos engraçados. Papelão forrado de algodão. Manchado de óleo de cabelo. Suas pobres coroas cáqui.

Trevas no Coração.

Mortalmente motivados.

Eles levantavam as pernas finas, pisando mato alto. Trepadeiras de solo raspavam os pêlos de suas pernas, molhados de orvalho. Carrapichos e flores de grama enfeitavam suas meias neutras. Centopéias marrons dormiam nas solas de suas botas tocáveis, com pontas de metal. O mato áspero deixava em carne viva a pele de suas pernas, riscadas de cortes. Lama molhada se acumulava debaixo de seus pés à medida que avançavam, pisando como ventosas pelo pântano.

Passaram por anhingas pousadas no alto das árvores, secando as asas molhadas abertas como roupa no varal contra o céu. Passaram por garças. Cormorões. Cegonhas marabu. Por grou saru procurando espaço para dançar. Garças roxas com olhos impiedosos. Ensurdecedoras com seu *uáác, uáác, uáác*. Pássaros mães e seus ovos.

O calor da manhã nova cheio de promessas de coisas piores.

Depois do pântano que cheirava a água estagnada, eles passaram por árvores antigas, envoltas em trepadeiras. Gigantescos pés de mani. Pimenteiras silvestres. *Acuminus* roxos em cascata.

Passaram por um besouro azul-escuro equilibrado numa lâmina de grama que

não se curvava ao seu peso.

Passaram por teias de aranha gigantescas que tinham resistido à chuva e se espalhavam como uma intriga sussurrada de árvore a árvore.

Uma flor de bananeira embainhada em brácteas avermelhadas pendia de uma planta despenteada, de folhas rasgadas. Uma pedra preciosa na mão de um escolar desarrumado. Uma jóia na selva de veludo.

Libélulas carmesins se acasalavam no ar. Como se fossem dois andares. Hábeis. Um policial admirado olhou e pensou brevemente na dinâmica do sexo das libélulas, e em tudo o que exigia. Depois sua cabeça teve um clique e voltou à atenção, retomando os Pensamentos Policiais.

Em frente.

Passando por altos cupinzeiros congelados na chuva. Enrolados como sentinelas drogadas e adormecidas nos portões do Paraíso.

Passaram por borboletas flutuando no ar como mensagens alegres.

Imensas samambaias.

Um camaleão.

Uma surpreendente flor de malva.

Os passos de pássaros cinzentos da mata procurando abrigo.

Uma árvore de noz-moscada que Vellya Paapen não tinha encontrado.

Um canal bifurcado. Calmo. Sufocado de aguapés. Como uma cobra-verde morta. Um tronco de árvore caído por cima. Os policiais tocáveis atravessaram nas pontas dos pés. Girando cassetetes de bambu polido.

Fadas peludas com varas letais.

Então a luz do sol foi quebrada por troncos finos de árvores inclinadas. Trevas do Coração entraram nas pontas dos pés no Coração das Trevas. O som estrídulo dos grilos inchou.

Esquilos cinzentos riscaram troncos manchados de seringueiras inclinadas para o sol. Velhas cicatrizes talhadas em suas cascas. Seladas. Saradas. Sem drenos.

Muitos acres disso, e depois uma clareira gramada. Uma casa.

A Casa da História.

De portas trancadas e janelas abertas.

Com chão de pedra fresca e sombras ondulantes, enfileiradas nas paredes.

Onde ancestrais pálidos com unhas dos pés duras e hálito cheirando a mapas amarelados sussurravam sussurros de papel.

Onde lagartos translúcidos viviam atrás de pinturas a óleo.

Onde sonhos eram capturados e ressonhados.

Onde um velho fantasma inglês, preso por uma foice a uma árvore, fora neutralizado por uma dupla de gêmeos bivitelinos, uma República Móvel com um Topete que tinha plantado uma bandeira marxista na terra ao lado dele. Quando o pelotão de policiais passou cautelosamente por ele, não o ouviu implorar. Com sua suave voz de missionário. *Com licença, vocês por favor, mmm... podiam me ajudar a mmm... Será que algum de vocês teria um charuto? Não?... Não,*

eu sabia que não.

A Casa da História.

Onde, nos anos seguintes, o Terror (ainda por vir) seria enterrado numa cova rasa. Escondido pelo alegre cantarolar dos cozinheiros do hotel. A humilhação dos velhos comunistas. A morte lenta de dançarinos. As historinhas de brinquedo com que os turistas ricos vinham brincar.

Era uma bela casa.

As paredes foram brancas um dia. O telhado vermelho. Agora pintada de cor de tempo. Com pincéis mergulhados na paleta da natureza. Verdemusgo. Marronterra. Pretorruína. Fazendo com que parecesse mais velha do que era. Como um tesouro afundado dragado do fundo do oceano. Beijado por baleias e cheio de cracas. Enfaixado com silêncio. Expirando bolhas pelas janelas quebradas.

Uma larga varanda à volta toda. Os cômodos em si recuados, mergulhados em sombra. O telhado descendo como os lados de um imenso barco entornado. Vigas apodrecidas sustentadas por pilares que tinham sido brancos, afundadas no centro, deixando um buraco, como um bocejo. Um buraco na História. Um buraco em forma de História no Universo, através do qual, ao entardecer, densas nuvens de morcegos silenciosos ondulavam como fumaça de fábrica e dispersavam-se na noite.

Voltavam ao amanhecer com notícias do mundo. Uma névoa cinzenta na distância rosada que repentinamente se fundia e enegrecia acima da casa, antes de mergulhar de novo pelo buraco da História, como fumaça num filme correndo de trás para a frente.

Dormiam o dia inteiro, os morcegos. Debruando o teto como pele. Emporcalhando o chão com merda.

Os policiais pararam e se espalharam. Não precisavam fazer isso, mas gostavam desses jogos tocáveis.

Colocaram-se estrategicamente. Agachados junto ao muro de pedra baixo, quebrado.

Mijada rápida.

Espumaquente em pedramorna. Mijo policial.

Afogou formigas em espuma amarela.

Respirando fundo.

Depois, juntos, sobre joelhos e cotovelos, arrastaram-se para a casa. Como policiais de cinema. Devagar, devagar, pela grama. Cassetetes na mão. Metralhadoras na cabeça. A responsabilidade pelo futuro tocável sobre seus ombros magros, mas capazes.

Encontraram sua presa na varanda dos fundos. Um Topete Estragado. Um

Chafariz com Amor-em-Tóquio. E em outro canto (sozinho como um lobo), o carpinteiro de unhas vermelho-sangue.

Dormindo. Anulando toda a estratégia tocável.

O Ataquesurpresa.

As Manchetes nas cabeças deles.

MALFEITOR CAPTURADO EM BATIDA POLICIAL.

Por essa insolência, por ser desmancha-prazeres, a presa pagou. Ah, sim.

Acordaram Velutha com suas botas.

Esthappen e Rahel despertaram com o grito de sono surpreendido por rótulas fraturadas.

Os gritos morreram dentro deles e flutuaram de barriga para cima, como peixes mortos. Encolhidos no chão, oscilando entre horror e descrença, perceberam que o homem espancado era Velutha. De onde ele tinha vindo? O que tinha feito? Por que os policiais o tinham trazido ali?

Ouviram a pancada de madeira na carne. De bota no osso. Nos dentes. O grunhido abafado de um estômago chutado. A batida surda de um crânio no cimento. O gorgolejar do sangue na respiração de um homem, quando seu pulmão é rasgado pela ponta lascada de uma costela quebrada.

De lábios azulados e olhos como pratos, eles assistiram, mesmerizados por algo que pressentiam mas não entendiam: a ausência de capricho no que os policiais faziam. O abismo onde devia haver raiva. A brutalidade firme, sóbria, a economia da coisa toda.

Estavam abrindo uma garrafa.

Ou fechando uma torneira.

Quebrando um ovo para fazer uma omelete.

Os gêmeos eram jovens demais para saber que aqueles eram apenas lacaios da História. Mandados para acertar as contas e cobrar as taxas daqueles que desrespeitam as leis. Impelidos por sentimentos que eram primais, mas, paradoxalmente, inteiramente impessoais. Sentimentos de desprezo nascidos de um medo incipiente, inidentificável: o medo que a civilização tem da natureza, o medo que os homens têm das mulheres, o medo que o poder tem da impotência.

O impulso subliminar do homem de destruir aquilo que não pode nem dominar, nem deificar.

Necessidades Masculinas.

O que Esthappen e Rahel testemunharam aquela manhã, embora não soubessem então, era uma demonstração clínica em condições controladas (não era guerra, afinal, nem genocídio) da busca de ascendência da natureza humana. De estrutura. De ordem. De monopólio completo. Era a História humana, mascarada em Propósito Divino, revelando-se para uma platéia de minoridade.

Não havia nada de accidental no que ocorreu aquela manhã. Nada *incidental*. Não era um assalto circunstancial, nem um acerto de contas pessoal. Era uma era imprimindo a si mesma naqueles que viviam nela.

A História ao vivo.

Se machucaram Velutha mais do que tencionavam, foi só porque qualquer parentesco, qualquer ligação entre eles e ele, qualquer implicação de que, pelo menos biologicamente, ele era um semelhante, tinha se rompido havia muito. Eles não estavam prendendo um homem, estavam exorcizando o medo. Não tinham nenhum instrumento para calibrar quanta pancada ele conseguia agüentar. Nenhum meio de avaliar quanto ou quão definitivamente o danificavam.

Ao contrário do costumeiro arrebatamento dos batalhões religiosos enlouquecidos ou dos exércitos conquistadores, naquela manhã, no Coração das Trevas, o bando de Policiais Tocáveis agiu com economia, sem frenesi. Eficiência, não anarquia. Responsabilidade, não histeria. Eles não queriam arrancar os cabelos dele, nem queimá-lo vivo. Não cortaram fora seus genitais e enfiaram em sua boca. Não o estupraram. Nem lhe cortaram a cabeça.

Afinal, não estavam combatendo uma epidemia. Estavam apenas vacinando uma comunidade contra um levante.

* * *

Na varanda dos fundos da Casa da História, enquanto o homem que amavam era esmagado e quebrado, mrs. Eapen e mrs. Rajagopalan, Embaixadores Gêmeos sabe-Deus-de-quê, aprenderam duas lições.

Lição Número Um:

O sangue quase nunca aparece num Homem Negro. (Dum dum)

E

Lição Número Dois:

Mesmo assim, cheira.

Docenjoativo.

Como rosas velhas numa brisa. (Dum dum)

“*Madiyo?*”, um dos Agentes da História perguntou.

“*Madi aayirikkum*”, outro respondeu.

Chega?

Chega.

Afastaram-se dele. Artesãos avaliando sua obra. Procurando distanciamento estético.

Sua Obra, abandonada por Deus e pela História, por Marx, pelo Homem, pela Mulher e (nas horas seguintes) pelas Crianças, jazia dobrada no chão. Estava semiconsciente, mas não se mexia.

Tinha o crânio fraturado em três pontos. O nariz e ambos os malares quebrados deixavam o rosto pastoso, indefinido. O golpe na boca rachou o lábio superior e quebrou seis dentes, três dos quais estavam cravados no lábio inferior,

invertendo horrivelmente seu belo sorriso. Quatro costelas quebradas, uma perfurando o pulmão esquerdo, o que o fazia sangrar pela boca. O sangue em sua respiração vermelho-vivo. Fresco. Espumoso. Intestino grosso rompido, com hemorragia, o sangue se acumulando na cavidade abdominal. A espinha afetada em dois pontos, a concussão paralisando o braço direito e resultando em falta de controle sobre bexiga e reto. Ambas as rótulas estavam quebradas.

Mesmo assim, eles pegaram as algemas.

Frias.

Com cheiro acre de metal. Como os canos de aço dos ônibus e as mãos do cobrador por segurarem neles. Foi então que notaram as unhas pintadas. Um deles segurou a mão e sacudiu os dedos, coquetemente, para os outros. Todos riram. “O que é isto?”, em falsete agudo. “O cara é gilete, é?”

Um deles mexeu no pênis com o cassetete. “Vamolé, mostra seu segredo pra gente. Mostra que tamanho fica quando você chupa.” Depois, levantou a bota (com uma centopéia enrolada na sola) e baixou com uma batida surda.

Prenderam seus braços nas costas.

Clique.

E clique.

Abaixo de uma Folha da Sorte. Uma folha de outono na noite. Que fazia as monções chegarem na data certa.

Ele sentiu um arrepio no lugar em que as algemas tocaram sua pele.

“Não foi ele”, Rahel cochichou para Estha. “Posso dizer isso. É o irmão gêmeo dele. Urumban. De Kochi.”

Não querendo buscar refúgio na ficção, Estha não disse nada.

Alguém estava falando com eles. Um gentil policial tocável. Falando com seu próximo.

“Mon, Mol, vocês estão bem? Ele machucou vocês?”

E não juntos, mas quase, os gêmeos responderam num sussurro.

“Estamos. Não.”

“Não se preocupem. Agora vocês estão protegidos com a gente.”

Então, o policial olhou em volta e viu o colchão de crina.

As louças e panelas.

O ganso inflável.

O coala da Qantas com olhos de botão soltos.

As canetas com ruas de Londres dentro delas.

Meias com dedos coloridos separados.

Óculos plásticos vermelhos com armação amarela.

Um relógio com as horas pintadas.

“De quem é isso? De onde veio isso? Quem trouxe?”, com um toque de preocupação na voz.

Estha e Rahel, cheios de peixes, olharam para ele.

Os policiais se entreolharam. Sabiam o que tinham de fazer.

O coala da Qantas eles pegaram para seus filhos.
As canetas e as meias. Filhos de policiais com dedos dos pés multicoloridos.
Explodiram o ganso com um cigarro aceso. *Bang*. E enterraram os restos de
borracha.

Ganso inútil. Identificável demais.

Os óculos, um deles colocou na cara. Os outros riram, então ele ficou com
eles um pouco. O relógio eles esqueceram. Ficou lá na Casa da História. Na
varanda dos fundos. Um registro errado do tempo. Dez para as duas.

Foram embora.

Seis príncipes, com os bolsos cheios de brinquedos.

Uma dupla de gêmeos bivitelinos.

E o Deus da Perda.

Ele não conseguia andar. Então o arrastaram.

Ninguém os viu.

Os morcegos, claro, são cegos.

19. SALVAR AMMU

NA DELEGACIA DE POLÍCIA o inspetor Thomas Mathew mandou comprar duas Coca-Colas. Com canudinhos. Um guarda servil trouxe a bebida numa bandeja de plástico e ofereceu para as duas crianças sujas de barro sentadas diante da mesa do inspetor, as cabeças só um pouquinho mais altas que a confusão de pastas e papéis sobre ela.

E assim, mais uma vez, no espaço de duas semanas, Medo engarrafado para Estha. Gelado. Gaseificado. Às vezes, as coisas iam pior com Coca-Cola.

O gás subiu até seu nariz. Ele arrotou. Rahel riu. Ela soprou o canudinho até o líquido borbulhar e cair em seu vestido. No chão todo. Estha leu em voz alta a placa na parede.

“zediloP”, disse. “zediloP, aicnêidebO.”

“edadlaeL, aicnêgiletnI”, Rahel disse.

“aietroC.”

“aicnêicifE.”

Deve-se dar ao inspetor Thomas Mathew o crédito de ter mantido a calma. Ele sentiu a incoerência crescente das crianças. Notou que tinham as pupilas dilatadas. Já tinha visto aquilo tudo antes... a válvula de escape da mente humana. Seu jeito de controlar o trauma. Ele levou isso em conta e colocou suas perguntas inteligentemente. Inocualemente. Entre “Quando é seu aniversário, Mon?” e “Qual a sua cor preferida, Mol?”.

Gradualmente, de maneira quebrada, desconjuntada, as coisas começaram a se encaixar. Seus homens o tinham informado sobre as louças e panelas. Sobre o colchão de crina. Sobre os brinquedos impossíveis de esquecer. Tudo começava a fazer sentido agora. O inspetor Thomas Mathew não achou graça. Mandou um jipe buscar Baby Kochamma. Cuidou para que as crianças não estivessem na sala quando ela chegasse. Não a cumprimentou.

“Sente-se”, disse.

Baby Kochamma sentiu que alguma coisa estava terrivelmente errada.

“Encontrou as crianças? Está tudo bem?”

“Nada está bem”, o inspetor garantiu.

Pelo olhar e tom de voz dele, Baby Kochamma entendeu que estava lidando com uma pessoa diferente dessa vez. Não o delegado de polícia conciliador do encontro anterior. Ela baixou o corpo para a cadeira. O inspetor Thomas Mathew não mediu as palavras que disse.

A polícia de Kottayam tinha agido com base no FIR preenchido por *ela*. O *paravan* havia sido capturado. Infelizmente, fora seriamente ferido no encontro e

o mais provável era que não sobrevivesse a essa noite. Mas agora as crianças diziam que tinham fugido de livre vontade. Que o barco tinha virado e que a criança inglesa tinha se afogado por acidente. O que deixava a polícia atrelada à Morte sob Custódia de um homem tecnicamente inocente. Verdade que ele era um *paravan*. Verdade que tinha se comportado mal. Mas os tempos eram complicados e, tecnicamente, diante da lei, era um homem inocente. Não havia *acusação*.

“Tentativa de estupro?”, Baby Kochamma sugeriu, fraca.

“*Onde* está a queixa da vítima de estupro? Foi dada entrada? Ela deu uma declaração? Veio junto com a senhora?” O tom do inspetor era beligerante. Quase hostil.

Baby Kochamma parecia ter encolhido. Bolsas de pele pendiam de seus olhos e bochechas. O medo fermentava dentro dela e a saliva ficou amarga em sua boca. O inspetor empurrou um copo de água na direção dela.

“A questão é muito simples. Ou a vítima de estupro registra uma queixa. Ou as crianças vão ter de identificar o *paravan* como raptor, na presença de testemunhas da polícia. Ou.” Ele esperou que Baby Kochamma olhasse para ele. “Ou terei de acusar a senhora de ter prestado um FIR falso. O que constitui crime.”

O medo manchou de azul-escuro a blusa azul-claro de Baby Kochamma. O inspetor Thomas Mathew não a apressou. Sabia que, devido ao clima político, ele próprio podia se ver em maus lençóis. Sabia bem que o camarada K. N. M. Pillai não deixaria passar essa oportunidade. Ele se censurava por ter agido tão impulsivamente. Usou a toalha de mão estampada para enxugar, por baixo da camisa, o peito e as axilas. Estava quieto o escritório. Os sons de atividade de delegacia de polícia, passos de botas, um ocasional uivo de dor de alguém sendo interrogado, tudo parecia distante, como se estivesse vindo de algum outro lugar.

“As crianças vão obedecer”, Baby Kochamma disse. “Posso ficar um pouquinho sozinha com eles?”

“Como quiser.” O inspetor levantou-se para sair da sala.

“Por favor, espere uns cinco minutos antes de mandar eles entrarem.”

O inspetor Thomas Mathew fez que sim com a cabeça e saiu.

Baby Kochamma enxugou o rosto suado, brilhante. Esticou o pescoço, olhou para o teto para enxugar o suor das pregas de gordura debaixo do pescoço com a ponta do *pallu*. Beijou o crucifixo.

Ave Maria, cheia de graça...

As palavras da oração a abandonaram.

A porta se abriu. Estha e Rahel entraram. Cobertos de lama. Ensopados de Coca-Cola.

A presença de Baby Kochamma os deixou sóbrios de repente. A mariposa com tufo dorsais excepcionalmente densos abriu as asas sobre os corações de ambos. *Por que ela estava ali? Onde estava Ammu? Será que ainda estava trancada?*

Baby Kochamma olhou para os dois com severidade. Durante longo tempo não disse nada. Quando falou, sua voz estava áspera e estranha.

“De quem era o barco? Onde é que vocês arrumaram?”

“Nosso. Nós achamos. Velutha arrumou para a gente”, Rahel sussurrou.

“Há quanto tempo estavam com ele?”

“Achamos no dia que Sophie Mol chegou.”

“E vocês roubaram coisas da casa e levaram para o outro lado do rio no barco?”

“A gente só estava brincando...”

“*Brincando?* É isso que vocês acham?”

Baby Kochamma ficou olhando para eles um longo tempo antes de falar de novo.

“O corpo da sua querida priminha está lá na saleta. Os peixes comeram os olhos dela. A mãe dela não pára de chorar. Vocês acham que isso é *brincadeira?*”

Uma súbita brisa enfunou a cortina florida da janela. Lá fora, Rahel viu jipes estacionados. E gente andando. Um homem tentando dar partida numa motocicleta. Cada vez que ele pulava em cima do pedal de partida, o capacete escorregava para um lado.

Na sala do inspetor, a Mariposa de Pappachi estava em ação.

“É uma coisa horrível tirar a vida de uma pessoa”, Baby Kochamma disse. “É a pior coisa que alguém pode fazer. Nem *Deus* perdoa isso. Sabem disso, não sabem?”

Duas cabeças fizeram que sim, duas vezes.

“E mesmo assim...”, ela olhou tristemente para os dois, “vocês fizeram uma coisa dessas.” Ela olhou os dois nos olhos. “Vocês são assassinos.” Ela esperou para isso assentar.

“Vocês sabem que eu sei que não foi nenhum acidente. Eu sei o quanto vocês estavam com ciúmes dela. E se o juiz me perguntar no tribunal, vou ter de contar para ele, não vou? Não posso mentir, posso?” Ela deu tapinhas na cadeira a seu lado. “Aqui, sentem...”

Quatro nádegas de dois traseiros obedientes se apertaram na cadeira.

“Vou ter de contar para eles que era estritamente contra as Regras vocês irem sozinhos até o rio. Que vocês forçaram a menina a ir, mesmo sabendo que ela não sabia nadar. Que vocês empurraram a menina do barco no meio do rio. Não foi acidente, foi?”

Quatro pires a encararam. Fascinados pela história que ela estava contando. *E depois, o que aconteceu?*

“Então, vocês agora vão ter de ir para a cadeia”, Baby Kochamma disse docemente. “E sua mãe vai para a cadeia por causa de vocês. É isso que vocês querem?”

Olhos assustados e um chafariz olhavam para ela.

“Os três em três cadeias diferentes. Sabe como são as cadeias na Índia?”

Duas cabeças fizeram que sim, duas vezes.

Baby Kochamma desenvolveu a sua causa. Traçou (de imaginação) quadros vívidos da vida na prisão. A comida cheia de baratas. O *chhi-chhi* empilhado nas privadas como montanhas marrons. Os percevejos. As surras. Demorou-se nos longos anos que Ammu teria de ficar presa por causa deles. Como ela seria uma velha doente, com piolhos nos cabelos, quando saísse, quer dizer, se não morresse na prisão. Sistemáticamente, com sua voz gentil e preocupada, ela conjurou o futuro macabro que estava à espera deles. Quando havia descartado todos os raios de esperança, destruído inteiramente as vidas deles, igual a uma fada madrinha, ela apresentou uma solução. Deus jamais perdoaria o que eles tinham feito, mas aqui na Terra havia um meio de desfazer parte do estrago. De salvar a mãe deles da humilhação e do sofrimento causado por eles. Se estivessem dispostos a ser práticos.

“Por sorte”, Baby Kochamma disse, “por sorte, a polícia cometeu um erro. Um erro *feliz*.” Ela fez uma pausa. “Sabem o que é, não sabem?”

Estha viu que havia gente presa dentro do peso de papel de vidro em cima da mesa do policial. Um homem e uma mulher valsando. Ela estava de vestido branco, com pernas por baixo.

“Não sabem?”

Uma valsa tocava dentro do peso de papel. Mammachi estava tocando no violino.

Ra-ra-ra-ra-rã.

Parã-parã.

“É o seguinte”, a voz de Baby Kochamma estava dizendo, “o que está feito está feito. O inspetor disse que ele vai morrer de qualquer jeito. Então não vai fazer diferença para ele o que a polícia pensar. O que interessa é se vocês querem ir para a cadeia e fazer Ammu ir para a cadeia por causa de *vocês*. A decisão só depende de vocês.”

O peso de papel tinha bolhas dentro, e parecia que o homem e a mulher estavam valsando debaixo da água. Eles pareciam felizes. Talvez estivessem se casando. Ela estava de vestido branco. Ele de terno preto e gravata-borboleta. Os dois olhando profundamente um nos olhos do outro.

“Se vocês querem salvar sua mãe, tudo o que têm de fazer é ir com o Tio de *meeshas* grandes. Ele vai fazer uma pergunta. Uma pergunta. Vocês só precisam dizer ‘Sim’. Depois, podemos todos voltar para casa. É tão fácil. É um preço baixo a pagar.”

Baby Kochamma seguiu o olhar de Estha. Era tudo o que ela podia fazer para não pegar o peso de papel e jogar pela janela. O coração dela estava aos saltos.

“Então!”, disse, com um sorriso brilhante, seco, a tensão começando a aparecer na voz. “O que eu devo dizer para o Tio inspetor? O que é que vocês resolvem? Querem salvar Ammu ou vamos deixar que vá para a cadeia?”

Como se estivesse oferecendo a eles uma escolha entre dois prêmios. Pescar ou

Dar banho nos porcos? Dar banho nos porcos ou pescar?

Os gêmeos olharam para ela. Não juntas (mas quase), duas vezes sussurraram: “Salvar Ammu”.

Nos anos vindouros, eles iriam repassar essa cena na cabeça. Crianças. Adolescentes. Adultos. Teriam sido enganados para fazer o que fizeram? Teriam sido convencidos por um truque?

De certa forma, sim. Mas não era assim tão simples. Ambos sabiam que tinham tido uma opção. E como optaram depressa! Não perderam nem um segundo para pensar antes de levantar a cabeça e dizer (não juntos, mas quase): “Salvar Ammu”. Salvar a nós. Salvar nossa mãe.

Baby Kochamma abriu um sorriso. Alívio funcionando como laxativo. Tinha de ir ao banheiro. Urgentemente. Abriu a porta e chamou o inspetor.

“São ótimas crianças”, disse quando ele entrou. “Podem ir com o senhor.”

“Não preciso dos dois. Basta um para o que eu preciso”, o inspetor Thomas Mathew disse. “Qualquer um. Mon. Mol. Quem quer vir comigo?”

“Estha”, Baby Kochamma escolheu. Sabendo que ele era o mais prático dos dois. O mais tratável. Que tinha muito mais visão. Mais responsável. “Você vai. Muito bem.”

O Homem Pequeno. Morava numa cara-van. Dum dum.

Estha foi.

O Embaixador E. Pélvis. Com olhos de pires e um topete. Um embaixador baixinho escoltado por dois policiais altos, com uma terrível missão nas entranhas da delegacia de polícia de Kottayam. Os passos ecoando na laje do chão.

Rahel ficou na sala do inspetor, ouvindo os sons grosseiros do alívio de Baby Kochamma escorrendo pelas paredes do vaso do inspetor na privada da sala. “A descarga não funciona”, ela disse quando saiu. “Que amolação!” Envergonhada porque o inspetor ia ver a cor e a consistência de suas fezes.

A cela estava muito escura. Estha não enxergava nada, mas podia ouvir o som da respiração difícil, rouca. O cheiro de merda deu-lhe náusea. Alguém acendeu a luz. Forte. Cegante. Velutha apareceu no chão escorregadio, espumoso. Um gênio desfigurado invocado por uma lâmpada moderna. Estava nu, o *mundu* imundo tinha se soltado. De sua cabeça o sangue escorria como um segredo. Tinha o rosto inchado e a cabeça parecia uma abóbora, grande e pesada demais para o ramo de onde nascia. Uma abóbora com um monstruoso sorriso invertido. Botas policiais se afastaram da beirada da poça de urina que se espalhava a partir dele, refletindo a lâmpada nua.

Peixes mortos flutuavam dentro de Estha. Um dos policiais cutucou Velutha com o pé. Não houve reação. O inspetor Thomas Mathew agachou-se e com a chave de seu jipe riscou a sola do pé de Velutha. Olhos inchados se abriram. Vagos. Depois se focalizaram, através da película de sangue, numa criança

adorada. Estha imaginou que dentro dele alguma coisa sorriu. Não sua boca, mas alguma outra parte dele, não ferida. Os cotovelos talvez. Ou os ombros.

O inspetor fez a pergunta. A boca de Estha disse Sim.

A infância retirou-se na ponta dos pés.

O silêncio girou como uma tranca.

Alguém apagou a luz e Velutha desapareceu.

Voltando para casa no jipe da polícia, Baby Kochamma parou na Produtos Farmacêuticos Confiáveis para comprar Calmpose. Deu dois comprimidos para cada um. Quando estavam chegando na Ponte Chungam, os olhos dos dois começavam a fechar. Estha cochichou alguma coisa no ouvido de Rahel.

“Você tinha razão. Não era ele. Era Urumban.”

“Graças a Deus”, Rahel respondeu num cochicho.

“Onde será que ele está?”

“Fugiu para a África.”

Os dois foram entregues à mãe dormindo profundamente, flutuando nessa ficção.

Até a manhã seguinte, quando Ammu sacudiu a ficção de dentro deles. Mas já era tarde demais.

O inspetor Thomas Mathew, homem experiente nessas questões, tinha razão. Velutha não sobreviveu à noite.

Meia hora depois da meia-noite, veio a Morte para ele.

E para a pequena família encolhida e adormecida na colcha azul de ponto de cruz? O que veio para eles?

Não a morte. Só o fim do viver.

Depois do funeral de Sophie Mol, quando Ammu os levou de volta à delegacia de polícia e o inspetor escolheu suas mangas (*tap, tap*), o corpo já tinha sido removido. Jogado na *themmady kuzhy*, a vala de indigentes, onde a polícia jogava rotineiramente os seus mortos.

* * *

Quando Baby Kochamma soube da visita de Ammu à delegacia de polícia, ficou apavorada. Tudo o que ela, Baby Kochamma, fizera, tinha como premissa uma suposição. Ela apostava no fato de que Ammu, fizesse o que fizesse, por mais furiosa que ficasse, jamais admitiria publicamente a relação com Velutha. Porque, segundo Baby Kochamma, isso significaria destruir a si mesma e aos filhos. Para sempre. Mas Baby Kochamma não tinha levado em conta o Lado Temerário de Ammu. A Mistura Incombinável de infinita ternura materna com a

fúria temerária de um terrorista suicida.

A reação de Ammu a deixou tonta. Sentiu o chão fugir de debaixo dos pés. Sabia que tinha um aliado no inspetor Thomas Mathew. Mas por quanto tempo? E se ele fosse transferido e o caso reaberto? Era possível, levando-se em conta a multidão de trabalhadores do Partido que o camarada K. N. M. Pillai conseguira reunir diante do portão, berrando slogans. O que impediu os operários de irem ao trabalho, e deixou vastas quantidades de mangas, bananas, abacaxis, alho e gengibre apodrecendo lentamente nas instalações da Paraíso Pickles.

Baby Kochamma sabia que tinha de tirar Ammu de Ayemenem o mais depressa possível.

E conseguiu isso fazendo aquilo que fazia melhor. Irrigando seus campos, adubando suas plantações, com as paixões dos outros.

Ela roeu como um rato a depressão de Chacko. Dentro de suas muralhas ela plantou um alvo fácil, acessível para a louca fúria dele. Não foi difícil retratar Ammu como a verdadeira responsável pela morte de Sophie Mol. Ammu e seus gêmeos bivitelinos.

Chacko arrombando portas era apenas um touro triste arremetendo, preso na ponta da guia de Baby Kochamma. Foi idéia *dela* fazer Ammu arrumar as malas e ir embora. E fazer com que Estha fosse Devolvido.

20. O CORREIO MADRAS

E ASSIM, no Terminal Ferroviário de Cochin, lá estava Estha Sozinho na janela gradeada do trem. O Embaixador E. Pélvis. Uma pedra com um topete. E uma sensação verde-ondulante, grossa-aquosa, empelotada, cheia de algas, flutuante, sem fundo-com fundo. O baú com seu nome escrito na tampa estava debaixo do banco. A lancheira com sanduíches de tomate e a garrafa térmica Águia com uma águia desenhada estavam na mesinha dobrável diante dele.

A senhora que comia a seu lado, de sári de Kanjeevaram verde e roxo e diamantes incrustados como abelhas brilhantes em cada narina, lhe ofereceu *laddoos* amarelos de uma caixa. Estha sacudiu a cabeça. Ela sorriu e insistiu, os olhos gentis viraram fendas por trás dos óculos. Ela fez um som de beijo com a boca.

“Experimente. Muuuito doces”, disse em tâmil. *Rombo maduram*.

“Doce”, disse, em inglês, a filha mais velha, que tinha a idade de Estha.

Estha tornou a sacudir a cabeça. A senhora agradeceu seu cabelo e desmanchou o topete. A família dela (marido e três filhos) já estava comendo. Grandes farelos redondos de *laddoo* amarelo sobre o assento. Grunhidos de trem debaixo de seus pés. A luz noturna azul ainda apagada.

O filhinho da senhora que comia acendeu a luz azul. A senhora que comia apagou. Ela explicou ao filho que aquela luz era para dormir. Não para ficar acordado.

Tudo no vagão de Primeira Classe era verde. Poltronas verdes. Beliches verdes. Chão verde. Correntes verdes. Verdoscuro. Verdeclaro.

PARA PARAR O TREM PUXE A CORRENTE, diziam as letras verdes.

ARAP RARAP O MERT EXUP A ETNERROC, Estha pensou verde.

Através da grade da janela, Ammu segurava a mão dele.

“Guarde a passagem com cuidado”, disse a boca de Ammu. A boca-de-Ammu-tentando-não-chorar. “Eles vão pedir para conferir.”

Estha fez que sim com a cabeça para a rosto de Ammu voltado para a janela do trem. Para Rahel, pequena e manchada com a sujeira da estação. Os três ligados por certezas independentes de que tinham amado um homem até a morte.

Isso não saiu nos jornais.

Os gêmeos levaram dois anos para entender o papel de Ammu no que havia acontecido. No funeral de Sophie Mol e nos dias antes de Estha ser devolvido,

viram os olhos inchados dela e, com o egoísmo das crianças, consideraram-se inteiramente culpados pelo sofrimento dela.

“Coma os sanduíches antes que fiquem moles”, Ammu disse. “E não esqueça de escrever.”

Ela examinou as unhas da mãozinha que segurava, e tirou uma meia-lua de sujeira de debaixo da unha do polegar.

“E cuide do meu querido para mim. Até eu ir buscar.”

“Quando, Ammu? Quando você vai buscar?”

“Logo.”

“Mas quando? Quando exatamente?”

“Logo, querido. Assim que eu puder.”

“Depois do mês que vem, Ammu?” Um tempo deliberadamente longo, para que Ammu pudesse dizer: *Antes disso, Estha. Seja prático. E a escola?*

“Assim que eu arrumar um emprego. Assim que eu puder ir embora daqui e arrumar um emprego”, Ammu disse.

“Mas isso não vai ser nunca!” Uma onda de pânico. Uma sensação sem fundo-com fundo.

A senhora que comia ouviu, indulgente.

“Vejam como ele fala bem inglês”, ela disse para os filhos, em tâmil.

“Mas isso não vai ser nunca [*never*]”, a filha mais velha disse, combativa. “Ene E Vê E Erre. *Never*.”

Mas o “*never*” de Estha queria dizer apenas que ainda estava muito longe. Que não seria *agora*, que não seria *logo*.

Seu “*never*” não queria dizer *Not Ever* [Não Jamais].

Mas foi assim que as palavras saíram.

Mas isso não vai ser nunca!

Para o *Never* eles simplesmente tiravam o O e o T de *Not Ever*.

Eles?

O governo.

Aonde as pessoas iam para Se Comportar Bem.

E foi assim que tudo terminou.

Never. Not Ever.

Era culpa *dele* o homem distante dentro do peito de Ammu ter parado de gritar. Culpa *dele* ela ter morrido sozinha na hospedaria sem ninguém para deitar em cima de suas costas e conversar.

Porque ele é que tinha *dito*. *Mas Ammu, isso não vai ser nunca!*

“Não seja bobo, Estha. Vai ser logo”, disse a boca de Ammu. “Vou ser professora. Vou abrir uma escola. E você e Rahel vão estudar nela.”

“E a gente vai poder porque ela vai ser nossa!”, Estha disse com seu insistente pragmatismo. De olho na grande chance. Passagens de ônibus grátis. Funerais

grátis. Escola grátis. Homem Pequeno. Morava numa *cara-van*. Dum dum.

“Vamos ter a nossa casa”, Ammu disse.

“Uma casinha”, Rahel disse.

“E na nossa escola vai ter classes e quadros-negros”, Estha disse.

“E giz.”

“E Professores de Verdade dando aula.”

“E castigos de verdade”, Rahel disse.

Essa era a matéria de que eram feitos seus sonhos. No dia que Estha foi Devolvido. Giz. Quadro-negro. Castigos de verdade.

Eles não queriam se livrar fácil. Só queriam castigos proporcionais aos seus crimes. Não aqueles que vinham como armários com quartos embutidos. Não aqueles que você passa a vida inteira pagando, vagando pelo labirinto de estantes.

Sem nenhum aviso prévio o trem começou a rodar. Muito lentamente.

As pupilas de Estha se dilataram. Suas unhas afundaram na mão de Ammu quando ela foi andando pela plataforma. O andar virando uma corrida à medida que o Correio Madras ganhava velocidade.

Deusabençoe, meu bem. Meu querido. Vou buscar você logo!

“Ammu!”, Estha disse quando ela soltou a mão. Adorando cada dedinho que ia soltando. “Ammu! Estou enjoado!”, a voz de Estha virou um gemido.

O Pequeno Elvis Pélvis com um topete especial para passear desmanchado. E sapato bege de bico fino. Ele deixou sua voz.

Na plataforma da estação, Rahel se dobrou para a frente e gritou e gritou.

O trem partiu. A luz chegou.

VINTE E TRÊS ANOS DEPOIS, Rahel, uma mulher morena de camiseta amarela, vira-se para Estha no escuro.

“Esthapappychachen Kuttapen Peter Mon”, ela diz.

Ela sussurra.

Ela mexe a boca.

A bela boca da mãe deles.

Estha, sentado muito ereto, esperando para ser preso, leva seus dedos a ela. Toca as palavras que ela forma. Para guardar o sussurro. Os dedos seguem sua forma. O toque de dentes. Sua mão é pega e beijada.

Pressionada contra uma face fria, molhada de borrifos de chuva.

Ela então se sentou e pôs os braços em torno dele. Puxou-o para o lado dela. Ficaram assim por longo tempo. Acordados no escuro. Quietude e Vazio. Nem velhos. Nem moços. Mas uma idade morrível viável.

Eram estranhos que haviam se encontrado por acaso. Eles se conheciam antes da Vida começar.

Muito pouco pode ser dito para esclarecer o que aconteceu em seguida. Nada que separe (pela lei de Mammachi) Sexo de Amor. Ou Necessidades de Sentimentos.

A não ser talvez que nenhum Observador observou com os olhos de Rahel. Ninguém olhou por uma janela para o mar. Ou para um barco no rio. Ou para um transeunte de chapéu na bruma.

A não ser talvez que estava um pouco frio. Um pouco úmido. Mas muito quieto. O Ar.

Mas o que há para dizer?

Só que houve lágrimas. Só que Quietude e Vazio se encaixaram como duas colheres. Só que houve um fungar nos fundos da base de um pescoço adorável. Só que um ombro duro cor de mel estava marcado com um semicírculo de dentes. Só que os dois ficaram abraçados, até muito depois de acabarem. Só que aquilo que os dois partilharam aquela noite não era felicidade, mas um horrendo sofrimento.

Só que mais uma vez eles quebravam as Leis do Amor. Que determinam quem pode ser amado. E como. E quanto.

No teto da fábrica abandonada, um tocador solitário tocava seu tambor. Uma porta de tela bateu. Um rato correu pelo chão da fábrica. Teias de aranha selavam velhos barris de pickles. Vazios, menos um, no qual havia um montinho de poeira congelada. Pó de ossos de uma Coruja. Morta havia muito. Coruja em conserva.

Em resposta à pergunta de Sophie Mol: *Chacko, aonde vão os passarinhos velhos para morrer? Por que os que morrem não caem do céu feito pedras?*

Feita na noite do dia em que ela chegou. Ela estava de pé na beirada do tanque ornamental de Baby Kochamma olhando as pipas rodopiarem no céu.

Sophie Mol. Odiada, de calças boca-de-sino e Amada desde o Princípio.

Margaret Kochamma (que sabia que quando se viaja para o Coração das Trevas (a) *Tudo Pode Acontecer com Qualquer Um*) chamou para ela tomar os comprimidos. Contra filária. Malária. Diarréia. Infelizmente, ela não tinha nenhuma profilaxia

contra Morte por Afogamento.

Depois, era hora da janta.

“Jantar, bobo”, Sophie Mol disse quando mandaram Estha chamá-la.

No *jantar bobo*, as crianças se sentavam numa mesa separada, menor. Sophie Mol, de costas para os adultos, fazia caretas horríveis para a comida. Cada bocado que punha na boca ela mostrava à admiração dos primos mais novos, meio mastigados, babados, em cima da língua como vômito fresco.

Quando Rahel fez a mesma coisa, Ammu viu e levou-a para o quarto.

Ammu cobriu a filha malcriada e apagou a luz. Seu beijo de boa-noite não deixou saliva na bochecha de Rahel e Rahel sabia que ela não estava brava de verdade.

“Você não está brava, Ammu.” Num cochicho contente. *Um pouco mais sua mãe a amava.*

“Não.” Ammu beijou-a de novo. “Boa noite, meu bem. Deusabençoe.”

“Boa noite, Ammu. Mande Estha logo.”

E enquanto Ammu estava se afastando, ouviu a filha sussurrar: “Ammu!”.

“O que foi?”

“*Somos do mesmo sangue, você e eu.*”

Ammu se encostou na porta do quarto no escuro, relutando em voltar para a mesa de jantar onde a conversa girava como uma mariposa em torno de uma criança branca e sua mãe, como se fossem a única fonte de luz. Ammu sentiu que ia morrer, murchar e morrer, se ouvisse mais uma palavra. Se tivesse de agüentar mais um minuto do orgulhoso sorriso troféu-de-tênis de Chacko. Ou a corrente subjacente de ciúme sexual que emanava de Mammachi. Ou a conversa de Baby Kochamma, arquitetada para excluir Ammu e seus filhos, para informá-los de seu lugar no esquema de coisas.

Quando se encostou na porta, no escuro, ela sentiu seu sonho, aquele pesadelo diurno mexer-se dentro dela como uma ondulação de água subindo do oceano, crescendo numa onda. O alegre homem de um braço só, com pele salgada e um ombro que terminava abruptamente como um precipício, emergiu das sombras da praia irregular e caminhou na direção dela.

Quem era ele?

Quem podia ter sido?

O Deus da Perda.

O Deus das Pequenas Coisas.

O Deus de Arrepios e Sorrisos Súbitos.

Ele só conseguia fazer uma coisa de cada vez.

Se ele a tocasse, não tinha como lhe falar, se ele a amasse, não tinha como ir embora, se ele falasse, não tinha como escutar, se lutasse, não tinha como ganhar.

Ammu sentiu falta dele. Ansiava por ele com todo o seu corpo.

Voltou para a mesa de jantar.

21. O CUSTO DE VIDA

QUANDO A VELHA CASA fechou os olhos turvos e assentou para dormir, Ammu, usando uma das camisas velhas de Chacko em cima da anágua branca comprida, correu para a varanda da frente. Andou de um lado para outro um pouco. Inquieta. Como uma fera. Depois sentou-se na cadeira de palha debaixo da cabeça de bisão embolorada, com olhos de botão, e dos retratos do Pequeno Abençoado e de Aleyooty Ammachi que ficavam de cada lado da cabeça. Seus gêmeos estavam dormindo do jeito que dormiam quando estavam exaustos, com os olhos meio abertos, dois monstros. Puxaram isso do pai.

Ammu ligou seu transistor tangerina. Uma voz de homem soou rachada. Uma canção em inglês que nunca tinha ouvido antes.

Ficou ali sentada no escuro. Uma mulher solitária, bruxuleante, olhando o jardim ornamental de sua tia amarga, ouvindo uma tangerina. Uma voz de longe. Vagando na noite. Velejando por lagos e rios. Por densas copas de árvores. Passando pela igreja amarela. Pela escola. Sacudindo na estrada de terra. Subindo os degraus da varanda. Até ela.

Mal ouvindo a música, olhou o frenesi de insetos circulando em volta da luz, prontos para se matar.

A letra da canção explodiu em sua cabeça.

*There's no time to lose
I heard her say
Cash your dreams before
They slip away
Dying all the time
Lose your dreams and you
Will lose your mind*

[Não há tempo a perder
Ouvi ela dizer
Viva os seus sonhos
Antes que eles sumam
Morrendo sempre
Se perder seus sonhos
Você perde a cabeça]

Ammu levantou os joelhos dobrados e abraçou-os. Não podia acreditar. A

coincidência barata daquelas palavras. Olhou ferozmente o jardim. Ousa, a coruja, passou voando numa silenciosa patrulha noturna. Os antúrios carnosos brilhavam como metal de armas.

Ficou sentada um pouco. Até muito depois da canção terminar. Depois levantou-se de repente da cadeira e saiu de seu mundo andando como uma bruxa. Para um lugar melhor, mais feliz.

Andava depressa pelo escuro, como um inseto seguindo uma trilha química. Conhecia o caminho até o rio tão bem quanto seus filhos e podia se orientar até de olhos vendados. Não sabia o que a levava tão depressa pelo mato. O que transformou seus passos numa corrida. O que a fez chegar sem fôlego à margem do Meenachal. Soluçando. Como se estivesse atrasada para alguma coisa. Como se sua vida dependesse de chegar ali a tempo. Como se soubesse que ele estaria ali. Esperando. Como se *ele* soubesse que ela vinha.

Ele sabia.

Sabia.

A informação tinha deslizado para ele aquela tarde. Claramente. Como o fio de uma faca. Quando a História errou. Quando ele pegou a filhinha dela no colo. Quando os olhos dela lhe disseram que ele não era o único a dar presentes. Que ela também tinha presentes para dar a ele, que em troca de seus barcos, suas caixas, seus pequenos moinhos, ela daria suas covinhas profundas quando ria. Sua pele marrom macia. Seus ombros brilhantes. Seus olhos que estavam sempre em algum outro lugar.

Ele não estava lá.

Ammu sentou-se nos degraus de pedra que levavam para a água. Enterrou a cabeça nos braços, se sentindo boba de ter tido tanta certeza. Tanta *certeza*.

Rio abaixo, no meio da água, Velutha boiava de costas, olhando as estrelas. Seu irmão paralítico e seu pai de um olho só tinham comido o jantar que ele preparara e estavam dormindo. Estava livre para deitar no rio e deslizar lentamente na corrente. Um tronco. Um crocodilo sereno. Coqueiros se curvavam para o rio e assistiam quando ele passava boiando. Bambus amarelos choravam. Pequenos peixes tomavam liberdades coquetes com ele. Mordiam sua pele.

Virou-se de bruços e começou a nadar. Rio acima. Contra a corrente. Deu uma última olhada para a margem, parado na água, se sentindo bobo de ter tido tanta certeza. Tanta *certeza*.

Quando viu Ammu, a explosão quase o afogou. Precisou de toda a sua força para se manter à tona. Parado na água, no meio do rio escuro.

Ela não viu o nó da cabeça dele boiando no rio escuro. Ele podia ser qualquer coisa. Um coco flutuante. De qualquer forma, ela não estava olhando. A cabeça afundada nos braços.

Ele ficou olhando para ela. Demorando.

Se soubesse que estava para entrar num túnel cuja única saída era a sua aniquilação, será que teria ido embora?

Talvez.

Talvez não.

Quem pode dizer?

Começou a nadar na direção dela. Em silêncio. Cortando a água sem agitação. Estava quase chegando à margem quando ela levantou a cabeça e o viu. Os pés dele tocaram o leito lodoso. Quando ele saiu do rio e subiu os degraus de pedra, ela viu que o mundo em que estavam era dele. Que ele fazia parte daquilo. Que pertencia a ele. A água. A lama. As árvores. Os peixes. As estrelas. Ele se deslocava com tanta facilidade no meio daquilo tudo. Enquanto o observava, ela entendeu a qualidade da beleza dele. Como o trabalho tinha lhe dado forma. Como a madeira que ele moldava o tinha moldado. Cada tábuia que ele aplainava, cada prego que batia, cada coisa que fazia o tinha moldado. Deixava sua marca nele. Tinha lhe dado sua força, sua graça flexível.

Ele usava um pano branco fino em torno da cintura, passando entre as pernas escuras. Sacudiu a água dos cabelos. Ela viu o sorriso dele no escuro. O sorriso branco, súbito, que levava com ele da infância para a idade adulta. Sua única bagagem.

Os dois se olharam. Não estavam mais pensando. O tempo para isso tinha vindo e passado. Havia sorrisos esmagados à espera deles. Mas isso seria depois.

De Pois.

Ele ficou na frente dela com rio pingando do corpo. Ela ficou sentada nos degraus, olhando para ele. Seu rosto pálido ao luar. Um súbito arrepio o percorreu. O coração disparado. Aquilo tudo era um erro terrível. Ele a tinha entendido mal. A coisa toda era imaginação dele. Era uma armadilha. Havia gente escondida no mato. Observando. Ela era uma isca deleitável. Como podia ser diferente? Eles o tinham visto na manifestação. Ele tentou manter a voz casual. Normal. Mas saiu um grasnido.

“Ammukutty... o que foi?”

Ela foi até ele e encostou todo o corpo contra o dele. Ele ficou parado. Não a tocou. Estava tremendo. Em parte de frio. Em parte de terror. Em parte de doloroso desejo. Apesar do medo, seu corpo estava preparado para engolir a isca. Ele a queria. Com urgência. Molhado, ele a molhou. Ela pôs os braços em torno dele.

Ele tentou ser racional: *O que pode acontecer de pior?*

Posso perder tudo. Meu emprego. Minha família. Meu ganha-pão. Tudo.

Ela podia ouvir o coração dele batendo forte.

Ficou abraçada nele até que se acalmasse. Um pouco.

Ela desabotoou a camisa. Os dois ficaram ali. Pele com pele. O marrom dela contra o preto dele. A maciez dela contra a dureza dele. Os seios marrons cor de noz (que não prendiam uma escova de dentes) contra o peito liso de ébano. Ela sentiu o cheiro do rio nele. Seu cheiro característico de *paravan* que tanto incomodava Baby Kochamma. Ammu estendeu a língua e provou a base do pescoço dele. O lóbulo da orelha. Puxou a cabeça dele para baixo e beijou-lhe a boca. Um beijo enevoadado. Um beijo que exigia retribuição. Ele retribuiu. Primeiro cauteloso. Depois com urgência. Lentamente os braços dele subiram pelas costas dela. Ele acariciou suas costas. Muito suavemente. Ela podia sentir a pele das palmas. Áspera. Calosa. Uma lixa. Ele tomou o cuidado de não machucá-la. Ela podia sentir como era suave para ele. Podia sentir-se através dele. A própria pele. A maneira como seu corpo só existia onde ele a tocava. O resto era fumaça. Ela sentiu ele tremer contra ela. As mãos dele em suas nádegas (que sustentavam um estoque inteiro de escovas de dentes), empurrando seu quadril contra o dele, para que ela soubesse o quanto a desejava.

A natureza coreografou a dança. O Terror marcou seu tempo. Ditou o ritmo com que os dois corpos respondiam um ao outro. Como se já soubessem que para cada estremecimento de prazer pagariam com igual medida de dor. Como se soubessem que o ponto a que chegassem seria o ponto a que seriam levados. Então se contiveram. Atormentaram um ao outro. Se entregando devagar. Mas isso só piorava as coisas. Só aumentava o que estava em risco. Só lhes custaria mais caro. Porque aplainava as rugas, o nervosismo e a pressa do amor desconhecido, e os tornava febris.

Atrás deles o rio pulsava no escuro, cintilando como seda crua. Os bambus amarelos choravam.

Os cotovelos da noite pousaram na água, para assistir aos dois.

Ficaram debaixo do pé de mangostão, onde pouco tempo antes uma velha plantabarco com floresbarco e frutasbarco tinha sido desenterrada por uma República Móvel. Uma vespa. Uma bandeira. Um topete surpreso. Um chafariz com um Amor-em-Tóquio.

O mundobarco apressado, silencioso, já tinha passado.

Branco cupins a caminho do trabalho.

Branca joaninhas a caminho de casa.

Branco besouros fugindo da luz.

Branco gafanhotos com violinos de madeira branca.

Branca música triste.

Tudo passado.

Deixando uma marca em forma de barco de terra seca nua, limpa e pronta para o amor. Como se Esthappen e Rahel tivessem preparado o terreno para eles. Como se quisessem que isso acontecesse. Os parteiros gêmeos do sonho de Ammu.

Ammu, agora nua, montou sobre Velutha, a boca na dele. Ele espalhou os

cabelos dela em volta dos dois como uma tenda. Como seus filhos faziam quando queriam excluir o mundo exterior. Ela deslizou pelo corpo dele abaixo, se apresentando para o resto do corpo dele. O pescoço. Os mamilos. O estômago de chocolate. Bebeu no umbigo dele o que restava do rio. Apertou o calor da ereção dele contra as pálpebras. Experimentou-o, salgado, com a boca. Ele se sentou e a puxou de volta para si. Ela sentiu a barriga dele se enrijecer debaixo dela, dura como uma tábua. Sentiu a própria umidade deslizando na pele dele. Ele pôs na boca o bico de um seio dela e aninhou o outro na mão calosa. Veludo enluvado em lixa.

No momento em que o guiou para dentro dela, ela teve um vislumbre da juventude dele, do quanto era *jovem*, nos olhos dele o deslumbramento com o segredo que tinha desenterrado e ela sorriu como se ele fosse filho dela.

Uma vez dentro dela, o medo descarrilou e a natureza assumiu o controle. O custo de vida subiu a níveis impossíveis; embora depois Baby Kochamma fosse dizer que era um Preço Pequeno a Pagar.

Era?

Duas vidas. Duas infâncias.

E uma lição de História para futuros transgressores.

Olhos nublados fixaram olhos nublados e uma mulher luminosa abriu-se para um homem luminoso. Ela era ampla e profunda como um rio na cheia. Ele singrou suas águas. Ela sentia os movimentos dele mais e mais fundos dentro dela. Frenéticos. Furiosos. Pedindo para entrar mais fundo. Mais fundo. Limitados apenas pela forma dela. Pela forma dele. E quando foi detido, quando já tinha tocado o mais fundo dela, com um suspiro soluçado, trêmulo, ele se afogou.

Ela deitou sobre ele. Os dois corpos lisos de suor. Sentiu o corpo dele sair de dentro dela. A respiração dele ficar mais regular. Viu os olhos dele agora claros. Ele acariciou os cabelos dela, sentindo que o nó que tinha desatado dentro de si ainda estava apertado e vibrando dentro dela. Suavemente ele a fez deitar de costas. Limpou o suor e sujeira do corpo dela com seu pano úmido. Deitou-se sobre ela, com o cuidado de não pesar. Pedrinhas cravadas na pele de seus antebraços. Beijou os olhos dela. As orelhas. Os seios. A barriga. As sete estrias prateadas dos gêmeos. A linha que levava do umbigo ao triângulo escuro, que o guiava para onde ela queria que ele fosse. O lado interno das coxas dela, onde a pele era ainda mais macia. Então, mãos de carpinteiro levantaram os quadris dela e uma língua intocável tocou a parte mais íntima dela. Bebendo longa e profundamente de sua taça.

Ela dançou para ele. Naquele pedaço de terra em forma de barco. Ela viveu.

Ele a segurou junto de si, encostado no pé de mangostão, enquanto ela chorava e ria ao mesmo tempo. Então, durante o que pareceu uma eternidade, mas não foi realmente mais do que cinco minutos, ela dormiu reclinada nele, as costas contra o peito dele. Sete anos de esquecimento se despregaram dela e voaram

para as sombras com asas pesadas, trêmulas. Como um pavão fêmea de aço, fosco. E na Estrada de Ammu (para a Idade e para a Morte) apareceu um pequeno e ensolarado ribeirão. Grama de cobre ornada de borboletas azuis. E além disso, um abismo.

Lentamente, o terror voltou a se infiltrar nele. Pelo que tinha feito. Pelo que sabia que ia fazer de novo. E de novo.

Ela acordou com as batidas do coração dele contra o peito. Como se estivesse procurando um jeito de sair para fora. Procurando aquela costela móvel. Um painel secreto corrediço. Os braços dele ainda estavam em torno dela, ela podia sentir seus músculos mexendo enquanto ele brincava com uma folha seca de palmeira. Ammu sorriu para si mesma no escuro, pensando o quanto amava os braços dele, a forma e a força deles, como se sentia segura pousada ali entre eles, quando na verdade aquele era o lugar mais perigoso onde podia estar.

Ele dobrou seu medo numa rosa perfeita. E estendeu-a na palma da mão. Ela a pegou e colocou no cabelo.

Ela chegou mais perto, desejando ficar dentro dele, tocá-lo mais. Ele a recolheu na caverna de seu corpo. Uma brisa subiu do rio e refrescou seus corpos quentes.

Estava um pouco frio. Um pouco úmido. Um pouco quieto. O Ar.
Mas o que se pode dizer?

Uma hora depois, Ammu afastou-se suavemente.

“Tenho de ir.”

Ele nada disse, não se mexeu. Ficou olhando ela se vestir.

Só uma coisa importava agora. Eles sabiam que era só isso que podiam pedir um do outro. A única coisa. Única. Ambos sabiam disso.

Depois, nas treze noites que se seguiram, eles instintivamente se prenderam às Pequenas Coisas. As Grandes Coisas jaziam para sempre do lado de dentro. Sabiam que não tinham para onde ir. Não tinham nada. Nenhum futuro. Então prenderam-se às pequenas coisas.

Riam das picadas de formigas nos traseiros do outro. De lagartas desajeitadas escorregando das beiradas das folhas, de besouros virados de barriga para cima que não conseguiam se endireitar. De dois peixinhos que sempre perseguiram Velutha no rio e o mordiam. De um louva-a-deus particularmente devoto. De uma aranha minúscula que vivia numa rachadura da parede na varanda dos fundos da Casa da História e que se camuflava cobrindo o corpo com pedacinhos de lixo: um resto de asa de vespa. Parte de uma teia. Poeira. A parte apodrecida de uma folha. O tórax vazio de uma abelha morta. *Chappu Thamburan*, Velutha a chamou. Lorde Lixo. Uma noite, deram uma contribuição

ao guarda-roupa da aranha: um floco de casca de alho. E ficaram profundamente ofendidos quando ela recusou a oferta junto com o resto da armadura de onde emergiu, mal-humorada, nua, cor de ranho. Como se deplorasse o gosto deles para roupas. Durante dias a aranha ficou nesse estado suicida de nudez desdenhosa. A concha de lixo descartada continuava de pé, como uma visão de mundo fora de moda. Uma filosofia antiquada. Depois, ruiu. *Chappu Thamburan* adquiriu um conjunto novo.

Sem admitir para si mesmos, nem um para o outro, os dois ligaram seus destinos, seus futuros (seu Amor, sua Loucura, sua Esperança, sua Infinita Ventura) ao da aranha. Eles iam vê-la toda noite (com pânico crescente à medida que o tempo passava) para ver se havia sobrevivido ao dia. Preocupavam-se com sua fragilidade. Com sua pequenez. Com a adequação de sua camuflagem. Com seu orgulho aparentemente autodestrutivo. Passaram a amar seu gosto eclético. Sua desajeitada dignidade.

Eles a escolheram porque sabiam que tinham de depositar sua fé na fragilidade. Limitar-se à Pequenez. Cada vez que se despediam, só pediam uma pequena promessa do outro.

“*Amanhã?*”

“*Amanhã.*”

Sabiam que as coisas iam mudar em um dia. E tinham razão.

Mas estavam errados quanto a *Chappu Thamburan*. Ela sobreviveu a Velutha. Foi mãe de gerações futuras.

Ela morreu de causas naturais.

* * *

Naquela primeira noite, no dia que Sophie Mol chegou, Velutha observou a amante se vestir. Quando ela estava pronta, ficou de cócoras olhando para ele. Ela o tocou de leve com os dedos e deixou uma trilha de arrepio na pele dele. Como pasta de giz num quadro-negro. Como vento num campo de arroz. Como rastros de jato num céu azul de igreja. Ele pegou o rosto dela entre as mãos e a puxou para ele. Fechou os olhos e cheirou a pele dela. Ammu riu.

Sim, Margaret, pensou. Nós fazemos isso entre nós também.

Ela beijou os olhos fechados dele e se levantou. Encostado no pé de mangostão, Velutha ficou olhando Ammu ir embora.

Ela tinha uma rosa seca nos cabelos.

Ela se virou para dizer mais uma vez: “*Naaley*”.

Amanhã.

GLOSSÁRIO

As acepções das palavras que compõem este glossário — elaborado especialmente para a edição brasileira — foram fornecidas por Raji Pillai e Varunesh Tuli. Não foram incluídos no glossário termos cujo significado a própria autora esclarece.

Hindi: H; malayalam: M; tâmil: T; urdu: U; turco: TU

- “AIYYO KASHTAM” — M. Literalmente, “Que pena”. No contexto, “Como você pôde dizer uma coisa dessas?”.
- “AIYYO!” — M. Exclamação do Sul da Índia que denota surpresa ou dor.
- AMMAI — M. Tia por afinidade, mulher do irmão da mãe.
- AMMAVEN — M. Tio, irmão da mãe.
- AMMOOMA — M. Avó.
- APPOI — M. Tio, irmão da mãe.
- APPOOPAN — M. Avô.
- ASHRAM — H. Centro espiritual.
- AVIAL — M. Especialidade culinária de Kerala composta de verduras variadas e coco.
- BA — *Bachelor of Arts*. Título Universitário.
- BHAJAN — H. Música de devoção.
- BINDI — H. Pequeno sinal decorativo situado no meio da testa, tradicionalmente empregado por mulheres e meninas hindus.
- CHACHEN — M. Pai.
- “CHACKO SAAR VANNU” — M. “O senhor Chacko chegou.”
- CHAKKA VELAICHATHU — M. Geléia de jaca.
- CHATTA — M. Blusa.
- CHEDUTHI — M. Mulher do irmão mais velho.
- CHENDA — M. Tambor.
- CHETAN — M. Irmão mais velho.
- CHHI-CHHI — H. No contexto, eufemismo para excremento.
- “CHII!” — H. Exclamação de repulsa, algo como “Argh!”.
- CHURIDAR — H. Calça justa usada por homens e mulheres.
- COOLIE — T. Trabalhador braçal nativo.
- DDA — *Delhi Development Authority* [Departamento de Desenvolvimento de Délhi]. Companhia estatal que constrói e financia casa própria.
- DHOBI — H. Lavadeira, lavador de roupas.
- DHOTI — H. Vestimenta tradicional hindu constituída de uma longa peça de tecido enrolada em torno da cintura como um sarongue.
- DIWALI — H. Principal festival religioso dos hindus, que comemora o retorno de Rama depois de um exílio de catorze anos. Constitui a história central do clássico *Ramayana*.
- “EDA CHERUKKA!” — M. No contexto, “Ei, menino!”.
- “ENDA?” — M. “O que é?”
- “ENDE DEIVOMAY! EEE SADHANANGAL!” — M. “Meu Deus! Quanta coisa!”.
- FIR — *First Information Report* [Primeiro Relatório de Informações]. Depoimento prestado à polícia que possibilita a abertura de um inquérito. Corresponde, no Brasil, ao BO [Boletim de Ocorrência].
- IDI APPAMS — M. Bolinhos de arroz consumidos no café-da-manhã.
- INQUILAB ZINDABAD — U. Slogan político. Literalmente, “Longa vida à Revolução”.
- IVIDAY — M. Aqui.
- “KANDOO” — M. “Eu vi.”
- KANJI — M. Sopa de arroz.
- KAPPA — M. Mandioca.

KATHAKALI — M. Dança dramática clássica da região de Kerala.

KAVANI — M. Parte superior dos saris de duas peças, atravessado no tronco.

KEBAB — TU. Carne moída ou em cubos, temperada e marinada, usualmente assada em espeto.

“KETO!” — M. Literalmente “Está ouvindo?”, no contexto, “Okay?”.

KOCHU — M. Pequeno, jovem.

KODAM PULI — M. Espécie de tamarindo cuja fruta tem a forma de *kodam*, uma tigela.

KOHL — H. Delineador para os olhos.

KOOJAH — H. Recipiente para água feito de barro.

KUNUKKU — M. Brincos de ouro constituídos de uma corrente da qual pende uma pequena esfera.

KUSHUMBI — M. Mulher ciumenta.

KUTHAMBALAM — M. Parte mais interna dos templos hindus.

LADDOO — T. Doce redondo feito de farinha de lentilhas, manteiga clarificada, uva-passa, nozes e especiarias.

MA — *Master in Arts*. Título universitário.

“MADI AAYIRIKKUM” — M. “Pode ser suficiente.”

“MADIYO?” — M. “Chega?”

MAMMACHI — M. Avó.

MEEN VEVICHATHU — M. Prato feito de peixe.

MEEN — M. Espécie de peixe.

MEESHAS — M. Bigode.

MEHNDI — H. Henna, planta considerada auspiciosa, bastante empregada como cerca viva, com cujas folhas se prepara uma pasta usada em muitas regiões da Índia para fazer desenhos decorativos nas mãos, em casamentos.

MITTAM — M. Espaço externo da casa, jardim ou quintal.

MODALALI — M. Senhorio(a).

MUNDU — M. Vestimenta masculina tradicional de Kerala. Compõe-se de uma peça de tecido enrolada em torno da cintura. Quando usada formalmente, cai até o chão; informalmente, é dobrada e presa acima dos joelhos.

NAALEY — M. Amanhã.

NAMASTÉ — H. Gesto tradicional hindu de saudação, feito com as mãos unidas palma contra palma.

ONAM — M. Importante festival de Kerala.

OOWER — M. Sim.

“ORKUNNILLEY?” — M. “Você não lembra?”

“ORU KAARYAM PARAYATTEY?” — M. “Posso lhe dizer uma coisa?”

PALLATHI, PARAL, KOORI, KARIMEEN — M. Espécies de peixes.

PALLU — H. Parte do sari que passa por sobre o ombro.

PAPPACHI — M. Avô.

PARASHURAM — H. Sexta encarnação de Vishnu.

PARATHA — H. Pão frito que se come puro ou recheado com, por exemplo, batatas (*alu paratha*) ou couve-flor (*gobi paratha*).

PARAVAN, PARAYAN, PULAYAN — M. Castas inferiores, intocáveis.

PARIPPU VADAS — M. Petisco frito picante feito de lentilhas.

PATCHA — M. Verde.

PELAYAS, PULAYAS — M. Castas inferiores, intocáveis.

“PODA PATTI!” — M. No contexto, “Pra fora, cachorro!”.

RAKSHASA — H. Demônio.

“ROMBO MADURAM” — T. “Muito doce.”

SADHU — H. Asceta hindu.

SAHIB — H. Senhor. Forma de tratamento originalmente dirigida a europeus.

SHERVANI — H. Paletó masculino, comprido, relativamente formal, chamado também de paletó *nebru*.

SOO-SOO — H. Xixi.

SSLC — *Senior School Leaving Certificate*. Certificado de conclusão do curso colegial.

SUNDARIKUTTY — M. Menininha bonita.

SWAMI — H. Membro elevado da hierarquia de ordem religiosa hindu.

TANDOORI — H. Cozinha tradicional do Norte da Índia em que se utiliza um forno de barro redondo chamado *tandoor*.

THEMMADY KUZHY — M. Literalmente, vala dos malfeitores, onde são enterrados aqueles que se afastaram da

fé cristã, como suicidas e criminosos.

VAISHNAVA — H. Devoto de Vishnu.

“VALAREY OBRIGADO” — M. “Muito obrigado.”

VESHYA — M. Prostituta.

VPP — *Via Postal Parcel* [pacote enviado pelo correio].

ZAMINDAR — H. Proprietário de terras.

AGRADECIMENTOS

A Pradip Krishen, meu crítico mais exigente, meu amigo mais próximo, meu amor. Sem você este livro não seria *este* livro.

A Pia e Mithva, por serem minhas.

A Aradhana, Arjun, Bete, Chandu, Carlo, Golak, Indu, Joanna, Naheed, Philip, Sanju, Veena e Viveka, por me apoiarem durante os anos que levei para escrever este livro.

A Pankaj Mishra, por tê-lo lançado em sua jornada pelo mundo.

A Alok Rai e Shomit Mitter, por serem os leitores com que sonha todo escritor.

A David Godwin, agente voador, guia e amigo. Por ter feito aquela viagem impulsiva até a Índia. Por ter feito as águas se abrirem.

A Neelu, Sushma & Krishnan, por me darem ânimo e cuidarem para que meus tendões funcionassem direito.

E, finalmente, mas imensamente, a Dadi e Dada. Por seu amor e apoio.

Obrigada.

ARUNDHATI ROY nasceu em Kerala, na Índia, em 1961. Estudou arquitetura e trabalhou em cinema como designer de produção e roteirista. É autora dos ensaios de *Power politics* e *An ordinary person's guide to empire*, entre outros livros. *O deus das pequenas coisas* é seu primeiro romance e lhe rendeu o Booker Prize de 1997.

Copyright © 1997 by Arundhati Roy

Título original

The God of Small Things

Capa

Jeff Fisher

Preparação


Cristina Penz

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Pedro Carvalho

ISBN 978-85-438-0146-9

 Leitura Fácil

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br